

Caminho da Redenção

C. H. SPURGEON

Sermões selecionados sobre fatos e testemunhas
dos dias da Paixão e Ressurreição de Cristo.

Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado



Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

Charles Haddon Spurgeon

Caminho da Redenção

Sermões selecionados sobre fatos e
testemunhas dos dias da Paixão e
Ressurreição de Cristo

Caminho da Redenção

Sermões selecionados sobre fatos e testemunhas dos dias da Paixão e ressurreição de Cristo

Sermões traduzidos de www.spurgeon.com.mx sob responsabilidade de Allan Roman e Thomas Montgomery, com permissão

*

Tradução:

Junio Rubira

Rosangela Cruz

Armando Marcos Pinto

Revisão:

Marcus Paolo Diel Rios

Armando Marcos Pinto

Diagramação: Armando Marcos

Capa: Victor Silva

1º edição: 2012

*

Esses sermões são traduzidos de acordo com as leis internacionais de copyright e leis inglesas de copyright.



Projeto Spurgeon – Proclamando a CRISTO crucificado

www.projetospurgeon.com.br

contato@projetospurgeon.com.br

Twitter: [@ProjetoSpurgeon](https://twitter.com/ProjetoSpurgeon)

Facebook: <https://www.facebook.com/projetospurgeon>

TODOS os direitos reservados.

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Spurgeon” como fonte, bem como o link do site www.projetospurgeon.com.br. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.

Prefácio

Em 2011, nós do Projeto Spurgeon preparamos uma série de sermões especiais para Páscoa que intitulamos “Sermões sobre a Paixão de Cristo”, que se constituíam de 6 sermões, sendo os 5 primeiros uma série que o pastor Charles Haddon Spurgeon pregou em 1882 no Tabernáculo Metropolitano, em Londres, nos quais ele abordou alguns temas principais quanto a paixão de Cristo focando entre as narrações do julgamento de Jesus perante o Sinédrio até o julgamento final de Pilatos, e um último específico sobre a morte de Cristo como fechamento da série.

Agora em 2012, pela graça de Deus, empenhamos um esforço de traduzir outros sermões que abrangessem mais fatos do que o da série passada, e nos focamos especialmente no período entre a agonia de Cristo no Jardim do Getsemani até a manhã da Ressurreição, por isso intitulamos a série de “Caminho da Redenção” pois traduzimos sermões representativos de várias etapas antes e de depois da crucificação e morte de Cristo na cruz, nos quais traçam o caminho de Jesus até concluir o plano da salvação elaborado desde antes da fundação do mundo.

O leitor notará que na maior parte desses sermões, Spurgeon usava-se de um fato relativo a cena descrita, como o Jardim, o Véu, a Escuridão, o Ladrão penitente, Barrabás, os Ossos e sangue de Cristo, a Pedra e o Sepulcro, e desses temas ele infere lições preciosas sobre a obra de Cristo na redenção: sua morte substitutiva, seu cumprimento da Lei, seu sofrimento em nosso lugar da ira de Deus, sua obra concluída no Calvário certificada pela ressurreição. Nosso desejo é que o Espírito Santo use esses sermões para conversão de muitos pecadores, para edificação de Sua igreja e despertamento de todos os crentes e daqueles que estão desanimados na fé, que recobrem forças, que desfrutem da “páscoa de Cristo que já foi sacrificada por nós”.

Armando Marcos
Editor

ÍNDICE

(o nº a frente é correspondente a numeração original de publicação)

1199 - A Agonia no Getsêmani	5
595 - Barrabás.....	24
1168 - A Coroa de Espinhos	44
2078 - O Ladrão Que Creu.....	63
1896 - As Três Horas de Trevas.....	80
421 - Está Consumado!	100
2015 - O Véu Rasgado	119
2059 - Os Milagres Posteriores a Morte de Jesus.....	138
1956 - Os Ossos e o Lado Traspassado de Jesus.....	151
863 - A Pedra Removida	170
1081 - Uma Visita ao Sepulcro	187

A Agonia no Getsêmani

No. 1199

Sermão pregado no Domingo, 18 de Outubro de 1874.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres

“E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão.” (Lucas 22:44)

Quando nosso Senhor terminou de comer a Páscoa e celebrar a ceia com seus discípulos, foi com eles ao Monte das Oliveiras, e entrou no jardim do Getsêmani. O que o induziu a selecionar esse lugar para que fosse a cena de sua terrível agonia? Porque haveria de ser arrastado aí por seus inimigos de preferência a qualquer outro lugar? Por acaso é difícil que entendamos que assim como num jardim a auto-complacência de Adão nos arruinou, também em outro jardim as agonias do segundo Adão deveria nos restaurar? O Getsemani ministra as medicinas para curar os males que foram a consequência do fruto proibido do Éden. Nenhuma flor que tenha florescido nas ribeiras do rio repartido em quatro braços foi alguma vez tão preciso para nossa raça como foram essas ervas amargas que com dificuldade cresciam as margens do enegrecido e sombrio ribeiro de Cedrom o foram.

Por acaso nosso Senhor também não pode se lembrar de Davi, quando naquela memorável ocasião, saiu da cidade escapando de seu filho rebelde, segundo está escrito: *“também o rei passou o ribeiro de Cedrom, e passou todo o povo na direção do caminho do deserto.”* (2 Samuel 15:23), e ele e seu povo subiram descalços e com a cabeça descoberta, chorando em alta voz enquanto subiam? Eis aqui, Um maior que Davi abandonando o templo e se acha desolado, e deixa a cidade que havia rejeitado suas advertências, e com um coração cheio de tristeza atravessa o pestilento ribeiro, para buscar na solidão um alívio para suas angústias. Mais ainda, nosso Senhor queria que nós víssemos que nosso pecado havia mudado tudo ao redor Dele em aflição, converteu suas riquezas em pobreza, sua paz

em duros trabalhos, sua glória em vergonha, e assim também o lugar de seu retiro pleno de paz, onde em santa devoção tinha estado tão próximo do céu em comunhão com Deus, nosso pecado transformou no foco de sua aflição, o centro de sua dor. Ali onde seu deleite tinha sido maior, ali estava chamado a sofrer sua máxima aflição.

Também pode ser que nosso Senhor tenha escolhido o jardim porque, necessitado de qualquer recordo que o ajudasse no conflito, sentia o refrigério que lhe viria ao lembrar-se das horas passadas transcorridas ali com tanta quietude. Ali tinha orado, e obtido força e consolo. Essas enroladas e retorcidas oliveiras o conheciam muito bem; não havia no jardim uma só folha sobre a que Ele não houvera se ajoelhado. Ele havia consagrado esse lugar para comunhão com Deus. Não é nenhuma surpresa, então, que tenha preferido essa terra privilegiada. Assim como um enfermo escolheria estar em sua própria cama, assim Jesus escolheu suportar sua agonia em seu próprio oratório, onde as lembranças dos momentos de comunhão com Seu Pai estariam de maneira vivida diante Dele.

Porem, provavelmente, a principal razão para ir ao Getsêmani foi que era um lugar muito conhecido e frequentado por Ele, e João nos diz: *“e também Judas, o que o entregava, conhecia aquele lugar.”* Nosso Senhor não desejava se esconder, não precisava ser perseguido como um ladrão, ou ser buscado por espias. Ele foi valorosamente ao lugar onde seus inimigos conheciam que Ele tinha o costume de orar, pois Ele queria ser tomado para sofrer e morrer. Eles não o arrastaram ao pretório de Pilatos contra sua vontade, mas sim que foi com eles voluntariamente. Quando chegou a hora de que fosse traído, ali Ele estava, num lugar onde o traidor poderia o encontrar facilmente, e quando Judas o traiu com um beijo, sua face estava pronta para receber a saudação traidora. O bendito Salvador deleitava-se no cumprimento da vontade do Senhor, ainda que isso implicasse a obediência até a morte.

Chegamos assim até a porta do jardim do Getsêmani, portanto, entremos; porem, primeiro, tiremos os sapatos, como Moises quando viu a sarça ardendo com fogo que não se consumia. Certamente podemos dizer com Jacó: *“Que terrível é esse lugar!”* Temo diante da tarefa que tenho em minha frente, pois, como meu

débil discurso poderia descrever essas agonias, para as quais os fortes clamores e as lágrimas seriam escassamente uma adequada expressão? Quero, juntamente com vocês, repassar os sofrimentos de nosso Redentor, porem, oh, que o Espírito de Deus nos impeça qualquer pensamento fora de lugar ou que nossa língua expresse uma só palavra que seja depreciativa para Ele, seja em Sua humanidade imaculada ou em sua gloriosa Deidade.

Não é fácil quando se está falando de Alguém que é por sua vez Deus e homem, manter a linha exata da expressão correta; é tão fácil descrever o lado divino como se estivéssemos entrincheirados no humano, ou retratar o lado humano às custa do divino. Por favor, perdoem de antemão qualquer erro. Um homem precisa ser inspirado, ou limitar-se nada mais às palavras inspiradas, para poder falar adequadamente em todo momento sobre o “*grandioso mistério da piedade,*” Deus manifestado em carne. Especialmente quando esse indivíduo tem que refletir sobre Deus manifesto tão claramente na carne sofredora, que as características mais frágeis da humanidade se convertem nas mais notórias. Oh Senhor, abra Tu meus lábios para que minha língua possa falar as palavras corretas.

I. Meditando na cena da agonia no Getsêmani, somos obrigados a dar-nos conta que nosso Salvador suportou ai uma tristeza desconhecida em qualquer outra etapa de Sua vida, portanto, vamos começar nosso discurso fazendo a seguinte pergunta: QUAL ERA A CAUSA DESSA TRISTEZA ESPECIAL DO GETSÊMANI? Nosso Senhor era “varão de dores e experimentado no sofrimento” ao longo de toda Sua vida, no entanto, ainda que soe paradoxo, penso que dificilmente existiu sobre a face da terra um homem mais feliz que Jesus de Nazaré, pois as dores que Ele teve que suportar foram compensadas pela paz da pureza, a calma da comunhão com Deus, e a alegria da benevolência. Todo homem bom sabe que a benevolência é doce e seu nível de doçura aumenta em proporção a dor suportada voluntariamente quando se cumprem seus amáveis desígnios. Fazer o bem sempre produz alegria.

Mais ainda, *Jesus tinha uma perfeita paz com Deus todo o tempo;* sabemos que isso era assim porque Ele considerava essa paz como uma herança especial que Ele podia deixar a seus discípulos, e antes de morrer disse-lhes: “*A paz os deixo, a minha paz os dou.*” Ele era

manso e humilde de coração, e, portanto sua alma possuía o descanso; Ele era um dos mansos que herdaram a terra; um dos pacificadores que são e que devem ser abençoados. Estou certo que não me equivoquei quando afirmo que nosso Senhor estava longe de ser um homem infeliz.

Porem, no Getsêmani, tudo parece ter mudado. Sua paz o abandonou, Sua calma se converteu em tempestade. Depois da ceia, nosso Senhor tinha cantado um hino, porem no Getsêmani não havia cantos. Descendo pela encosta que levava de Jerusalém a torrente do Cedrom, Ele falava com muita vivacidade, dizendo: *“eu sou a videira, vós os ramos,”* e essa maravilhosa oração com que orou com Seus discípulos depois desse sermão, está repleta de majestade: *“Pai, aqueles que me tens dado, quero que onde eu esteja, também eles estejam comigo.”* É uma oração muito diferente dessa oração dentro dos muros do Getsêmani, onde clama: *“Pai, se possível, passe de mim esse cálice.”* Observem que dificilmente ao largo de toda sua vida o observam com uma expressão de angustia, e no entanto, aqui Ele fala, não só mediante suspiros e suor de sangue, mas também por meio das seguintes palavras: *“Minha alma está muito triste, até a morte.”* No jardim, o homem que sofria não podia ocultar sua angustia, e dá a impressão que não queria fazê-lo.

Jesus regressou onde estavam seus discípulos em três ocasiões, permitiu-lhes observar Sua angustia e apelou pela simpatia deles; suas exclamações eram lastimosas, e sem dúvida deve ter sido terrível escutar Seus sussurros e gemidos. Essa angustia manifestou-se primordialmente no suor de sangue, que é um fenômeno inusitado, ainda que suponho que devemos crer nesses escritores que registram casos muito similares. O velho médico Galeno nos fala de um caso em que, pelo horror extremo, um indivíduo suou um suor colorido, quase que avermelhado, que tinha aparência de sangue. Outros casos também são relatados por autoridades médicas.

No entanto, nós não vemos em nenhuma outra ocasião nada parecido na vida de nosso Senhor; foi somente no ultimo lance horrendo rodeado de oliveiras que nosso Campeão resistiu até o sangue, agonizando contra o pecado. O que doía a Ti, ó Senhor, que padecias tão dolorosamente nesse momento?

Fica-nos muito claro que sua profunda angústia e inquietude não eram causadas por nenhuma dor física. Sem dúvida nosso Salvador estava familiarizado com a enfermidade e a dor, pois Ele tomou nossas enfermidades, porém nunca antes se queixou de algum sofrimento físico. Nem tampouco ao momento de entrar no jardim do Getsêmani havia sido afligido por algum dolo. Sabemos por que está escrito: *“Jesus chorou.”* Era porque seu amigo Lázaro estava morto; porém, no jardim não havia nenhum funeral, nem enfermo, nem causa de angústia relacionada a esses temas. Nem tampouco se deveu a que houvesse se lembrado de ofensas do passado que estivessem a flor de Sua mente. Muito antes disso sabemos que: *“Afrontas me quebrantaram o coração”* (Salmos 69:20), e tinha conhecido em toda sua extensão os abusos da injúria e do desprezo. O haviam chamado de *“homem comilão e beberrão,”* o tinham acusado de lançar fora aos demônios pelo príncipe dos demônios; já não podiam dizer mais e, no entanto, Cristo havia enfrentado tudo valorosamente. Não podia ser possível que agora Ele estivesse muito triste até a morte por tal causa. Deve ter havido algo mais agudo que a dor, mais cortante que a censura, mais terrível que o luto, que nesse momento contendia com o Salvador, e o levava a *“entristecer-se e angustiar-se em grande medida.”*

Por acaso supõem que era o temor do escárnio que se avizinhava ou o terror da crucificação? Era medo ao pensar na morte? Não é certo que essa suposição seria impossível? Todos os homens temem à morte, e como homem, Jesus não poderia menos do que estremecer-se frente a ela. Quando fomos feitos originalmente fomos criados para a imortalidade, portanto morrer é estranho e incompatível para nós e o instinto de conservação fazer que nos esquivemos diante da morte; porém, certamente no caso de nosso Senhor essa causa natural não podia gerar esses resultados tão especialmente dolorosos. Se nós que somos uns pobres covardes não suamos grandes gotas de sangue, por que então causava tal terror Nele? Não é honroso para nosso Senhor que o imaginemos menos valente que seus próprios discípulos, e, no entanto temos visto triunfantes a alguns dos santos mais frágeis diante do prospecto da partida.

Leiam as histórias dos mártires, e com frequência verão alegres diante dos mais cruéis sofrimentos que se avizinhavam. O gozo do

Senhor lhes deu tal força que nenhum pensamento covarde os alarmou em um só instante. Eles foram para fogueira ou para onde seriam decapitados, com salmos de vitória em seus lábios. Não devemos considerar nosso Senhor como inferior a Seus mais valentes servos. Não pode ser que Ele trema ali onde eles foram valorosos. Oh não, o espírito mais nobre nesse esquadrão de mártires é o Líder mesmo, que tanto no sofrimento como no heroísmo, os superou todos; ninguém podia desafiar de tal maneira as dores da morte como o Senhor Jesus, o qual, pela alegria posta diante Dele sofreu a cruz, menosprezando o opróbrio.

Não posso conceber que as angustias do Getsêmani foram ocasionadas por algum ataque extraordinário de Satanás. É possível que Satanás estivesse ali, e que sua presença houvera obscurecido a sombra, porém ele não era a causa mais proeminente dessa hora de escuridão. Pelo menos isso está muito claro, que nosso Senhor, ao início de Seu ministério se envolveu em um duelo muito severo com o príncipe das trevas. No entanto, não lemos com relação à tentação no deserto uma só sílaba que nos diga que Sua alma estava triste em extremo, nem mesmo encontramos que "*começou a entristecer-se e a angustiar-se,*" nem existe tampouco uma só indicação solitária de algo que fora parecido ao suor sangrento. Quando o Senhor dos anjos condescendeu em enfrentar-se com o príncipe do poder do ar, não lhe teve nenhum medo como para clamar em grande voz e derramar lágrimas e cair prostrado em terra rogando três vezes ao Grandioso Pai. Falando comparativamente, colocar Seu pé sobre a serpente antiga foi uma tarefa fácil para Cristo, e lhe custou uma ferida no calcanhar, mas essa agonia do Getsêmani feriu Sua alma até a morte.

O que vocês crêem então que foi o que marcou de maneira tão especial o Getsêmani e às angústias que ali tiveram parte? Cremos que o Pai o colocou a sofrer ali por nós. Era nesse momento que nosso Senhor tinha que tomar *certa copa da mão do Pai*. A prova não vinha nem dos judeus, nem do traidor Judas, nem dos discípulos que cochilavam, nem do diabo, mas sim que era um cálice que tinha sido cheira por Um que Ele sabia que era Seu Pai, mas que, no entanto, lhe havia designado uma porção muito amarga, uma copa que não era para o corpo bebera, nem para derramar seu fel sobre sua carne, mas sim uma copa que de maneira especial atordoava

Sua alma e afligia o íntimo de Seu coração. Ele retrocedia em frente dela, e, portanto podem estar seguros que foi um gole mais terrível que a dor física, pois frente a ela não arredava; era uma porção mais terrível que o vitupério. Disso não havia tratado jamais de escapar; mais horrível que a tentação satânica. Ele a havia vencido: era algo inconcebivelmente terrível, repleto de horror de forma surpreendente, que vinha da mão do Pai. Isso elimina toda dúvida quanto ao que era, pois lemos: *“Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado”* (Isaiás 53:10) *“Mas o Senhor carregou nele o pecado de nós todos.”* Ao que não conhecia pecado, por nós o fez pecado. Então, isso é o que ocasionou que o Salvador experimentava uma extraordinária depressão. Ele estava próximo a *“que pela graça de Deus provasse a morte por todos,”* e levar a maldição que os pecadores mereciam. Porque esteve no lugar dos pecadores, sofreu no lugar deles. Aqui está o segredo dessas agonias que não é possível declarar ordenadamente diante de vocês, tão certo é que:

***“Somente para Deus, e unicamente para Ele
Suas angustias são plenamente conhecidas.”***

No entanto, quero exortá-los para que considerem por um momento essas angustias, para que possam amar a Quem as sofreu. Agora se dava conta, talvez pela primeira vez, o que significava carregar com o pecado. Como Deus, era perfeitamente santo e incapaz de pecar, e como homem estava sem mancha original, puro e sem nenhuma contaminação; no entanto, teve que carregar com o pecado, ser levado como bode expiatório carregando com a iniquidade de Israel sobre sua cabeça, ser tomado e feito uma oferenda pelo pecado, e como uma coisa desprezível (pois nada era mais desprezível que a oferenda do pecado), ser levado fora do acampamento e ser totalmente consumido pelo fogo da ira divina.

O surpreende que sua infinita pureza resistira diante disso: Teria sido o que Ele era se houvera deixado de ser um assunto extremamente solene para Ele estar ante Deus na posição do pecador? E como Lutero o expressou, ser visto por Deus como se Ele fosse todos os pecados do mundo, e como se Ele houvesse cometido todo o pecado que foi cometido em todos os tempos por Seu povo, pois todo esse pecado foi colocado sobre Ele, e sobre Ele devia

tombar toda a violência que esse pecado exigia; Ele de tinha que ser o centro de toda a vergonha e carregar sobre Ele com todo o que deveria recair sobre os culpados filhos dos homens.

Estar nessa posição quando já era uma realidade deve ter sido muito terrível para a alma santa do Redentor. Também a mente do Salvador estava fixamente concentrada na aborrecível natureza do pecado. O pecado sempre foi algo aborrecível para Ele, porém agora Seus pensamentos estavam absorvidos nele, viu sua natureza que a palavra de um mortal não poderia descrever, seu caráter atroz, e seu horrível propósito.

Provavelmente nesse momento teve uma visão como homem, mais clara do que em qualquer outro momento, do amplo alcance e do mal do pecado que a tudo contamina, e um sentido da negrura de suas trevas, e da desesperada condição de culpa como um ataque direto sobre o trono, sim, e sobre o próprio ser de Deus. Ele viu em sua própria pessoa até onde poderia chegar o pecador, como podiam vender a seu Senhor como Judas, buscando destruí-lo como os judeus fizeram.

O cruel e pouco generoso tratamento que Ele mesmo tinha recebido fazia patente o ódio do homem para Deus, e, ao vê-lo, o horror apoderou-se Dele, e Sua alma estava triste ao pensar que tinha que carregar com todo esse mal e tinha que ser contado entre tais transgressores, ser ferido por suas transgressões, e golpeado por suas iniquidades. Nem as feridas nem os golpes o afligiam tanto como o pecado mesmo, e isso sobrecarregava completamente Sua alma.

Sem dúvida nesse momento a pena pelo pecado começou a ser percebida por Jesus no jardim: primeiro o pecado, que o havia posto na posição de um substituto que sofre, e depois a pena que devia suportar, ao estar nessa posição de substituto. Lamento ao máximo esse tipo de teologia que é tão comum nesses dias, que busca depreciar e diminuir nosso entendimento dos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo. Irmãos, não foi um sofrimento insignificante esse que recompensou a justiça de Deus pelos pecados dos homens. Jamais temo exagerar quando falo do que meu Senhor teve que

suportar. Todo o inferno foi destilado nessa copa, da qual nosso Deus e Salvador Jesus Cristo foi obrigado a beber.

Não era sofrimento eterno, mas devido que Ele é divino, pode oferecer a Deus em um curto tempo o desagravo de sua justiça, que os pecadores no inferno não poderiam ter oferecido ainda que sofressem em suas pessoas por toda a eternidade. A dor que quebrou o espírito do Salvador, o grande oceano sem fundo de angústia inexpressável que inundou a alma do Salvador quando morreu, é tão inconcebível, que não posso me aventurar muito longe, para não ser acusado de um vão intento de expressar o inexpressável. Porém, sim, posso dizer isso, a simples espuma proveniente desse mar tempestuoso, ao cair sobre Cristo, o batizou em um suor sangrento. Ainda não havia se aproximado as ondas impetuosas do castigo mesmo, mas simplesmente o ato de estar de pé na costa, ao ouvir as terríveis ondas rompendo seus pés, sua alma estava muito confusa e triste. Era a sombra da tempestade que se aproximava, era o prelúdio do terrível abandono que devia suportar, ao estar onde tinha que estar, e pagar à justiça de seu Pai a dívida que nós deveríamos pagar – isso o tinha derribado. Ser tratado como um pecador, ser castigado como um pecador, ainda que Nele não havia pecado, tudo isso é o que ocasionava Nele a agonia a que nosso texto se refere.

II. Tendo falado assim da causa de sua especial angústia, penso que poderemos fundamentar nosso ponto de vista sobre a matéria, enquanto os levamos a considerar QUAL ERA O CARÁTER DESSA ANGÚSTIA. Irei tratar de evitar o excessivo uso das palavras gregas usadas pelos evangelistas – estudei cada uma delas, para descobrir os matizes de seus significados, porém será suficiente se lhes dou os resultados de minha cuidadosa investigação. Qual era essa angústia? Como foi descrita? Essa grande pena assediou nosso Senhor mais ou menos quatro dias antes de sua paixão. Se lemos em João 12:27, achamos essa assombrosa expressão: *“Agora está minha alma perturbada”* Nunca o escutamos dizer algo igual antes. Isso era uma antecipação da grande depressão do espírito que pronto o ia prostrar no Getsêmani. *“Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. (João 12:27)”* Depois lemos em Mateus 26:37, que *“começou a entristecer-se e a angustiar-se muitíssimo.”* A depressão havia chegado para Ele

novamente. Não era dor, não eram palpitações do coração, nem uma dor de cabeça, era algo pior que todas essas coisas. A turbação de espírito é pior que a dor corporal; a dor poder trazer problemas e converter-se na causa incidental de angústia, porem, se a mente está perfeitamente tranquila, um homem pode suportar a dor sem maiores problemas, e quando a alma está radiante e levantada com um gozo interno, a dor do corpo quase é esquecida. A alma conquista ao corpo.

Por outro lado, a dor da alma é a causa de dor corpórea. A natureza inferior se harmoniza com a natureza superior. O principal sofrimento de nosso Senhor estava em Sua alma. Os sofrimentos de Sua alma eram a alma de Seus sofrimentos. “*Quem suportará ao ânimo angustiado?*” a dor de espírito é a pior das dores, a tristeza de coração é o ápice das aflições. Que todos aqueles que conheceram alguma vez a depressão do espírito, o abatimento e a escuridão mental, confirmem a verdade do que eu digo!

Essa angústia de coração parece ter levado o espírito de nosso Senhor a uma profundíssima depressão. No capítulo 26 de Mateus, no versículo 37 está registrado que Ele “começou a *entristecer-se e a angustiar-se muito*” e essa expressão está cheia de significado. Muito mais conteúdo, em verdade, do que poderíamos explicar com facilidade. A palavra em seu texto original é muito difícil de traduzir. Pode significar a abstração da mente, e a completa invasão da mente pela angústia, de tal forma que qualquer outro pensamento que poderia aliviar a pena fica totalmente excluído. Um pensamento lacerante consumia Sua alma inteira, e queimava tudo que houvera podido dar consolo. Por uns instantes Sua mente se recusou a considerar o resultado de Sua morte, o conseguinte gozo colocado diante Dele. Sua posição como O que carregou com o pecado, e o requerido abandono de Seu Pai, embargava todas as Suas meditações, impedindo que Sua alma se fixasse em alguma outra coisa.

Alguns viram nessa palavra uma medida de distração, e ainda que não adentrarei muito nessa direção, pareceria como que a mente de nosso Salvador tivesse experimentado perturbações e convulsões muito distantes de Sua usual calma e de seu espírito recolhido. Era lançado de um lado a outro como que sobre um poderoso mar

embravecido, envolto na tormenta, arrastado por sua fúria. “e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. (Isaías 53:4)” Como o salmista disse, inumeráveis males o cercavam de tal forma que seu coração decaía. Seu coração se derretia como cera em suas entranhas em um completo desmaio. Começou a “angustiar-se muito.” Alguns consideram que a raiz da palavra significa: “separado do povo,” como se o houvesse convertido em alguém diferente dos demais homens, assim como alguém cuja mente está atordoada por um golpe súbito, ou está oprimida por uma surpreendente calamidade, não se comporta mais como os homens comuns.

Os simples espectadores teriam pensado que nosso Senhor era um homem atordoado, sobrecarregado mais além dos limites humanos, e submergido em uma angústia sem paralelo entre os homens. O estudioso Thomas Goodwin¹ disse: “a palavra denota um defeito, uma deficiência, e um espírito abatido como sucede com as pessoas que sofrem de uma enfermidade e um desmaio.” A enfermidade de Epafrodito², que o levou a beira da tumba, é descrita utilizando-se da mesma palavra: assim que, vemos que a alma de Cristo estava enferma e desfalecida.

Por acaso seu suor não foi gerado pela prostração? O suor frio, pegajoso dos moribundos é produzido pela fraqueza corporal, mas o suor sangrento de Jesus era produzido pelo total desfalecimento e prostração de Sua alma. Sua alma estava em um terrível desmaio, e sofria da morte interna, cujo acompanhamento não era as lágrimas usuais dos olhos, mas sim um choro de sangue proveniente do homem inteiro. Muitos de vocês, no entanto, conhecem em certa medida o que significa estar angustiado em grande medida sem que eu tenha que multiplicar minha explicação, e se vocês não o sabem por experiência pessoal, todas minhas explicações resultam serem vãs. Quando o profundo desalento chegue, quando não possam se lembrar de nada que os possa sustentar, e seu espírito decaia

¹ **Thomas Goodwin** (1600-1680), conhecido como "o Velho", foi um teólogo inglês puritano e pregador, e um importante líder dos religiosos Independentes (Congregacionais). Ele atuou como capelão de Oliver Cromwell. (Fonte: <http://historiacongregacional.blogspot.com>)

² **Epafrodito** foi um companheiro de Paulo de Tarso durante suas viagens missionárias e é mencionado na Epístola aos Filipenses (Filipenses 2:25 e Filipenses 4:18).

profundamente, profundamente, profundamente, então poderão sentir dor juntamente com seu Senhor.

Outros os consideram néscios, os chamam de nervosos, e lhes pedem que se reanimem, porem, desconhecem completamente seu caso. Se o entendessem não zombariam deles com tais advertências, impossíveis para os que estão afundando-se sob o peso da aflição interna. Nosso Senhor estava *“muito angustiado”*, muito abatido, muito desalentado, sobrecarregado pela pena.

Marcos nos diz, continuando, no capítulo 14, versículo 33, que nosso Senhor *“começou a ter pavor, e a angustiar-se”* A palavra grega não tem somente a conotação de que Ele estava assombrado e surpreendido, mas sim que Sua estupefação chegava ao limite do horror, como o que os homens experimentam quando os pelos se lhes arrepiam e sua carne treme. Assim como quando Moisés recebeu a Lei estava temeroso e tremendo em extremo, e como disse Davi: *“meu corpo se arrepiou com temor de ti, e temi os teus juízos.”* (Salmo 119:120), assim nosso Senhor foi alcançado pelo horror diante do espetáculo do pecado que foi depositado sobre Ele e a vingança que era exigida por sua causa. O Salvador estava primeiro *“profundamente afligido”*, logo deprimido, e *“angustiado”*, e finalmente, agudamente estupefato e cheio de assombro; pois, mesmo Ele em sua condição de homem, escassamente pode saber o que era que se havia comprometido em carregar. O tinha considerado com calma e tranquilidade, e tinha sentido que independentemente do que fora, Ele o carregaria por nós; porem, quando chegou o momento de carregar realmente com o pecado, estava totalmente perplexo e surpreendido pela terrível posição de estar no lugar do pecador diante de Deus, de que Seu santo Pai o contemplara como o representante do pecador, e de ser abandonado por esse Pai com quem Ele havia vivido em termos de amizade e deleite desde toda a eternidade. Isso fazia cambalear sua natureza santa, terna, cheia de amor, e Ele estava *“profundamente afligido”* e *“angustiado”*.

É-nos ensinado que um oceano o encerrava, o envolvia e o abatia, pois o versículo 38 do capítulo 26 de Mateus contem a palavra *perilupos* que significa *“ficar completamente envolto no abatimento”*. Em todas as misérias comuns geralmente existe alguma via de

escape, algum lugar onde se pode respirar esperança. Geralmente, podemos recordar de nossos amigos que estão em problemas, que seu caso poderia ser pior, porém, não poderíamos imaginar o que poderia ser pior nas aflições de nosso Senhor, pois Ele podia dizer com Davi: *“Os cordéis da morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza.”* (Salmo 116:3) Todas as ondas e as olas de Deus passaram sobre Ele. Sobre Ele, debaixo Dele, ao redor Dele, interna e externamente tudo era angustia, e não havia nenhuma fonte de alívio ou de consolo. Seus discípulos não podiam o ajudar. Todos, menos um, dormiam, e o que estava desperto, ia a caminho de o trair.

Seu espírito clamava na presença do Deus Todo Poderoso sob o peso aplacante e sob a carga intolerável de suas misérias. Não houve piores aflições do que as de Cristo, e Ele mesmo disse: *“Minha alma está muito triste”*, ou rodeada de tristezas, *“até a morte”*. Ele não morreu no jardim, porém sofreu o mesmo que se houvera morrido. Suportou intensamente a morte, ainda que não extensamente. Quer dizer, não se estendeu até converter seu corpo em um cadáver, mas foi tão intensa em dor como se verdadeiramente tivesse morto. Sua dor e sua angústia equivaliam aos de uma agonia mortal, e só fizeram uma pausa quando esteve à borda da morte.

Para coroar tudo, Lucas nos diz em nosso texto, que nosso Senhor estava em agonia. A expressão *“agonia”* significa um conflito, uma contenda, uma luta. Com quem era essa agonia? Com quem lutava? Eu penso que era consigo mesmo; a contenda aqui assinalada não era com Seu Deus; não, *“não seja como eu quero, mas como tu”* não descreve uma luta com Deus; não era uma contenda com Satanás, pois, como já o vimos, não teríamos ficado surpreendidos que se houvera sido esse o conflito, mas sim que era um terrível combate consigo mesmo, uma agonia dentre de Sua própria alma. Recordem que Ele teria podido escapar de toda a aflição se Sua vontade assim o tivesse desejado, e naturalmente sua natureza humana dizia: *“Não leves essa carga!”* e a pureza de Seu coração dizia: *“Oh, não leves essa carga, não te ponhas no lugar do pecador;”* e a delicada sensibilidade de Sua misteriosa natureza se retraia de qualquer tipo de conexão com o pecado: no entanto, o amor infinito dizia: *“leva-a, dobre-se sob essa carga”*; e assim, existia uma agonia entre os

atributos de Sua natureza, uma batalha em uma escala terrível na arena de Sua alma.

A pureza que não pode suportar entrar em contato com pecado deve ter sido muito poderosa em Cristo, enquanto que o amor que não queria permitir que seu povo perecesse era também muito poderoso. Era um conflito em escala titânica, como se um Hércules tivesse encontrado outro Hércules; duas forças tremendas lutavam e combatiam e agonizavam, no sangrento coração de Jesus. Nada lhe causa a um homem maior tortura do que ser arrastado daqui para lá por emoções em conflito; assim como a guerra civil é mais cruel e a pior das guerras, assim uma guerra dentro da alma de um homem quando duas grandes paixões nele pretendem o domínio, e ambas são também nobres paixões, causam um problema e uma tensão que ninguém pôde entender exceto quem experimenta essa guerra.

Não me surpreende que o suor de nosso Senhor fora como grandes gotas de sangue, quando tal pressão interna o triturava como um ramo de uva pisoteado num lagar. Espero não ter olhado presuntivamente na arca, ou ter visto dentro o lugar santíssimo coberto pelo véu; Deus não queira que a curiosidade ou o orgulho me levem a querer intrometer-me onde o Senhor colocou uma barreira. Os guiei tão perto como pude, e devo fechar a cortina de novo com as palavras que acabo de usar:

*“Somente para Deus, e unicamente para Ele
Suas angustias são plenamente conhecidas.”*

III. Nossa terceira pergunta será QUAL FOI O ALÍVIO DE NOSSO SENHOR EM TUDO ISSO? Ele buscou ajuda na companhia dos homens, e era muito natural que assim o fizesse. Deus criou em nossa natureza humana uma necessidade de simpatia. É perfeitamente normal que nós esperemos que nossos irmãos vigiem conosco em nossa hora de provação; porém, nosso Senhor deu-se conta que os homens não eram capazes de ajudá-lo; sem importar quanto seus espíritos queriam ajudar, sua carne era fraca. Então, o que fez? Recorreu à oração, e especialmente a Deus em seu caráter de Pai. Aprendi por experiência própria que não conheceremos a doçura da Paternidade de Deus até que não experimentemos uma amarguíssima angústia; posso entender que quando o Salvador

disse: “*Aba, Pai,*” foi a angústia quem o reduziu como a um menino castigado a apelar queixosamente ao amor de um Pai.

Na amargura de minha alma clamei: “Sim, em verdade és meu Pai, pelas entranhas de tua paternidade, tem piedade de Teu filho;” e aqui Jesus suplica a Seu Pai como nós temos feito, e encontra consolo nessa súplica. A oração era o canal do consolo do Redentor; verdadeira, intensa, reverente, a oração que se repete, e depois de cada tempo de oração regressava a calma e voltava para seus discípulos com uma medida de paz restaurada. Quando viu que dormiam, suas aflições regressaram, e, portanto voltou a orar de novo, e cada vez foi consolado, de tal forma que quando orou pela terceira vez já estava preparado para se encontrar com Judas e com os soldados, e para ir com silenciosa paciência ao juízo e à morte.

Seu grande consolo era a oração e a submissão à vontade divina, pois quando colocou Sua própria vontade aos pés de Seu Pai a debilidade de Sua carne não se queixou mais, sim que em doce silêncio, como uma ovelha submetida aos tosquiadores, conteve a Sua alma em paciência e descanso. Queridos irmãos e irmãs, se algum de vocês experimenta seu próprio Getsêmani e suas pesadas aflições, imitem o seu Senhor recorrendo à oração, clamando a seu Pai e aprendendo a submeter-se a Sua vontade.

Irei concluir sacando duas ou três aplicações de todo nosso tema. Que o Espírito Santo nos instrua.

A primeira é essa: Conheçam, queridos irmãos, *a humanidade real de nosso Senhor Jesus Cristo*. Não pensem Nele unicamente como Deus, ainda que certamente é divino, porem sintam-o como relacionado com vocês, *ossos de seus ossos e carne de sua carne*. Que plenamente Ele pode compreendê-los! Ele foi carregado com todas as cargas de vocês, e afligido com todas as aflições de vocês. São muito profundas as águas pelas que vocês estão atravessando? No entanto, não são profundas comparadas com as torrentes com as que Ele foi golpeado. Jamais penetra no espírito de vocês alguma dor que seja estranha para a Cabeça do pacto. Jesus pode identificar-se com todas as aflições de vocês, pois sofreu muito mais do que vocês sofreram, portanto, é capaz de socorrê-los em suas tentações. Devem apegar-se a Jesus como seu amigo íntimo, o irmão que os ajudará na

adversidade, e terão obtido um consolo que lhes permitirá atravessar todas as profundezas.

Continuando, contemplem aqui o *intolerável mal do pecado*. Você é um pecador, porem Jesus nunca o foi, e, no entanto, estar em lugar do pecador foi tão terrível para Ele que estava muito triste, até a morte. O que será para você um dia o pecado se é achado culpado ao final! Oh, se pudéssemos descrever o horror do pecado não haveria nenhum de vocês que estaria satisfeito de permanecer no pecado nem por um momento; creio que essa manhã, se elevaria dessa casa de oração um lamento e gemidos tais que poderiam ser ouvidos nas próprias ruas, se os homens e as mulheres aqui presentes que estão vivendo em pecado pudessem entender realmente o que é o pecado, e qual é a ira de Deus que se acumula sobre eles, e quais serão os juízos de Deus que muito logo os rodearão e os destruirão, Oh alma, o pecado deve ser uma coisa terrível se ele aplacou dessa forma a nosso Senhor. Se a pura imputação do pecado produziu suor sanguinolento no santo e puro Salvador, o que produzirá o pecado mesmo: Evitem-lhe, não passem perto dele, afastem-se de qualquer coisa que pareça ele, caminhem com muita humildade e cuidado com seu Deus para que o pecado não os cause dano, porque é uma praga mortal, uma peste infinita.

Vejam em continuação, porem, oh, que poucos minutos me restam para falar de tal lição, *o amor sem par de Jesus*, que por causa de vocês e por mim não somente sofreu no corpo, mas sim que consentiu em carregar com o horror de ser contado como um pecador, e colocar-se sob a ira de Deus por causa de nossos pecados: ainda que lhe custou sofrer até a morte, e uma terrível aflição, o Senhor se apresentou como nossa garantia antes que ver que nós pécêssemos. Por acaso não poderíamos suportar com alegria a perseguição por causa Dele? Não poderíamos trabalhar para Ele com total entrega? Somos tão pouco generosos que Sua causa possa ter necessidades enquanto nós contamos com os meios para ajudá-la? Somos tão baixos que sua obra pode chegar a um alto enquanto nós temos a força para continuá-la? Os exorto pelo Getsêmani, meus irmãos, se possuem uma parte e uma porção na paixão de seu Salvador, amem muito Àquele que os amou verdadeiramente sem medida, e gastem-se e sejam gastos por Ele.

Outra vez vendo a Jesus no jardim, aprendemos *a excelência e a plenitude da expiação*. Que negro sou, que sujo e desprezível aos olhos de Deus! Eu só mereço ser lançado ao mais profundo do inferno, e me assombra que Deus não me tenha lançado ali desde muito tempo; porém, entro no Getsêmani, e observo essas torcidas oliveiras, e vejo a meu Salvador. Sim, o vejo retorcendo-se no solo cheio de angústia, e escuto Seus gemidos do tipo que nunca foram emitidos por nenhum peito anteriormente. Observo a terra e a vejo vermelha com Seu sangue, enquanto Seu rosto está banhado de suor ensanguentado, e digo a mim mesmo: “*Meu Deus, Meu Salvador, por que te afliges?*” E Ele me responde: “*Estou sofrendo por teu pecado,*” e então sinto muito consolo, pois enquanto quisera ter evitado a meu Senhor tal angústia, agora que a angústia terminou, posso entender como Jeová pode perdoar-me, porque feriu a Seu Filho em meu lugar.

Agora tenho esperança de ser justificado, pois trago diante da justiça de Deus e diante de minha própria consciência a lembrança de meu Salvador que sangra, e digo: “*Podes Tu demandar o pago duas vezes, primeiro a mão de Teu Filho que agoniza, e depois de mim?*” Pecador como sou, estou ante o trono ardente da severidade de Deus, e não tenho medo. Podes queimar a mim, oh fogo consumidor, quando não só tem queimado, mas sim que consumiu completamente a meu Substituto? Não, por fé, minha alma vê a justiça satisfeita, a lei honrada, o governo moral de Deus estabelecido, e, no entanto, minha alma que foi antes culpada agora é absolvida e recebe a liberdade. O fogo da justiça vingadora se extinguiu, e a Lei consumiu suas demandas mais rigorosas sobre a pessoa Dele que foi feito uma maldição por nós, para que possamos ser feitos a justiça de Deus Nele. Oh, a doçura do consolo que flui do sangue de expiação! Obtenham esse consolo, meus irmãos, e nunca o deixem, Aferrem-se ao coração de seu Senhor que sangra, e bebam do abundante consolo.

Por último, *qual não será o terror do castigo que recairá sobre aqueles homens que rejeitam o sangue expiatório*, e que terão que estar frente a Deus em suas próprias pessoas para sofrer por seus pecados. Lhes direi, senhores, que dói a meu coração ao dizer-lhes isso, o que sucederá com aqueles que rejeitam a meu Senhor. Jesus Cristo, meu Senhor e meu Deus, é um sinal e uma profecia para vocês do que

lhes passará. Não é em um jardim, mas sim na cama de vocês onde sempre descansaram serão surpreendidos, e as dores da morte se apoderarão de vocês. Serão entristecidos com uma tremenda tristeza e remorso pela vida que desperdiçaram, e por terem rejeitado ao Salvador. Então, o pecado que mais amam, sua lascívia favorita, como outro Judas, os trairá com um beijo. Quando todavia sua alma pendure de seus lábios, será tomada e levada por um grupo de demônios, e levada ao tribunal de Deus, tal como Deus tal como Jesus foi levado a sala do juízo de Caifás. Haverá um juízo sumário, pessoal e de alguma maneira privado, como resultado de qual serão enviados a prisão onde, em trevas e rugir de dentes e pranto, passarão a noite antes da sessão do tribunal que terão o juízo pela manhã. Então virá o dia, e virá a manhã da ressurreição, e assim como nosso Senhor compareceu ante Pilatos, assim vocês comparecerão diante do mais alto tribunal, não o de Pilatos, mas sim do terrível trono de juízo do Filho de Deus, a Quem vocês desprezaram e rejeitaram. Logo aparecerão testemunhas declarando contra vocês, não testemunhas falsas, mas sim verdadeiras, e vocês ficarão sem fala, assim como Jesus não disse nenhuma palavra frente seus acusadores. Logo, suas consciências e desespero o sacudirão, até que se convertam em tal monumento de miséria, tal espetáculo de desprezo, até poderem ser descritos adequadamente por outro “*Ecce Homo*”, eis aqui o homem, e os homens o olharão e dirão: “Eis ali o homem e ao sofrimento que lhe sobreveio, porque desprezou a seu Deus e encontrava prazer no pecado.”

Depois, serão condenados. “*Apartai-vos de mim, malditos,*” será a sentença que receberão, assim como “*Seja crucificado*” foi a condenação de Jesus. E serão levados pelos oficiais de justiça ao lugar de sua condenação. Logo, igual ao Substituto dos pecadores, vocês exclamarão: “*Tenho sede,*” porem ninguém lhes dará nem uma gota de água; não provarão nada senão o fel da amargura. Serão executados publicamente com todos os seus crimes escritos sobre sua cabeça para que todos possam os ler e entendam que vocês foram justamente condenados; e logo, zombarão de vocês, como zombaram de Jesus, especialmente se professaram alguma religião falsa; todos os que passem por ai dirão: “*a outros salvou, e a outros pregou, porem a si mesmo não se pode salvar.*” O mesmo Deus zombará de vocês. Não, não pensem que estou sonhando, Ele não há dito:

“Também de minha parte eu me ri na vossa perdição e zombarei, em vindo o vosso temor.” (Provérbios 1:2)?

Clamem a seus deuses nos que confiaram alguma vez! Obtenham seu consolo das concupiscências nas que uma vez se deleitaram, oh vocês que foram condenados para sempre! Para vergonha de vocês e para confusão de sua nudez, vocês que desprezaram ao Salvador serão feitos espetáculo da justiça de Deus para sempre. É correto que assim seja, a justiça corretamente o demanda assim. O pecado fez que o Salvador sofresse uma agonia, não te fará sofrer a você? Mais ainda, ademais de seu pecado, vocês rejeitaram ao Salvador, vocês disseram: “Não colocarei minha confiança Nele”.

Voluntariamente, presunçosamente, e em contra de sua própria consciência rejeitaram a vida eterna; e se morrem rejeitando a misericórdia, o que pode resultar de tudo isso? Pois que primeiro seu pecado e logo sua incredulidade os condenarão à miséria sem limites e sem fim. Deixem que Getsêmani lhes advirta, deixem que Seus gemidos, Suas lágrimas e Seu suor sangrento lhes sirvam de aviso. Arrependam-se do pecado e creiam em Jesus. Que Seu Espírito assim se lhes permita, no nome de Jesus. Amém.

Barrabás

NO. 595

Um sermão pregado na manhã de Domingo de 16 de Outubro, 1864

Por Charles Haddon Spurgeon

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

***“Então todos tornaram a clamar dizendo: Este não, mas Barrabás.
E Barrabás era ladrão” João 18:40.***

O costume de soltar um prisioneiro no dia da Páscoa tinha, sem dúvida, o propósito de ser um ato de graça da parte das autoridades romanas para com os judeus, e pelos judeus poderia ser aceito como um ato atencioso pelo motivo de sua Páscoa. Posto que nesta data eles mesmos foram tirados da terra do Egito, poderiam considerar que era sumamente conveniente que algum prisioneiro obtivesse sua liberdade.

Todavia, não havia nenhuma provisão para isto na Escritura; não havia sido ordenado por Deus, e sem dúvida, deve ter gerado algum efeito pernicioso para a justiça pública, que a autoridade governante soltasse um criminoso, sem tomar em conta seus crimes ou seu arrependimento: o deixavam em liberdade na sociedade simples e exclusivamente pelo fato de que um certo dia deveria ser celebrado de uma maneira peculiar.

Posto que algum prisioneiro deveria ser solto no dia da Páscoa, Pilatos pensa que agora tem uma oportunidade de permitir que o Salvador escape sem necessidade de comprometer em absoluto sua reputação diante das autoridades de Roma. Pilatos pergunta ao povo a qual dos dois prefere dar a sua liberdade, a um notório ladrão que se encontrava até então sob custódia, ou ao Salvador.

É provável que Barrabás fosse detestável para a multidão até esse momento; e contudo, apesar de sua anterior antipatia, a turba, instigada pelos sacerdotes, esquece todas as suas culpas, e prefere a ele em lugar do Salvador.

Não podemos saber exatamente quem era Barrabás. Seu nome, como o entenderão em um momento, ainda que não tenham o menor conhecimento do hebraico, significa: “filho de pai”. “Bar” significa “filho”, como quando Pedro é chamado Simão Barjonas, filho de Jonas; e a outra parte de seu nome: “Abbas”, que significa “pai”. “Abbas” é a palavra que nós usamos em nossas aspirações de filhos: “Abba, Pai!”

Então, Barrabás é o “filho de seu pai”; e algumas pessoas propensas ao misticismo opinam que há aqui uma imputação de que era particular e especialmente um filho de Satanás. Outros conjecturam que é um nome de carinho, que lhe foi dado porque era o preferido de seu pai, uma criança mimada; o filho do papai, como costumamos dizer; e estes escritores agregam que as crianças mimadas muitas vezes se tornam imitadoras de Barrabás, e são as pessoas mais propensas a tornarem-se daninhas para o seu país, e se convertem em aflições para seus pais, e maldições para todos os que as rodeiam. Se assim fosse, tomando este caso em conexão com o caso de Absalão, e especialmente o dos filhos de Elí, é uma advertência para os pais para que não errem esbanjando uma excessiva clemência a seus filhos.

Nos parece que Barrabás cometeu pelo menos três crimes: foi encarcerado por homicídio, por sedição e por rebelião, que constituíam certamente uma lamentável combinação de ofensas; facilmente poderíamos sentir piedade pelo progenitor de tal filho.

Este infeliz é apresentado e é posto a competir contra Cristo. Se apela à turba. Pilatos crê que por causa do sentido de vergonha, realmente seria impossível que preferissem a Barrabás; mas eles estão tão sedentos de sangue contra o Salvador, e estão tão influenciados pelos sacerdotes que, em uníssono – não parecia que houvesse nem uma só voz que se opusesse, nem uma mão que se alçasse em contra – com uma surpreendente unanimidade de maldade, eles gritam: “Não a este, senão a Barrabás”, ainda que soubessem – pois ele era um notável ofensor bem conhecido – que Barrabás era um assassino, um canalha e um traidor.

Este fato é muito significativo. Há mais ensinamento nele do que à simples vista poderíamos imaginar. Não temos aqui, antes de mais nada, neste ato de liberar ao pecador e de condenar ao inocente, uma espécie de tipo dessa grandiosa obra que é realizada pela morte do nosso Salvador? Nós poderíamos de forma muito justa pararmos ao lado de Barrabás. Temos roubado de Deus a Sua glória; temos agido como sediciosos traidores contra o governo do céu: se todo aquele que aborrece a seu irmão é homicida, nós também somos culpáveis desse pecado. Aqui estamos diante do tribunal; o Príncipe da Vida está atado por nossa causa e não se nos permite que saíamos livres. Deus nos liberta e nos absolve, enquanto o Salvador, sem mancha nem pecado, nem sequer com uma sombra de uma falta, é conduzido à crucificação.

Duas aves eram tomadas no ritual de limpeza de um leproso. Uma ave era sacrificada, e seu sangue era derramado em um vaso de barro; a outra ave era molhada neste sangue, e logo, com suas asas avermelhadas, era deixada em liberdade para que voasse no campo. A ave morta retrata bem ao Salvador, e cada alma que por fé foi submersa em Seu sangue, voa ao alto, até o céu, cantando docemente no gozo da liberdade, devendo sua vida e sua liberdade inteiramente a Ele, que foi imolado.

Se reduz a isto: Barrabás deve morrer ou Cristo deve morrer; tu, pecador, deves morrer, ou Cristo Emanuel, o Imaculado, deve morrer. Ele morre para que nós sejamos postos em liberdade.

Oh! Nós temos uma participação nesta salvação hoje? E ainda que tenhamos sido ladrões, traidores e homicidas, podemos regozijar porque Cristo nos libertou da maldição da lei, havendo sido feito maldição por nós!

A transação tem todavia outra voz. Este episódio da história do Salvador mostra que ao juízo do povo, Jesus Cristo era um maior ofensor do que Barrabás; e por uma só vez posso aventurar-me a dizer que a *vox populi* (a voz do povo), que em si mesma foi à mais infame injustiça – se lermos à luz da imputação dos nossos pecados a Cristo – foi a *vox Dei* (a voz de Deus). Quando Cristo esteve coberto com os pecados de Seu povo, teve mais pecados postos sobre Ele do que os que descansavam sobre Barrabás. Não há

pecado nEle, Ele era completamente incapaz de converter-se em um pecador: santo, inocente e puro é Cristo Jesus, mas Ele assume a carga inteira da culpa de Seu povo sobre Si mesmo por imputação, e quando Jeová o vê, vê mais culpa posta sobre o Salvador do que a culpa que está sobre este atroz pecador, Barrabás. Barrabás sai livre, inocente, em comparação com o tremendo peso que repousa sobre o Salvador. Pensem então, amados, quão baixo se abateu seu Deus e Senhor para ser assim contado com os iníquos. Watts expressou energicamente, mas me parece que não demasiadamente enérgico:

*“Sua honra e Seu alento
Ambos lhe foram arrebatados,
Em Sua morte foi unido aos malvados,
E foi envilecido como eles.”*

Ele era tudo isso na estima do povo e diante do tribunal de justiça, pois os pecados de toda a companhia dos fiéis foram postos sobre Ele. *“Jeová levou nele o pecado de todos nós.”* Nenhum coração poderia conceber quanta terá sido essa iniquidade, nem nenhuma língua poderia dizê-lo. Meçam pelas dores que suportou, e então, se puderem adivinhar quais foram essas dores, será possível formar alguma idéia de qual haverá sido a culpa que o abateu diante do tribunal de justiça abaixo do próprio Barrabás. Oh! Quanta condescendência há aqui! O justo morre pelos injustos. Ele leva o pecado de muitos, e ora pelos transgressores.

Ademais, me parece que há uma terceira lição, antes de passar para a parte do texto que quero enfatizar. Nosso Salvador sabia que Seus discípulos seriam odiados pelo mundo muito mais do que os notórios pecadores de todas as épocas. Muitas vezes o mundo esteve mais disposto a tolerar aos homicidas, aos ladrões e aos bêbados do que aos cristãos; e retribuiu a alguns dos melhores e mais santos homens de forma que foram tão caluniados e abusados, que seus nomes foram eliminados como um sinônimo de depravação, indignos de serem inscritos na mesma lista com os criminosos.

Agora, Cristo santificou estes sofrimentos de Seu povo da calúnia de seus inimigos, suportando Ele mesmo precisamente esses sofrimentos, de tal maneira que, irmãos meus, se vocês ou eu fôssemos acusados de crimes que aborrecemos, e se nosso coração

estivesse a ponto de estourar debaixo do peso da acumulação do veneno da calúnia, poderíamos levantar nossas cabeças e sentir que em tudo isto contamos com um companheiro que tem a verdadeira comunhão conosco, o Senhor Jesus Cristo, que foi rejeitado quando Barrabás foi escolhido.

Não esperem um melhor tratamento que o Seu Senhor. Recordem que o discípulo não é maior que seu Mestre. Se ao pai de família chamaram Belzebu, quanto mais aos de sua casa? E se preferem o homicida ao invés de Cristo, pode não estar distante o dia em que preferirão um assassino ao invés de ti.

Me parece que estas coisas jazem na superfície; agora chego ao nosso tema mais imediato, Primeiro, consideraremos *ao pecado segundo está na história evangélica*; em segundo lugar, observaremos que *este é o pecado de todo o mundo*; em terceiro lugar, que *nós mesmos fomos culpáveis deste pecado antes de nossa conversão*; e em quarto lugar, que *este é, assim o tememos, o pecado de muitíssimas pessoas que estão presentes aqui nesta manhã*: falaremos com elas e contenderemos, pedindo que o Espírito de Deus transforme seus corações e os conduza a aceitar ao Salvador.

I. Então, poderia ser útil passar uns quantos minutos CONSIDERANDO O PECADO CONFORME O ENCONTRAMOS NESTA HISTÓRIA.

Eles preferiram a Barrabás e não a Cristo. O pecado será visto mais claramente, se recordarmos que *o Salvador não havia feito nenhum mal*. Ele não havia quebrantado nenhuma lei de Deus ou de homem. Ele poderia ter utilizado em verdade palavras de Samuel: *“Aqui estou: atestem contra mim diante de Jeová e diante de seu ungido, se tomei o boi de alguém, se tomei o asno de alguém, se caluniei a alguém, se agravei a alguém, ou se de alguém tomei suborno para cegar meus olhos com ele; e eu os restituirei”*.

Dentro de toda essa multidão reunida, não havia ninguém com a presunção de acusar ao Salvador de lhe ter feito algum dano. Longe disso, não podiam senão reconhecer que *Ele lhes havia conferido grandes bênçãos temporais*. Oh, multidão voraz, acaso não te alimentou quando estavas faminta? Acaso não multiplicou os pães e os peixes para ti? Não curou aos leprosos com Sua mão? Não lançou

fora de seus filhos e filhas aos demônios? Não fez andar seus paráliticos? Não lhes deu vista a seus cegos e não abriu os ouvidos de seus surdos? Por quais destas boas obras conspiram para matar-lhe?

Em meio desta multidão congregada havia alguns, sem dúvida, que lhe deviam bênçãos inestimáveis, e contudo, ainda que todos eles soubessem que eram Seus devedores, clamavam contra Ele como se fosse o pior problema de suas vidas, uma praga ou uma peste para o lugar em que habita.

Acaso era de Seu ensinamento de que se queixavam? Em qual ponto de Seu ensinamento ofendia a moralidade? Em qual ponto ia contra aos melhores interesses do homem? Se vocês observam o ensinamento de Cristo, nunca houve nada semelhante, incluso se é julgado quanto ao alcance de sua promoção do bem-estar humano. Aqui estava a essência e substância de Sua doutrina: “Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração... e ao teu próximo como a ti mesmo”.

Seus preceitos eram da forma mais benigna. Acaso lhes ordenou que desembainhassem a espada e expulsassem aos romanos, ou que se lançassem em uma impiedosa carreira de carnificina e rapina? Acaso os estimulou para que soltassem as rédeas de suas desenfreadas paixões? Lhes disse que buscassem primeiro que nada sua própria vantagem e que não se preocupassem pelo bem-estar do vizinho?

Não, cada estado justo há de reconhecer-lhe como seu melhor pilar, e o ajuntamento da humanidade há de reconhecer-lhe como seu conservador; e contudo, apesar de tudo isto, ali os temos, oprimido por seus sacerdotes, buscando Seu sangue, e gritando: “Seja crucificado! Seja crucificado!”.

Evidentemente Seu único propósito era o bem deles. Para quê pregava? Nenhum motivo egoísta poderia ser argumentado. As raposas tinham tocas, e as aves do céu ninhos, mas Ele não tinha onde recostar Sua cabeça. A caridade de uns quantos discípulos foi a única forma que preveniu a fome absoluta. As frias montanhas e o ar da meia-noite foram testemunhas do fervor de Suas solitárias orações pelas multidões que agora o odiavam. Ele viveu para

outros: eles podiam ver isto; não poderiam observá-lo durante os três anos de Seu ministério, sem dizer: *“jamaiz viveu uma alma tão abnegada como esta”*; eles deviam saber, a maioria deles, e o resto poderia ter sabido, se houvessem perguntado, ainda que fosse superficialmente, que Ele não tinha nenhum propósito de nenhum tipo para estar na terra, exceto o de buscar o bem dos homens.

Por qual destas coisas eles clamam para que seja crucificado? Por qual de Suas boas obras, por qual de Suas palavras generosas, por qual de Suas santas ações cravarão Suas mãos na tábua, e Seus pés no madeiro? Com ódio irracional, com insensível crueldade, a única resposta a pergunta de Pilatos: *“Pois que mal há feito?”*, Foi: *“Seja crucificado! Seja crucificado!”*

A verdadeira razão de seu ódio, sem dúvida, consistia no ódio natural de todos os homens à perfeita bondade. O homem sente que a presença do bem é um testemunho silencioso contra seu próprio pecado, e por isso anela se desfazer dele. Ser demasiado santo no juízo dos homens é um grande crime, pois censura seu pecado. Ainda que o santo não tenha o poder da palavra, contudo, sua vida é um ruidoso testemunho a favor de Deus contra os pecados de Suas criaturas.

Este protesto inconveniente conduz aos malvados a desejar a morte do Santo e do Justo. Ademais, os sacerdotes os respaldavam. Ainda que seja algo triste e lamentável, ocorre muitas vezes o caso de que as pessoas seja melhor que seus mestres religiosos. Neste momento presente os laicos da Igreja da Inglaterra, como um todo, têm consciências honestas, e gostariam que seu Livro de Oração fosse revisado amanhã mesmo se suas vozes pudessem ser escutadas. Mas aos seus clérigos lhes importa demasiadamente pouco a verdade, e não são muito escrupulosos como juram ou com quem se associam. Enquanto sua Igreja puder se manter unida, o padre Ignacio será escutado em suas assembleias, enquanto o chamado de Cristo à igreja para que se purifique, somente desperta ressentimento e má vontade. Não importa que as gargantas de certos clérigos sejam exercitadas em assobiar por um instante a aparição do audaz monge anglicano, ele é um deles, um irmão de sua própria ordem, e sua igreja é responsável por tudo o que ele faz. Deixem que eles saiam e se separem, e então saberemos que

aborrecem este moderno papado; mas enquanto estiverem sentados na mesma assembleia e forem membros da mesma igreja, o pecado lhes pertence, e não cessaremos de denunciar tanto ao pecado como a eles. Se os clérigos evangélicos permanecem em comunhão com os papistas, agora que se manifestem a plenas cores, vou deixar de afirmar que violam suas consciências, mas me vou permitir duvidar que tenham uma consciência em absoluto.

Irmãos, todavia sucede que as pessoas seja melhor que seus mestres. Estas pessoas não haveriam crucificado a Cristo se os clérigos dessa época, os sacerdotes, os dotados ministros não houvessem gritado: “Seja crucificado!” Ele era o Dissidente, o herege, o cismático, o perturbador de Israel. Ele era o que clamava a alta voz contra das falhas da ordem estabelecida da sociedade. Ele era o que não podia ser reprimido, o *ignorante* da Galiléia, que continuava clamando contra eles, o homem prejudicial, e por isso gritavam: “Seja crucificado! Seja crucificado! Qualquer castigo é suficientemente bom para o homem que fala acerca da necessidade de reformas, e advoga por mudanças nas regras estabelecidas.

Sem dúvida o suborno foi também usado neste caso. Acaso o rabi Simão não pagou a multidão? Acaso não havia uma esperança de um festejo depois que a Páscoa terminasse para aqueles que usaram suas gargantas contra o Salvador? Ademais, toda a multidão se havia lançado nessa direção; e se alguém tivesse compaixão, preferiria ficar calado. Dizem sempre que: “*a prudência é a melhor parte da coragem*”; e na verdade devem existir muitos homens valorosos, pois possuem a melhor parte da coragem que é a prudência. Se não se uniram nos gritos, ao menos não incomodariam aos outros, e assim não houve senão um só grito: “Morra! Morra! Não convêm que viva”.

Que concentrado escárnio se encontra neste versículo quarenta. Não dizem: “este Jesus”, pois não queriam manchar suas bocas com Seu nome, senão a *este*, “este demônio”, se vocês quiserem. A Barrabás outorgam o respeito de mencionar seu nome; mas “este”, a quem odeiam tanto, não se rebaixariam a mencioná-lo. Temos visto este grande pecado, então, como está na história.

II. Mas agora vejamos, em segundo lugar, COMO ESTE INCIDENTE EXPÕE O PECADO QUE TEM SIDO A CULPA DO MUNDO EM TODAS AS ÉPOCAS, E QUAL É A CULPA DO MUNDO AGORA.

Quando os apóstolos saíram a pregar o Evangelho, e a verdade se espalhou ao largo de muitos países, os imperadores romanos emitiram severos editos. Contra quem foram feitos estes editos? Acaso foram contra os malvados ofensores desses dias? É bem sabido que o Império Romano inteiro estava infestado de vícios de tal magnitude que a face da modéstia se ruborizaria ao escutar sua simples menção.

O primeiro capítulo da Epístola aos Romanos é um quadro gráfico resumido do estado da sociedade ao largo de todos os domínios romanos. Quando essas severas leis foram concebidas, por quê não foram proclamadas contra estes atrozes vícios? É pouco conveniente que os homens que são culpáveis de crimes tais como os que o apóstolo Paulo mencionou, fiquem sem castigo, mas eu não encontro editos contra essas coisas. Encontro que foram perdoados e pouco mencionados com censura e que mais bem a fogueira, os arrastões utilizando as patas de cavalos selvagens, a espada, a prisão, as torturas de todo tipo, contra quem vocês creem que eram usados? Contra os inocentes e humildes seguidores de Cristo, que distante de se defenderem, estavam dispostos a sofrer todas estas coisas, e se ofereciam como ovelhas para o matadouro, dispostas a suportar a faca do açougueiro.

O grito do mundo nas perseguições da Roma Imperial era: “Cristo não, mas os sodomitas, os assassinos e os ladrões sim; nós somos mais indulgentes com qualquer destes, mas não com Cristo; eliminemos da terra a Seus seguidores”. Logo o mundo mudou suas táticas, se tornou nominalmente cristão, e o Anticristo apareceu em toda a sua glória blasfema. O Papa de Roma se cingiu da tríplice coroa, e se automeou o Vigário de Cristo; logo entrou a abominação da adoração aos santos, aos anjos, às imagens e aos quadros; logo veio a missa, e não sei que outras coisas mais, de detestável erro, e o que disse o mundo? “O Papado para sempre!” Todo joelho se dobrou e cada cabeça se inclinou diante do soberano representante de Pedro em Roma. A igreja de Roma igualava em

pecado a Barrabás; não, estou fazendo um elogio a Barrabás quando o menciono na mesma categoria com muitos dos papas, pois o caráter deles era imundo e negro do princípio ao fim, até o ponto que aqueles que supersticiosamente os consideravam infalíveis em seu ofício, não podiam defender seus caracteres pessoais.

O mundo escolheu a prostituta de Roma, e a que estava ébria com o vinho de sua abominação, tinha todos os olhares postos sobre ela com admiração, enquanto o Evangelho de Cristo era esquecido, sepultado em uns quantos livros velhos, ficando quase extinto na obscuridade. Desde aquele dia o mundo mudou duas táticas outra vez; em muitas partes da terra o protestantismo é abertamente reconhecido, e o Evangelho é pregado, mas o que se passa então? Então entra Satanás, e outro Barrabás, o Barrabás do mero cerimonialismo e da mera assistência a um lugar de culto é entronizado. “Sim, nós somos ortodoxos; muito ortodoxos, muito puros. Sim, nós somos religiosos, estritamente religiosos, assistimos à nossa casa de reunião, ou vamos na nossa igreja. Nunca estamos ausentes. Cuidamos de todas as formas, mas carecemos da vital piedade; não nascemos de novo; não passamos da morte para a vida. Contudo, isso bastará; contanto que sejamos tão bons como nossos vizinhos, e guardemos o ritual externo, o interno não importa”.

Isto, que é um detestável roubo da glória de Deus, isto que mata as almas dos homens, é o Barrabás da época presente. Um nome exterior para viver é estabelecido, e é recebido por aqueles que estão mortos; e muitos de vocês que estão presentes agora estão muito tranquilos e contentes, e ainda que não sentiram nunca ao vivificador Espírito de Deus, e ainda que não tenham sido lavados no sangue expiatório, estão satisfeitos porque tomam um assento em algum lugar de adoração; dão sua moeda de oferta, sua doação a algum hospital ou sua subscrição para algum bom propósito, esquecendo e descuidando de lembrar que todo o processo de limpeza do vaso e do prato jamais servirá de nada, a menos que a natureza interior seja renovada pelo Espírito do Deus vivente. Este é o grande Barrabás da época presente, e os homens o preferem antes que ao Salvador.

Eu creio que posso provar, mediante um simples fato, que isto é verdade: que o mundo realmente ama ao pecado mais do que ao Cristo. Você terá observado algumas vezes que alguns cristãos são inconsistentes, não é certo? Sua inconsistência não seria algo muito grande, se a julgasse em conformidade com as regras ordinárias de conduta. Mas você está muito consciente de que um homem mundano pode cometer qualquer pecado que queira sem receber maior censura; mas se o cristão comete um pecado muito pequeno, então alçam as mãos, e o mundo inteiro grita: “Vergonha!” Eu não quero mudar isso, mas quero dizer somente isto: “ali está o senhor Fulano de Tal, que se sabe que vive uma vida desenfreada, perversa, libertina; bem, eu não vejo que seja universalmente marginalizado ou reprovado, senão muito ao contrário, é tolerado pela maioria, e até admirado por alguns”.

Mas suponha que um cristão, um professante bem conhecido, houvesse cometido alguma falta que, comparada com isso, não fosse digna de menção, e o que lhe ocorre? “Publiquem-no! Publiquem-no! Souberam do que fez o senhor Fulano de Tal? Souberam desta hipócrita transgressão?” “Bem, de quê se tratou?” Você analisa: “bem, está mal, está muito mal, mas comparada com o que você diz dela, não é nada em absoluto”.

Portanto, o mundo mostra pela diferença entre a maneira com que julga ao homem religioso que professa, e a maneira com que julga aos seus, que realmente pode tolerar aos mais dissolutos, mas não pode tolerar aos cristãos. O cristão, por suposto, nunca se verá completamente livre de imperfeições, a inimizade do mundo não é evidentemente contra as imperfeições do cristão, pois pode tolerar maiores imperfeições em outros; a objeção será portanto contra o homem, contra a profissão que assumiu, e o curso que deseja seguir.

Vigiem cuidadosamente, amados, para que não lhes dar nenhuma oportunidade nesse sentido; mas quando verem que o mais leve erro é tomado e exagerado, nisto encontram uma clara evidência de que o mundo prefere a Barrabás ao invés dos seguidores do Senhor Jesus Cristo. Agora o mundo mudará seus diversos modos de tratar-nos, mas nunca amará a igreja mais do que o faz agora. Não esperamos ver ao mundo empurrado para cima para ver-se mais absorvido dentro da igreja. A união do mundo com a igreja nunca

foi o propósito da nossa religião. O propósito de Cristo é reunir para Si um povo dentre os homens; não se trata do levantamento de todos, senão do chamamento de alguns; se trata de fazer com que os homens difiram; se trata da manifestação da graça especial e distinguidora, e da reunião de um povo que formou para Si.

Neste processo a moralidade é promovida, os homens são civilizados e melhorados, mas este é só indiretamente o propósito de Deus, e não seu fim imediato; o fim imediato do Evangelho é a salvação do povo que Ele ordenou para a vida eterna, e que portanto, em seu tempo, é conduzido a crer nEle. O mundo, até o fim, estará em inimizade com os verdadeiros crentes, como sempre esteve. Porque *“não sois do mundo, antes eu os escolhi do mundo, por isso o mundo vos aborrece”*. Isto será tão certo quando Cristo vier, como o é neste momento presente. Devemos esperá-lo; e quando nos enfrentarmos com o escárnio e perseguição, não nos surpreendamos como se algo estranho nos houvesse sucedido.

III. Vou observar, em terceiro lugar – Oh! Espero receber ajuda do alto – que O PECADO DE PREFERIR A BARRABÁS AO INVÉS DE CRISTO, FOI O PECADO DE CADA UM DE NÓS ANTES DA NOSSA CONVERSÃO.

Passem agora as páginas de seus diários pessoais, queridos amigos, ou voem sobre as asas da memória ao oco da pedra de onde foram arrancados. Oh, vocês que vivem perto de Cristo, não o desprezaram uma vez? Em qual companhia lhes dava mais prazer estar? Acaso não era a companhia das pessoas frívolas, não era a da gente profana? Quando se juntavam com o povo de Deus, sua prática era muito tediosa; se falavam de realidades divinas, ou de temas práticos, não os entendiam, e lhes percebiam problemáticos.

Posso ver no tempo a alguns que sei que são agora veneráveis crentes, mas que antes considerava como uma bruta moléstia quando os ouvia falar das coisas de Deus. Sobre o quê versavam nossos pensamentos? Não meditávamos muito sobre a eternidade; nem muito sobre Ele, que veio para libertar-nos do suplício dos tormentos do inferno.

Irmãos, Seu grande amor com o qual nos amou nunca foi introduzido em nossos corações como deveria; e mais, quando líamos a história da crucificação, não tinha mais efeito sobre nossa mente do que um conto comum. Não conhecíamos as belezas de Cristo; pensávamos em qualquer trivialidade antes que nEle. E quais eram nossos prazeres? Quando tínhamos o que chamávamos o disfrute de um dia, onde o buscávamos? Acaso ao pé da cruz? No culto do Salvador? Em comunhão com Ele? Longe disso; quanto mais pudéssemos nos afastar das associações piedosas nos sentíamos melhor.

Alguns de nós temos de confessar envergonhados de que nunca estávamos mais em nosso elemento do que quando estávamos desprovidos de consciência, quando a consciência havia cessado de acusar-nos e podíamos afundar-nos no pecado desenfreadamente. Qual era a nossa leitura então? Qualquer livro antes que a Bíblia: e se houvesse estado em nosso caminho algum livro que exaltasse a Cristo e o enaltesse em nosso entendimento, haveríamos encurralado esse livro por ser demasiado árido para que nos pudesse agradar. Qualquer montão de insensatez encadernado em três volumes, qualquer literatura leve, e mais, talvez coisas piores, haveriam deleitado nossos olhos e nosso coração; mas os pensamentos do Seu eterno deleite até nós; os pensamentos de Sua paixão incomparável e agora de Sua glória no céu, nunca passaram por nossas mentes, nem podíamos suportar aos indivíduos que nos conduzissem a tais meditações.

Quais eram nossas aspirações? Cuidávamos do negócio, procurando fazer-nos ricos, famosos por nossos conhecimentos e admirados por nossa habilidade. Vivíamos para o eu. Se tínhamos alguma consideração pelos demais, e algum desejo de beneficiar a nossa raça, o eu sempre estava no fundo de tudo.

Não vivíamos para Deus; não podíamos dizer honestamente quando nos despertávamos nas manhãs: “espero viver hoje para Deus.” Pela noite, não podíamos ver a retrospectiva do dia, e dizer: “neste dia servimos a Deus”. Ele não estava em todos os nossos pensamentos. A quem rendíamos nosso melhor louvor? Louvávamos a Cristo? Não; louvávamos o talento, e quando estava associado com o pecado, seguíamos louvando da mesma forma. Admirávamos a

aqueles que podiam ministrar mais plenamente a nossos próprios deleites carnis, e sentíamos o maior amor por aqueles que nos causavam maior dano. Acaso não é esta nossa confissão quando revisamos o passado? Acaso não acabo de ler a própria história da sua vida? Eu sei que li a minha. Ai! Lamentamos aqueles escuros dias nos quais nossa alma assediada perseguia qualquer forma de mal, mas não queria seguir a Cristo.

Haveria sucedido o mesmo conosco hoje, se a graça onipotente não tivesse estabelecido a diferença. Poderíamos esperar que o rio cessasse de correr ao mar, do que esperar que o homem natural navegasse contra a corrente de seus pecados. Poderíamos esperar que o fogo se tornasse água, ou que a água se tornasse fogo, do que esperar que o coração não regenerado amasse a Cristo alguma vez. Foi a graça poderosa que nos conduziu a buscar ao Salvador. E quando considerarmos nossas vidas passadas, será com sentimentos mesclados de gratidão pela mudança, e de tristeza por termos sido tão crassamente insensatos como para termos escolhido a Barrabás, e termos dito do Salvador: “Seja crucificado!”.

IV. E agora vou chegar à conclusão do sermão, que é: QUE HÁ INDUBITAVELMENTE MUITOS AQUI QUE NESTE DIA PREFERAM A BARRABÁS E NÃO AO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

Primeiro, queridos amigos, permitam-me expor o vosso caso. Quero descrevê-lo honestamente, mas ao mesmo tempo, descrevê-lo de tal maneira que possam ver seu pecado nele; e enquanto estou fazendo isto, meu objetivo será debater com vocês, para o Senhor transformar a sua vontade.

Há muitos aqui, temo, que preferem o pecado antes de Cristo. Poderia dizer, sem necessidade de adivinhar, que eu sei que há alguns aqui que seriam seguidores de Cristo há muito tempo, mas preferiram a bebedeira. Não é sempre, não é a cada dia, não é nem sequer a cada semana, mas há ocasiões quando eles sentem como se devessem reunir-se com os amigos, e como resultado inevitável, regressam a casa intoxicados. Eles se envergonham deles mesmos; chegaram a expressar isto; chegaram tão longe como para orar a Deus pedindo graça para vencer seu hábito; mas depois de

experimentalmente convicções durante anos, não avançaram até o momento. Uma vez pareceu como se tivessem vencido. Durante muito tempo houve uma abstinência desse vício, mas regressaram para a sua necessidade. Preferiram esse bestial vício degradante. Disse bestial? Insulto às bestas, pois não são culpáveis de vícios como esse. Eles preferem este vício degradante do que a Jesus. Ali está a bebedeira, a vejo refletida diante de mim com toda a sua insensatez, com sua avidez e sua imundícia; mas o homem escolhe tudo isso, e ainda que tenha conhecido mentalmente algo relativo à beleza e excelência de Cristo, virtualmente diz de Jesus: “Não a este homem, senão à embriaguez”.

Logo há outros casos, nos quais uma lascívia favorita reina suprema em seus corações. Os homens conhecem o mal do pecado, e têm uma boa causa para conhecê-lo; eles também conhecem algo da doçura da religião, pois nunca estão mais felizes do que quando se reúnem com o povo de Deus; e às vezes regressam para casa depois de um solene sermão, especialmente se faz referência ao seu vício, e sentem: “Deus falou à minha alma hoje e sou conduzido para um lugar mais alto”. Mas apesar disto, a tentação vem outra vez, e caem como caíram antes. Temo que há alguns de vocês a quem nenhum argumento convencerá jamais; ficaram tão firmes sobre este mal que será sua eterna ruína. Mas, oh! Pensem como se verá isto quando estejam no inferno: “Eu preferi a esse malvado Barrabás da lascívia, ao invés das belezas e das perfeições do Salvador, que veio ao mundo para buscar e salvar isso que estava perdido!”. E contudo, este é o caso, não de alguns, senão de uma grande multidão que ouve o Evangelho, e preferem o pecado e não o poder salvador desse Evangelho.

Pode haver algumas pessoas aqui, também, de outro tipo, que preferem as ganâncias. Se reduz a isto: se realmente se convertem no povo de Deus, não poderiam fazer no negócio o que agora pensam que o seu negócio requer que façam; se verdadeiramente se converteram em crentes, se tornarão, por suposto, honestos, mas seu negócio não renderia – dizem eles – se fosse manejado sobre princípios honestos; ou é um negócio de tal natureza – e há uns quantos desse tipo – que não deveriam se fazer em absoluto, e muito menos por parte de cristãos.

Aqui vem o ponto de inflexão. Tomarei o ouro, ou tomarei a Cristo? É certo que se trata de ouro enferrujado, e ouro sobre o qual há de sobrevir uma maldição. É o denário do néscio; talvez seja o lucro que é arrebatado das misérias do pobre; é dinheiro que não poderia suportar jamais a luz porque não foi obtido justamente; dinheiro que abrirá passo com fogo até suas almas quando estejam em seu leito de morte; mas os homens que amam o mundo dizem: “Não, Cristo não, me deem uma bolsa cheia e fora com Cristo”.

Outros, mais baixos ou menos honestos, clamam: “conhecemos Sua excelência, desejaríamos poder obtê-lo, mas não podemos obtê-lo nos términos que impliquem à renúncia de nossa muito amada ganância”. “Não a este, senão a Barrabás”.

Outros dizem: “eu anseio ser um cristão, mas então perderia a muitíssimos conhecidos e amigos. Em resumo, meus amigos não são bons para mim; são amigos que são muito afetuosos quando tenho uma boa quantidade de dinheiro para gastar com eles, são amigos que me louvam muito mais frequentemente quando me encontro no restaurante, quando me aprofundo em seus vícios. Sei que me fazem mal, mas” – diz o homem – “não poderia aventurar-me a me opor a eles. Um deles é tão língua solta, e pode dizer umas piadas tão prejudiciais que não gostaria de tê-lo contra mim, e há outro que ouvi dizer que põe apelidos tão incisivamente mordazes aos cristãos, e lhes assinala suas faltas de uma maneira tão sarcástica, que não poderia sofrer a crítica de sua língua, e, por isso, ainda que anseio ser um cristão, não poderei ser.

Dessa maneira preferes ser um servo da terra de labor, um escravo da língua do escarnecedor, antes que ser um homem livre, e tomar a cruz e seguir a Cristo. Preferes, digo, não simplesmente à maneira da alegoria, senão como um fato real, preferes a Barrabás do que ao Senhor Jesus Cristo.

Assim poderia multiplicar os exemplos, mas o mesmo princípio corre através de todos eles. Se há algo que lhes impeça de entregar seu coração ao Senhor Jesus Cristo, são culpáveis de levantar em sua alma um candidato de oposição ao Cristo, e vocês estariam escolhendo: “Não a este, senão a Barrabás”.

Permitam-me ocupar uns quantos minutos argumentando a causa de Cristo com vocês. O quê rejeitam de Cristo? Não estão conscientes das muitas coisas boas que recebem dEle? Estariam mortos se não fosse por Ele; e mais, pior que isso, estariam no inferno. Deus afiou o grande machado; a justiça, como um severo lenhador, esteve com o machado levantado, pronto para cortá-los como um estorvo que inutiliza a terra. Se viu uma mão que deteve o braço do vingador, e uma voz se escutou dizendo: *“Deixe-a ainda este ano, até que eu cave ao redor dela e a abone”*.

Quem foi o que apareceu justo então, em teu momento de necessidade extrema? Não foi outro senão esse Cristo, de quem pensas tão pouco que preferes à embriaguez ou o vício do que a Ele! Estás neste dia na casa de Deus, escutando um sermão que espero que provenha dEle. Poderias estar no inferno – pensa um instante nisso – com a esperança perdida, suportando em corpo e alma dores indizíveis. Que não estejas ali deveria te fazer amar e bendizer à Aquele que disse: *“Livra-lo de descer à fossa”*. Por quê haverias de preferir teu próprio lucro e tua autocomplacência do que a esse Ser bendito a quem deves tanto? A gratidão comum deveria te conduzir a negar-te algo a ti mesmo por Ele, que tanto se negou a Si mesmo para poder te abençoar.

Acaso te ouço dizer que não podes seguir a Cristo porque Seus preceitos são demasiados severos? Se você mesmo tivesse que julgá-los, qual é o ponto ao que lhe encontrarias alguma falha? Te negam teus pecados, digamos que te negam tuas desventuras. De fato não te permitem que te arruines a ti mesmo. Não há nenhum preceito de Cristo que não seja para o teu bem, e não há nada que te proíba, que não o condene baseado no princípio que te causaria um dano se te entregasses a isso.

Mas ainda supondo que os preceitos de Cristo sejam muito severos, não seria melhor que te submetesses a eles em lugar de te arruinares? O soldado se submete implicitamente à ordem do capitão, porque ele sabe que sem disciplina não pode existir vitória, e o exército inteiro poderia ser destroçado se houvesse falta de ordem. Quando o marinheiro arriscou sua vida para penetrar através do denso gelo do norte, o encontramos dando seu consentimento a todas as ordens e regulamentações da autoridade, e

suportando todas as durezas da aventura, porque é movido pelo desejo de ajudar em um grande descobrimento, ou por estímulo de uma grande recompensa.

E em verdade as pequenas abnegações para as quais Cristo nos chama, serão abundantemente recompensadas pelo prêmio que Ele oferece; e quando estão em jogo a alma e seus interesses eternos, bem podemos tolerar estas inconveniências temporais, se podemos herdar a vida eterna.

Me parece que te ouço dizer que gostarias *de ser um cristão, mas que não há felicidade alguma nisto*. Eu te diria sem nenhuma falsidade sobre este ponto e te diria a verdade se assim fosse, mas declaro solenemente que há mais gozo na vida cristã do que há em qualquer outra forma de vida, que se tivesse que morrer como um cão, e não houvesse algo além mais, preferiria ser um cristão. Poderias apelar aos mais indigentes entre nós, a aqueles que estão mais enfermos e são mais desprezados, e te diriam o mesmo. Não há uma só mulher do campo, que esteja tremendo dentro de seu velho abrigo rubro e gasto junto a uma pequena fogueira, cheia de reumatismo, com uma dispensa vazia e um corpo envelhecido, que trocaria seu lugar com o mais elevado e o maior de vocês se tivesse que renunciar sua religião; não, ela te diria que seu Redentor é um maior consolo para ela do que todos os luxos que pudessem ser amontoados sobre a mesa do homem rico. Cometes um erro quando sonhas que meu Senhor não faz bem-aventurados a Seus discípulos; as pessoas que põe sua confiança em Cristo são bem-aventuradas.

Todavia me parece que te ouço dizer: “sim, tudo isso está muito bem, mas ainda assim prefiro o prazer presente”. Não estás falando isto como uma criança; e mais, não falas como um néscio, pois o que é o prazer presente? Quanto tempo dura essa palavra “presente”? Se pudesses contar com dez mil anos de júbilo, poderia estar de acordo contigo em alguma medida, mas ainda nisso teria pouca paciência contigo, pois o que serão dez mil anos de diversão no pecado, comparados com milhares milhões de anos de castigo pelo pecado? Vamos, ainda sendo a maior possível, tua vida será muito breve. E não estás consciente de que o tempo voa mais rapidamente a cada dia? Conforme envelheces, não te dá a impressão que viveste um tempo mais curto ao invés de mais longo? E ao fim, se pudesses

viver até chegar a ser tão velho como Jacó, dirias: *“pouco e maus foram os dias da minha vida, pois dão a impressão de serem poucos apesar de serem numerosos”*.

Tu sabes que esta vida não é senão um momento, e logo acaba. Veja os cemitérios, e observe como estão povoados de verdes montes. Recorda aos teus próprios companheiros, como um a um foram falecendo. Eles eram tão firmes e fortes como você, mas se foram como uma sombra. Vale a pena ter este breve espaço de prazer e logo estar submergido em eterna dor? Te suplico que respondas a esta pergunta. Vale a pena escolher a Barrabás por motivo de alguma ganância temporal que possa proporcionar-te, e renunciar a Cristo, e assim renunciar aos eternos tesouros de gozo e felicidade que estão a Sua destra para sempre?

Eu gostaria de poder lhes fazer estas perguntas como devem ser feitas. Se requer a impetuosa voz seráfica de Whitefield, ou a suplicante língua de Richard Baxter, para suplicar-lhes, mas contudo, penso que falo com homens racionais; e caso se tratasse de um assunto de aritmética, não necessitaria das minhas palavras. Não te pedirei que calcules teu prognóstico de vida mais otimista – digamos oitenta anos – e preenchas esse lapso com todos os prazeres que possas imaginar; supondo que gozes de boa saúde; sonhe que não tens preocupações de negócios, e que possui tudo o que o coração possa desejar, anda e senta-te no trono de Salomão, se assim o queres, e contudo, o que terás para dizer quando tudo acabe? Vendo em retrospectiva, poderias dizer algo mais do que Salomão disse, quando afirmou: *“Vaidades de vaidades, tudo é vaidade,”* e *“Tudo isso é vaidade e aflição de espírito”*? Quando houveres calculado essa soma, posso pedir-te que calcules quanto haverás ganhado, se para possuir esta vaidade, terás renunciado à felicidade eterna, e incorrido na condenação eterna?

Crês na Bíblia? Respondes: *“sim”*. Bem, então, assim há de ser. Muitos homens professam crer na Escritura, e contudo, quando chegam ao ponto relativo a se creem de verdade na condenação eterna e na bem-aventurança eterna, há uma espécie de algo dentro que sussurra: *“isso está no Livro, mas ainda assim não é real, não é válido para nós”*. Façam-no válido para vocês, e quando tiverem feito isso, e tiverem provado claramente que devem estar na bem-

aventurança ou na condenação, e que aqui vão ter a Barrabás como seu amo ou ter a Cristo como seu Senhor, então, digo, como homens sãos, julguem qual é a melhor escolha, e que a poderosa graça de Deus lhes dê sanidade espiritual para fazer a escolha correta, mas isto sim sei: nunca farão isso a menos que esse poderoso Espírito – que é o único que nos guia a escolher o bom, e rejeitar o mal – venha sobre vós e os conduza a acudir rapidamente às feridas de um Salvador.

Creio que não necessito prolongar o culto agora, mas espero que vocês o prolonguem em suas respectivas casas, refletindo sobre este assunto. E me permitem fazer-lhes pessoalmente uma pergunta a todos ao retirarem-se: a quem vocês pertencem? De qual lado vocês estão? Não há posições neutras; não há pontos médios: ou servem a Cristo ou servem a Belial; ou estão com o Senhor ou estão com Seus inimigos. Quem está do lado do Senhor neste dia? Quem? Quem está por Cristo e por Sua cruz; por Seu sangue, e por Seu trono? Quem, por outro lado, são seus inimigos? Todos os que não estejam por Cristo são contados entre Seu inimigos. Não sejam contados mais entre eles, pois o Evangelho vem a vocês com voz convidativa: “*Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo*”. Que Deus te ajude a crer e a apoiar-te nEle agora; e se confias nEle, és salvo agora, e serás salvo para sempre. Amém.

A Coroa de Espinhos

No. 1168

Sermão pregado na manhã de Domingo de 13 de Abril de 1874.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e em sua mão direita uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus” (Mateus 27:29).

Antes que entremos ao quartel dos soldados e contemplemos com atenção *“a sagrada cabeça uma vez ferida”*, será conveniente considerar quem e o que era a pessoa que foi cruelmente submetida assim à vergonha. Não esqueçam a excelência intrínseca de Sua pessoa, pois Ele é o esplendor da glória do Pai, e a imagem expressa de Sua pessoa. Ele é em Si mesmo Deus sobre todas as coisas, bendito pelos séculos, a Palavra eterna pela qual todas as coisas foram feitas, e todas as coisas Nele subsistem. Ainda que era Herdeiro de todas as coisas, e Príncipe dos reis da terra, foi desprezado e rejeitado entre os homens, *“varão de dores, experimentado no quebranto;”* Sua cabeça foi coroada com uma coroa de espinhos por zombaria. Seu corpo foi ataviado com um manto de púrpura desbotada. Uma pobre cana foi colocada em Sua mão como cetro, e logo a soldadesca impudica se atreveu a olhar-lo na cara e afligir-lhe com suas sujas zombarias:

*“Os soldados também cuspiram sobre esse rosto
Que os anjos junto aos profetas
Anelavam ver por graça, porem não se lhes concedeu.
Houve alguma vez dor igual a Minha?”*

Não esqueçam a glória à que estava acostumado em outro tempo, pois antes que viera à terra, Ele estava assentado no seio do Pai, sendo adorado por querubins e serafins, obedecido por todos os anjos, reverenciado por todo principado e potestade nos lugares celestiais – no entanto, aqui está sentado, sendo tratado pior que um criminoso, convertido no centro de uma comédia antes de volver-se na vítima da tragédia. O sentaram sobre alguma cadeira quebrada, o

coberam com um velho manto de soldado, e logo o insultaram como se fosse um monarca de mentira:

*“Eles dobraram seus joelhos diante de Mim, e clamaram: Salve rei;
Tudo o que as piadas e o escárnio podem imaginar
Eu sou o chão, a pia, o lixo
Houve alguma vez dor igual a Minha?”*

Seu amor por nós O impulsionou a aceitar um terrível abatimento! Olhem que baixo Ele caiu para nos levantar de nossa queda! Não se esqueçam que no preciso momento em que estavam se burlando Dele, dessa maneira, Ele era o Senhor de tudo, e podia convocar doze legiões de anjos para que viessem em Seu resgate. Havia majestade em Seu abatimento; Ele tinha abandonado, é certo, a gloriosa pompa imperial dos átrios de Seu Pai, e agora era o homem humilde de Nazaré, porém, apesar disso, se o tivesse desejado, um olhar desses olhos teriam fulminado à soldadesca romana; uma palavra desses lábios silenciosos teriam estremecido o palácio de Pilatos desde o texto até aos fundamentos; se houvera desejado, o irresoluto governador e a maligna multidão teriam sido conjuntamente lançados vivos ao abismo, igual que Coré, Datã e Abirão em tempos antigos. Eis aqui, o próprio Filho de Deus, o muito amado do céu e o príncipe da terra, sentado ai, coroado com a cruel coroa que fere Sua mente e Seu corpo, a mente pelo insulto, e o corpo pela dor afiada e penetrante. Seu rosto de rei foi desfigurado por *“feridas que não cessam de sangrar, que gotejam fracas e lentamente”*, no entanto, essa *“fronte muito nobre e amada”* foi uma vez a mais formosa dos filhos dos homens, e ainda nessas circunstâncias, era o rosto de Emanuel, Deus conosco.

Recordem essas coisas e verão a Cristo atentamente com olhos iluminados e ternos corações, e serão capazes de entrar mais plenamente em comunhão com Ele em Suas aflições. Recordem desde onde veio, e lhes assombrará em maior grau que tenha descendido tão baixo. Recordem o que era e mais lhes surpreenderá que se tenha convertido em nosso Substituto.

E agora, abramos passo até a guarita dos guardas, e contemplemos a nosso Salvador com a cora de espinhos posta. Não nos deteremos muito nas especulações sobre o tipo de espinhos que lhe puseram. De conformidade aos rabinos e aos especialistas em botânica, existiam umas vinte ou vinte e cinco espécies diferentes de arbustos espinhosos que cresciam na Palestina. E diferentes escritores selecionaram, quer seja uns e outros desses arbustos, de acordo seus próprios juízos ou preferências, como os espinhos peculiares que foram usados nessa ocasião. Porem, por quê eleger um espinho entre muitas? Ele não suportou só uma dor, mas sim todas: e cada espinho seria suficiente; a própria incerteza quanto à espécie peculiar nos proporciona uma instrução. Muito bem poderia ser que mais de uma variedade de espinhos tenha sido tecida nessa coroa: seja como for, o pecado espargiu tão proficuamente espinhos e cardos na terra, que não houve nenhuma dificuldade para encontrar os materiais, como tampouco houve escassez de aflições para castigá-lo cada manhã e fazer que sentisse dor todos Seus dias.

Os soldados poderiam ter usado ramos flexíveis da árvore de acácia, essa madeira que não apodrece, da qual se tomaram para fazer muitas das sagradas tábuas e utensílios do santuário; e, portanto, teriam sido utilizados de maneira significativa se esse fora o caso. Poderia ser certo, como os antigos escritores geralmente o consideravam, que a planta usada foi a conhecida como *spina Christi*³, pois conta com muitas espinhas agudas e pequenas, e com usas verdes folhas se poderia tecer uma grinalda, como as que utilizavam para coroar aos generais e aos imperadores depois de uma batalha. Porem, vamos deixar esse assunto; foi uma coroa de espinhos que transpassou Sua frente, e lhe causou sofrimentos e vergonha, e isso nos basta. Nossa pergunta agora é: o que vemos quando nossos olhos contemplam a Jesus Cristo coroadado de espinhos? Existem seis elementos que me impressionam notavelmente, e ao levantar a cortina, os rogo que prestem muita atenção, e peço que o Espírito Santo derrame Sua iluminação divina e clareie a cena diante de nossas almas maravilhadas.

³ *Spina Christi* é uma pequena árvore que cresce a 3-4 m de altura. Os rebentos são zigzagueados, com uma folha e duas espinhas (uma reta, uma curva) do lado de fora de cada torção. O nome reflete uma antiga lenda que os galhos espinhosos foram usados para fazer a coroa de espinhos colocados em Cristo antes de sua crucificação. (Wikipédia)

I. O primeiro que o observador mais distraído pode ver, antes de escavar debaixo da superfície, é UM ESPETÁCULO DOLOROSO. Aqui está o Cristo, o Cristo terno, amante, generoso, sendo tratado com indignidade e escárnio; aqui está o Príncipe da Vida e da Glória, convertido em objeto de escárnio pela soldadesca atrevida. Contemplem hoje ao lírio entre os espinhos, a pureza brotando em meio do pecado que se lhe opõe. Vejam ao sacrifício enroscado na espessura, e sujeitado com firmeza ai, como uma vítima em nosso lugar para cumprir o antigo tipo do carneiro preso em um arbusto, que Abraão sacrificou em lugar de Isaque. Três coisas devem ser analisadas cuidadosamente nesse espetáculo de dor.

Aqui observamos *a mansidão e a debilidade de Cristo submetidas pelos alegres legionários*. Quando trouxeram a Cristo ao quarto da guarda, eles sentiam que o encontrava inteiramente em seu poder, e que Suas pretensões de ser um rei eram tão absurdas, que só poderiam ser um tema de desprezada zombaria. Estava pobremente vestido, pois somente levava a túnica de um campesino, era por acaso então um pretendente para vestir a púrpura? Guardava silêncio, e era o homem que fora incitar à nação a sedição? Estava todo cheio de feridas e hematomas, e acabava de sofrer o látego do verdugo, era então o herói que inspiraria o entusiasmo de um exército para derrocar à velha Roma? Parecia uma estranha diversão para eles, e como as bestas selvagens jogam com suas vítimas, assim eles jogavam com Ele. Garanto-lhes que eram muitas as piadas e os desprezos da tropa romana por suas costas, e forte era o riso em meio de suas fileiras. Olhem Seu rosto, que manso se mostra! Que diferente dos rostos altivos dos tiranos! Burlar-se de Seus direitos reais não era senão algo natural para a rude tropa. Ele era tão dócil como um bebê, tão terno como uma mulher; Sua dignidade era de uma resistência calma e tranquila, e certamente não era uma dignidade cuja força poderiam sentir esses semibárbaros homens, portanto o enevoavam com desprezos.

Recordemos que a debilidade de nosso Senhor *foi assumida por nossa causa*: por nós se converteu em cordeiro, por nós deixou de lado Sua glória, e, portanto, é mais doloroso quando vemos que essa humilhação voluntária, assumida em Si mesmo, foi o objeto de tanta gozação e escárnio, ainda que dignas de mais alto preço. Ele se

humilha para nos salvar, e nós rimos conforme se rebaixa; Ele deixa o trono para poder elevar-nos a esse trono, porem, enquanto Ele está graciosamente condescendendo, o riso grosseiro de um mundo ímpio é Sua única recompensa. Que coisa tão terrível! Por acaso foi o amor tratado de uma forma tão pouco amável? Certamente a crueldade que recebeu foi proporcional à honra que merecia, tão perversos são os filhos dos homens.

*“Oh, cabeça tão cheia de golpes!
Frente que perde o sangue vital!
Oh grandiosa humildade.
Sobre Seu rosto caem
As mais amargas indignidades;
Ele suporta tudo isso por mim.”*

Não era simplesmente que se burlavam de Sua humildade, mas sim que zombavam de Seus direitos de ser um rei. “Ah ah!” pareciam dizer, “é esse um rei? Deve se tratar de alguma rústica tradição judia, em verdade, que esse pobre carpinteiro reclame o direito de usar uma coroa. Por acaso esse é o Filho de Davi? Quando baterá em retirada à César e seus exércitos até o mar, e estabelecerá um novo estado, e reinará em Roma? Esse judeu, esse campesino, acaso irá cumprir o sonho de Sua nação, e governará sobre toda a humanidade?” Ridicularizavam essa ideia às mil maravilhas, e não nos surpreende que o fizeram, pois não podiam perceber Sua verdadeira glória.

Porem, amados, meu ponto jaz aqui, Ele *era um rei no sentido mais verdadeiro e enfático*. Se não tivesse sido um rei, então, como um impostor, teria merecido o escárnio, porem não haveria sentido tão profundamente; porem, sendo de verdade e realmente um rei, cada palavra deve ter atormentado Sua alma regia, e cada sílaba deve ter ferido profundamente seu espírito real. Quando os pretendidos direitos de um importar ficam expostos e são entregues ao escárnio, essa mesma pessoa sabe muito bem que merece todo o desprezo que recebe, e que pode dizer? Porem, se o herdeiro verdadeiro de todas as propriedades do céu e da terra tem Seus direitos denegados e Sua pessoa escarnecida, então Seu coração fica ferido, e a repreensão e a reprovação o enchem de aflição. Deveras não é triste que o Filho de

Deus, o bendito e único Potentado, tenha sido desonrado dessa forma?

E não se tratou de piadas, simplesmente, mas sim que a crueldade acrescentou dor ao insulto. Se somente tivessem tido a intenção de burlar-se Dele, poderiam ter tecido uma coroa de palha, porem, eles se propuseram em infligir-lhe dor, portanto, teceram uma coroa de espinhos. Contemplem, lhes rogo, a Sua pessoa, ao tempo que sofre nas mãos deles. O haviam acoitado até o ponto de provavelmente não havia nenhuma parte de Seu corpo que não sangrasse sob os golpes, exceto Sua cabeça, e agora deviam também fazer essa cabeça sofrer. Ai, toda nossa cabeça estava enferma, e todo nosso coração desfalecente, e assim Ele deve ser feito em Seu castigo semelhante a nós em nossa transgressão. Não havia nem uma só parte de nossa humanidade sem pecado, e não devia ter nenhuma parte de Sua humanidade sem sofrimento. Se tivéssemos escapado em alguma medida de iniquidade, Ele teria podido de escapar da dor nessa mesma medida, porem como levávamos o vestido sujo da transgressão, e ele nos cobria por completo da cabeça aos pés, ele também deveria levar as vestes da vergonha e da burla desde o alto da Sua cabeça à planta de Seus pés.

*Oh amor, tão ilimitado para ser exibido
Por ninguém, exceto unicamente pelo Senhor!
Oh amor ofendido, que suporta
As dores e a descarada maldição do ofensor!
Oh amor, que não poderia ter outro motivo,
Que a pura benignidade de salvar."*

Amados, sempre sinto como se minha língua estivesse amarrada, quando me coloco a falar dos sofrimentos de meu Senhor. Posso pensar neles, posso imaginá-los para mim, posso sentar-me e colocar-me a chorar por eles, porem não sei como retratá-los para os demais. Por acaso conheceram alguma pluma ou lápis que poderia pintá-los? Inclusive um Michelangelo ou um Rafael poderia muito bem retrair-se ao intento de pintar esse quadro; e a língua de um arcanjo poderia consumir-se no esforço de cantar as aflições Daquele que foi carregado com a vergonha de nossas transgressões vergonhosas. Os peço que, mais que escutar, meditem, e que se sentem e vejam a seu Senhor com seus próprios olhos amantes, em

vez de considerar minhas palavras. Eu só posso bosquejar o quadro, delineando toscamente ao carvão; devo deixar que vocês ponham as cores, e que logo se sentem e o estudem, porem, fracassarão como eu fracasso. Poderemos mergulhar, mas não poderemos alcançar as profundezas desse abismo de dor e de vergonha. Poderemos voltar atrás, porem esses montes acoitados pelas tormentas estão, todavia, por cima de nós.

II. Decorrendo outra vez a cortina desse espetáculo vergonhoso, vejo aqui uma ADVERTÊNCIA SOLENE que nos fala suavemente e nos comove desde esse espetáculo de dor. Perguntar-me-ão qual é essa advertência. É uma advertência para que jamais cometamos o mesmo crime que os soldados cometeram. *“Ele mesmo!”*, dirá; *“vamos, nós jamais teceríamos uma coroa de espinhos para colocá-la nessa amada cabeça.”* Elevo minhas orações para que jamais o façam; porem, existem muitas pessoas que o fizeram e o seguem fazendo. Os *que negam Seus direitos* são culpados desse crime. Os sábios desse mundo estão muito ocupados nesse mesmo momento por todo o universo, muito ocupados em recolher espinhos para enroscá-las e poder torturar ao Ungido do Senhor. Alguns deles afirmam: *“sim, Ele foi um bom homem, porem não o Filho de Deus;”* outros negam inclusive Sua excelência superlativa na vida e no ensino; colocam reparações a Sua perfeição e imaginam falhas onde não houve nenhuma. Nunca se sentem mais felizes que quando impugnam Seu caráter.

Eu poderia estar me dirigindo a alguns infiéis confessos aqui, a alguns cétricos no relativo à pessoa do Salvador e a Sua doutrina, e eu os acuso de coroar de espinhos ao Cristo de Deus cada vez que inventam acusações cruéis contra o Senhor Jesus, e quando expressam insultos contra Sua causa e de Seu povo. Ao negar-lhe Seus direitos e especialmente ao ridicularizá-los, estão repetindo a infeliz cena que temos diante de nós. Há algumas pessoas que usam todo seu gênio, e exercitam sua máxima habilidade, unicamente em descobrir discrepâncias nas narrações do Evangelho, ou invocar diferenças entre seus supostos descobrimentos científicos e as declarações da Palavra de Deus. Frequentemente espetaram suas próprias mãos quando estão tecendo coroas de espinhos para Ele, e eu temo que algum deles terão que deitar-se sobre um leito espinhoso quando chegarem à morte, como resultado da ostentação

de sua investigação científica das sarças com as que pretendiam afligir ao Amante da humanidade. Seria muito bom que não tivessem que deitar-se eternamente sobre algo pior que espinhos, quando Cristo venha pra julgá-los, condená-los e lançá-los no lago de fogo por todas suas impiedades concernentes a Ele. Oh, que abandonassem esse ofício malicioso e inútil de tecer coroas de espinhos para Ele, que é a única esperança do mundo, cuja religião é a estrela solitária que dá brilho à meia-noite da aflição humana, e guia o mortal ao porto da paz!

Inclusive pelos benefícios temporais do cristianismo, o bom Jesus deveria ser tratado com respeito; Ele emancipou ao escravo, e libertou o oprimido; Seu Evangelho é a carta magna da liberdade, o açoite dos tiranos e a morte dos sacerdotes. Propaguem-no e estarão propagando a paz, a liberdade, a ordem, o amor e a alegria. Ele é o maior dos filantropos, o verdadeiro amigo do homem, por que então, se colocam em fileira de batalha contra Ele, vocês que falam de progresso e ilustração? Basta com que os homens O conheçam e O coroariam com diademas de reverente amor mais preciosas que as pérolas da Índia, pois Seu reino abrirá as portas da época de ouro, e mesmo agora suaviza o rigor do presente, assim como erradicou as misérias do passado. Não é um bom negócio estar censurando e objetando, e eu os suplico aos que estão envolvidos nele que cessem em seus esforços pouco generosos, indignos de seres racionais e nocivos para suas almas imortais.

Essa coroação de espinhos é efetuada de outra forma por *profissões hipócritas de fidelidade a Ele*. Esses soldados colocaram uma coroa na cabeça de Cristo, porem não estavam manifestando sua intenção de que fosse rei; eles puseram um cetro em Sua mão, porem não era a valiosa vara de marfim que significava poder real, era só uma cana fina e frágil. Com isso, nos lembram que Cristo é escarnecido por *professantes insinceros*. Oh, vocês que não lhe amam no profundo de suas almas, vocês são que zombam Dele; porem, perguntarão: “em que falhei em coroar-lhe? Por acaso não me uni a igreja? Por acaso não professei que sou um crente?” Oh, porem, se seus corações não são retos dentro de vocês, unicamente lhe coroaram de espinhos; se não lhe entregaram sua própria alma, lançaram um cetro de cana em Sua mãos, em terrível escárnio. Sua própria religião zomba Dele. Suas profissões mentirosas são um escárnio. Quem requereu isso de

suas mãos, que pisoteie Seus átrios? Você o insulta em Sua mesa! O insulta quando está de joelho! Como pode dizer que O ama quando seu coração não está com Ele: Se nunca creu Nele, e não se arrependeu de seu pecado, e não aceitou obedecer Seus mandamentos, se não O reconhece como Senhor e Rei em sua vida diária, o exorto a que renuncie à profissão que é tão desonrosa para Ele. Se é Deus, sirva-lhe; se é Rei, obedece-lhe; senão é nada disso, então não professe ser cristão. Seja honesto e não traga nenhuma coroa, se não lhe aceita como Rei. Que necessidade há para que o insulte de novo com um domínio nominal, com uma homenagem falsa, e um suposto serviço? Oh, vocês hipócritas, considerem seus caminhos, não seja que logo o Senhor que provocaram se desembarace de Seus adversários.

O mesmo pode fazer, em alguma medida, os que são sinceros, porem que por falta de vigilância *caminham de maneira tal que desonram sua profissão*. Aqui, se falo corretamente, irei forçar cada um de vocês a confessar em seus espíritos que são condenáveis; pois cada vez que atuamos de acordo com nossa carne pecaminosa, corramos de espinhos a cabeça do Salvador. Quem de nós não fez isso? Amada cabeça, cujos cabelos, cada um deles, são mais preciosos que o ouro fino, quando te entregamos nossos corações pensamos que sempre te adorariamos, que nossas vidas inteiras seriam um único salmo entendido, louvando-lhe a bendizendo-lhe e coroando-lhe. Ai, como ficamos longe de nosso próprio ideal! O rodeamos com as sarças de nosso pecado. Sucumbimos a um temperamento irado, de tal forma que falamos inadvertidamente com nossos lábios; fomos mundanos e amamos o que Tu aborreces, ou cedemos a nossas paixões, e nos entregamos a nossos desejos malvados. Nossas vaidades, insensatez, esquecimentos, omissões e ofensas colocaram sobre Sua cabeça uma grinalda de desonra e nos estremecemos ao pensar nisso. Oh, cruéis corações e mãos que maltrataram assim ao Bem-amado, a Quem deveríamos ter tido o cuidado de glorificar diariamente!

Falo para algum rebelde cujo visível pecado desonrou a cruz de Cristo? Temo que esteja me dirigindo a alguns que uma vez tiveram um nome que é para vida, porem que agora são contados com os mortos em pecado. Certamente se existe uma fagulha de graça em vocês, o que estou dizendo agora tem que ferir-lhes no mais

profundo, e atuar como sal sobre uma ferida aberta para fazer que sua alma se doa. Por acaso não lhes zumbi os ouvidos quando os acuso de atos deliberados de inconsistência que teceram uma coroa de espinhos para a cabeça de nosso amado Senhor? Assim é, em verdade, pois vocês abriram suas bocas blasfemas, ensinaram aos adversários a vituperá-lo, afligiram à geração de Seu povo e fizeram a muitos tropeçar. Homens ímpios colocaram as faltas de vocês a porta do inocente Salvador; disseram: “essa é sua religião.” Vocês cultivaram os espinhos, porem Ele teve que sofrê-los. Nós chamamos nossas ofensas de inconsistências, porem os homens mundanos as consideram como o fruto do cristianismo, e condenam a videira por culpa dessas vides amargas. Acusam ao santo Jesus com as culpas de Seus seguidores desviados. Queridos amigos, não há espaço para que nos sintamos citados e prevenidos, cada um de nós? Ao considerá-lo, venhamos ao afligido e amante Penitente, e lavemos Seus amados pés com lágrimas de arrependimento, porque coramos de espinhos Sua cabeça.

Assim, nosso Deus e Senhor coroado de espinhos está diante de nós como um espetáculo doloroso, transmitindo-nos uma solene advertência.

III. Levantando novamente o véu, vemos na pessoa de nosso Senhor, torturado e insultado, uma FIRMEZA TRIUNFANTE. Ele não podia ser vencido, Ele era vitorioso inclusive na hora da vergonha mais profunda –

*“Ele com um coração resoluto
Carregou toda a ignorância e vergonha
Em meio da dor mais aguda
Amou de igual modo, sim, amou de igual modo.”*

Ele estava suportando naquele momento, em primeiro lugar, as *aflições substitutivas* que lhe correspondiam porque Ele esteve em nosso lugar, e não as evitou. Nós éramos pecadores, e a recompensa do pecado é dor e morte, portanto, sobre Ele foi o castigo de nossa paz. Ele estava suportando nesse momento o que nós tínhamos que ter suportado, esvaziando a copa que a justiça tinha misturado para nós. Deixou-se para trás? Oh, não. Quando chegou o momento de beber desse fel e desse absinto no jardim, colocou a mistura em Seus

lábios, e o golo pareceu cambalear Seu forte espírito por um momento. Sua alma estava muito triste, até a morte. Estava como alguém angustiado em grande medida, abalado de um lado para outro por uma agonia interna. “Pai”, disse, “se possível for, passe de mim esse cálice.” Três vezes pronunciou essa apelação, enquanto cada porção de Sua condição humana era o campo de batalha de legiões de aflições. Sua alma se apressava em sair por cada poro para encontrar respiradouro para seus inchaços, e Seu corpo inteiro estava coberto com suor de sangue. Depois dessa tremenda luta, a força do amor controlou a debilidade da humanidade; colocou esse cálice em Seus lábios e não titubeou, mas sim que sorveu dele até que não restasse nenhum resíduo; e agora a copa de ira está vazia, nenhum vestígio do terrível vinho da ira de Deus pode se achado nela. De um tremendo sorvo de amor, o Senhor bebeu até a última gota, a destruição de todo Seu povo. “Quem é o que condenará? Cristo é o que morreu, mas ainda, o que também ressuscitou,” e “agora, pois nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, os que não andam conforme a carne, mas sim conforme o Espírito.” Certamente, a resistência havia alcançado um ponto muito alto quando foi sujeito a suportar a dolorosa gozação que nosso texto descreve, porém, Ele não se acovardou, nem modificou Seu propósito estabelecido. Ele havia se comprometido, e chegaria até o fim. Observem-no, e vejam ali um milagre de paciente resistência das aflições que teriam mandando ao inferno a todo um mundo, se Ele não houvesse carregado com elas em nosso favor.

Alem da vergonha e do sofrimento devidos pelo pecado, com os que o Pai O quis quebrantar, Ele estava suportando *o excesso da malícia do ódio dos homens*. Por que os homens tinham que ter concentrado todo seu escárnio e sua crueldade em Sua execução? Não bastava com que Ele morresse? Gerava prazer a seus corações de ferro atormentar Suas sensibilidades mais ternas? Por que razão essas invenções para aprofundar Sua dor? Se qualquer um de nós houvesse sido escarnecido assim, não o teríamos suportado. Não há nenhum homem ou mulher aqui que teriam podido permanecer calados sob tais indignidades, porém, Jesus estava sentado em onipotência de paciência, em controle de Sua alma de maneira régia. Glorioso modelo de paciência, te adoramos quando vemos como a malícia não pôde vencer Teu amor todo poderoso! A dor que tinha suportado por causa dos açoites o fazia palpitar com extrema

angústia, porem não lemos nada sobre lágrimas ou gemidos, muito menos de queixas iradas ou ameaças vingativas. Não busca piedade, nem faz um chamado à redução do castigo. Não pergunta por quê torturam ou por que escarnecem. Intrépida testemunha! Mártir valoroso! Sofrendo terrivelmente, Tu sofres por sua vez com calma. Com tão perfeita estrutura corporal como a Sua, pois Seu corpo havia sido concebido sem pecado, deve ter sido suscetível de torturas que nossos corpos, transtornados pelo pecado, não poderiam sentir. Sua pureza delicada sentia um horror pela zombarias sem pudores que nossos espíritos mais endurecidos não poderiam calcular. No entanto Jesus suportou tudo, como somente o Filho de Deus poderia suportá-lo. Poderiam ter aumentado a carga como tivessem desejado, Ele só haveria agregado maior resistência para suportar tudo, porem jamais teria retrocedido nem se acovardado.

Atrevo-me a sugerir que tal era o quadro de paciência que nosso Senhor exibiu, que comoveu até mesmo alguns membros da tropa romana. Já lhes ocorreu perguntarem-se como Mateus chegou a inteirar-se sobre todo esse escárnio? Mateus não estava lá. Marcos também nos proporciona um relato a respeito, porem não lhe haveriam permitido estar na sala dos guardas. Os guardas pretorianos eram muito orgulhosos e rudes para tolerar a presença de judeu, e muito menos dos discípulos de Jesus no pretório. Posto que ninguém podia estar ali exceto os próprios legionários, é bom fazer-se a perguntas: quem contou essa história? Deve ter sido uma testemunha ocular. Por acaso não poderia ter sido esse mesmo centurião que, no mesmo capítulo, nos informa que disse: *“Verdadeiramente esse era o Filho de Deus?”* Por acaso essa cena, conjuntamente com a morte do Senhor, não poderiam ter-lhe levado a essa conclusão? Não o sabemos, porem isso sim é evidente, que a história deve ter sido contada por uma testemunha ocular, e também por alguém que simpatizava com o Cristo que sofria, pois a meu ouvido não parece o relato de um espectador indiferente. Não me surpreenderia (e quase me atreveria a afirmar isso), que o rosto desfigurado porem paciente de nosso Senhor pregou um sermão que ao menos um dos que o viu, sentiu seu misterioso poder, sentiu que tal paciência era mais que humana, e aceitou a partir desse momento ao Salvador coroado de espinhos como Seu Senhor e seu Rei. Isso sim sei em verdade, que se você e eu queremos conquistar

corações de homens para Jesus, devemos também sermos pacientes; e sim, quando nos ridicularizam e nos perseguem, poderemos suportá-lo sem queixas nem represálias, exerceremos uma influência que ainda os que são mais brutais sentirão, influência que submetera as mentes escolhidas.

IV. Levantando o véu novamente, penso que temos diante de nós, em quarto lugar, na pessoa do triunfante Sofredor, uma SAGRADA MEDICINA. Eu só posso sugerir as enfermidades que curará. Esses espinhos salpicados com sangue são plantas de renome, preciosas na cirurgia celestial, se são usadas corretamente. Basta que tomem um só espinho dessa coroa e que a usem como um bisturi, e fará brotar o sangue quente da paixão e abaterá a febre do orgulho; é um remédio maravilhoso para os inchaços” da carne e das dolorosas chagas do pecado. Quem vê a Jesus coroado de espinhos detestará olhar-se a si mesmo, exceto se é através das lágrimas da contrição. Esse espinho no peito fará que os homens cantem, porem não com notas de congratulação egoísta, mas sim com notas que serão as de uma pomba que geme por seu amado.

Gideão ensinou aos homens de Sucot com espinhos (Juízes 8: 7,17), porem as lições não foram tão saudáveis como as lições que aprendemos do espinho de Jesus. A sagrada medicina que o bom Médico nos trás em sua grinalda de espinhos atua como um tônico, e nos revigora para suportam sem pressão alguma qualquer vergonha ou perda que Seu serviço nos possa acarretar –

*“Quem derrota a meus ferozes inimigos?
Quem consola minhas mais tristes aflições?
Quem revive meus desfalecente coração,
Sarando toda sua dor escondida?
Jesus coroado de espinhos.”*

Quando começam a servir a Deus, e por Sua causa procuram beneficiar a seus semelhantes mortais, não esperem nenhuma recompensa dos homens, exceto serem mal compreendidos, converter-se suspeito, e ser vituperado. Os melhores homens do mundo são aqueles de quem pior se fala. Um mundo depravado não pode falar bem de vidas santas. A fruta mais doce é a mais picada pelos pássaros, a montanha mais próxima ao céu é a mais golpeada

pelas tormentas, e o caráter mais amável é o mais assediado. Aqueles aos quais quer salvar não o agradecerão por sua ansiedade, mas sim o culparão por sua interferência. Se censuram os pecados deles, com frequência ressentirão de suas advertências; se o convidam a Jesus, tomarão sem cuidado seus rogos. Você está preparado para isso? Se não o está, considere Àquele que suportou tal oposição dos pecadores para que sua mente não se canse ou desfaleça. Se tiver êxito em trazer muitas pessoas a Cristo, não deve contar com uma honra universal; será acusado de interesses egoístas, dirão que andas atrás de popularidade, ou algum outro crime parecido; será mal-interpretado, difamado, caricaturizado, e considerado um insensato ou patife pelo mundo ímpio. As probabilidades são que a coroa que ganhará nesse mundo, se serves a Deus, conterà mais partículas pontiagudas do que safiras, mais abrolhos que águas-marinhas. Quando seja colocar em sua cabeça, peça graça para que leve-as com alegria, considerando um verdadeiro gozo ser semelhante a seu Senhor. Digas em seu coração: “não sinto desonra nessa desonra. Os homens poderão me imputar coisas vergonhosas, mas não me sinto envergonhado. Poderão degradar-me, porem, não estou degradado. Poderão me cobrir de desprezo, porem não sou desprezível.” O Pai de família foi chamado Belzebu e foi cuspidado, e não podem tratar pior aos de Sua casa, portanto, nos burlamos de seu escárnio. Dessa forma somos estimulados à paciência pela paciência do desapreciado Nazareno.

A coroa de espinhos é também *um remédio para o descontentamento e a aflição*. Quando estamos suportando uma dor corporal somos propensos a estremecer e nos impacientar, mas se lembramos de Jesus coroado de espinhos, dizemos –

***“Seu caminho foi muito mais escabroso e escuro que o meu;
Sofreu Cristo meu Senhor e por acaso eu me queixarei?”***

E assim nossas queixas se desvanecem; por pura vergonha não nos atrevemos a comparar nossas dolências a Suas dores. A resignação é aprendida aos pés de Jesus, quando vemos nosso grandioso Exemplo aperfeiçoado no sofrimento.

A coroa de espinhos é uma cura para a ansiedade. Alegrementemente levaríamos qualquer enfeite que nosso Senhor nos prepare, porem é

uma grande insensatez tecer coroas de espinhos sem necessidade para nós mesmos. No entanto, vi a alguns que são, assim o espero, verdadeiros crentes, que se esforçam muito em criarem problemas para si mesmos, e trabalham intensamente para aumentar seus trabalhos intensos. Apressam-se para serem ricos, se desgastam, se esforçam, se preocupam, e se atormentam a si mesmo para carregarem-se com o peso da riqueza; se ferem a si mesmos para levar a coroa de espinhos da grandeza mundana. Muitas são as formas de fazermos varas para nossas próprias costas. Conheci a algumas mães que tecem coras de espinhos com seus próprios filhos, aos quais não podem confiar a Deus, e levam coroas de ansiedades pela família, quando teriam podido se regozizado em Deus. Conheci a outros que se fazem coroas de espinhos com medos insensatos, que não tinham razão de existir; porem, pareciam ansiosos de estarem inquietos, ávidos de se espetarem com cardos.

Oh crente, diga a si mesmo: “meu Senhor levou minha coroa de espinhos por mim, por que deveria de levá-la eu também?” Ele tomou nossas aflições e levou nossas dores para que nós fossemos um povo feliz, capaz de obedecer ao mandamento “Não os afaneis pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã trará seu afã.” Nossa é a coroa de favores e misericórdias, e a levamos quando deixamos todo nossa ansiedade sobre Ele, que cuida de nós.

Essa coroa de espinhos nos cura do desejo *de das vanglórias do mundo*, obscurece toda pompa e glórias humanas até que se convertam em fumaça. Se pudéssemos trazer aqui a tiara pontifícia, ou a diadema imperial da Alemanha, ou as insígnias reais do Czar de Todas as Rússias, o que valem comparadas com a coroa de espinhos de Jesus? Sentemos a qualquer grande em seu trono, e vejam que pequeno se vê quando Jesus se senta a seu lado. Que elemento de condição real existe em espremer aos homens, viver a custas de seus trabalhos e dar-lhes muito pouco em troca? O que convêm a um rei é que todos os súditos estejam sumamente agradecidos por um desinteressado amor e ser a fonte de bênçãos para eles. Oh, lhe quita o brilho a seu ouro, e o lustre de todas suas jóias, e a beleza de todas suas preciosas guloseimas, quando comprovamos que nenhuma púrpura imperial pode igualar a glória de Seu sangue, e nenhuma jóia pode rivalizar com Seus espinhos. O espetáculo e a ostentação cessam de

ter atrativos para a alma uma vez que as excelências superlativas do Salvador agonizante foram discernidas pelo olho esclarecido.

Quem busca a comodidade quando viu ao Senhor Cristo? Se Cristo leva uma coroa de espinhos, ambicionaremos uma coroa de laurel? Ainda o feroz Cruzado quando entrou em Jerusalém e foi eleito rei, teve o suficiente sentido de dizer: “não levarei uma coroa de ouro na mesma cidade na que meu Salvador levou uma coroa de espinhos.” Por que deveríamos de desejar, como soldados que dormem sobre leitos de plumas, termos tudo arrumado para nossa comodidade e prazer? Por que haveríamos de reclinar-nos em amplos leitos quando Jesus pende de uma cruz? Por que esses delicados vestidos quando Ele está nu? Por que esses luxos quando Ele é tratado barbaramente? Dessa forma, a coroa de espinhos nos cura imediatamente da vanglória do mundo, e de nosso próprio amor egoísta à comodidade. O trovador do mundo poderá gritar: “ei, rapaz, venha aqui e coroe-me com botões de rosas!” porem a solicitação do hedonista não é para nós. Para nós, nem os deleites da carne nem o orgulho da vida podem ter encanto enquanto o Varão de dores está à vista. Devemos sofrer ainda e trabalhar duro até que o Rei nos chame a compartilhar Seu repouso.

V. Devo notar em quinto lugar que existe diante de nós uma COROAÇÃO MÍSTICA. Tenham paciência com minhas múltiplas divisões. A coroação de espinhos de Cristo foi simbólica, e continha um grande significado, pois, primeiro, foi para Ele *uma coroa triunfante*. Cristo tinha combatido com o pecado desde o dia que esteve frente à frente a ele, no deserto, até quando entrou no pretório de Pilatos, e o venceu. Como uma amostra que tinha ganhado a vitória, eis aqui a coroa do pecado tomada como um troféu! Qual era a coroa do pecado? Espinhos. Essas brotaram da maldição. “*Espinhos e cardo te produzirá,*” foi a coroação do pecado, e agora Cristo lhe tirou sua coroa e a colocou em Sua própria cabeça. Despojou ao pecado de sua mais rica insígnia real e Ele mesmo a usa. Glorioso campeão, salve! Que será se digo que os espinhos constituíam uma coroa mural⁴? O Paraíso foi cercado com uma cerca de espinhos tão agudos que ninguém podia entrar, porem nosso campeão saltou primeiro a muralha defensiva e levou o estandarte

⁴ **Coroa mural:** a que se concedia ao soldado que escalava o primeiro muro de uma cidade sitiada.

manchado com sangue de Sua cruz até o coração desse novo e melhor Éden, que dessa forma ganhou para nós, para não o perder jamais. Jesus levou a coroa mural, que denota que abriu o Paraíso. Foi a coroa de um lutador a que levou, pois lutou não com carne e sangue, mas sim com principados e potestades, e venceu Seu inimigo. Levou a coroa de um corredor, pois tinha corrido contra os poderosos e os deixou para trás na carreira. Já quase tinha acabado Sua corrida e só lhe faltavam um ou dois passos por dar, para alcançar a meta. Aqui existe um maravilhoso espaço para se estender, mas devemos nos deter já para não nos deixar ir demasiadamente longe. Era uma coroa rica de glória, apesar da vergonha com a que se pretendia o cobrir. Vemos em Jesus o monarca dos domínios do sofrimento, o primeiro em meio de dez mil sofredores. Jamais digam: “eu sofro muito.” Que são nossas dores comparadas com as Suas?

Quando o poeta se fixou por cima do Monte Palatino e pensou na horrenda ruína de Roma, exclamou: “Quais são nossas dores e sofrimentos?” Da mesma forma eu pergunto, que são nossos superficiais sofrimentos comparados com as infinitas aflições de Emanuel? Melhor podemos “controlar em nossos oprimidos peitos nosso abatimento insignificante.” Mais ainda, Jesus é o príncipe dos mártires. Ele dirige a caravana entre o nobre exército de testemunhas sofredoras e de confesores da verdade. Ainda que morreram na fogueira, e se consumiram em calabouços, ou lançados às bestas selvagens, nenhum deles reclama um primeiro lugar; porem, Ele, a Testemunha fiel e verdadeira, com a coroa de espinhos e a cruz, se acha à cabeça de todos eles.

Talvez não seja nossa sorte nos unir a esse augusto grupo, porem, se existe uma honra pela que invejaremos legitimamente aos santos dos tempos antigos, é essa, que nasceram naqueles dias valorosos quando a coroa de rubi estava ao alcance humano, e quando se podia esperar o supremo sacrifício. Somos uns pusilânimes, em verdade, se nesses dias mais tranquilos, nos envergonhamos de confessar a nosso Senhor, e temos medo de um pouco de escárnio, ou tememos diante das críticas dos supostos sábios. Mais bem, sigamos ao Cordeiro onde quer que vá, contentes em levar Sua coroa de espinhos para que em Seu reino possamos contemplar Sua glória.

VI. A última palavra é essa. Na coroa de espinhos vejo um PODEROSO ESTÍMULO. Um poderoso estímulo para que? Bem, primeiro, um estímulo para um *fervente amor a Ele*. Vocês possam vê-Lo coroado de espinhos sem se sentirem atraídos a Ele? Creio que se Ele viesse aqui no dia de hoje e o pudéssemos ver, haveria uma amorosa aglomeração em volta Dele para tocar a borda de Seu vestido ou beijar Seus pés. Salvador, Tu és mui precioso para nós. Mais amado que todos os homens do alto, meu Salvador e meu Deus, Tu és sempre glorioso, porem, nesses dias, é mais amável quando estás vestido com esse vergonhoso escárnio. O Lírio do Vale, e a Rosa de Sharon, ambos em um é Ele, formoso na perfeição de Seu caráter, e vermelho de sangue na grandeza de Seus sofrimentos. Adorem-no, Adorem-No, Bendigam-Lhe! E que Suas vozes cantem: “O Cordeiro é digno.”

Continuando, *o espetáculo é um estímulo para o arrependimento*. Nossos pecados colocaram espinhos ao redor da Sua cabeça? Oh, minha pobre natureza caída, te açoitarei por açoitar a Ele, e te farei fazer sentir os espinhos porquanto Ele os suportou. Como podem ver a seu Amado submetido a tanta vergonha e, no entanto podem fazer uma trégua ou dialogar com os pecados que o atravessaram? Não pode ser. Declaremos diante de Deus a profunda dor de nossas almas por ter feito sofrer ao Salvador de tal maneira; logo, peçamos graça para cercar nossas vidas com espinhos para que a partir desse momento o pecado não se aproxime de nós.

Recordo-me hoje quando frequente vi o abrunheiro espinhosos crescer na cerca toda eriçada com mil farpas, porem, justo no centro do arbusto vi um precioso ninho de passarinho. Por que essa criatura colocou sua habitação ai? Porque as espinhas se convertem em uma proteção para ela, e a abrigam de qualquer dano. Conforme meditava a noite sobre esse bendito tema, me ocorreu lhes pedir que construam seus ninhos dentro dos espinhos de Cristo. É o lugar seguro para os pecadores. Analisem os sofrimentos de Seu Salvador, e verão a expiação do pecado. Voem para Suas feridas! Voem, vocês, tímidas pombas estremecidas! Não há um lugar de descanso mais seguro para vocês. Construam seus ninhos, repito, entre esses espinhos, e quando o tenham feito, e tenham confiado em Jesus, e o tenham aceitado como seu tudo em tudo, então venham e coroaem

Sua sagrada cabeça com outras coroas. Qual glória merece? O que é suficientemente bom para Ele? Se pudéssemos tomar todas as coisas preciosas de todos os tesouros dos monarcas, não seriam dignas nem de ser pedrinhas em Seus pés. Se pudéssemos trazer-lhe todos os cetros, mitras, tiaras, diademas e todas as outras pompas da terra, seriam todas indignas de ser lançadas ao pó diante Dele.

Com que haveríamos de coroar-Lhe? Venham, teçamos conjuntamente nossos louvores e usemos nossas lágrimas como pérolas e nosso amor como ouro. Brilharão como diamantes em Sua estima, pois Ele ama o arrependimento, e ama a fé. Façamos nessa manhã uma grinalda com nossos louvores e o coroemos como o Laureado de graça. Esse dia em que ressuscitou dos mortos, o glorifiquemos. Oh, que recebamos graça para fazê-lo com o coração, e logo em nossa vida, e logo com nossa língua, para que louvemos eternamente a Quem submeteu Sua cabeça à vergonha por nós.

Porção da Escritura lida antes do Sermão: Mateus 27:11-54

O Ladrão Que Creu

No. 2078

Sermão pregado na manhã de Domingo, 7 de Abril de 1889.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“Então disse: Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:42, 43).

Faz algum tempo que preguei sobre a história completa do ladrão moribundo. Não me proponho a fazer o mesmo no dia de hoje, somente quero vê-lo desde um ponto de vista específico. A história da salvação do ladrão agonizante é um exemplo notável do poder de salvação de Cristo, e de sua abundante disposição para receber a todos que vêm a Ele, em qualquer condição em que possam estar. Não posso considerar este ato de graça como um exemplo solitário, como tampouco a salvação de Zaqueu, a restauração de Pedro, ou o chamado de Saulo, o perseguidor.

Em certo sentido, toda conversão é única: não há duas iguais, e contudo, qualquer conversão é um modelos de outras. O caso do ladrão moribundo é muito mais semelhante à nossa conversão, do que diferente; de fato, seu caso se pode considerar mais como típico do que como um fato extraordinário, e assim o considerarei neste momento. Que o Espírito Santo fale por ele para alentar aqueles que estão à beira do desespero!

Recordem, amados amigos, que nosso Senhor Jesus, no momento que salvou a esse malfeitor, estava em seu ponto mais baixo. Sua glória havia minguado no Getsêmani, e diante de Caifás, Herodes e Pilatos; mas agora havia alcançado seu nível mais baixo. Despido de sua túnica, e cravado na cruz, a atrevida multidão zombava de nosso Senhor que, agonizante, estava morrendo; então Ele *“foi contado entre os transgressores”* e foi feito como escória de todas as coisas. Contudo, ainda nessa condição, concluiu esse maravilhoso ato de graça. Vejam a maravilha produzida pelo Salvador despojado

de toda Sua glória, e pregado no madeiro em um espetáculo de vergonha, à beira da morte! Quão certo é que pode fazer grandes maravilhas de misericórdia agora, visto que regressou a Sua glória, e está assentado no trono de luz! *“Pode salvar por completo aos que por meio dele se achegam a Deus, posto que vive para sempre para interceder por eles”*.

Se um Salvador agonizante salvou o ladrão, meu argumento é que Ele pode fazer ainda mais agora que vive e reina. Todo poder no céu e na terra Lhe foi dado; pode algo no momento presente se sobrepor ao poder de Sua graça? Não é somente a debilidade de nosso Salvador que faz memorável a salvação do ladrão penitente; é o fato de que o malfeitor moribundo o viu diante de seus próprios olhos. Você pode se pôr em seu lugar, e imaginar a alguém que está suspenso em agonia de uma cruz? Poderia facilmente crer que era o Senhor da glória, e que logo iria a seu reino?

Não seria pouca a fé para que, em um momento assim, cresse em Jesus como Senhor e Rei. Se o apóstolo Paulo estivesse aqui, e quisesse agregar um versículo ao Novo Testamento, ao capítulo onze do Livro de Hebreus, começaria certamente seus exemplos de fé admirável com a fé deste ladrão, que creu em um Cristo crucificado, ridicularizado e agonizante, e clamou a Ele como a alguém cujo reino viria com certeza. A fé do ladrão foi ainda mais notável porque estava sob uma terrível dor, e condenado a morrer. Não é fácil exercitar a paciência quando se é torturado por uma angústia mortal. Nosso próprio descanso mental às vezes se vê perturbado pela dor do corpo quando somos sujeitados por um sofrimento agudo, não é fácil mostrar essa fé que cremos possuir em outras situações. Este homem, sofrendo como estava, e vendo ao Salvador em um estado tão triste, contudo, ainda assim creu para a vida eterna. Fala aqui uma fé que raramente se vê.

Recordem, também, que estava rodeado de zombadores. É fácil nadar com a corrente, mas é duro ir contra ela. Este homem ouviu os sacerdotes orgulhosos, quando ridicularizavam ao Senhor, e a grande multidão do povo, todos a uma só voz, unirem-se no escárnio; seu companheiro captou o espírito da hora e também zombou, e ele talvez tenha feito o mesmo por um breve momento; mas pela graça de Deus foi transformado, e creu no Senhor Jesus

apesar de todo seu desprezo. Sua fé não foi afetada pelo que o cercava; ele, pelo contrário, ladrão agonizante como era, se reafirmou em sua confiança. Como uma rocha saliente, colocada no meio da torrente de águas, declarou a inocência do Cristo, de quem outros blasfemavam. Sua fé é digna de que a imitemos em seus frutos. Nenhum outro membro de seu corpo estava livre exceto sua língua, e a utilizou sabiamente para repreender a seu irmão malfeitor, e defender ao Seu Senhor. Sua fé tornou manifesto um valente testemunho e uma confissão ousada. Não vou elogiar o ladrão, ou a sua fé, mas a exaltar a glória dessa graça divina que deu ao ladrão uma fé assim, e logo imerecidamente o salvou por seu meio. Estou ansioso de mostrar quão glorioso é o Salvador, esse Salvador que salva de maneira completa, aquele que em um momento assim, pôde salvar a esse homem, e dar-lhe uma fé tão grande, e tão perfeita e rapidamente prepará-lo para a felicidade eterna. Vejam o poder desse Espírito que podia produzir tal fé em um solo tão pouco promissor, e em um clima tão pouco propício. Entremos de imediato no centro do nosso sermão.

Primeiro, observem ao homem que foi o *último companheiro de nosso Senhor na terra*; segundo, observem que esse *mesmo homem foi o primeiro companheiro de nosso Senhor na porta do paraíso*; e terceiro, *vejamos o sermão que nosso Senhor nos prega neste ato de graça*. Oh, que o Espírito Santo abençoe este sermão do princípio ao fim!

I. Com muito cuidado OBSERVEMOS QUE O LADRÃO CRUCIFICADO FOI O ÚLTIMO COMPANHEIRO DE NOSSO SENHOR NA TERRA. Que triste companhia nosso Senhor selecionou quando esteve aqui. Não se juntou com os religiosos fariseus nem com os filosóficos saduceus, senão que era conhecido como o *“amigo de publicanos e de pecadores”*. Como me regozijo nisto! Me dá a segurança de que Ele não recusará associar-se comigo. Quando o Senhor Jesus me fez seu amigo, seguramente que não fez uma seleção que lhe trouxesse crédito. Crês que ganhou alguma honra quando te fez seu amigo? Acaso ganhou algo por causa de nós alguma vez? Não, irmãos meus; se Jesus não tivesse se inclinado tão baixo, talvez não teria vindo a mim; e se não tivesse procurado ao mais indigno, não teria vindo a ti. Assim o sentes, e estás agradecido pois Ele veio *“não para chamar a justos, senão pecadores”*.

Como o Grande Médico, nosso Senhor passava muito tempo com os enfermos: se dirigia para onde podia exercitar sua arte de curar.

Os sãos não necessitam de um médico: não podem apreciá-lo, nem oferecem a oportunidade para que ele exercite sua habilidade; por conseguinte, Ele não frequentou suas moradas. Sim, depois de tudo, nosso Senhor fez uma boa escolha quando te salvou e quando me salvou; em nós encontrou abundante campo para a sua misericórdia e graça. Houve suficiente espaço para que Seu amor pudesse trabalhar dentro dos terríveis vazios de nossas necessidades e pecados; e ali Ele fez grandes coisas por nós, pelas quais nos alegramos.

Para que não haja aqui alguém que se desespere e diga: “nunca se dignará a olhar para mim,” quero que estejam advertidos que o último companheiro de Cristo na terra foi um pecador, e não um pecador comum. Havia transgredido as leis do homem, pois era um ladrão. Alguém que se chama “bandido”; e suponho que provavelmente esse era o caso. Os bandidos desses dias mesclam o assassinato com seus roubos: era provavelmente um pirata armado contra o governo romano, fazendo disto um pretexto para saquear se a ele fosse apresentada a oportunidade. Ao fim, foi feito prisioneiro e foi condenado por um tribunal romano, que de forma geral, era usualmente justo, e neste caso, certamente o foi; pois o mesmo confessa a justiça de sua condenação. O malfeitor que creu na cruz era um ladrão convicto, que havia permanecido na cela dos condenados e logo sofreria a pena capital por seus crimes. Um criminoso convicto era a última pessoa com a qual nosso Senhor teve que tratar nesta terra. Que amante das almas dos culpados é Ele! Como se inclina até o mais baixo da humanidade! À este homem tão indigno, antes que deixasse a vida, o Senhor da glória falou com graça incomparável, falou-lhe com palavras tão maravilhosas como nunca se poderão superar ainda que procures em todas as Escrituras: “Hoje estarás comigo no paraíso.”

Não creio que em nenhuma parte deste Tabernáculo se encontre alguém que tenha sido convencido diante da lei, que nem sequer se possa culpar de uma transgressão contra a honestidade comum; mas se houvesse uma pessoa assim entre os meus ouvintes, a convidaria a que encontrar perdão e transformação em seu coração por meio de

nosso Senhor Jesus Cristo. Podes chegar a Ele, quem quer que sejas; este homem o fez. Aqui há um exemplo de alguém que havia chegado ao fundo da culpa, e que o reconheceu; não procurou desculpas, nem buscou um manto para tapar seu pecado; estava nas mãos da justiça, enfrentando sua sentença de morte, e contudo creu em Jesus, e disse uma humilde oração para Ele, e ali mesmo foi salvo. Como é a amostra assim é o todo. Jesus salva a outros do mesmo tipo. Por isso, deixem-me expor de forma muito simples, de maneira que ninguém me interprete mal, nenhum de vocês está excluído da infinita misericórdia de Cristo, por maior que seja a iniquidade de vocês: se crêem em Jesus, Ele os salvará.

Este homem não somente era um pecador; era um pecador que apenas havia despertado. Não creio que antes tivesse pensado seriamente no Senhor Jesus. De acordo com os outros evangelistas, parece que se tinha unido com seu companheiro ladrão para zombar de Jesus: se em realidade não utilizou palavras de opróbrio, no mínimo chegou a consentir com elas, de maneira que o evangelista não lhe fez injustiça quando disse, *“também os ladrões que estavam crucificados com ele lhe injuriavam da mesma maneira”*. Contudo, repentinamente, se desperta a convicção de que o homem que está agonizando ao seu lado é algo mais que um homem. Lê o título sobre a sua cabeça, e acertadamente crê: *“Este é Jesus, o rei dos judeus”*. Ao crer-lhe assim, fez sua petição ao Messias, que havia encontrado havia pouco tempo, e se encomenda em suas mãos. Querido eitor, vê esta verdade, que no momento em que um homem sabe que Jesus é o Cristo de Deus pode pôr de imediato confiança Nele e ser salvo? Um certo pregador, cujo evangelho era muito duvidoso, dizia: “vocês, que viveram no pecado por cinquenta anos, creem que em um instante podem ser limpos pelo sangue de Jesus?” Respondo: “Sim, certamente cremos que em um instante, por meio do precioso sangue de Jesus, a alma mais negra pode se tornar branca. Certamente cremos que em um simples instante podem ser absolutamente perdoados os pecados de sessenta ou setenta anos, e que a velha natureza, que ia se tornando cada vez pior, pode receber sua ferida de morte em um instante, enquanto a vida eterna pode ser implantada de imediato na alma.” Assim foi com este homem. Havia tocado no fundo, mas em um momento, se despertou a convicção de que o Messias estava junto a ele, e crendo, o viu e viveu.

Assim que, meus irmãos, se vocês nunca tiveram uma convicção religiosa em suas vidas, se viveram até agora uma vida totalmente ímpia, ainda assim, se neste exato momento creem que o amado Filho de Deus veio ao mundo para salvar aos homens do pecado, e sinceramente reconhecem seus pecados e confiam Nele, imediatamente serão salvos. Sim, enquanto digo estas palavras, a obra da graça pode ser consumada pelo Ser glorioso que foi ao céu com poder onipotente para salvar.

Desejo expor este caso de forma muito simples: este homem que foi o último companheiro de Cristo sobre a terra, era um pecador na miséria. Seus pecados lhe haviam encurralado: agora tinha a recompensa por suas obras. Constantemente encontro pessoas nesta condição: viveram uma vida de libertinagem, excessos e descuidos, e começam a sentir que caem em seus corpos as chamas de fogo da tempestade da ira; vivem em um inferno terreno, um prelúdio da condenação eterna. O remorso como uma áspide os picou, convertendo seu sangue em fogo. Este homem estava neste terrível estado, e mais, estava no extremo. Já não podia viver muito: a crucificação era inevitavelmente fatal; em pouco tempo as pernas lhe romperiam para pôr fim a sua existência infeliz. Ele, pobre alma, não tinha de vida senão um curto espaço do meio-dia ao pôr-do-sol; mas esse era o tempo suficiente para o Salvador, que é poderoso para salvar. Alguns têm muito medo que as pessoas adiem o momento de vir a Cristo se afirmamos isto. Não posso impedir o que os homens de má fé façam com a verdade, mas eu vou proclamá-la de todas as maneiras. Se estão a uma hora de morrer, creiam no Senhor Jesus Cristo, e serão salvos. Se não chegarem jamais a seus lares, porque poderão morrer no caminho, se agora creem no Senhor, serão salvos de imediato. Olhando para Jesus e confiando nele, Ele lhes dará um coração novo e um espírito reto, e tirará a mancha dos vossos pecados. Esta é a glória da graça de Cristo. Como gostaria de enaltecer sua graça com uma linguagem adequada! A última vez que foi visto na terra antes de morrer foi em companhia de um criminoso convicto, a quem falou da maneira mais amorosa. Venham, oh culpados, e Ele os receberá com abundante graça!

Mais ainda, este homem a quem Cristo salvou no último momento *era um homem que já não podia realizar boas obras*. Se a salvação fosse pelas boas obras, não poderia ter sido salvo; posto que estava atado de pés e mãos ao madeiro de seu destino funesto. Tudo havia terminado para ele quanto a qualquer ato ou obra de justiça. Poderia dizer uma ou duas boas palavras, mas isso era tudo; não podia executar nada bom; se sua salvação tivesse dependido de uma vida ativa de serviço, certamente que nunca poderia ter sido salvo. Como pecador que era, não podia exhibir um arrependimento duradouro do pecado, pois tinha curtíssimo tempo para viver. Não podia ter experimentado uma amarga convicção de seus atos, que tivesse durado meses e anos, pois seu tempo estava medido em instantes, e estava à beira da sepultura. Seu fim estava muito perto, e contudo, o Salvador o pôde salvar, e o salvou tão perfeitamente que antes do pôr-do-sol, estava no paraíso com Cristo.

Este pecador, que não pude descrever com cores demasiadamente negras, foi um que creu em Jesus, e confessou sua fé. Confiou no Senhor. Jesus era um homem, e assim ele lhe chamou; mas também soube que era o Senhor, e assim lhe chamou e disse: *“Senhor, lembra-te de mim”*. Tinha tal confiança em Jesus que se tão somente o Senhor pensasse nele, se tão-somente o recordasse quando chegasse ao seu reino, isso seria o que pediria dele. Ah, meus queridos leitores! A inquietude que sinto por alguns de vocês é que sabem tudo acerca do Senhor, e contudo não confiam nele. A confiança é o ato salvador. Há alguns anos estavam no ponto de confiar realmente em Jesus, mas agora seguem tão distantes dele como estavam então. Este homem não titubeou: se agarrou a essa única esperança. Não guardou em sua mente a segurança no Senhor como Messias como uma crença seca, morta, senão que a transformou em confiança e oração, *“Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino”*. Oh, que muitos de vocês possam confiar neste dia, na infinita misericórdia do Senhor! Seriam salvos, estou seguro que seriam: se vocês, ao confiarem Nele não são salvos, eu mesmo teria que renunciar a toda esperança. Isto é tudo o que nós temos feito: temos visto, e temos vivido, e continuamos vivendo porque vemos ao Salvador vivente; oh, que esta manhã, ao sentir o pecado, vejam a Jesus, confiando nele, e confessando essa confiança! Reconhecendo que Ele é Senhor para a glória de Deus Pai, vocês devem e serão salvos.

Como consequência de ter esta fé que o salvou, este pobre homem disse uma oração humilde porém apropriada, “*Senhor, lembra-te de mim*”. Isto não parece que seja pedir muito, mas como ele o compreendeu, é tudo o que um coração ansioso poderia desejar. Ao pensar no reino, tinha uma tão clara idéia da glória do Salvador, que sentiu que se o Senhor tão somente pensasse nele, seu estado seria salvo. José na prisão, pediu ao copeiro do rei que se lembrasse dele quando o rei restaurasse seu posto; porém o copeiro o esqueceu. Nosso José nunca esquece um pecador que clama a Ele dentro do mais profundo calabouço; em seu reino recorda os lamentos e queixas dos pobres pecadores oprimidos pelo sentimento de seu pecado. Não podes orar nesta manhã, e desta maneira assegurar-te um lugar na memória do Senhor Jesus?

Assim intentei descrever ao homem, e depois de ter feito o melhor que pude, falharei em meu propósito a menos que os faça ver que qualquer coisa que este ladrão tenha sido, não é senão uma descrição do que vocês são. Especialmente se foram grandes pecadores, e se viveram muito tempo sem se preocuparem pelas coisas eternas, são como este malfeitor; e contudo, vocês, sim, vocês, podem fazer o que o ladrão fez; podem crer que Jesus é o Cristo e encomendar suas almas em suas mãos, e Ele os salvará tão seguramente como salvou ao bandido condenado. Jesus com graça abundante disse: “*Ao que vem a mim, de maneira alguma o lançarei fora*”. Isto significa que se vocês vêm e confiam Nele, não importa o que sejam, Ele, por nenhuma razão, e sob nenhum fundamento, nem circunstância, os lançará fora. Compreendem esse pensamento? Sentem que lhes pertence, e que, se vão a Ele, encontrarão vida eterna? Me regozijo se já percebem esta verdade.

Há poucas pessoas que tenham tanto trato com almas abatidas e desesperadas como eu. Pobres rejeitados me escrevem continuamente. Apenas sei o motivo. Não tenho um dom especial para consolar, mas com gosto me inclino a reconfortar aos afligidos, e parece que eles sabem. Que alegria tenho quando vejo a um desalentado que encontrou a paz! Tive esta alegria várias vezes durante a semana que acaba de terminar. Quanto desejo que alguns de vocês, que têm o coração destroçado, porque não podem encontrar perdão, quisessem vir ao meu Senhor, e confiar Nele, e

descansar! Ele não disse: “*Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu os aliviarei*”? Venham e o ponham à prova, e o descanso será de vocês.

II. Em segundo lugar, OBSERVEM QUE ESTE HOMEM FOI O COMPANHEIRO DE NOSSO SENHOR NA PORTA DO PARAÍSO. Não vou especular quanto ao lugar para onde foi nosso Senhor quando abandonou o corpo que estava pregado na cruz. Por algumas Escrituras parece que desceu ao centro da terra, para que pudesse cumprir todas as coisas. Mas Ele atravessou rapidamente as regiões dos mortos. Recordem que Ele morreu, talvez uma hora ou duas antes do ladrão, e durante esse tempo a glória eterna brilhou através do mundo subterrâneo, e estava fulgurando através das portas do paraíso justo quando o ladrão perdoado entrava no mundo eterno. Quem é este que entra pela porta de pérolas ao mesmo tempo que o Rei da glória? Quem é este favorecido companheiro pelo Redentor? É um mártir digno de honra? É um fiel apóstolo? É um patriarca, como Abraão; ou um príncipe, como Davi? Não, nenhum deles. Vejam, e assombrem-se com a graça soberana! O que entra pela porta do paraíso, com o Rei da glória, é um ladrão, que foi salvo em um decreto de morte. Não é salvo de uma maneira inferior, nem é recebido na beatitude de um modo secundário. Verdadeiramente, há últimos que serão primeiros!

Aqui gostaria que notassem a condescendência da eleição de nosso Senhor. O camarada do Senhor da glória, por quem o querubim deixa des lado sua espada de fogo, não é uma grande pessoa, senão um malfeitor recentemente convertido. E por quê? Penso que o Salvador o tomou com Ele como um exemplo do que Ele queria realizar. Parecia dizer a todos os poderes celestiais: “Trago um pecador comigo; é uma amostra do restante”.

Vocês não ouviram daquele que sonhou que estava em frente das portas do céu e enquanto estava ali, ouviu uma música doce de um grupo de veneráveis pessoas que seguiam seu caminho até a glória? Entraram pelas portas celestiais, e houve grande regozijo e exclamações. Ao perguntar: “quem são estes?”, lhe foi dito que eles eram a boa companhia dos profetas. Suspirou e disse: “Ai! Não sou um deles”. Esperou um pouco, e outro grupo de seres brilhantes se aproximou, e adentraram ao céu com aleluias, e quando perguntou:

“Quem são estes e de onde vêm?”, a resposta foi: “Este é o glorioso grupo dos apóstolos”. Outra vez suspirou e disse: “Não posso entrar com eles”. Então veio outro grupo de homens com túnicas brancas e levando palmas em suas mãos, esses homens andaram em meio de grandes aclamações dentro da cidade dourada. Soube então que era o nobre exército dos mártires; e outra vez chorou, e disse: “não posso entrar com estes”. Ao final ouviu as vozes de muita gente, e viu uma multidão maior que avançava, entre os quais percebeu a Raabe e Maria Madalena, Davi e Pedro, Manassés e Saulo de Tarso, e observou especialmente ao ladrão, o que morreu à destra de Jesus. E foram se aproximando das portas celestiais. Então ansiosamente perguntou: “quem são estes?” E lhe responderam: “esta é a hoste de pecadores salvos pela graça”. Então se pôs extremamente contente, e disse: “eu posso entrar com estes”. Ainda que pensou que não haveria aclamações quando esta multidão chegasse ante as portas e que entrariam no céu sem cânticos; contudo, pareceu que se levantava um louvor sete vezes maior com aleluias para o Senhor do amor; *porque há alegria entre os anjos de Deus pelos pecadores que se arrependem*. Eu convido a qualquer pobre alma que não aspira servir a Cristo, nem sofrer por Ele todavia, que no entanto, venha à companhia de Jesus com outros pecadores crentes, pois Ele nos abre uma porta diante de nós.

Enquanto analisamos este texto, observem bem o bendito lugar ao qual o Senhor chamou a este penitente. Jesus disse: “*Hoje estarás comigo no paraíso*”. Paraíso significa jardim, um jardim cheio de deleites. O jardim do Éden é o tipo do céu. Sabemos que paraíso significa céu, pois o apóstolo nos fala de um homem que foi arrebatado ao paraíso, e em seguida lhe chama o terceiro céu. Nosso Salvador levou este ladrão agonizante ao paraíso de deleite infinito, e é para ai onde levará a todos nós, pecadores que cremos nele. Se confiarmos nele, ao final estaremos com Ele no paraíso.

A seguinte palavra é ainda melhor. Notem a glória da sociedade na qual é introduzido este pecador: “*Hoje estarás comigo no paraíso*”. Sim o Senhor disse, “*Hoje estarás comigo,*” não necessitamos que se agregue outra palavra; porque onde Ele está, é o céu para nós. Agregou a palavra “*paraíso*” para que ninguém se perguntasse para onde iria. Pensa nele, alma desprovida de graça; vais a habitar com o Todo Desejável para sempre. Vocês, pobres e necessitados, estarão

com Ele em sua glória, em sua felicidade, em sua perfeição. Onde Ele está, e como Ele é, ai estarão e serão vocês. O Senhor olha esta manhã para os seus olhos chorosos, e diz: “Pobre pecador, tu estarás comigo um dia”. Penso ouvi-los dizer: “Senhor, essa é uma felicidade demasiadamente grande para um pecador como eu”; porém responde: *“Te amei com um amor eterno, por conseguinte com misericórdia vou te atrair a mim, até que estejas onde eu estou”*. A ênfase do texto está na rapidez de tudo isto. “Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso”. *“Hoje”*. Não permanecerás no purgatório por gerações, nem dormirás no limbo por tantos anos; senão que estarás pronto de imediato para a alegria, e de imediato irá desfrutá-la. O pecador já estava quase às portas do inferno, mas a misericórdia todo poderosa o levantou, e o Senhor disse, “Hoje estarás comigo no paraíso”. Que mudança da cruz à coroa, da angústia do Calvário à glória da Nova Jerusalém! Nessas poucas horas o mendigo foi levado do esterco e foi posto entre príncipes. “Hoje estarás comigo no paraíso”. Podem medir a mudança desse pecador, abominável em sua iniquidade quando o sol estava no alto do meio-dia, a esse mesmo pecador, vestido de branco puro, e aceito no Amado, no paraíso de Deus, ao pôr-do-sol? Oh, Salvador glorioso, que maravilhas podes fazer! Quão rapidamente podes realizá-las!

Por favor, estejam advertidos também, sobre a majestade da graça do Senhor neste texto. O Salvador lhe disse? *“em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso”*. Nosso Senhor dá sua própria vontade como razão para salvar este homem. *“Te digo”*. O disse quem reclama o direito de falar assim. É Ele quem terá misericórdia de quem Ele quiser ter misericórdia, e terá compaixão de quem Ele quiser ter compaixão. Fala com majestade, *“Em verdade te digo”*. Acaso não são palavras imperiais? O Senhor é um Rei em cuja palavra há poder. O que Ele diz ninguém pode contradizer. Ele, que tem as chaves do inferno e da morte te diz, *“Te digo, hoje estarás comigo no paraíso”*. Quem impedirá o cumprimento de Sua Palavra?

Vejam a certeza disto. Diz: *“em verdade”*. Nosso bendito Senhor na cruz retomou sua antiga maneira majestosa, quando dolorosamente volveu sua cabeça, e viu ao seu ladrão convertido. Ele sempre inicia sua prédica com, *“Em verdade, em verdade”*; e agora que está agonizando utiliza sua maneira favorita, e diz, *“Em verdade”*. Nosso

Senhor não jurava; sua mais forte asseveração era, “*Em verdade, em verdade*”. Para dar ao penitente a mais simples segurança, disse, “*Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso*”. Nisto tinha uma segurança absolutamente indisputável que ainda que tivesse que morrer, contudo viveria e se encontraria no paraíso com seu Senhor.

Desta maneira lhes mostrei que nosso Senhor passou pela porta de pérolas em companhia de um a quem Ele mesmo havia garantido a entrada. Por que você e eu não haveríamos de passar através dessa porta de pérolas a seu devido tempo, vestidos com Seu mérito, lavados em Seu sangue, descansando em Seu poder? Em um destes dias os anjos dirão de ti e de mim, “*Quem é este que vem do deserto apoiando-se no Amado?*” Os luminosos se assombrarão ao ver a alguns de nós indo. Se viveste uma vida de pecado até agora, e contudo te arrependes e entras no céu, que assombro haverá em cada rua dourada ao pensar que chegaste ali! Nos primeiros anos da Igreja Cristã, Caio Mário Vitorino⁵ se converteu; porém havia alcançado uma idade tão avançada, e havia sido um tão grande pecador, que o pastor e a igreja duvidaram dele. Deu contudo uma clara prova de haver experimentado a transformação divina, e então houve grandes aclamações e muitos gritos de “*Vitorino se converteu em cristão!*” Oh, que alguns de vocês grandes pecadores possam ser salvos! Com quanto gosto me regozijaria por vocês! Por que não? Não seria para a glória de Deus? A salvação deste convicto assaltante de caminhos fez nosso Senhor ilustre por Sua misericórdia ainda neste dia; Não faria o mesmo caso de vocês? Não exclamariam os santos: “*Aleluia! Aleluia!*”, se ouvissem que alguns de vocês saíram da escuridão para a luz admirável? Por que não seria assim? Creiam em Jesus e assim será.

III. Agora chego a meu terceiro e mais prático ponto: NOTEM DE TUDO ISTO, O SERMÃO DO SENHOR PARA NÓS.

⁵ **Caio Mario Vitorino** conhecido também como Victorino Africano (Cartago 300-Roma 382) foi um filósofo neoplatônico, retórico de fama mundial na época, e após sua conversão do paganismo, polemista cristão. Victorinios converteu-se por volta de 355, em idade avançada, como ficou notório. Escreveu comentários dos Evangelhos e epístolas, e mesmo quando do reinado de Juliano o Apostata (que queria expurgar o cristianismo patrocinando o paganismo) Victorinus manteve-se firme na fé e não retrocedeu, tendo renunciando a seu posto como orador e professor de retórica de Roma por ocasião da perseguição de Juliano a professores cristãos. (*Wikipédia*)

O demônio quer pregar um pouco nesta manhã. Sim, Satanás pede para passar à frente e pregar-lhes; mas não se pode permitir-lhe. Vai-te enganador! Contudo não me assombraria se ele se aproximasse de alguns de vós quando termine o sermão, e lhes diga em voz baixa: “Vejam que podem ser salvos no último momento. Adiem o arrependimento e a fé; podem ser perdoados em seu leito de morte”. Senhores, vocês sabem quem é o que quer arruinar-vos com esta sugestão. Aborreçam seu ensino enganador. Não sejam ingratos porque Deus é bondoso. Não provoquem ao Senhor porque é paciente. Uma conduta assim seria indigna e ingrata. Não corram um risco terrível simplesmente porque alguém escapou ao perigo tremendo. O Senhor aceitará a todos os que se arrependam; mas como sabem vocês que vão se arrepender? É verdade que um ladrão foi salvo, mas o outro se perdeu. Um é salvo, e portanto não podemos nos desesperar; o outro está perdido, e portanto não podemos nos vangloriar. Queridos amigos, confio que vocês não estão feitos de tão diabólica substância como para tirar da misericórdia de Deus um argumento para continuar no pecado. Se vocês o fazem, somente lhes posso dizer que a vossa perdição será justa; a haverão atraído sobre vocês mesmos.

Considerem agora o ensino de nosso Senhor; vejam a glória de Cristo na salvação. Está pronto para salvar no último momento. Já estava morrendo; seu pé estava no umbral da casa do Pai. Então chega este pobre pecador, ao final da noite, na undécima hora, e o Salvador sorri e manifesta que não entrará se não for com este tardio vagabundo. Aí mesmo na porta declara que esta alma que o busca entrará com Ele. Houve muito tempo para que Ele tivesse vindo antes: vocês sabem como podemos dizer: “Esperaste até o último momento. Já me vou, e não posso atender-te agora”. Nosso Senhor tinha as angústias da morte sobre Ele, e contudo atende ao criminoso que perece, e lhe permite passar através do portal celestial em Sua companhia. Jesus salva com muita facilidade aos pecadores pelos quais Ele morreu com tanta dor. Jesus ama resgatar aos pecadores de sua queda no poço. Estarás muito feliz se fores salvo, mas não estarás nem na metade de felicidade como Ele estará quando te salvar. Vejam quão terno Ele é!

*“Sua mão nos leva ao trono,
Nenhum terror vistes à sua frente;*

*Nem raios para lançar nossas almas culpadas
Às ferozes chamas do inferno”.*

Se achega a nós cheio de ternura, com lágrimas em seus olhos, misericórdia em suas mãos, e amor em seu coração. Creiam que é um grande Salvador de grandes pecadores. Ouvi de alguém que havia recebido grande misericórdia que dizia: “Ele é um grande perdoador;” e gostaria que vocês dissessem o mesmo. Vocês verão suas transgressões apagadas, e os vossos pecados perdoados de uma vez para sempre, se vocês confiam nele.

A seguinte doutrina que Cristo prega desta maravilhosa história é *a fé que se apropria da promessa*. Este homem creu que Jesus era o Cristo. O que fez a seguir foi apropriar-se desse Cristo. O ladrão lhe disse: “*Senhor, lembra-te de mim*”. Jesus poderia ter dito: “O que tenho eu que ver contigo, e o que tens tu a ver comigo? O que tem que ver um ladrão com o Ser perfeito?” Muitos de vocês, boas pessoas, tratam de afastarem-se tanto quanto possam dos que erram e dos caídos. Poderiam contaminar sua inocência! A sociedade nos exige que não estejamos em términos de familiaridade com as pessoas que ofenderam suas leis.

Não devemos ser vistos associados com eles, porque cairíamos no descrédito. Bobagens infames! O que nos pode desacreditar, pecadores como somos, tanto por natureza como pela prática? Se nos conhecemos diante de Deus, não estamos suficientemente degradados em nós mesmos e por causa de nós mesmos? Depois de tudo, há alguém no mundo que seja pior do que nós quando nos vemos no espelho fiel da Palavra?

Tão pronto como um homem crê que Jesus é o Cristo, que se firme Nele. No momento que creias que Jesus é o Salvador, agarra-te a Ele como teu Salvador. Se me lembro bem, Agostinho chamou a este ladrão “*Latro Laudabilis et Mirabilis,*” *um ladrão para ser louvado e admirado*, que se atreveu, por assim dizer, a tomar para si ao Salvador como seu. Nisto deve ser imitado. Toma ao Senhor para que seja teu, e o terás. Jesus é propriedade comum de todos os pecadores que se atrevem a tomá-lo. Todo pecador que tem o desejo de fazê-lo pode levar para sua casa ao Senhor. Ele veio ao mundo para salvar aos pecadores. Tomem-no pela força, como os que

roubam tomam seu despojo; porque o reino do céu sofre a violência da fé que se atreve. Agarre-o, e Ele nunca se separará de ti. Se confias Nele, deve te salvar. Estejam advertidos sobre a doutrina da fé em seu poder imediato.

*“No momento que um pecador crê,
E confia em seu Deus crucificado,
Recebe de imediato seu perdão,
Redenção completa por Seu sangue”.*

“Hoje estarás comigo no paraíso”. Assim que crê, Cristo sela sua fé com a segurança completa de que estará com Ele para sempre em sua glória. Oh, queridos corações, se vocês creem nesta manhã, serão salvos nesta manhã! Que Deus lhes conceda, por sua rica graça, que venha a salvação aqui, neste lugar, e de imediato!

O seguinte é, *a proximidade das coisas eternas*. Pensem nisto por um minuto. O céu e o inferno não são lugares distantes. Podem estar no céu antes de outro “tic” do relógio, está tão perto. Que possamos rasgar esse véu que nos separa do desconhecido! Tudo está ali, e tudo perto. “Hoje,” disse o Senhor; no máximo de três ou quatro horas, “estarás comigo no paraíso;” está tão perto. Um estadista nos deu a expressão de estar “em uma distância medível”. Todos estamos dentro de uma distância medível do céu e do inferno; se há alguma dificuldade em medir a distância, descanse em sua brevidade mais que em sua longitude.

*“Um suave suspiro rompe as cadeias,
Apenas podemos dizer, 'se foi,'
Antes que o espírito redimido,
Tome sua mansão próximo ao trono”.*

Oh, que nós, no lugar de aceitar com leviandade estas coisas, porque parecem tão distantes, as tomássemos solenemente em conta, pois estão tão próximas! Este mesmo dia, antes que se ponha o sol, algum ouvinte, sentado neste lugar, pode ver em seu próprio espírito as realidades do céu e do inferno. Tem ocorrido frequentemente nesta congregação tão grande, que alguém de nossa audiência tenha morrido antes que chegasse o seguinte Domingo; pode ocorrer esta

semana. Pensem nisto, e que as coisas eternas lhes impressionem ainda mais devido a sua proximidade.

Mais ainda, saibam que se *creram em Jesus estão preparados para o céu*. Pode ser que tenham que viver na terra por vinte, ou trinta, ou quarenta anos para glorificar a Cristo; e, se assim é, agradeçam o privilégio; mas se não vivem uma hora a mais, essa morte instantânea não alteraria o fato de que quem crê no Filho de Deus está pronto para o céu. Seguramente se algo fosse necessário além da fé para nos tornarmos dignos do paraíso, o ladrão teria sido retido um pouco mais de tempo aqui; mas não, ele está na manhã em sua natureza, ao meio-dia entra no estado de graça, e ao anoitecer está no estado de glória. A pergunta nunca é, se um arrependimento no leito de morte é aceito se é sincero. A pergunta é: *É sincero?* Se assim é, se o homem morre cinco minutos depois de seu primeiro ato de fé, está tão seguro como se houvesse servido ao Senhor por cinquenta anos. Se tua fé é verdadeira, se morres um momento depois que creste em Cristo, serás admitido no paraíso, ainda que não tenha desfrutado de tempo para produzir boas obras e outras evidências da graça. Ele que lê o coração lerá tua fé escrita nas tábuas de carne, e te aceitará por meio de Jesus Cristo, ainda que nenhum ato de graça se tenha feito visível aos olhos dos homens.

Concluo dizendo outra vez que este *não é um caso excepcional*. Comecei com isso, e com isso quero terminar, por haver tantos falsos pregadores do evangelho, terrivelmente temerosos de pregar a graça imerecida com plenitude. Li em algum lugar, e creio que é verdadeiro, que alguns ministros pregam o evangelho da mesma maneira que os asnos comem espinhos, ou seja, muito, mas muito cuidadosamente. Pelo contrário, eu pregarei atrevidamente. Não tenho a menor apreensão acerca deste assunto. Se alguém de vocês faz mau uso do ensino da graça gratuita, não o posso impedir. Aquele que será condenado pode arruinar-se por perverter o evangelho como por outra coisa qualquer. Não posso impedir o que os corações baixos possam inventar; mas o meu intuito é pregar o evangelho em toda a sua plenitude de graça, e assim o farei.

Se o ladrão foi um caso excepcional, e nosso Senhor não atua usualmente desta maneira, haveria uma indicação de um fato tão importante. Teria sido posto um cerco de proteção para esta exceção

a todas as regras. Não teria dito o Salvador tranquilamente ao moribundo: “És o único a quem tratarei desta maneira”? “Não o menciones, pois senão terei muitos me assediando”. Se o Salvador quisesse que fosse um caso solitário, lhe teria dito em baixa voz: “Não deixes que ninguém saiba; mas hoje estarás no reino comigo”. Não, nosso Senhor falou abertamente, e os que estavam ao redor ouviram o que disse. Ademais, o inspirado escritor o assentou assim. Se fosse um caso excepcional, não teria sido escrito na Palavra de Deus. Os homens não publicam suas ações nos periódicos se sentem que ao registrá-las podem conduzir outros a esperar o que não podem dar. O Salvador fez que esta maravilha da graça se reportasse nas notícias diárias do evangelho, porque Ele quer repetir essa maravilha a cada dia. O todo será igual a amostra, e por isto lhes põe frente à amostra a cada um de vocês. Ele é capaz de salvar por completo, pois salvou ao ladrão que agonizava. O caso não teria sido exposto para alentar esperanças que Ele não poderia cumprir. Todas as coisas escritas então, foram escritas para que aprendêssemos e não para que nos desalentássemos. Por isso, lhes rogo, se alguns de vós todavia não estão confirmados no meu Senhor Jesus, venham e confiem Nele agora. E então cantarão comigo:

*“O ladrão agonizante se regozijou ao ver,
Essa fonte em seu dia,
E ali eu também, tão vil como ele,
Lavei todos os meus pecados.*

As Três Horas de Trevas

No. 1896

Sermão pregado no Domingo de 18 de Abril de 1886.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres

“E desde a hora sexta houve trevas sobre toda a terra, até à hora nona.” (Mateus 27:45).

Desde as nove da manhã até ao meio-dia, a luz do Sol iluminou com toda sua intensidade usual; de tal forma que os adversários de nosso Senhor tiveram tempo suficiente para contemplar e insultar Seus sofrimentos. Não poderia haver nenhum equívoco a respeito do fato de que Ele estava realmente cravado na cruz. Pois, Ele foi crucificado em plena luz do dia. Estamos plenamente convencidos que foi Jesus de Nazaré, já que tanto seus amigos como seus inimigos foram testemunhas oculares de Sua agonia: durante três longas horas os judeus estiveram sentados ali o contemplando na cruz, zombando de Suas misérias.

Dou graças por essas três horas de luz. Do contrário, os inimigos de nossa fé teriam questionado se verdadeiramente o corpo bendito de nosso Senhor foi cravado na cruz, e haveriam dado motivo a inumeráveis fantasias, tão abundantes como os morcegos e as corujas que rondam na escuridão. Onde estariam as testemunhas dessa solene cena se o sol estivesse oculto desde manhã até de noite? Posto que três horas de luz proporcionaram a oportunidade de que se verificasse e de que se pudesse dar testemunho do fato, vemos nisso a sabedoria que não permitiu que a luz se dissipará tão rapidamente.

Nunca percam de vista que esse milagre de fechar os olhos do dia, exatamente ao meio-dia, foi realizado por nosso Senhor em Sua debilidade. Ele havia caminhado sobre o mar, ressuscitado mortos, e sarado aos enfermos nos dias de Sua força; porém, agora, decaiu baixíssimo, tem febre, sem forças e sedento. Ele se movimenta nos limites da dissolução; no entanto, possui o poder de escurecer o sol

exatamente ao meio-dia. Ele é ainda verdadeiro Deus de verdadeiro Deus.⁶

*Olhem, uma torrente púrpura derrama-se
Desde Suas mãos e de Sua cabeça,
A maré vermelha apaga o sol;
Seus gemidos despertam os mortos.”*

Se Ele pode fazer isso em Sua debilidade, o que não poderá fazer em Seu poder? Não esqueçam que esse poder foi desdobrado em uma área na que Ele usualmente não manifestou Sua força. A área de Cristo é de bondade e benevolência, e conseqüentemente, de luz. Quando Ele adentra nas áreas de convocar à escuridão ou de chamar à juízo, Ele ocupa-se daquilo que Ele nomeia *Sua estranha obra*. As obras de Sua mão esquerda são maravilhas de terror. Somente de vez em quando que Ele faz com que o sol se oculte ao meio-dia, ou escurece a terra em dia claro (Amós 8:9).

Se nosso Senhor pôde trazer a escuridão ao morrer, que glória não poderíamos esperar agora que Ele vive para ser luz da cidade de Deus para sempre? O Cordeiro é a luz, e que luz! Os céus mostram as pistas de Seu poder agonizante, e perdem seu brilho. Por acaso os novos céus e a nova terra não darão testemunho do poder do Senhor ressuscitado? As densas trevas que rodeiam ao Cristo moribundo são as vestes do Onipotente: Ele vive outra vez, e tem todo o poder em Suas mãos, e todo esse poder o empregará para abençoar Seus eleitos.

Que chamado deve ter sido para os despreocupados filhos dos homens, esse meio-dia convertido em meia-noite! Eles não sabiam que o Filho de Deus estava em meio deles; nem que Ele estava cumprindo a redenção humana. A hora mais grandiosa de toda a história humana dava a impressão que passaria sem que se a notasse, quando, subitamente, a noite saiu apressadamente de suas habitações e usurpou o dia. Todo mundo perguntou a seu companheiro: “o que essa escuridão significa?” Os negócios foram paralisados: o arado ficou no meio do sulco e o machado não pode

⁶ **Verdadeiro Deus de verdadeiro Deus:** expressão usada no credo Atanásiano (n.T)

ser alçado. Era meio-dia, justo quando os homens encontram-se mais ocupados; porem, todos eles fizeram uma pausa geral. Não só no Calvário, mas também em todas as colinas, e em cada vale, as trevas baixaram. Houve um hiato na caravana da vida. Ninguém podia se mover exceto buscando seu caminho as apalpadas, tal como os cegos o fazem. O dono da casa pediu que a luz fosse acesa ao meio-dia, e o servente, tremendo, obedeceu essa ordem inusitada. Outras luzes também brilhavam, e Jerusalém era uma cidade submersa na noite, mas os homens não estavam em suas camas. Como a humanidade estava surpreendida! Em volta desse grandioso leito de morte conseguiu-se uma quietude apropriada. Não duvido que um gélido terror apoderou-se das massas das pessoas, e que os homens prudentes anteciparam coisas terríveis. Os que tinham permanecido ao redor da cruz, e se atreveram a insultar a majestade de Jesus, estavam paralisados de terror. Eles cessaram com sua obscenidade e deixaram de cruelmente se alegrarem. Até mesmo os mais vis deles estavam atemorizados, ainda que não convencidos - os demais "*se golpeavam nos peitos.*" Os que puderam, sem dúvida, foram tremulantes para suas casas trataram de se esconder, por medo dos terríveis juízos que, temiam, teriam que encarar.

Não me surpreende que existam tradições de coisas estranhas que foram ditas no silêncio dessas trevas. Esses sussurros do passado podem ou não ser verdadeiros; foram tema de controvérsia dos estudiosos, porem o esforço da disputa foi energia mal gasta. No entanto, não nos surpreenderia que alguém tenha dito, como afirmam alguns repórteres: "*Deus está sofrendo ou o mundo está perecendo.*" Nem irei eliminar de minhas crenças a lenda poética que afirma que o piloto egípcio de um barco, navegando rio abaixo entre seus bancos cheios de juncos, escutou uma voz que saia da sussurrante flora, dizendo: "*O grandioso Pão morreu.*" Em verdade, o Deus da natureza estava expirando, e coisas ainda mais ternas que os juncos da ribanceira tremariam diante desse som.

Somos informados que essas trevas cobriram toda a terra; e Lucas diz: "*sobre toda a terra.*" Essa parte de nosso globo na que correspondia à noite natural, não foi afetada; porem, para todos os homens que estavam despertos, e que se encontravam em seus trabalhos, era o aviso de um grandioso e solene evento. Era estranho

além de toda experiência, e todos os homens se maravilharam; pois, quando a luz devia de ter tido maior brilho, todas as coisas foram escurecidas pelo espaço de três horas.

Deve existir um grande ensino nessas trevas; pois quando nos aproximamos da cruz, que é o centro da história, cada evento está repleto de significado. Luz saltará dessas trevas. Amo sentir a solenidade das três horas de sombras de morte, assentar-me ali e meditar, sem nenhuma companhia, exceto ao Augusto Sofredor, em cujo redor desceram as trevas. Irei apresentar quatro pontos, segundo o Espírito Santo me guie. Primeiro, inclinemos nossos espíritos na presença de um milagre que *nos assombra*; em segundo, consideremos essas trevas como *um véu que esconde*; em terceiro, como *um símbolo que instrui*; e em quarto lugar, como *um demonstração de simpatia*, que nos serve de advertência pelas profecias que implica.

I. Em primeiro lugar, contemplemos essas trevas como UM MILAGRE QUE NOS ASSOMBRA. Poderia parecer uma observação de rotina o fato de que essas trevas estavam completamente fora do curso natural das coisas. Desde que o mundo começou, nunca se ouviu que em pleno meio dia, houvera tido trevas sobre toda a terra. Isso estava completamente fora da ordem da natureza. Algumas pessoas negam os milagres; e se também negam a Deus, de pronto não irei me dirigir a elas. Mas seria muito estranho que alguém que cresse em Deus, duvidasse da possibilidade dos milagres. Parece-me que, aceitando a existência de Deus, os milagres devem ser esperados como uma declaração ocasional de Sua independência e de Sua vontade ativa. Ele pode estabelecer certas regras para Suas ações, e em Sua sabedoria apegar-se a elas; mas certamente deve reservar para Si mesmo a liberdade de apartar-se de Suas próprias leis, ou do contrário, em certa medida, haveria abandonado Sua Deidade pessoal, teria deificado a lei, colocando-a acima de Si mesmo.

Não acrescentaria em nada nossa ideia da glória de Sua Deidade, se pudesse nos assegurar que Ele se fez a Si mesmo o sujeito da regra, atando Suas mãos para não atuar jamais exceto de certa maneira específica. Da auto-existência e completa liberdade da vontade que entram em nossa mesma concepção de Deus, somos levados a

esperar que algumas vezes Ele não deva se apegar aos métodos que segue como Sua regra geral. Isso levou à convicção universal que os milagres são uma prova da Deidade. As obras gerais da criação e da providência são as melhores provas segundo entendo: porem, o coração geral de nossa raça, por uma razão ou outra, olha os milagres como uma evidência mais segura; demonstrando dessa forma que de Deus se espera os milagres.

Ainda que o Senhor estabeleça em Sua ordem que haja dia e noite, Ele, nesse caso, com abundante razão interpõe três horas de noite no meio do dia. Observem a razão. O inusitado na natureza inferior é levado a harmonizar-se com o inusitado nos tratos do Senhor da natureza. Certamente esse milagre era sumamente congruente com esse milagre ainda maior que estava tendo lugar na morte de Cristo. Por acaso não estava o próprio Senhor apartando-se de todas as formas normais? Não estava fazendo isso que jamais havia feito desse o principio, e que jamais seria feito novamente? Que os homens morram é algo tão comum, que é considerado inevitável. Não nos surpreende o som dos sinos dobrando nos campanários em um funeral: familiarizamo-nos com a tumba.

Conforme os companheiros de nossa juventude morrem ao nosso lado, já não somos tomados pela surpresa; pois a morte está em todo nosso derredor e dentro de nós. Porem, que o Filho de Deus morra, isso está mais além de toda expectativa, e não só por acima da natureza, mas até mesmo contrário a ela. O que é igual a Deus, suspende numa cruz e morre. Não sei que outra coisa poderia parecer mais fora de toda regra e mais além de toda expectativa que isso. Que o sol se tenha escurecido ao meio dia é um acompanhamento adequado à morte de Jesus. Por acaso não é assim?

Mais ainda, esse milagre não somente estava fora da ordem natural, mas também é um milagre que *se teria considerado impossível*. Não é possível que se tenha um eclipse de sol quando há lua cheia. Quando a lua está cheia, não está em uma posição na que possa projetar sua sombra sobre a terra. A Páscoa dos judeus ocorria na lua cheia, e, portanto não era possível que houvera um eclipse solar. Esse escurecimento do sol não foi estritamente um eclipse astronômico; sem dúvida a escuridão se fez de outra forma: no

entanto, para aqueles que estavam ali presentes, certamente pareceu ser um eclipse total do sol: algo impossível.

Ah irmãos! Quando tratamos com o homem, com a queda, com o pecado, com Deus, com Cristo, e com a expiação, encontramos que as impossibilidades habitam juntas como em uma casa. Temos chegado agora a uma região onde os prodígios, as maravilhas, as surpresas, são a ordem rotineira do dia: o sublime volta-se em lugar comum quando entramos no círculo do amor eterno. Sim, mas ainda; agora abandonamos a sólida terra do possível, e nos adentramos no mar, onde vemos as obras do Senhor, e Suas maravilhas nas profundezas. Quando pensamos no impossível em outras áreas, começamos a retroceder: porem, o caminho arde nas chamas do divino, e logo percebemos que “para Deus tudo é possível.” Vejam, então, na morte de Jesus, a possibilidade do impossível! Vejam como o Filho de Deus pode morrer.

Algumas vezes nos vemos obrigados a fazer uma pausa quando encontramos com uma expressão em algum hino, que implica que Deus pode sofrer ou morrer; consideramos que o poeta usou uma licença poética demasiadamente grande: no entanto, é conveniente que nos refreemos de ser hipercríticos, já que nas Santas Escrituras há palavras como essas. Inclusive lemos (Atos 20:28) sobre a “*igreja do Senhor, a qual ele resgatou por seu próprio sangue.*” O sangue de Deus! Ah! Não me preocupa defender a linguagem do Espírito Santo; porem, em sua presença tomo a liberdade de justificar as palavras que cantamos a poucos instantes:

*“Bem faz o sol ao esconder-se nas trevas,
E ocultar todas as glórias,
Quando Deus, o poderoso Criador, morreu
Pelo homem, pelo pecado da criatura”*

Não me atreverei a explicar a morte do Deus encarnado. Basta-me crer nela, e depositar minha esperança nela.

Como pode o Santo carregar com o pecado? Tampouco sei. Um homem sábio nos disse, como se fosse um axioma, que a imputação ou a não imputação do pecado é uma impossibilidade. Que pense o que quiser: já nos familiarizamos com tais coisas desde que olhamos

para a cruz. Para nós, as coisas que os homens qualificam de absurdas se converteram em verdades fundamentais. A doutrina da cruz é loucura aos que se perdem. Sabemos certamente que em nosso Senhor não houve pecado, no entanto, Ele levou nossos pecados sobre Seu próprio corpo, no madeiro. Não sabemos como o inocente Filho de Deus pode sofrer por pecados que não eram seus; surpreende-nos que a justiça permita que Alguém tão perfeitamente santo seja desamparado por Seu Deus e seja levado a clamar “*Eloi, Eloi, Lama Sabactani?*” Porém, assim aconteceu, e tal por decreto da mais excelsa justiça; e nos alegramos por isso. Como aconteceu com o eclipse do sol, assim Jesus fez coisas por nós, nas agonias de Sua morte, que no juízo comum dos homens, devem ser consideradas como completamente impossíveis.

Nossa fé se sente em casa na terra das maravilhas, onde os pensamentos do Senhor encontram-se tão altos sobre nossos pensamentos, assim como os céus são mais altos que a terra. Em relação a esse milagre, tenho que assinalar também que *esse escurecimento do sol sobrepassou todos os eclipses ordinários e naturais*. Esse durou muito mais que um eclipse ordinário, e se apresentou de uma forma diferente. Segundo Lucas, veio primeiro a escuridão sobre toda a terra, e o sol escureceu depois: as trevas não começaram com o sol, antes, se sobrepueram ao sol. Foi único e sobrenatural. Agora, entre todas as dores, nenhuma dor é comparável a dor de Jesus: de todas as aflições, nenhuma corre paralela às aflições de nosso grandioso Substituto.

Da mesma maneira que a luz mais poderosa projeta a sombra mais profunda, assim o surpreendente amor de Jesus custou-lhe uma morte que não é a sorte comum dos homens. Outros morrem, porém esse homem é “obediente até a morte.” Outros bebem o gole fatal, no entanto, não precisam tomar nem de seu amargo nem de seu fel; Todavia, Ele “experimentou a morte.” Cada parte de Seu ser foi escurecida com essa extraordinária sombra de morte; e a escuridão natural externa foi somente para cobrir uma morte especial que eram inteiramente única.

E agora, quando penso nela, *essas trevas parecem ter sido perfeitamente naturais e adequadas*. Se tivéssemos que escrever a história da morte de nosso Senhor, não poderíamos omitir as trevas sem deixar de

lado um elemento muito importante. As trevas parecem ser uma parte dos componentes naturais dessa grandiosa transação. Leiam toda a história e não estarão surpresos por essas trevas; depois que a mente de vocês se familiarize com o pensamento que esse é o Filho de Deus, e que Ele estende Suas mãos à cruel morte de cruz, não estarão maravilhados quando o véu do templo se rasgue; nem surpreendidos pelo terremoto ou pela ressurreição de alguns mortos. Essas coisas são coadjuvantes adequadas da paixão de nosso Senhor; as trevas também são. Desempenham seu próprio papel, e aparenta que não teriam possibilidade de ser de maneira diferente:

*“Esse sacrifício! A morte Dele,
O Altíssimo e por sempre Santo!
Que os céus se apagam está muito certo,
E que se torne negro o brilho do sol.”*

Reflitam por um momento. Não lhes pareceu como se a morte que essas trevas envolviam eram também uma parte natural do grandioso todo? Por fim chegamos a sentir como se a morte do Cristo de Deus fosse uma parte integral da história humana. Não se pode eliminá-la da crônica do homem; ou será que pode? Introduza a Queda, e olhe o *Paraíso Perdido*, e não pode completar o poema até que tenham introduzido esse Homem mais grande ainda que nos redimiu, e que por meio de Sua morte nos deu o *Paraíso Restaurado*.⁷ É uma característica singular de todos os verdadeiros milagres, que ainda que sua surpresa não termine nunca, jamais se percebem como anti-naturais: são maravilhosos, porem, jamais monstruosos.

Os milagres de Cristo se encaixam no curso natural da história humana: não podemos ver como o Senhor poderia estar na terra, e que Lázaro não houvesse sido ressuscitado dos mortos quando a dor de Marta e Maria fora expressa de maneira tão comovedora. Não podemos perceber como os discípulos poderiam ter sido

⁷ **Paraíso Perdido, Paraíso Restaurado:** referência aos celebres poemas de John Milton, (1608- 1674) que foi um escritor inglês e autor do célebre livro *O Paraíso Perdido*, um dos mais importantes poemas épicos da literatura universal. Foi político, dramaturgo e estudioso de religião. Apoiou Oliver Cromwell durante o período republicano inglês, porém foi preso e acabou por ficar cego; na prisão, ditou o *Paraíso Perdido*, sua obra-prima, que conta a história da queda de Lúcifer, e foi publicado em 1667. Quatro anos mais tarde, lança o livro *Paraíso Recuperado*, uma espécie de seqüência do primeiro poema, onde trata da vinda de Cristo à Terra reconquistar o que Adão teria perdido.

sacudidos pela tormenta no Mar da Galiléia e que o Cristo não caminhasse sobre as águas para libertá-los. Maravilhas de poder são elementos esperados em seu lugar com as circunstâncias que as rodeiam. Um milagre segundo a Igreja Católica é sempre monstruoso e desprovido de harmonia com aquilo que está em seu redor. O que me importa que a cabeça de Santa Vinfreda⁸ tenha surgido do poço e falado de lá com o camponês surpreendido que se aproximava para tirar água? Não me importa se saiu do poço ou não; isso não altera a História em nada, nem dá a ela tom; é algo agregado que não forma parte do registro histórico.

Porem, os milagres de Jesus, e esse das trevas entre eles, são essenciais para a história humana; e esse é de forma especial, no caso de Sua morte e essas grandes trevas que a envolveram. Todas as coisas na história humana convergem na cruz, que não parece ser para nada uma ocorrência ou um recurso posterior, mas sim o canal adequado e ordenado desde o princípio pelo qual correria o amor até alcançar o homem culpado.

Não posso dizer mais porque me falta a voz, ainda que tivesse muitas outras coisas mais a dizer. Sentem-se e permitam que as densas trevas os cubram até o ponto que nem sequer possam ver a cruz, sabendo que fora do alcance do olho mortal o Senhor fez a redenção de Seu povo. Ele fez em silêncio um milagre de paciência e amor, por meio do qual a luz veio aos que habitam nas trevas e no vale das sombras da morte.

II. Em segundo lugar, desejo que considerem essas trevas como **UM VÉU QUE ESCONDE**. O Cristo pendido naquele madeiro. Vejo a terrível cruz. Vejo aos dois ladrões, um de cada lado. Vejo a meu redor, e observo cheio de tristeza a esse variado grupo de cidadãos de Jerusalém, escribas, sacerdotes, estrangeiros provindos de

⁸ Provavelmente esse “milagre” citado é algum relativo à galesa **Vinfedra** (chamada no País de Gales de *Gwenffrewi* ; em Inglês moderno Winifred e inúmeras variações) , segundo contos e histórias, foi uma religiosa do século VII, filha de um soldado proprietário de terra e sobrinha do religioso São Beuno, que a educou na fé: conta-se que ela, sendo várias vezes assediada por um jovem guerreiro chamado Caradog, esse, em um ataque de fúria , ao descobrir que ela seria freira, a decapitou nas escadas de uma capela ao dia 22 de junho, e que onde a cabeça dela caiu, jorrou uma fonte milagrosa, um poço considerado ainda hoje como ponto de peregrinação em Gales. Depois, seu tio Beuno amaldiçoou o guerreiro, orou pela vida de Vinfreda, e ao recolocar a cabeça de sua sobrinha de volta ao pescoço, ela milagrosamente ressuscitou (morrendo 15 anos depois, depois de tornar-se monja e abadessa): é considerada padroeira do País de Gales. (Wikipédia e fontes católicas)

diferentes países, conjuntamente com os soldados romanos. Todos voltam seus olhares até Ele, e em sua maioria contemplam com cruel desprezo ao Santo que está no centro da cena. Verdadeiramente, é um espetáculo horrível.

Vejam esses cães comuns e esses touros de Basã que são de uma classe mais notável, todos unidos para desonrar ao Manso e Humilde. Devo confessar que nunca li a história da morte de meu Senhor, sabendo o que sei da dor da crucificação, sem sentir uma profunda angústia: a crucificação era uma morte digna de ter sido inventada pelos demônios. A dor que envolvia era sem medida; não os torturarei descrevendo-a nesse momento. Conheço muitos queridos corações que não podem ler sobre ela sem derramar lágrimas e sem dormir depois durante várias noites.

Porem, havia algo mais que angústia no Calvário: *o ridículo e desprezo amargavam tudo*. As zombarias, essas cruéis piadas, os escárnios, sinais que eles fizeram com a língua, que diremos disso tudo? Algumas vezes senti uma pequena simpatia por esse príncipe francês que falava: “Se eu tivesse estado lá com meus guardas, teria varrido todos esses desgraçados.”⁹ Era um espetáculo demasiadamente terrível: a dor da vítima era extrema, porem, quem poderia suportar a abominável iniquidade dos zombadores.

Demos graças a Deus porque em meio do crime desceram as trevas que fizeram com que fosse impossível que os escarnecedores continuassem com suas burlas. Jesus devia morrer; para Sua dor não podia existir alívio, e não podia ser liberto da morte; porem, os burladores deviam se calar. Da maneira mais efetiva suas bocas foram fechadas pelas densas trevas que os envolveram.

O que vejo nesse véu é, primeiro que tudo, que era UMA OCULTAÇÃO DESSES INIMIGOS CULPADOS. Já pensaram nisso alguma vez? É como se Ele mesmo tivera dito: “Não posso suportá-lo. Não irei seguir observando essa infâmia! Desça, ó véu!” e as densas sombras desceram:

⁹ Não achamos a quem Spurgeon se refere: porem, pela data do sermão e pelo termo da citação, 1886, poderia ser uma referência ou a Guerra Franca Prussiana, ou a Comuna de Paris (eventos próximos) ou anterior (N.Tradutor)

*“Pergunte aos céus: ‘qual inimigo de Deus fez
Essa ação sem par?’ Os céus exclamam:
‘Foi o homem; e nós arrebatamos o sol
De tal espetáculo de culpa e vergonha”*

Graças a Deus, a cruz é um esconderijo. Ministra aos homens culpados um albergue para se protegerem do olho Daquele que tudo enxerga, de tal forma que a justiça não precise vê-los e golpeá-los. Quando Deus levanta Seu Filho, e o faz visível, esconde o pecado dos homens. Ele diz que *“Deus, tendo passado por alto os tempos dessa ignorância.”* Ainda mesmo a grandeza de seus pecados Ele dá as costas, de tal forma que não precisa mais vê-los, mas pode exercer Sua paciência, e permitir que Sua piedade suporte as provações dos homens. O coração do Eterno Deus deve ter lastimado ver tal crueldade sem freio dirigida até Ele, que só fez o bem a Seu redor, curando todo tipo de enfermidades. Foi terrível ver os mestres do povo rejeitarem Cristo com desdém, a semente de Israel, que devia aceitá-lo como seu Messias, lançá-lo fora como uma coisa desprezada e aborrecedora. Por conseguinte, sinto gratidão para com Deus por convocar essas trevas para que cobrissem toda a terra, e colocassem fim a essa cena vergonhosa.

Quero dizer a qualquer um que seja culpável aqui: Graças a Deus que o Senhor Jesus fez possível que seus pecados sejam escondidos mais que completamente por espessas trevas. Graças a Deus que em Cristo Ele não o vê com esse severo olho de justiça que implicaria vossa destruição. Se Jesus não tivesse se interposto, cuja morte você há desprezado, você teria alcançado em sua própria morte o resultado de seu próprio pecado já a muito tempo – porém, por causa de seu Senhor se lhe é permitido viver como se Deus não o percebera. Essa paciência está destinada a trazer arrependimento a ti: Não viras?

Mas, continuando, essas trevas foram *um sagrado esconderijo para a bendita Pessoa de nosso divino Senhor*. Por assim dizer, os anjos encontraram para seu Rei um pavilhão de densas nuvens, na que Sua Majestade poderia se abrigar em sua hora de miséria. Era muito que o olho ímpio contemplasse tão toscamente essa imaculada Pessoa. Por acaso Seus inimigos não o tinha desnudado, e lançado

sortes sobre Suas vestes? Portanto, era conveniente que a santa humanidade encontrasse por fim um esconderijo adequado. Não era bom que olhos brutais vissem as linhas gravadas pelo cinzel da aflição sobre essa bendita figura. Não era bom que os zombadores vissem as contorções desse corpo sagrado, habitado pela Divindade, enquanto Ele era quebrantado sob a vara de ferro da ira divina por causa nossa. Era conveniente que Deus o cobrisse, para que ninguém olhasse tudo o que fazia e tudo o que carregava quando foi feito pecado por nós. Eu bendigo devotamente a Deus por esconder dessa forma a meu Senhor: assim, Ele foi coberto dos olhos que não eram dignos de ver o Sol e muito menos de ver ao Sol da Justiça.

Essa escuridão também nos adverte, até mesmo para nós que somos muito reverentes. Essa escuridão nos diz que a Paixão é um grande mistério, que não podemos escrudrinhar. Eu trato de explicá-lo como substituição, e penso que aí onde a linguagem da Escritura é explícita, eu posso e devo ser explícito também. Porém, ainda penso que a ideia de substituição não abrange completamente o tema, e que nenhuma concepção humana pode captar de maneira plena todo esse terrível mistério.

Foi efetivado na escuridão, porque o significado pleno de vastos alcances e o resultado do mesmo não podem ser contemplados pela mente finita. Podem me dizer que a morte do Senhor Jesus foi um grande exemplo de auto-negação: eu posso ver *isso* e muito mais. Podem falar-me que foi uma obediência maravilhosa à vontade de Deus: eu posso ver *isso* e muito mais. Podem-me dizer que consistiu em carregar aquilo que devia ser levado por milhares de milhares de pecadores da raça humana, como castigo por seus pecados: posso ver *isso*, e encontrei minha melhor esperança nisso. Porém, não me digam que *isso* é tudo o que está na cruz. Não, mesmo grandioso como *isso* pode ser, há muito mais na morte de nosso Redentor.

Só Deus conhece o amor de Deus: só Cristo conhece tudo o que logrou quando inclinou Sua cabeça e entregou Seu espírito. Existem mistérios comuns na natureza nos que seria uma irreverência querer se intrometer; porém, esse é um mistério divino, diante do qual tiramos nossos sapatos, pois o lugar chamado Calvário, terra santa é.

Deus colocou um véu na cruz, cobrindo-a de trevas, e muito de seu significado mais profundo permanece na escuridão; não porque Deus não queira revelá-lo, mas sim porque não temos a suficiente capacidade para discernir tudo. Deus se manifestou na carne, e nesse corpo humano quitou o pecado por meio do auto-sacrifício: todos nós sabemos isso; porem *“Indiscutivelmente, grande é o mistério da piedade.”*

Novamente, esse véu de escuridão também figura para mim a maneira como que *os poderes das trevas sempre se esforçam por esconder a cruz de Cristo*. Combatemos contra as trevas quanto tratamos de pregar a cruz. *“Esta é a vossa hora e o poder das trevas.”* (Lucas 22:53), disse Cristo; e não duvido que as nessa hora, hostes infernais desferiram um feroz assalto contra o espírito de nosso Senhor. Também sabemos que, se o príncipe das trevas vai estar em algum lugar lutando, certamente será onde Cristo é posto mais alto. Encobrir a cruz é o objetivo do inimigo das almas. Alguma vez você se deu conta disso?

Essas pessoas que odeiam o Evangelho deixarão correr qualquer outra doutrina sem apresentar combate; mas, se a expiação e as verdades que derivam dela são pregadas, de imediato elas são abaladas. Nada provoca tanto ao diabo como a cruz. A teologia moderna possui como seu principal objetivo o obscurecimento da doutrina da expiação. Esses modernos polvos tingem de negro a água da vida. Fazem do pecado algo sem importância, e seu castigo só um assunto temporal: e assim degradam o remédio ao retirar a importância da enfermidade.

Não somos ignorantes de seus truques. Espero, meus irmãos, que as nuvens da escuridão se reunirão em redor da cruz bem no seu centro, para conseguir assim ocultá-la da vista do pecador. Porem, também podem esperar isso, que ali as trevas chegarão a seu fim. A luz surge da escuridão: a eterna luz do Filho de Deus que não morre, que tendo ressuscitado dos mortos, vive para sempre para dispersar as trevas do mal.

III. Agora passaremos a falar dessas trevas como UM SÍMBOLO QUE INSTRUE.

O véu cobre e oculta; porem, por sua vez, como um emblema, também revela. Parece dizer: *“não trate de buscar dentro, mas aprenda do véu mesmo: tem trabalho de querubim sobre ele.”* Essa escuridão nos ensina o que Jesus sofreu: ajuda-nos a adivinhar as aflições que talvez não possamos ver de outra forma.

A escuridão simboliza a ira de Deus que caiu sobre os que tiraram a vida de Seu Filho unigênito. Deus estava irado e Sua carranca eliminou a luz do dia. Ele estava justamente enjoado, quando o pecado estava matando Seu unigênito Filho; quando os lavradores judeus diziam: *“Esse é o herdeiro; vinde, matemos-lhe e nos apossamos de sua herança.”* Essa é a ira de Deus para toda a humanidade, pois praticamente todos os homens participaram na morte de Jesus. Essa ira levou os homens às trevas; são ignorantes, cegos, aturdidos. Chegaram a amar as trevas mais que a luz porque suas obras são más. Nessas trevas eles não se arrependem, mas sim seguem rejeitando ao Cristo de Deus. Em meio dessas trevas Deus não os pode olhar com complacência – os vê como filhos das trevas, e herdeiros da ira, para os quais está reservada a escuridão eterna.

O símbolo também nos fala *do que nosso Senhor Jesus teve que suportar.* As trevas exteriores eram uma figura da escuridão que tinha dentro Dele. No Getsemani, uma densa escuridão caiu sobre o espírito de nosso Senhor, ele disse: *“Minha alma está muito triste, até a morte.”* Sua alegria era a comunhão com Deus: esse gozo o tinha abandonado, e Ele estava no escuro. Seu dia era a luz da face de Seu Pai: esse rosto estava escondido e uma noite terrível havia depositado-se a seu redor. Meus irmãos, eu pecaria contra esse véu se pretendia que eu lhes pudesse dizer em que consistia essa tristeza que oprimia a alma do Salvador: nada mais posso compartilhar com vocês do que me foi dado na medida em que tive comunhão com Ele em Seus sofrimentos.

Você sentiu alguma vez um horror profundo e pesado para com o pecado; o pecado próprio e o pecado dos demais? Alguma vez já viram o pecado à luz do amor de Deus? Alguma vez o pecado pairou sobre sua consciência sensível? Deslizou-se internamente em vocês um sentindo de ira como a escuridão da meia-noite; e esteve muito próximo de vocês, ao redor de vocês, sobre vocês e dentro de

vocês? Vocês se sentiram presos em sua debilidade, e por sua vez perceberam que a porta até Deus está fechada? Olharam a sua volta sem encontrar ajuda, sem consolo ainda mesmo em Deus: sem esperança, sem paz? Em tudo isso, vocês deram um pequeno gole desse mar salgado no que nosso Senhor foi lançado.

Sim, como Abraão, vocês sentiram o temor de uma grande escuridão que cai sobre vocês, então lhes foi dado provar algo do que seu divino Senhor sofreu, quando o Pai quis quebrantá-lo, sujeitando-o a padecimento. Isso é o que levou a suar grossas gotas de sangue que caíram no chão; e isso foi o que levou Cristo a clamar na cruz com um grito atemorizador: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” Não foi a coroa de espinhas, nem o látigo, nem a cruz que o motivaram a clamar, mas sim a escuridão, a terrível escuridão do abandono que oprimia Sua mente e o fazia sentir um completo atordoamento.

Foi-lhe retirado tudo o que podia o consolar, e tudo o que podia o angustiar foi acumulado sobre Ele. “*O espírito do homem susterrá a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o suportará? (Provérbios 18:14)?*” O Espírito de nosso Salvador estava ferido, e ele clamou: “*meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. (Salmos 22:14)*” Ele foi privado de todo consolo natural e espiritual, e Sua angustia foi completa e total. As trevas do Calvário não permitiram o brilho das estrelas, como noutra noite qualquer, mas escureceram cada uma das luminárias do céu. Seu forte clamor e Suas lágrimas evidenciaram a profunda aflição de Sua alma. Se ele carregou com tudo, foi possível porque Sua mente foi capaz de sobrecarregar tudo, ainda que, certamente, foi vigorizada e engrandecida pela união com a Deidade. Ele suportou o equivalente ao inferno; mais ainda, não somente isso, mas suportou o equivalente a dez mil infernos no que concerne a restituição da Lei.

Nosso Senhor rendeu em Sua agonia de morte uma homenagem à justiça muito maior do que se um mundo houvera sido condenado à destruição. Tendo dito isso, que mais posso falar? Bem poderia lhe falar que essa inefável escuridão, esse esconderijo para a face Divina, diz muito mais das aflições de Jesus do que qualquer outra palavra poderia expressar.

Adicionalmente, penso que vejo também nessa *escuridão aquilo com o que Jesus estava combatendo*; porque jamais devemos esquecer que a cruz era um campo de batalha para Ele, onde triunfou de maneira gloriosa. Nesse momento, estava combatendo com as trevas; com os poderes da escuridão dos quais Satanás é o cabeça – com as trevas da ignorância humana, com a depravação e com a falsidade. A batalha que foi tão evidente no Gólgota foi da mesma intensidade desde sempre. Nesse momento o conflito chegou a seu clímax – pois os caudilhos dos grandes exércitos enfrentaram-se em um conflito pessoal. A batalha desse momento na que você e eu participamos de uma ou outra forma é como nada comparada com essa batalha na que todos os poderes das trevas com seus compactos batalhões lançaram-se contra o Todo Poderoso Filho de Deus. Ele resistiu sua investida inicial, suportou o tremendo golpe de seu assalto, e ao fim, com gritos de vitória, levou cativo o cativo.

Ele, por Seu poder e Divindade, converteu a meia-noite em dia novamente, e trouxe de novo para esse mundo um reino de luz que, bendito seja Deus, jamais terá fim. Voltem à batalha, exércitos das trevas, se é que vocês se atrevem! A cruz os derrotou: a cruz os derrotará. Aleluia! A cruz é o estandarte da vitória; sua luz é a morte das trevas. A cruz é o farol que guia a pobre humanidade agitada pelo mal tempo ao porto da paz. Essa é a lâmpada que brilha sobre a porta da casa do grandioso Pai para conduzir ao filho pródigo para casa.

Não tenhamos medo de toda escuridão que nos ronda a caminho de casa, já que Jesus é a luz que conquista tudo.

As trevas não chegaram a um fim até que o *Senhor Jesus rompeu o silêncio*. Tudo havia estado quieto, e as trevas aumentaram de maneira terrível. Ao fim, Ele falou, e Sua voz pronunciou um salmo. Tratava-se do Salmo 22: “*Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste.*” Cada “Eli” que repetia desdobrava a manhã na cena. Quando Cristo pronunciou a pergunta “... *porque me desamparaste?*”, os homens já tinha voltado a enxergar novamente, e alguns se atreveram em mal interpretar Suas palavras, mais por conta do terror do que por ignorância. Eles disseram: “*A Elias chama...*” Talvez eles pretendessem que fosse uma zombaria, porem, eu não creio

assim. De toda maneira, não foi uma expressão que tenham percebido, como tampouco a resposta de seus companheiros.

No entanto, já havia um pouco mais de luz, o lhes permitiu tomar uma esponja e encharcar ela em vinagre. Meus irmãos, nenhuma luz virá aos corações submersos na escuridão a menos que Jesus fale; e a luz não será clara a menos que ouçamos a voz de Suas aflições por nossa causa, conforme exclama: *“porque me desamparaste?”* Sua voz de dor deve ser o fim de nossas dores: Seu grito nas trevas deve alegrar nossas tristezas, e deve trazer a manhã celestial para nossas mentes.

Vocês podem ver quanto há no meu texto. É uma verdadeira alegria falar sobre um tema quando se tem boa saúde, e se está repleto de vigor; então somos como Naftali, cervas soltas; podemos dar boas palavras: porém, hoje me acho em meio de dores quanto a meu corpo, e minha mente parece estar congelada. No entanto, o Senhor pode abençoar minhas débeis palavras, fazendo-lhes ver que nessas trevas existe um profundo e amplo significado que ninguém dentre nós deve esquecer. Se Deus os ajuda em suas meditações, essas trevas serão luz em volta de vocês.

IV. Passo agora a meu quarto ponto, e para concluir, minhas palavras tratarão sobre A SIMPATIA QUE PROFETIZA. Vocês podem ver a simpatia da natureza com seu Senhor: a simpatia do sol nos céus com respeito ao Sol da Justiça? Não era possível que Aquele quem fez todas as coisas estivesse na escuridão, e enquanto isso a natureza estivesse na luz.

A primeira evidência de simpatia que vejo é essa: todas as luzes são frágeis quando Cristo não brilha. Tudo é escuridão quando Ele não brilha. Na igreja, se Jesus não está lá, o que é que há lá? O próprio sol não poderia brindar-nos de luz se Jesus fosse quitado. As sete lâmpadas de ouro estão prestes a extinguir-se, a menos que Ele caminhe em meio delas, e as limpe e avive com azeite santo.

Meus irmãos, vocês logo perdem suas energias, seus espíritos desmaiam, e suas mãos se cansam se o Cristo não está com vocês. Se Jesus Cristo não é pregado de maneira íntegra, se Ele não está conosco por Seu Espírito, então tudo está envolto em trevas.

Escureçam a cruz, e terão escurecido todo o ensino espiritual. Não podem dizer: “Seremos claros em qualquer outro ponto, e lúcidos em matéria de qualquer outra doutrina, porem vamos evitar a expiação, pois tantas pessoas pensam preocupadamente a respeito.”

Não, senhores, se uma luz é posta debaixo de um alqueire, toda a casa estará em trevas. Toda a teologia simpatiza com a cruz, e recebe sua cor e seus matizes dela. Seu piedoso serviço, seus livros, sua adoração pública, tudo estará em harmonia com a cruz de uma forma ou outra. Se a cruz está em trevas, em trevas também estará todo o trabalho de vocês-

*“Que pensas tu de Cristo? Essa é a prova
Para medir tanto teu trabalho como teu esquema;
Não podes estar correto em nada,
A menos que penses corretamente Nele.”*

Tire suas duvidas; fabrique filosofias, e elabore suas teorias: não haverá nada de luz nisso se a cruz fica de fora. Vãs são as fagulhas que você se fabricou, irá estar absorvido em dor. Todo nosso trabalho e esforço terminarão em vaidade a menos que o trabalho e esforço de Cristo sejam nossa primeira e única esperança. Se você está na escuridão sobre esse ponto, única luz, qual grande é sua escuridão!

Continuando, *vejam a dependência de toda criação em Cristo*, como se manifesta por meio das trevas, quando Ele se retira. Não era conveniente que Aquele que fez todos os mundos morrera, e que, no entanto, todos os mundos continuassem como haviam sido criados até esse momento. Se Ele sofre um eclipse, eles devem sofrer um eclipse também; se o Sol da Justiça se oculta em sangue, o sol natural deve manter-se em contato com Ele.

Creio, meus amigos, que existe uma simpatia mais maravilhosa entre Cristo e o mundo da natureza, do que nós podemos imaginar. Toda a criação geme em uníssono, e uma está em dores de parto. Cristo em Seu corpo místico está em trabalhos, e assim a criação inteira deve esperar a manifestação do Filho de Deus. Estamos esperando a vinda do Senhor desde os céus, e não há monte nem vale, montanha nem mar, que não estejam em perfeita harmonia

com a igreja que espera. Não se surpreendam que haja terremotos em diversos lugares, erupções vulcânicas, terríveis tempestades, e proliferação de enfermidades mortais. Não se maravilhem quando ouçam de portentos terríveis, e coisas que fazem o coração gemer, pois essas coisas existirão até que venha o fim. Até que o grandioso Pastor converta Seu cajado em cetro, e comece Seu reino que não conhece sofrimento, essa pobre terra deve sangrar por cada uma de suas veias. As trevas existirão até que esses dias de espera cheguem a seu fim. Os que esperam uma história plácida até que Cristo venha, não sabem o que esperam.

Vocês que pensam que a política generosa ira criar ordem e contentamento, e que o crescimento do livre comércio produzirá paz universal nas nações, buscam aos vivos em meio dos mortos. Até que o Senhor venha, a mensagem saiu: “*A ruína, ruína, ruína,*” e tudo será reduzido em ruínas, não só em outros reinos, mas também nesse, até que venha Jesus. Tudo o que possas ser abalado, será abalado, e só Seu trono irremovível e Sua verdade permanecerão. Agora é o tempo da batalha do Senhor contra as trevas, e não podemos esperar ainda a luz permanente.

Queridos amigos, o pecado que ocultou Cristo em trevas e o fez morrer em trevas, escurece o mundo todo. O pecado que ocultou a Cristo em trevas e o fez pender da cruz, está escurecendo aos que não crêem Nele, e viverão na escuridão e morrerão na escuridão a menos que se aproximem Dele, que é a única luz do mundo, e o que lhes pode proporcionar a luz. Não há luz para ninguém exceto em Cristo; e até tanto não creiam Nele, uma densa escuridão os cegará, tropeçarão e perecerão. Essa é a lição que quero que aprendam.

Outra lição prática é: se nos encontramos em trevas nesse momento, se nossos espíritos estão imersos na escuridão, não desesperemos, pois o *próprio Senhor Cristo esteve lá*. Caso eu tenha caído na miséria por causa do pecado, não devo abandonar toda esperança, pois o Amado do Pai passou por uma escuridão mais densa que a minha.

Oh, alma crente, se você está na escuridão está próximo das bodegas do Rei, e existe vinhos bem refinados descansando ai. Foi introduziu no pavilhão do Senhor, e agora pode falar com Ele. Não irá encontrar a Cristo nas lúcidas lojas do orgulho, nem nas sujas

guaridas da impiedade: não o acharão onde o violino, a dança e o licor que fluem incendeiam as luxúrias dos homens, mas sim nas casas do luto encontrarão ao Homem de Dores. Ele não está onde Heródias baila, nem onde Berenice lança seus encantos; porem, Ele está onde a mulher de espírito contristado move seus lábios em oração. Ele nunca está ausente do lugar onde a penitência se senta nas trevas e lamenta suas faltas -

*“Sim, Senhor, em horas de tristeza,
Quando as sombras invadem minha habitação,
Quando a dor exala seus gemidos,
E a tristeza seus suspiro e lamentos,
Então Tu está próximo.”*

Se vocês estão debaixo de uma nuvem, busquem seu Senhor, se de alguma maneira O puderem achar. Fique quieto em sua negra aflição, e digam: “Oh, Senhor, o pregador me diz que Tua cruz uma vez esteve em tal negridão como essa. Oh Jesus, ouve-me!” Ele te responderá: O Senhor irá vigiar desde o pilar das nuvens e derramará uma luz sobre você. “*Pois conheci suas angústias,*” Ele disse. O quebrantamento do coração não é algo estranho para Ele. Cristo também sofreu uma vez pelo pecado. Confia Nele e Ele fará que Sua luz brilhe sobre você. Descanse Nele, e Ele o sacará desse deserto tenebroso, e o levará à terra do descanso. Que Deus os ajude a fazer isso!

Sábado passado tive uma alegria além do que posso descrever-lhes, por uma carta de um irmão que tinha sido restaurado à vida, luz e liberdade pelo sermão pregado no domingo anterior pela manhã. Não conheço uma alegria maior do que ser útil para as almas. Por essa razão, tratei de pregar essa manhã, ainda que não me sinto bem fisicamente para pregar. Oh, rogo para que possa ouvir mais notícias dos que foram salvos! Oh, que algum espírito que se extraviou no escuro pântano possa ver a vela que há em minha janela, e encontre o caminho de casa! Se você encontrou ao Senhor, o exorto a que jamais o deixe ir, una-se a Ele até que o dia venha e as sombras fujam. Que Deus o ajude a fazer isso por Jesus! Amém.

Está Consumado!

Nº 421

Um sermão pregado na manhã do Domingo 1º de Dezembro, 1861
por Charles Haddon Spurgeon
No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

"E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito." João 19: 30

Meus irmãos, gostaria que vocês observassem com atenção a singular clareza, o poder e a vivacidade da mente do Salvador, nas últimas agonias da morte. Quando as dores e os gemidos acompanham a última hora, frequentemente têm o efeito de descompor a mente, de tal forma que não é possível que o moribundo recolha seus pensamentos, ou, tendo-os recolhido, que possa expressá-los de tal maneira que outras pessoas os entendam. Em nenhum caso podemos esperar um notável exercício da memória de um homem a ponto de expirar, ou um juízo profundo sobre temas complexos. Mas os últimos atos do Redentor estiveram cheios de sabedoria e prudência, ainda que seus sofrimentos tenham sido agudos, além de toda medida. Observem o quão claramente Ele percebeu o significado de cada figura! Quão claramente pôde ler com Seu olho agonizante esses símbolos divinos que os olhos dos anjos somente podiam olhar ansiosos! Ele viu que os segredos que surpreenderam os sábios e assombraram os videntes, se cumpriam todos em Seu próprio corpo.

Não devemos deixar de observar o poder e o alcance de Seu entendimento sobre a corrente que ligava o passado de sombras simbólicas com o presente iluminado pelo sol. Não devemos esquecer o brilho dessa inteligência que amarrava todas as cerimônias e os sacrifícios em um único fio de pensamento, e considerava todas as profecias como uma grandiosa revelação única, e todas as promessas como os arautos de uma pessoa, e que logo disse de tudo isso, *"Está consumado, consumado em mim."*

Que vivacidade de mente era essa que lhe permitiu atravessar todos os séculos de profecia, penetrar a eternidade do pacto, e logo antecipar as glórias eternas! E tudo isto enquanto era escarnecido por multidões de inimigos, e enquanto Suas mãos e Seus pés eram cravados na cruz! Que força mental deve ter possuído o Salvador, para elevar-se acima desses Alpes de Agonia, que tocavam as próprias nuvens. Em que condição mental tão singular se encontrava Ele no momento de Sua crucificação, para poder repassar todo o registro da inspiração!

Agora, pode parecer que esta observação não tenha grande valor, mas eu penso que precisamente seu valor está radicado em certas deduções que possam ser estabelecidas a partir dela. Às vezes escutamos que se diz: "Como Cristo pôde suportar, em tão curto tempo, o sofrimento que deveria ser equivalente aos tormentos, os eternos tormentos do inferno?" Nossa resposta é que não somos capazes de julgar o que o Filho de Deus é capaz de fazer em apenas um momento, e muito menos o que poderia fazer e o que poderia sofrer em toda Sua vida e Sua morte.

Algumas pessoas que foram resgatadas depois de estar a ponto de afogarem-se, afirmaram com frequência que a mente de um homem que está se afogando é singularmente ativa. Alguém que, depois de estar algum tempo na água, e por fim foi resgatado dolorosamente, comentou que a história de sua vida completa se agrupou em sua mente enquanto estava afundando, e que se alguém houvesse perguntado quanto tempo tinha estado na água, teria respondido que vinte anos, enquanto na verdade tinha estado ali unicamente por um momento ou dois.

O extravagante relato da viagem de Maomé montando Alborak¹⁰, não é uma ilustração inadequada. Ele afirma que quando o anjo veio em visão para levá-lo em sua celebrada viagem para Jerusalém, atravessou todos os sete céus e viu todas as suas maravilhas e, contudo, se havia ido por tão curto tempo que ainda que a asa do anjo tivesse roçado uma bacia de água quando se foram, regressaram o suficientemente rápido para evitar que a água se

¹⁰ **Alborak**: cavalo alado imaginário com cara de mulher e rabo de pavão real, branco como o leite, no qual cavalgou Maomé para ser transportado ao céu. É uma personificação do raio.

derramasse. O longo sonho do impostor epiléptico pode haver ocupado realmente um segundo de tempo, nada mais.

O intelecto do homem mortal é tal que, se Deus assim o quer, quando se encontra em certos estados, pode ponderar séculos de pensamento de uma só vez; pode alcançar, em um instante, o que suporíamos que tomaria anos e anos para conhecer ou sentir. Portanto pensamos que, pela singular clareza e a vivacidade do intelecto do Salvador na cruz, é muito possível que no espaço de dois ou três horas suportou em verdade, não somente a agonia que poderia ter sido contida em séculos, mas inclusive o equivalente ao que poderia ter estado incluído no castigo eterno.

De qualquer maneira, não nos corresponde dizer que não poderia ser assim. Quando a Divindade está adornada de humanidade, a humanidade se torna onipotente para sofrer; e assim como os pés de Cristo foram uma vez onipotentes para caminhar sobre os mares, assim também seu corpo inteiro se tornou todo poderoso para submergir-se nas grandes águas, e para suportar uma imersão em "agonias desconhecidas." Lhes rogo que não tentemos medir os sofrimentos de Cristo com a linha finita de nossa própria razão ignorante, mas que devemos saber e crer que o que Ele suportou ali, foi aceito por Deus como o equivalente de todas as nossas dores e, portanto, não poderia ter sido algo sem valor; mas foi tudo o que Hart concebeu que era, quando diz que Ele carregou com:

*"Tudo o que o Deus encarnado podia suportar,
Com a força suficiente, mas toda Sua força requerida."*

Não duvido que minha mensagem ilustrará de maneira mais clara a observação com a qual comecei; procedamos a ele de imediato. Primeiro, *ouçamos o texto e o entendamos*; logo, *ouçamos e maravilhemo-nos dele*; e logo, em terceiro lugar, *o ouçamos e o proclamemos*.

I. OUÇAMOS O TEXTO E O ENTENDAMOS.

O Filho de Deus foi feito homem. Ele viveu uma vida de perfeita virtude e de total autonegação. Durante toda Sua vida foi desprezado e descartado entre os homens, varão de dores, experimentado em quebranto. Seus inimigos foram legiões; teve poucos amigos, e esses poucos Lhe foram infiéis. Por fim é entregue nas mãos dos que O odeiam. O prendem quando se encontra orando; é denunciado tanto nas cortes espirituais como nas temporais. O vestiram de púrpura para burlar-se Dele e logo o desnudaram para envergonhá-lo. É colocado em Seu trono para escarnecimento e logo amarrado ao pilar com crueldade. É declarado inocente e, contudo, é entregue pelo juiz que deveria tê-lo protegido de Seus perseguidores. É arrastado pelas ruas de Jerusalém, aquela que havia matado os profetas, e que agora se tingiria de vermelho com o sangue do Senhor dos profetas. É conduzido à cruz; é cravado firmemente ao cruel madeiro. O sol O queima. Suas cruéis feridas aumentam a febre. Deus o desampara. "*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*", contém a angústia concentrada do mundo. Enquanto está cravado ali em conflito mortal com o pecado e Satanás, Seu coração está quebrantado, seus membros deslocados. O céu Lhe abandona, pois o sol está velado em trevas. A terra Lhe desampara, pois "*todos os discípulos, deixando-o, fugiram.*" Olha em todas as partes, e não há ninguém que O ajude; lança Seu olhar ao redor, e não há ninguém que possa compartilhar Sua pena. Pisa sozinho o lagar, e nenhum de Seus amigos está com Ele. Ele segue, segue adiante, determinado com firmeza a beber até a última gota desse cálice que não deve passar Dele, mas sim deve cumprir a vontade de Seu Pai. Finalmente clama: "*Está consumado,*" e entrega o espírito. Ouçam-no, cristãos, ouçam este grito de triunfo que ressoa hoje com todo o frescor e a força que teve há dois mil anos! Ouçam-no desde a Palavra Sagrada e dos lábios do Salvador, e que o Espírito de Deus abra seus ouvidos para que possam ouvir como os entendidos, e entender o que ouvem!

1. Então, o que o Salvador quis dizer com a expressão: "*Está consumado?*" Antes de tudo, quis dizer *que todos as figuras, promessas, e profecias foram agora plenamente cumpridos Nele.* Quem está familiarizado com o original encontrará que as palavras: "*Está consumado,*" aparecem duas vezes em meio a três versículos. No versículo 28, encontramos essas palavras no grego; em nossa versão se traduzem como "cumprido" (Versão King James, 1611) mas ali

estão: "Depois, sabendo Jesus que todas as coisas estavam consumadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede." E depois disse: "Está consumado." Isto não nos conduz a ver seu significado claramente, que toda a Escritura havia se cumprido naquele momento; do que quando disse: "Está consumado," o Livro inteiro, desde o princípio até o fim, tanto na lei como nos profetas, tudo tinha sido consumado Nele.

Não há uma só jóia de promessa, desde essa primeira esmeralda que caiu no umbral do Éden, até a última pedra de safira de Maláquias, que não haja estado incrustada no peitoral do verdadeiro Sumo Sacerdote. E mais, não há nenhum tipo, desde a vaca alazã até a rola, desde o hísopo até o próprio templo de Salomão, que não tenha se cumprido Nele; e nem uma só profecia, seja a que foi dada junto ao rio Quebar, ou nas margens do Jordão; nenhum sonho dos sábios, seja o que foi sonhado na Babilônia, ou na Samaria, ou na Judéia, que não haja sido concretizado com plenitude em Cristo Jesus.

E, irmãos, que coisa tão maravilhosa é que uma multidão de promessas, e profecias, e figuras, aparentemente tão heterogêneas, tenham se cumprido todas em uma pessoa! Suponhamos que tirássemos a Cristo por um momento, e que déssemos o Antigo Testamento a qualquer sábio da terra, dizendo a ele: "Toma isto; isto é um problema; vai para casa e constrói em tua imaginação um caráter ideal que se ajuste com exatidão a tudo o que foi prefigurado aqui; lembre-se, deve ser um profeta como Moisés, e também um campeão como Josué; deve ser um Arão e um Melquisedeque; deve ser tanto Davi como Salomão, Noé e Jonas, Judá e José. E tem mais, não deve ser unicamente o cordeiro que foi imolado, e o bode expiatório que não foi imolado, a rola que era submersa em sangue, e o sacerdote que sacrificava a ave, mas também que deve ser também o altar, o tabernáculo, o propiciatório, e o pão da proposição."

Além disso, para confundir ainda mais a este sábio, relembremos a ele as profecias tão aparentemente contraditórias, que um pensaria que não poderiam nunca ser conciliadas em um só homem. Como estas: "*E todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão;*" e, contudo, é "*Desprezado e o mais rejeitado entre os homens.*" Deve

começar a mostrar um homem nascido de uma mãe virgem: "*Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho.*" Deve ser um homem sem mancha, e contudo, alguém em quem o Senhor concentra as iniquidades de todos nós. Deve ser alguém glorioso, um Filho de Davi, e, contudo, deve ser uma raiz de terra seca.

Agora, e o digo sem nenhum temor, se todos os maiores intelectos de todas as eras se pusessem a resolver este problema, a inventar outra chave para os tipos e as profecias, não poderiam fazê-lo. Eu os vejo, homens sábios, vocês estão decifrando estes hieróglifos; alguém sugere uma senha, e abre das ou três destas figuras, mas não pode prosseguir, pois a seguinte figura o desconcerta. Outro estudioso sugere outra senha, mas resulta que falha onde é mais necessária, e outro, e outro, e assim estes maravilhosos hieróglifos traçados antigamente por Moisés no deserto, devem ficar sem explicação, até que alguém passa à frente e proclama: "*A cruz de Cristo, o Filho de Deus encarnado;*" então tudo clareia, de tal forma que um que corre pode ler e uma criança pode entender.

Bendito Salvador! Em Ti vemos cumprido tudo o que Deus falou desde o princípio por meio dos profetas; em Ti descobrimos que tudo foi consumado com plenitude, tudo aquilo que Deus havia estabelecido para nós na sombria névoa da fumaça sacrificial. Glória seja dada ao Teu nome! "*Está consumado,*" tudo está resumido em Ti.

2. Mas as palavras têm um significado ainda mais rico. Não somente foram todas as figuras, e as profecias, e as promessas consumadas em Cristo, mas sim que *todos os sacrifícios típicos da antiga lei judia foram abolidos e também foram explicados.* Se terminaram, se terminaram Nele. Poderíamos imaginar por um minuto, os santos no céu inclinados, olhando que foi feito na terra? Abel e seus amigos que haviam estado sentados nas glórias de cima desde muito antes do Dilúvio; eles observam enquanto Deus acende estrela por estrela no céu. Promessa por promessa projeta luz sobre as densas trevas da terra. Vêm chegar a Abraão e se inclinam, contemplam e se maravilham quando olham a Deus revelando Cristo para Abraão na pessoa de Isaque. Eles olham, assim como os anjos fazem, ansiando decifrar o mistério.

Desde os tempos de Noé, Abraão, Isaque, e Jacó, eles contemplam altares em chamas, sinais que mostram que o homem é culpado, e os espíritos diante do trono dizem: "Senhor, quando terminarão os sacrifícios? Quando já não se derramará mais sangue?" O oferecimento de sacrifícios sangrentos logo aumenta. Agora são levados a cabo por homens ordenados para esse propósito. Arão e os sumos sacerdotes, e os levitas, cada manhã e cada tarde oferecem um cordeiro, enquanto que grandes sacrifícios são oferecidos em ocasiões especiais. Os novilhos gemem, os carneiros sangram, os pescoços das pombas são quebrados, e durante todo esse tempo os santos estão clamando: "Oh, Jeová, até quando? Quando cessará o sacrifício?"

Ano após ano o sumo sacerdote atravessa o véu e borrifa com sangue o propiciatório; o ano seguinte o vê fazendo o mesmo, e o seguinte, e outra vez, e outra vez, e outra vez. Davi oferece holocaustos, e Salomão sacrifica a dezenas de milhares; Ezequias oferece rios de azeite, Josias dá abundância da gordura de bestas engordadas, e os espíritos dos justos perguntam: "Quando será suficiente? Quando terminará o sacrifício? Deverá ser sempre uma lembrança do pecado? Não virá em breve o último Sumo Sacerdote? Não farão logo o seu trabalho, a ordem e a linhagem de Arão, porque tudo se consumou?" Ainda não, ainda não, espíritos dos justos, mas depois do cativoiro ainda permanece o sacrifício das vítimas.

Mas eis aqui, Ele vem! Olhem mais atentamente que antes: Vem Quem porá fim à linhagem dos sacerdotes! Olhem! Ali está, vestido (mas agora sem a éfode de linho, sem os sinos que badalam, e sem as brilhantes jóias em seu peitoral) mas vestido com um corpo humano, sendo Seu altar a cruz, e Seu corpo e Sua alma a vítima, e sendo Ele mesmo o sacerdote, olhem! Diante de Seu Deus oferece Sua própria alma detrás do véu de densas trevas que O cobriram do olhar dos homens. Apresentando Seu próprio sangue, atravessa o véu, o borrifa ali, e avançando desde o centro das trevas, olha para baixo, a terra atônita, e para cima, o céu expectante, e clama: "Está consumado! Está consumado!" Isso que vocês esperaram durante tanto tempo, foi cumprido e aperfeiçoado plenamente e para sempre.

3. O Salvador quis dizer, sem dúvida, que nesse momento *Sua obediência perfeita havia sido consumada*. Era necessário, para que o homem pudesse ser salvo, que se guardasse a lei de Deus, pois nenhum homem pode ver o rosto de Deus a menos que seja perfeito em justiça. Cristo se comprometeu a guardar a lei de Deus por Seu povo, a obedecer cada um de Seus mandamentos, e a preservar intactos cada um de Seus estatutos. Durante todos os primeiros anos de Sua vida, Ele obedeceu em particular, honrando a Seu pai e a Sua mãe; durante os seguintes três anos, Ele obedeceu a Deus publicamente, gastando-se e sendo gasto em Seu serviço, a ponto que se quisesse saber como seria um homem cuja vida está plenamente conformada à lei de Deus, pode vê-lo em Cristo.

*"Meu amado Redentor e meu Senhor,
Leio meu dever em Tua palavra,
Mas em Tua vida a lei se mostra
Desenhada em caracteres vivos."*

Nada mais era necessário para completar a perfeita virtude da vida senão a obediência perfeita na morte. Quem quer servir a Deus deve estar pronto, não somente a entregar toda sua alma e sua força enquanto vivo, mas também estar preparado a renunciar à sua vida quando seja para a glória de Deus. Nosso perfeito substituto pôs a última pincelada em Sua obra ao morrer e, portanto, Ele argumenta que está absolvido de qualquer dívida, pois *"Está consumado."* Sim, glorioso Cordeiro de Deus, está consumado! Tu foste tentado em todos os pontos que nós somos tentados; contudo, Tu não pecaste em nenhum deles!

Consumado foi, pois a última flecha saída da aljava de Satanás havia sido lançada contra Ti; a última insinuação blasfema, a última tentação perversa havia extinguido sua fúria em Ti; o Príncipe deste mundo Te havia inspecionado da cabeça aos pés, por dentro e por fora, mas não encontrou nada em Ti. Agora Tua prova terminou, consumaste a obra que o Pai te encomendou, e a terminou de tal maneira que o próprio inferno não pode acusar-te de nenhuma imperfeição. E agora, considerando Tua perfeita obediência, Tu dizes: *"Está consumado,"* e nós, Teu povo, cremos cheios de alegria que assim é.

Irmãos e irmãs, isto é mais do que vocês ou eu poderíamos ter dito se Adão não houvesse caído nunca. Se houvéssemos estado no jardim do Éden hoje, nunca teríamos podido vangloriar-nos de uma justiça consumada, posto que uma criatura não pode consumir nunca sua obediência. Enquanto uma criatura viva, está obrigada a obedecer, e enquanto exista um agente livre na terra, estará em perigo de violar seu voto de obediência. Se Adão estivesse estado no Paraíso desde o primeiro dia até agora, poderia cair amanhã. Abandonado a si mesmo, não há razão pela qual esse rei da natureza já não houvesse perdido sua coroa.

Mas Cristo, o Criador que terminou a criação, aperfeiçoou a redenção. Deus não pode pedir mais. A lei recebeu todas as suas demandas; o maior alcance da justiça não pode reclamar a obediência de outra hora. *Está consumado*; está completado; o último giro da lançadeira terminou, e o manto está tecido desde cima e por completo. Então, regozijemo-nos porque o Senhor quis expressar mediante Seu grito agonizante que Sua justiça perfeita com a que nos cobre, foi consumada.

4. Além disso, o Salvador quis dizer *que a satisfação que Ele deu à justiça de Deus havia sido consumada*. Agora a dívida havia sido saldada até o último centavo. A expiação e a propiciação foram feitas de uma vez por todas e para sempre, por meio dessa única oferta feita no corpo de Jesus no madeiro. Ali estava a copa; o inferno estava nela; o Salvador a bebeu: não deu um trago e logo uma pausa; não deu um sorvo e logo um descanso. Não. Ele a esgotou até que não ficou nem um só resíduo correspondente a alguém de Seu povo. O grande chicote de dez correias da lei foi gasto em Suas costas; não ficou nenhum flagelo para golpear a alguém por quem Jesus morreu. O grande bombardeio da justiça de Deus utilizou todas suas munições; não fica nada que possa ser lançado contra um filho de Deus. Oh justiça, tua espada está embainhada! Teu trovão está silenciado, oh Lei! Agora não fica nada de todas as aflições, e dores, e agonias que deveriam ter sofrido por seus pecados os pecadores escolhidos, pois Cristo suportou tudo por Seus próprios amados, e "*está consumado*".

Irmãos, *é mais do que jamais podem dizer os condenados no inferno*. Se vocês e eu tivéssemos sido obrigados a satisfazer a justiça de Deus sendo enviados ao inferno, nunca teríamos podido dizer: "*Está*

consumado." Cristo pagou a dívida que todos os tormentos da eternidade não teriam podido pagar. Almas perdidas, vocês sofrem hoje, como sofreram em anos passados, mas a justiça de Deus não foi satisfeita; Sua lei não foi plenamente engrandecida. E quando o tempo termine, e a eternidade flutue para sempre, para sempre, sem ter pago nenhum saldo da dívida, o castigo pelo pecado deve recair sobre os pecadores que não foram perdoados. Mas Cristo fez o que todas as chamas do abismo não poderiam fazer em toda a eternidade; Ele engrandeceu a lei e a fez nobre, e agora clama da cruz: "Está consumado."

5. Além disso, quando disse: "Está consumado," *Jesus havia destruído totalmente o poder de Satanás, do pecado, e da morte*. O campeão se alistou para combater pela redenção de nossa alma, contra todos os inimigos. Ele enfrentou o pecado. Horrível, terrível, o onipotente Pecado o cravou na cruz; mas nessa ação, Cristo também cravou o Pecado na cruz. Ali estiveram os dois cravados juntos: o Pecado e o destruidor do Pecado. O pecado destruiu a Cristo e mediante essa destruição, Cristo destruiu o pecado.

Em seguida veio o segundo inimigo, Satanás. Ele assaltou a Cristo com todas as suas hostes. Chamando a seus asseclas de cada canto e quartel do universo, disse: "Despertem, levantem-se, ou fiquem caídos para sempre! Aqui está nosso grande inimigo que jurou ferir minha cabeça; agora firamos Seu calcanhar!" Eles lançaram seus dardos infernais a Seu coração; derramaram seus caldeirões ferventes em Seu cérebro; esgotaram seu veneno em Suas veias; cuspiram suas insinuações em Seu rosto; sussurraram seus diabólicos medos em Seu ouvido. Ele esteve só, o leão da tribo de Judá, perseguido por todos os cães do inferno. Nosso campeão não se abateu, mas usou Suas armas santas, golpeando à direita e à esquerda com todo o poder de Sua humanidade apoiada por Deus.

As hostes caíram em cima Dele; carga e mais carga foram atiradas contra Ele. Estes não eram remedos de trovões, mas sim descargas do tipo que poderiam sacudir as próprias portas do inferno. O conquistador avançou com firmeza, derrubando seus esquadrões, fazendo pedaços de Seus inimigos, rompendo o arco e despedaçando as lanças, e queimando os carros no fogo, enquanto clamava, "*Eu vou destruí-los em nome de Deus*". No fim, passo a passo,

enfrentou o campeão do inferno, e agora nosso Davi combateu a Golias. A luta não durou muito; as trevas que se juntaram ao redor de ambos foram muito densas; mas o Filho de Deus assim como o Filho de Maria, sabia como golpear o inimigo, e em efeito o golpeou com fúria divina, até que, tendo-o despojado de sua armadura, tendo detido seus dardos inflamados, e tendo ferido sua cabeça, clamou: "Está consumado," e enviou o diabo, sangrando e uivando, ao profundo do inferno. Podemos imaginá-lo sendo perseguido pelo eterno Salvador, que exclama:

"Traidor!

***Meu raio te encontrará e te traspassará por completo,
Ainda que afundes sob a onda mais profunda do inferno,
Buscando uma tumba protetora."***

Seu relâmpago alcançou o inimigo, e imobilizando suas duas mãos, o Salvador o amarrou com grandes correntes. Os anjos trouxeram a carruagem real das alturas, em cujas rodas foi levado cativo o diabo. Arreia os corcéis para que subam as colinas eternas! Os espíritos aperfeiçoados saem ao Seu encontro. Entoam hinos ao conquistador que arrasta atrás de si a morte e o inferno, e leva cativo o cativo! "Levantai, ó portas, as vossas cabeças, levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da glória." Vejam! Agarra o demônio e o lança ao fundo através da noite sem limites, quebrantado, ferido, com seu poder destruído, despojado de sua coroa, ficando preso para sempre no abismo do inferno.

Assim, quando o Salvador clamou: "Está consumado," havia derrotado o Pecado e Satanás; igualmente tinha vencido a Morte. A morte tinha vindo contra Ele, como Christmas Evans¹¹ o expressa, com seu dardo inflamado que afundou no Salvador, até o ponto fixado na cruz, e quando tentou tirá-lo de novo, deixou ali seu aguilhão. Que mais podia fazer? Estava desarmado. Nesse instante Cristo liberou alguns de seus prisioneiros; pois muitos dos santos se levantaram e foram vistos por muitas pessoas: então lhe disse a Morte: "Morte, arrebató tuas chaves; tu vais viver ainda um pouco mais de tempo, para ser o guarda dessas camas nas quais dormirão

¹¹ **Christmas Evans** (1766–1838) foi um ministro galês não-conformista, visto como uno dos maiores pregadores da história do País de Gales. Era cego de um olho.

meus santos, mas dá-me tuas chaves." E, eis aqui, o Salvador tem hoje as chaves da morte penduradas em Seu cinturão, e espera a hora que virá – da qual ninguém sabe nada – quando a trombeta do arcanjo soará como as trombetas de prata do Jubileu, e então Ele dirá: "*Solta meus cativos.*" Nesse momento as tumbas serão abertas em virtude da morte de Cristo, e os corpos dos santos viverão outra vez em uma eternidade de glória.

***"Está consumado!
Ouçam o grito do Salvador que agoniza."***

II. Em segundo lugar, DEVEMOS OUVIR E MARAVILHAR-NOS.

Percebamos que coisas poderosas foram executadas e obtidas com estas palavras: "*Está consumado.*" Desta maneira Ele *ratificou o pacto*. Esse pacto foi firmado e selado com anterioridade, e em todas as coisas foi bem organizado, mas quando Cristo disse: "*Está consumado,*" então o pacto foi assegurado duplamente; quando o sangue do coração de Cristo salpicou o rolo divino, já não poderia ser revertido jamais, nem nenhuma de suas ordenanças poderia ser quebrantada, nem nada do que foi estipulado por Ele poderia falhar. Vocês sabem que o pacto era neste sentido. Deus estabeleceu que deixaria que Cristo visse o fruto do trabalho de Sua alma; que todos os que foram dados a Ele teriam novos corações e espíritos retos; que seriam lavados do pecado, e que entrariam na vida eterna por meio Dele. A parte do pacto correspondente a Cristo era esta: "Pai, eu farei a Tua vontade; pagarei o resgate até a última nota; Te prestarei obediência perfeita e Te darei completa satisfação." Agora, se esta segunda parte do pacto não se cumprisse nunca, a primeira parte teria sido inválida, mas quando Jesus disse: "*Está consumado,*" então já não ficou nada por fazer da parte Dele, e agora o pacto está todo de um lado só. É o "Eu farei" de Deus, e, por conseguinte "Eles farão" "*E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo.*" "*Espalharei sobre vós água limpa, e sereis limpos de todas vossas iniquidades.*" "*O dia que os limpe de todas as vossas iniquidades.*" "*Os farei andar por caminhos que não haviam conhecido.*" "*E eu também te farei voltar.*"

O pacto foi ratificado nesse dia. Quando Cristo disse: "*Está consumado,*" Seu Pai foi honrado, e a divina justiça foi plenamente

manifesta. Certamente o Pai sempre amou Seu povo. Não pensem que Cristo morreu para fazer de Deus um Pai amoroso. Ele sempre o amou desde antes da fundação do mundo, mas "*Está consumado*," derrubou todas as barreiras que estavam no caminho do Pai. Ele queria, como um Deus de amor, e agora Ele podia, como um Deus de justiça, abençoar os pobres pecadores. Desde esse dia o Pai se agrada ao receber os pecadores em Seu peito.

Quando Cristo disse: "*Está consumado*," *Ele mesmo foi glorificado*. Então sobre Sua cabeça desceu a gloriosa coroa. Num momento o Pai lhe deu todas as honras que não havia tido antes. Ele tinha honra como Deus, mas como homem Ele foi desprezado e rejeitado; agora como Deus e homem, Cristo foi sentado para sempre no trono de Seu Pai, coroado com honra e majestade. Neste momento, também, por meio do "*Está consumado*," *o Espírito foi obtido para nós*.

*"É pelo mérito da morte
De Quem foi pendurado no madeiro,
Que o Espírito é enviado para que sopra
Nesses ossos secos que somos nós."*

Então o Espírito que Cristo tinha prometido em outro tempo, percebeu um caminho novo e vivo através do qual podia vir para habitar nos corações dos homens, e para que os homens pudessem subir e habitar com Ele no alto.

Nesse dia também, quando Cristo disse: "*Está consumado*," *as palavras tiveram efeito no céu*. Nesse dia os muros de crisólito se firmaram; então a luz de cor jaspe da cidade com portas de pérolas, brilhou como a luz de sete dias. Antes, por dizê-lo assim, os santos tinham sido salvos por crédito. Tinham entrado no céu, porque Deus tinha fé em Seu Filho Jesus. Se Cristo não tivesse terminado Sua obra, certamente teriam que abandonar suas esferas luminosas, e teriam que sofrer em suas próprias pessoas por seus pecados. Eu poderia representar o céu, se fosse permitido à minha imaginação por um momento, como se estivesse pronto a cambalear se Cristo não tivesse terminado Sua obra; suas pedras teriam se soltado; independentemente de quão maciças e estupendas fossem seus bastiões, teriam sido derrubadas como se estremecem as cidades terrenas sob os horrores de um terremoto.

Mas Cristo disse: "*Está consumado*," e o juramento, e o pacto, e o sangue, fixaram com firmeza o lugar de habitação dos redimidos, fizeram suas as mansões Dele de maneira segura e eterna, e ordenaram que seus pés estivessem firmes sobre a rocha. E mais, essas palavras "*Está consumado*," tiveram efeito nas sombrias cavernas e profundidades do INFERNO. Nesse momento Satanás golpeou furioso suas correntes de ferro, uivando "sou derrotado pelo próprio homem que pensei vencer; minhas esperanças estão destroçadas; nunca virá à minha casa-prisão nenhum dos escolhidos; em minha habitação nunca se encontrará alguém comprado com o sangue."

As almas perdidas se lamentaram nesse dia, pois disseram: "Está consumado, e se a Cristo mesmo, o substituto, não foi permitido que se libertasse enquanto não houvesse terminado todo Seu castigo, então nós nunca seremos livres." Foi seu duplo toque fúnebre, pois disseram, "Ai de nós! A justiça, que não permitiu que o Salvador escapasse, nunca permitirá que tenhamos liberdade. Concernente a Ele, está consumado, e portanto nunca será consumado no que concerne a nós."

Nesse dia também, a terra teve um flash de luz sobre ela que não havia conhecido antes. Nesse instante os picos de suas montanhas começaram a brilhar ao levantar-se o sol, e ainda que seus vales ainda estejam cobertos pela escuridão, e os homens vaguem daqui para ali, e andam tateando ao meio-dia como se fosse de noite, contudo, esse sol se está levantando, está subindo gradualmente seus degraus celestiais, para não se pôr jamais, e seus raios logo penetrarão as densas névoas e as nuvens, e todo olho O verá, e todo coração será alegrado por Sua luz. As palavras "*Está consumado*" consolidaram o céu, sacudiram o inferno, consolaram a terra, agradaram ao Pai, glorificaram ao Filho, trouxeram o Espírito Santo, e confirmaram o pacto eterno para toda a semente escolhida.

III. E agora, passo para meu último ponto, sobre o qual vou falar brevemente. "*Está consumado*." DEVEMOS PROCLAMÁ-LO.

Filhos de Deus, vocês que por fé receberam a Cristo como seu tudo em tudo, proclamem a cada dia de suas vidas que "*Está*

consumado." Vão e digam a quem está torturando a si mesmo, pensando em dar satisfação por meio de obediência e mortificação. Aquele hindu que está ali, está a ponto de jogar-se sobre os pregos. Pare, pobre homem! Por que terias de sangrar? Pois, "*Está consumado.*" Aquele faquir está segurando sua mão ereta até que os cravos transpassem sua carne, torturando-se com jejuns e privações. Pare, pare, pobre desgraçado, deixe todas essas dores, pois "*Está consumado.*"

Em todas as partes da terra há quem pensa que a miséria do corpo e da alma pode ser uma expiação pelo pecado. Corra para eles, detenha-os de sua loucura e digam-lhes: "Por que fazes isto? 'Está consumado'." Cristo sofreu todas as dores que Deus exige; toda a satisfação que demanda a lei por meio da agonia da carne, Cristo já sofreu. "*Está consumado!*"

E quando tenham feito isto, busquem em seguida aos ignorantes cumpridores de votos de Roma. Quando vejam os sacerdotes dando às costas ao público, oferecendo a cada dia o pretendido sacrifício da missa, e levantando a hóstia para o alto – um sacrifício, dizem – "um sacrifício sem sangue para os vivos e os mortos," clamem: detenha-te, falso sacerdote, detenha-te! Pois, "*Está consumado.*" Pare, falso adorador, pare de inclinar-te, pois "*Está consumado!*" Deus não pede nem aceita nenhum outro sacrifício além daquele que Cristo ofereceu de uma vez por todas sobre a cruz.

Em seguida, vão até os insensatos no meio de seus compatriotas que se chamam a si mesmos protestantes, mas que são seguidores do Papa, depois de tudo, que pensam que mediante suas ofertas e seu ouro, suas orações e seus votos, que por assistir à igreja ou à capela, por seus batismos e suas confirmações, se farão a si mesmos aptos para Deus; digam a eles: "Detenham-se, 'Está consumado'; Deus não necessita isto de vocês. Ele já recebeu o suficiente; por que querem pendurar seus farrapos imundos no linho fino da justiça de Cristo? Por que querem adicionar sua moeda falsificada ao caro resgate que Cristo pagou à casa do tesouro de Deus? Parem com suas dores, suas obras, suas representações, pois 'Está consumado'; Cristo fez tudo." Este texto basta para dispersar o Vaticano aos quatro ventos. Coloquem isto na base do Papado, e como um trem carregado de pólvora debaixo de uma rocha, e o desintegrará no ar.

Este é o trovão contra toda a justiça humana. Somente deixem que venha como uma espada de dois gumes, e suas boas obras e suas finas representações logo serão jogadas fora. "Está consumado." Por que aperfeiçoar o que já está consumado? Por que tratar de adicionar algo ao que já está completo? A Bíblia está terminada, quem queira acrescentar algo verá seu nome apagado do Livro da Vida, e se verá fora da cidade santa: a expiação de Cristo está consumada, e quem queira acrescentar-lhe algo, deve esperar a mesma condenação. E quando o tenham proclamado assim ao ouvido dos homens de cada nação e de cada tribo, digam também a todas para as pobres almas desesperadas. Encontram-se de joelhos, clamando: "oh Deus, que posso fazer para compensar minhas ofensas?" Digam-lhes: "Está consumado;" a recompensa já foi entregue. "Oh Deus!" dizem, "como posso alcançar a justiça na qual Tu possas aceitar a um verme como eu?" Diga-lhes: "Está consumado;" sua justiça já está feita; não tem necessidade de esforçar-se para acrescentar algo, já que "Está consumado."

Busca ao pobre homem infeliz e desesperado que se rendeu, não somente à morte, mas à condenação; aquele que diz: "não posso escapar do pecado, não posso ser salvo de Seu castigo." Diga-lhe: "O caminho da salvação está consumado de uma vez por todas." E se te encontrares com alguns cristãos professos que se debatem em dúvidas e temores, diga-lhes: "Está consumado." Vamos, temos centenas e milhares que realmente foram convertidos, mas que não sabem que "Está consumado." Nunca sabem que estão seguros. Não sabem que "Está consumado." Pensam que hoje tem fé, mas que talvez possam se tornar incrédulos amanhã. Não sabem que "Está consumado." Esperam que Deus os aceite, e fazem algumas coisas, esquecendo que o caminho da aceitação está consumado.

Deus aceita igualmente a um pecador que creu em Cristo há somente cinco minutos, como aceita a um santo que O conheceu e amou durante oitenta anos, pois não aceita os homens por algo que eles façam ou sintam, mas única e simplesmente pelo que Cristo fez, e isso está consumado.

Oh, pobres corações! Alguns de vocês certamente amam o Salvador em alguma medida, mas cegamente. Vocês estão pensando que

devem fazer isto, e alcançar aquilo, e então podem estar seguros que são salvos. Oh! Podem estar seguros disso hoje: se creem em Cristo são salvos. "Mas eu sinto imperfeições." Sim, e o que tem isso? Deus não olha tuas imperfeições, mas as cobre com a justiça de Cristo. As vê para tirá-las, não para colocá-las em tua conta. "Ai, mas eu não posso ser o que gostaria de ser." E se não podes ser? Deus não te vê a ti, ao que és em ti mesmo, mas ao que és *em* Cristo.

Vem comigo, pobre alma, e tu e eu estaremos juntos hoje, enquanto ruga a tormenta, pois não temos medo. Que tremendo é o resplendor desse raio! Quão terrível o retumbar desse trovão! E, contudo, não estamos alarmados, e por quê? Há algo em nós que nos permita escapar? Não, mas estamos sob a cruz: essa preciosa cruz, que como alguns nobres condutores de raios na tormenta, toma sobre si toda a morte que produz o raio, e toda a fúria que vem da tempestade. Nós estamos seguros. Podes rugir muito forte, oh trovejante Lei, e podes resplandecer terrivelmente, ó justiça vingadora! Nós podemos ver com calmo deleite todo o tumulto dos elementos, pois nos encontramos sob a cruz.

Venham outra vez comigo. O banquete real está preparado; o próprio Rei se senta à mesa, e os anjos são os que atendem. Entremos. E realmente entramos, e nos sentamos e comemos e bebemos; mas, como nos atrevemos a fazer isso? Nossa justiça própria equivale a farrapos imundos; como nos atrevemos a vir aqui? Oh, porque os farrapos imundos já não são nossos. Renunciamos à nossa própria justiça e, portanto, renunciamos aos farrapos imundos, e hoje nos cobrimos com as vestiduras reais do Salvador, e da cabeça aos pés estamos vestidos de branco, sem mancha nem mácula nem coisa parecida; estamos em plena clara luz do sol: negros, mas com a graça; desprezíveis em nós mesmos, mas gloriosos Nele; condenados em Adão, mas aceitos no Amado. Não temos medo nem nos envergonhamos de estar com os anjos de Deus, de falar com O glorificado; é mais, nem sequer nos alarmamos de falar com o próprio Deus e de chamá-lo de nosso amigo.

E agora, depois de tudo, eu publico isto aos pecadores. Não sei onde estás no dia de hoje, mas confio que Deus te encontre; tu que foste um bêbado, blasfemo, ladrão; tu que foste um sem vergonha da pior espécie; tu que mergulhaste no próprio esgoto e chafurdaste na

lama: se hoje sentes que o pecado é odioso para ti, creia em Quem disse: "Está consumado." Deixa-me que una minha mão com a tua; vamos juntos, ambos, e digamos: "Aqui estão duas pobres almas desnudas, bom Senhor; nós não podemos vestir-nos;" e Ele nos dará um manto, pois "*Está consumado.*" "Mas, Senhor, é suficientemente largo para pecadores como nós, e suficientemente amplo para ofensores assim?" "Sim," responde Ele, "Está consumado." "Mas Senhor, necessitamos um banho! Há algo que possa tirar manchas negras tão repugnantes como as nossas?" "Sim," diz Ele, "aqui está o banho de sangue." "Mas, não devemos acrescentar-lhe nossas lágrimas?" "Não," responde Ele, "não, *está consumado*, é suficiente." "E agora, Senhor, Tu nos lavaste, e nos vestiste, mas queríamos estar completamente limpos por dentro, de tal forma que não pequemos mais; Senhor, há alguma maneira de conseguir isto?" "Sim," diz Ele, "há um banho de água que flui do lado transpassado de Cristo." "E, Senhor, há o suficiente para lavar minha culpabilidade bem como minha culpa?" "Ah," responde Ele, "está consumado." "Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus, sabedoria, e justiça e santificação e redenção."

Filho de Deus, queres ter a justiça consumada de Cristo no dia de hoje, e te regozijarás nela mais do que fizeste no passado? E ó, pobre pecador, queres ter a Cristo ou não? "Ah," diz alguém, "eu o quero realmente, mas sou indigno." Ele não quer nenhum merecimento. Tudo o que ele pede é que queiras, pois Tu sabes o que Ele diz: "*Se algum quer vir após mim, negue-se a si mesmo e tome sua cruz e siga-me.*" Se Ele te deu o querer, podes crer na obra terminada de Cristo hoje mesmo. "Ah!," dizes, "mas tu não estás te referindo a mim." Claro que me refiro a ti, pois diz, "*A todos os sedentos.*" Tens sede de Cristo? Queres ser salvo por Ele? "A todos os sedentos," não unicamente aquela jovem mulher que está ali, não simplesmente aquele cavalheiro de cabelos grisalhos ali, que por longo tempo desprezou o Salvador, mas também para todas as pessoas que estão ali embaixo, e vocês que estão nos dois pisos acima nos balcões: "A todos os sedentos: Venham às águas, e os que não tem dinheiro, venham." Oh, se eu pudesse "forçá-los" a vir!

Grandioso Deus, faz com que o pecador queira ser salvo, pois ele quer ser condenado, e não quer vir a menos que Tu mudes a sua vontade! Espírito eterno, fonte de luz, de vida e graça, desce e

conduz os estrangeiros à casa! "*Está consumado.*" Pecador, já não há nada que Deus ainda precise fazer. "*Está consumado;*" e não há nada que tu devas fazer. "*Está consumado;*" Cristo já não necessita sangrar. "*Está consumado;*" não precisas chorar. "*Está consumado;*" Deus o Espírito Santo não necessita tardar-se por causa de tua indignidade, e tu não necessitas esperar por causa de tua impotência. "*Está consumado;*" qualquer pedra de tropeço é jogada fora do caminho; as barras de bronze foram retorcidas, as portas de ferro foram feitas pedaços.

"*Está consumado;*" venham e sejam bem vindos, venham e sejam bem vindos! A mesa está servida; os novilhos engordados foram sacrificados; os bois estão prontos. Vejam! Aqui está o mensageiro! Venham dos caminhos e dos valados; venham dos esconderijos e dos esgotos de Londres; venham, vocês que são os mais vis dos vis; vocês que se odeiam a si mesmos hoje, venham! Jesus os chama; oh, tardarão em vir? Oh! Espírito de Deus, repita o convite, e converte-o em um chamado eficaz para muitos corações, por nosso Senhor Jesus Cristo! Amém.

O Véu Rasgado

No. 2015

Sermão pregado na manhã de Domingo de 25 de março de 1888.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras;” (Mateus 27:50-51).

“Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, Pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, [pela] sua carne, E tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, Chegemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa,” (Hebreus 10:19-22).

A morte de nosso Senhor Jesus Cristo esteve com toda razão rodeada de milagres; porem, ela mesma é uma maravilha mais grandiosa que tudo o que ocorreu, e excede a todos esses milagres da mesma maneira que o sol brilha mais que os planetas que o rodeiam. Resulta muito natural que a terra tremesse, e que os sepulcros se abrissem, e que o véu do templo se rasgasse, quando Aquele que unicamente tem a imortalidade, entrega Seu espírito. Quanto mais pensem na morte do Filho de Deus, mais se assombrarão por ela. Da mesma forma que um milagre supera a um feito comum, assim, essa maravilha de maravilhas eleva-se acima de todos os milagres de poder.

Que o divino Senhor, ainda que coberto com o véu de carne mortal, tenha condescendido a sujeitar-se ao poder da morte, ao ponto de inclinar Sua cabeça na cruz, e submeter-se a ser depositado na tumba, é o maior dos mistérios. A morte de Jesus é a maravilha do tempo e da eternidade, e, assim como a vara de Arão devorou todas as demais, essa morte absorve em si todas as maravilhas menores.

No entanto, o rasgo do véu do Templo não é um milagre que deva se considerar sem atenção. Ele havia sido fabricado de “um linho retorcido, com querubins de obra primorosa.” Isso nos dá a ideia de uma tela resistente, de uma peça de tapeçaria duradoura, capaz de resistir a mais severa tensão. Nenhuma mão humana teria sido capaz de romper essa cobertura sagrada; e não teria podido ser dividida em duas por alguma causa acidental; no entanto, e é estranho dizê-lo, no instante em que a santa pessoa de Jesus foi rasgada pela morte, o grandioso véu que ocultava ao Santo dos Santos “*se rasgou em dois de cima abaixo.*” O que isso significa? Significava muito mais do que posso dizer-lhes agora.

Não é algo extravagante considerá-lo como um solene ato de dor por parte da casa de Deus. No Oriente, os homens expressam sua dor rasgando suas vestes; e o Templo, quando viu seu Senhor morrer, parecia golpeado pelo horror e rasgou seu véu. Sacudido pelo pecado do homem, indignado pela morte de seu Senhor, em sua simpatia por Aquele que é o verdadeiro Templo de Deus, o símbolo externo rasgou sua santa vestimenta de cima abaixo. Por acaso não significou também, esse milagre, que a partir dessa hora, todo o sistema de tipos, sombras e cerimônias haviam chegado a seu fim? As ordenanças de um sacerdócio terreno foram rasgadas com esse véu. Em sinal da morte da lei cerimonial, sua alma abandonou o sagrado santuário, e deixou seu tabernáculo corpóreo como algo morto. A dispensação legal havia terminado.

O véu rasgado parecia dizer: “a partir desse momento, Deus já não habita mais na densa escuridão do Santo dos Santos, e não brilha mais em meio dos querubins. O recinto especial foi aberto, e já não existe um santuário interior ao que posso entrar o sacerdote terreno: as expiações e os sacrifícios que serviam de tipo, chegaram a seu fim.”

De conformidade à explicação dada em nosso segundo texto, o rasgo do véu significou principalmente, que o caminho ao Lugar Santíssimo, que não havia sido manifesto antes, ficava agora aberto a todos os crentes. Uma vez ao ano, o sumo sacerdote levantava solenemente uma ponta desse véu, com temor e tremor, e com sangue e santo incenso passava à imediata presença de Jeová; porem, o rasgão do véu abriu o lugar secreto. O rasgo de cima

abaixo proporcionará amplo espaço para que entrem todos os que são chamados pela graça de Deus, para que se aproximem ao trono e tenham comunhão com o Eterno.

Sobre esse tema tentarei falar no dia de hoje, rogando no íntimo de minha alma que vocês e eu, junto com todos os outros crentes, tenhamos o valor de entrar realmente ao lugar detrás do véu, nesse momento que nos congregamos para adorar. Oh, que o Espírito de Deus queira nos conduzir à comunhão mais próxima que possam ter os homens mortais com o infinito Jeová!

Em primeiro lugar, nessa manhã, lhes pedirei que considerem *o que foi feito*. O véu foi rasgado. Em segundo lugar, recordaremos *o que possuímos por essa causa*: temos “liberdade para entrar no Lugar Santíssimo pelo sangue de Jesus Cristo”. Logo, em terceiro lugar, consideraremos *como exercitamos essa graça*: “entramos pelo sangue de Jesus Cristo, pelo caminho novo e vivo que ele nos abriu através do véu, isso é, sua carne.”

I. Primeiro, reflitam no QUE FOI FEITO. Um feito real histórico que o glorioso véu do templo foi rasgado em dois de alto abaixo: como um feito espiritual, que é ainda muito mais importante para nós, é *abolida a ordenança legal que separa*. Existia sob a Lei essa ordenança: que ninguém jamais podia entrar ao Lugar Santíssimo, com a única exceção do sumo sacerdote, e ele podia somente fazê-lo uma vez por ano, e não sem sangue.

Se alguém houvesse tentado entrar ai teria tido que morrer, como culpado de grande arrogância e de sacrílega intrusão no lugar secreto do Altíssimo. Quem poderia estar na presença Daquele que é um fogo consumidor? Essa ordem de manter distância corre ao longo de toda a Lei, pois até mesmo o Lugar Santo, que era o vestíbulo do Santo dos Santos, era somente para os sacerdotes. O lugar do povo era um de distância. Na própria instituição inicial da Lei, quando Deus desceu no Sinai, a ordenança “E marcarás limites ao povo em redor” (Êxodo 19:12). Não existia nenhum convite para se aproximar. Não que o povo quisesse fazê-lo, pois toda a montanha fumegava e ainda “Moisés disse: estou espantado e tremendo.” “E o Senhor disse para Moisés: Desce, ordena ao povo que não passe os limites para ver ao Senhor, porque multidão deles cairão.” Ainda

se uma simples besta tocava o monte, devia ser apedrejada, ou lançada. O espírito da antiga lei era de distância reverente.

Moisés, e aqui e ali algum outro homem eleito por Deus, podiam se aproximar de Jeová; mas quanto ao grosso das massas, o mandamento era *“não se aproximes.”* Quando o Senhor revelou Sua glória ao promulgar a Lei, lemos: *“e vendo-o o povo, tremaram, e se colocaram de longe.”* Tudo isso acabou. O preceito de se manter afastado está anulado, e o convite é: *“Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados.”* *“Aproximemo-nos”* é agora o espírito filial do Evangelho. Que agradecido estou por isso! Que alegria proporciona para minha alma! Alguns membros do povo de Deus não experimentaram isso ainda, já que eles adoram de longe.

Muitas orações deveriam ser altamente admiradas por sua reverência, mas carecem da confiança de uma criança. Eu posso admirar a linguagem solene e majestosa de adoração que reconhece a grandeza de Deus, porém, não efervescerá meu coração nem expressará minha alma, até que não tenha misturado com ela a alegre aproximação desse perfeito amor que lança fora ao medo, e se aventura a falar com seu Pai celestial como o menino fala com seu pai terreno.

Meu irmão, já não resta-nos nenhum véu. Por que te colocas tão longe e tremes como um escravo? Aproxime-se com plena certeza de fé. O véu está rasgado: o acesso é livre. Vem com liberdade ao trono da graça. Jesus o levou perto, tão próximo de Deus como Ele mesmo está próximo. Ainda que falamos do Lugar Santíssimo, do próprio lugar secreto do Altíssimo, no entanto, é desse lugar imponente, desse santuário de Jeová, que se rasgou o véu, portanto, não permitas que nada impeça tua entrada. Certamente nenhuma lei lhe proíbe, mas bem, o infinito amor te convida a aproximar-te de Deus.

Esse rasgão do véu também significou a *extirpação do pecado que separa*. O pecado é, depois de tudo, o grande divisor entre Deus e o homem. Esse véu de azul e púrpura e linho torcido não podia realmente separar ao homem de Deus: pois Ele não está longe de nenhum de nós, no tocante a Sua onipresença. O pecado é um muro de separação muito mais eficaz: abre um abismo entre o pecador e

seu Juiz. O pecado bloqueia a oração, e o louvor, e toda forma de exercício religioso. O pecado faz que Deus caminhe em sentido contrário a nós, porque caminhamos no sentido contrário a Ele. O pecado, ao separar a alma de Deus, causa a morte espiritual, que é tanto o efeito como o castigo da transgressão.

Andarão dois juntos, se não estiverem de acordo? Como pode um Deus santo ter comunhão com criaturas ímpias? Morará a justiça com a injustiça? Habitará a perfeita pureza com as abominações do mal? Não, isso não pode ser. Nosso Senhor Jesus Cristo tirou o pecado mediante o sacrifício de Si mesmo. Ele tira o pecado do mundo e por isso esse véu se rasgou. Pelo derramamento de Seu sangue precioso, somos limpos de todo pecado, e se cumpre esse promessa auperabundante de graça: *“Nunca mais me lembrarei de seus pecados e transgressões.”* Quando o pecado se foi, a barreira cai e o abismo insondável é preenchido.

O perdão que tira o pecado, e a justificação que proporciona justiça, elaboram uma certificação de limpeza tão real e tão completa que nada agora separa ao pecador de seu Deus reconciliado. O Juiz agora é o Pai: Ele, que uma vez devia necessariamente ter condenado, é achado absolvendo e aceitando com justiça. O véu é rasgado nesse duplo sentido: a ordenança separadora é anulada, e o pecado separador é perdoado.

Continuando, deve se lembrar que *a corrupção que separa é também tirada por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*. Não é somente o que temos *feito*, mas sim o que *somos*, o que nos mantém separados de Deus. O pecado está arraigado em nós; ainda aqueles que possuem graça que habita neles, devem se queixar: *“querendo eu fazer o bem, acho essa lei: que o mal está em mim.”*

Como podemos ter comunhão com Deus, se nossos olhos estão vendados, nossos ouvidos tapados, nossos corações endurecidos, e nossos sentidos apagados pelo pecado? Toda nossa natureza está corrompida, envenenada e pervertida pelo mal, como podemos conhecer ao Senhor? Amados, pela morte de nosso Senhor Jesus, o pacto de graça é estabelecido conosco, e suas provisões cheias de graça são nesse sentido: *“esse é o pacto que farei com a casa de Israel*

depois daqueles dias, diz o Senhor: porei minhas leis nas mentes deles, e sobre seu coração as escreverei."

Quando é esse o caso, quando a vontade de Deus está gravada no coração e a natureza é completamente trocada, então véu divisório que nos esconde de Deus, é retirado: *"Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus."* Bem aventurados são todos aqueles que amam a justiça e a buscam, pois se encontram em um caminho no que o Justo pode caminhar em comunhão com eles.

Os espíritos que são semelhantes a Deus, não estão separados de Deus. A diferença de natureza coloca o véu; porém, o novo nascimento, e a santificação que lhe segue, por meio da preciosa morte de Jesus, tiram esse véu. Quem odeia o pecado, procura a santidade e se exercita para aperfeiçoá-la no temor de Deus e está em comunhão com Deus. É algo bendito quando amamos o que Deus ama, quando buscamos o que Deus busca, quando coincidimos com as metas divinas, e somos obedientes aos mandamentos divinos: pois com tais pessoas o Senhor habitará. Quando a graça nos faz participantes da natureza divina, então somos um com o Senhor, e o véu é tirado.

"Sim", dirá alguém, "agora vejo como o véu é tirado, de três maneiras diferentes, porém, ainda assim, Deus é Deus, e nós não somos senão pobres homens insignificantes, entre Deus e o homem deve haver necessariamente um véu separador, posto pela grande disparidade entre o Criador e a criatura. Como pode ter comunhão o finito com o infinito? Deus é tudo em tudo, e mais que tudo; nós somos nada, e menos que nada: como podemos nos juntar?"

Quando o Senhor se aproxima de Seus favorecidos, eles reconhecem quais incapazes são de suportar a excessiva glória. Ainda o amado João disse: *"Quando o vi, cai como morto a seus pés."* Tudo isso é certo; pois o Senhor disse: *"Não poderás ver meu rosto; porque homem não me verá, e viverá;"* Ainda que é um véu muito mais fino que esses que já mencionei, segue sendo um véu; e é difícil que um homem se sinta confortável com Deus.

Porém, o Senhor Jesus coloca uma ponte sobre a distância que separa. Vejam, o bendito Filho de Deus veio ao mundo, e assumiu

nossa natureza! *“Porquanto os filhos participaram de carne e sangue, ele também participou do mesmo.”* Ainda que Ele é Deus, como Deus é Deus, no entanto, Ele é verdadeiramente homem, como o homem é homem. Fixem-se bem como na pessoa do Senhor Jesus vemos a Deus e ao homem na aliança mais próxima possível; pois estão unidos em uma pessoa para sempre. O abismo é preenchido com a plenitude pelo fato que Jesus completou tudo por nós até o amargo fim, a morte, e morte de cruz. Seguiu o caminho da humanidade até o próprio sepulcro; e assim vemos que o véu, que estava posto entre a natureza de Deus e a natureza do homem, é rasgado na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. Entramos ao lugar mais santo por meio de Seu carne, que vincula a humanidade com a Divindade.

Agora vocês vêem o que significa que o véu tenha sido tirado. Notem com solenidade que isso é válido unicamente para os crentes: os que rejeitam a Jesus, rejeitam o único caminho de acesso a Deus. Não podemos nos aproximar a Deus, exceto mediante o rasgão do véu pela morte de Jesus. Havia um caminho tipificado até o propiciatório de antes, e esse caminho consistia em deixar de lado o véu; não havia outro. E não existe agora nenhum outro caminho para que qualquer de vocês vá à comunhão com Deus, exceto através do véu rasgado, a morte de Jesus Cristo, a Quem Deus estabeleceu para que seja a propiciação pelo pecado. Se vocês vêm por esse caminho, podem vir gratuitamente. Se recusam vir por esse caminho, então pende entre você e Deus, um véu inviolável. Sem Cristo, vocês se encontram sem Deus, e sem esperança. Jesus mesmo lhes assegura: *“se não creêis que eu sou, em vossos pecados morrereis.”* Que Deus nos conceda que isso não lhes ocorra a nenhum de vocês!

Para os crentes o véu não está enrolado, mas sim rasgado. O véu não foi dependurado e dobrado cuidadosamente, e retirado, para voltar a ser colocado em seu lugar no futuro. Oh, não! Mas sim que a mão divina o tomou e o rasgou de alto abaixo. Não pode voltar a ser pendurado outra vez; isso é impossível. Entre os que estão em Cristo Jesus e o grandioso Deus, não haverá jamais outra separação. *“Quem nos separará do amor de Cristo?”* Somente um véu foi fabricado, e como esse foi rasgado, o único e solitário separador foi destruído. Eu me deleito ao pensar nisso. O próprio diabo não poderá jamais me separar agora de Deus. Poderá tentar impedir que eu tenha acesso a Deus, e de fato o fará; porem, o que pode fazer é

pendurar um véu rasgado. De que lhe serviria isso senão para mostrar sua impotência. Deus rasgou o véu e o diabo não pode remendá-lo. Há acesso entre um crente e seu Deus; e deve existir tal livre acesso para sempre, pois o véu não está dobrado, nem posto de lado para ser pendurado de novo em dias vindouros; está rasgado e já não serve para nada.

O rasgão não está em um canto do véu, uma ponta, mas sim no próprio meio, como Lucas nos informa. Não é uma rasgadura ligeira através da que possamos ver algo; é um rasgo de cima abaixo. Uma entrada foi aberta para os piores pecadores. Se só se tivesse aberto um pequeno buraco no véu, os ofensores menores poderiam ter se arrastado através dele; porém, que ato de abundante misericórdia é esse, que o véu foi rasgado no centro, e de cima abaixo, de tal forma que o primeiro dos pecadores pode achar um amplo espaço! Isso também mostra que para os crentes não há impedimento para o mais pleno e livre acesso a Deus. Oh, nos armemos de valor, no dia de hoje, para vir ao lugar em que Deus não somente abriu a porta, mas que arrancou a porta de suas dobradiças; sim, a tirou, até mesmo os umbrais e as redes e tudo!

Quero que notem que esse véu, quando foi rasgado, foi rasgado por Deus, não por homem. Não foi o ato de uma turba irreverente; não foi um atropelo de meia-noite de um conjunto de sacerdotes sacrílegos: foi unicamente o ato de Deus. Ninguém esteve por detrás do véu; e em seu lado externo, os sacerdotes estavam cumprindo unicamente sua vocação ordinária de oferecer sacrifícios. Eles devem ter se assombrado quando viram que o Lugar Santo estava ao descoberto em um instante. Como devem ter fugido, quando viram ao sólido véu dividido sem mediação de nenhuma mão humana, em um segundo de tempo!

Quem o rasgou? Quem, senão o próprio Deus? Se outro o tivesse feito, poderia ter ocorrido um erro ao respeito, e o erro poderia ter necessitado de reparo, recolocando a cortina; porém, se o Senhor o fez, foi feito corretamente, definitivamente, irreversivelmente. É Deus mesmo Quem colocou o pecado sobre Cristo, e em Cristo tirou o pecado. Deus mesmo abriu a porta do céu aos crentes, e desenhou uma ampla avenida na que as almas dos homens podem transitar até Ele. Deus mesmo colocou a escada entre a terra e o céu. Venham

a Ele agora, vocês que são humildes, olhem, Ele abriu uma porta diante de vocês!

II. E agora, em segundo lugar, lhes peço que procedam comigo, queridos amigos, a uma verificação experimental do tema. Agora notamos O QUE POSSUÍMOS: “Assim que, irmãos, tendo liberdade para entrar no Lugar Santíssimo.” Notem o triple “*tendo*” no parágrafo diante de nossa consideração, e não se contentem se não possuem os três. “*Tendo liberdade para entrar.*” Existem graus de liberdade; porem esse é um dos mais elevados. Quando o véu foi rasgado, requeria-se certa liberdade para *olhar* dentro. Eu me pergunto se os sacerdotes ao pé do altar tinham verdadeiramente o valor de olhar ao propiciatório. Suspeito que estavam absorvidos no assombro, que fugiram do altar, temendo uma morte súbita. Requer-se de certa medida de coragem para olhar fixamente ao mistério de Deus: “*Coisas nas quais os anjos anelam olhar.*”

É bom que não olhemos as coisas profundas de Deus, com um olho simplesmente curioso. Eu questiono se alguém é capaz de espiar o mesmo mistério da Trindade, sem expor-se a grande risco. Alguns, querendo olhar ali com os olhos de seu intelecto natural, foram cegados pela luz desse sol, e a partir disso vagaram em trevas. É necessário liberdade para olhar os esplendores do amor redentor que elege.

Se alguém olhou ao Lugar Santíssimo quando o véu estava sendo rasgado, se contava entre os homens mais valorosos, pois outros poderiam ter temido incorrer na mesma sorte que os homens de Bete-Semes (1 Samuel 6:9). Amados, o Espírito Santo os convida a olhar nesse lugar santo, e vê-lo com um olho reverente; pois está repleto de ensinamentos para vocês. Entendam o mistério do propiciatório, e da arca do pacto coberta de ouro, e da vasilha de maná, e das tábuas de pedra, e da vara de Arão que floresceu. Olhem, olhem livremente por meio de Jesus Cristo: porem, não se contentem com olhar somente! Escutem o que diz o texto: “*Tendo liberdade para entrar*”. Bendito seja Deus porque nos ensinou essa doce maneira de não olhar mais de longe, mas sim de entrar ao mais recôndito do santuário com confiança! “*Liberdade para entrar*” é o que devemos de ter.

Sigamos o exemplo do sumo sacerdote, e tendo entrado, *executemos as funções da pessoa que entra*. “Liberdade para entrar” sugere que atuamos como homens que estão no lugar devido. Estar detrás do véu enchia o servo de Deus com um opressor sentido da *presença divina*. Se alguma vez em sua vida estava próximo de Deus, certamente estava próximo de Deus nesse momento, quando, muito sozinho, fechado, e excluído do resto do mundo, não tinha a ninguém a seu lado, exceto ao glorioso Jeová.

Oh, meus amados, que nós possamos entrar hoje ao Lugar Santíssimo nesse sentido! Desconectados com o mundo, tanto ímpio como cristão, saibamos que o Senhor está aqui, muito próximo e manifesto. Oh, que possamos clamar agora com Agar: “*Não vi também aqui ao que me vê?*” Oh, que doce é experimentar através do gozo pessoal, a presença de Jeová! Que animador é sentir que o Senhor dos Exércitos está conosco! Nós sabemos que nosso Senhor é uma ajuda muito real na tribulação. Uma das maiores alegrias do céu consiste em poder cantar: Jeová Samá: *o Deus que está ali*¹²(Ezequiel 48:35).

Ao início, trememos na divina presença; porem, conforme sentimos mais o espírito de adoção, nos aproximamos com sagrado deleite, e nos sentimos tão plenamente em casa com nosso Deus, que cantamos com Moisés: “*Senhor, Tu nos há sido refúgio de geração em geração*”. Não vivam como se Deus estivesse tão longe de vocês como o leste está do oeste. Não vivam apegados à terra; mas sim vivam no alto, como se estivessem no céu. No céu estarão com Deus; porem, na terra, Ele estará com vocês: por acaso há muita diferença? “*Juntamente com Ele nos ressuscitou, e assim mesmo, nos fez assentar nos lugares celestiais com Cristo Jesus*”. Jesus fez que nos aproximemos por Seu sangue precioso. Tentem dia a dia viver na maior proximidade com Deus, como o sumo sacerdote sentia quando estava por um momento dentro de secreto do tabernáculo de Jeová.

O sumo sacerdote tinha um sentido de comunhão com Deus; não somente estava perto, mas que ele falava com Deus. Não posso

¹² **Jeová-Shammah** é uma transliteração cristã do hebraico יהוה שם, significado יהוה שם "O Senhor está lá", nome dado à cidade em Ezequiel viu na visão em Ezequiel 48:35 . Estas são as palavras finais do livro de Ezequiel

saber o que falava, porem, penso que nesse dia especial, o sumo sacerdote se livrava da carga do pecado e da aflição de Israel, e apresentava suas petições ao Senhor. Arão, só ali, devia ter estado cheio de lembranças de sua própria culpa, e das idolatrias e apostasias do povo. Deus brilhava sobre ele, e ele se inclinava perante Deus. Talvez escutava coisas que não era permitido expressar, e outras que jamais poderia ter expressado mesmo que tivesse permissão.

Amados, vocês sabem o que é ter comunhão com Deus? As palavras são pobres veículos para esse companheirismo; porem, que bendito é isso! As provas da existência de Deus são totalmente supérfluas para os que têm o hábito de conversar com o Eterno. Se alguém escrevesse um ensaio para demonstrar a existência de minha esposa, ou de meu filho, eu em verdade não o leria, exceto para divertir-me; e as provas da existência de Deus para o homem que tem comunhão com Deus, são mais ou menos o mesmo. Muitos de vocês caminham com Deus: que bênção! A comunhão com o Altíssimo eleva, purifica, fortalece. Entremos com liberdade. Entremos em Seus pensamentos revelados, da maneira que Ele adentra nos pensamentos de vocês, cheio de graça: elevem-se a Seus planos, como Ele condescende aos seus; peçam para serem levados a Ele, como Ele se digna em habitar com vocês.

Isso é o que o rasgo no véu nos traz quando temos liberdade de entrar; porem, observem bem, o rasgão do véu não nos traz nada no tanto que não tenhamos a coragem de entrar. Por que nos deixamos de fora? Jesus nos leva perto, e verdadeiramente nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo. Não nos demorem em receber essa liberdade e nos aproximemos com valor ao trono.

O sumo sacerdote atravessava o véu de azul e púrpura, carmesim e linho retorcido, com sangue e com incenso, para que pudesse *orar por Israel*; e ai ficava diante do Altíssimo, suplicando que abençoasse ao povo. Oh, amados, a oração é uma instituição divina, e nos pertence. Porem, existem muitos tipos de oração. A oração do que parece que tem o impedimento de entrar ao santo templo de Deus; a oração do outro que está no átrio dos gentios, muito longe, olhando para o Templo; a oração que se aproxima de onde está Israel e suplica a Deus dos eleitos; a oração que se faz dentro do átrio dos

sacerdotes, quando o homem de Deus santificado faz intercessão; porem, a melhor de todas é que se oferece no Lugar Santíssimo. Não existe temor que a oração não seja ouvida quando é oferecida no Lugar Santíssimo. A própria posição do homem demonstra que ele é aceito por Deus. Está parado no lugar de aceitação mais seguro, e está tão perto de Deus que cada um de seus desejos é ouvido. Ali o homem é visto de trás e adiante, pois ele se encontra muito perto de Deus. Seus pensamentos são lidos, suas lágrimas são vistas, seus suspiros são escutados; pois ele tem liberdade de entrar. Pode pedir o que queira, e se lhe concederá.

Assim como o altar santifica a oferenda, assim o Lugar Santíssimo, aberto pelo sangue de Jesus, assegura uma resposta certa à oração, que é oferecida lá. Que Deus nos conceda tal poder de orar! É algo maravilhoso que o Senhor preste ouvidos à voz de um homem; no entanto, tais homens existem. Lutero, ao sair de seu confinamento, exclamou: *Vici: "venci."* Ainda não tinha se enfrentado com seus inimigos, mas tendo prevalecido ante Deus pelos homens, ele sentia que devia prevalecer diante dos homens por Deus.

Porem, o sumo sacerdote, se vocês recordam, depois de ter tido comunhão e ter orado a Deus, saia e abençoava o povo. Revestia-se com suas vestes de glória e beleza, que havia colocado de lado para entrar no Lugar Santíssimo, e entrava vestido simplesmente de branco, e nada mais: e agora, saia levando o peitoral e todos os seus preciosos ornamentos, e abençoava ao povo. Isso é o que vocês farão, se possuem liberdade de entrar ao Lugar Santíssimo pelo sangue de Jesus: vocês abençoarão ao povo que os rodeia. O Senhor os abençoou, e os converterá em uma bênção. Sua conduta comum e sua conversação serão benditos exemplos. As palavras que vocês falam por Jesus, serão como um orvalho do Senhor: o enfermo será consolado por suas palavras; o desalentado será animado pela fé de vocês: o tíbio será recuperado por seu amor. Estarão dizendo, praticamente, a cada um dos que conhecem: "o Senhor o abençoe e guarde: o Senhor faça resplandecer seu rosto sobre ti, e tenha de ti misericórdia." Vocês se converterão em um canal de bênção: "*de seu interior fluirão rios de água viva*". Que cada um de nós tenha liberdade de entrar, para que saímos carregados de bênçãos!

Peço-lhes que amavelmente olhem o texto, e notarão algo que eu simplesmente irei sugerir: *que essa liberdade está bem fundamentada*. Encanta-me ver quando o apóstolo usa um “*assim que*”: “*Assim que, irmãos, tendo liberdade*”. Paulo¹³ é, muitas vezes, um verdadeiro poeta, porém, sempre usa a lógica com correção; é tão lógico como se estivesse tratando com matemática em vez de teologia. Aqui escreve um de seus “*assim quem*”.

Por que é que temos liberdade? Por acaso não é por conta de nossa relação com Cristo, que nos converte em “*irmãos*”? “*Assim que, irmãos, tendo liberdade*”. O crente mais débil tem tanto direito de entrar no Santo dos Santos como Paulo tinha; isso devido a que ele é um membro da irmandade. Eu me lembro de uma rima de John Ryland¹⁴, na que diz sobre o céu –

*“Todos eles estarão lá, os grandes e pequenos,
Pobre, irei dar a mão ao bendito Paulo.”*

Não tenho nenhuma dúvida que teremos uma posição e uma comunhão assim. Enquanto isso, lhe damos a mão a ele, e ele nos chama irmãos. Somos irmãos uns dos outros, porque somos irmãos de Jesus. Onde vemos que o apóstolo vai, ali iremos; sim, mas bem, onde vemos que o Grandioso Apóstolo e Sumo Sacerdote de nossa confissão entrar, ali o seguiremos. “*Assim que, irmãos, tendo liberdade.*”

Amados, agora não temos nenhum temor de morrer no Santo dos Santos. O sumo sacerdote, quem quer que fora, deve ter sempre temido esse dia de expiação, quando tinha que passar ao lugar silencioso e isolado. Não posso dizer se é verdade, mas li que existe uma tradição entre os judeus, que se amarrava uma corda ao pé do sumo sacerdotes para que pudesse tirar seu cadáver em caso de morte na presença do Senhor. Não me surpreenderia se sua superstição houvesse idealizado uma coisa assim, pois é uma terrível posição a de um homem que entra na habitação secreta de

¹³ Spurgeon acreditava pessoalmente que o apóstolo Paulo que escreveu a epístola aos Hebreus: porém, não é consenso geral entre pastores e teólogos. (Nota do Tradutor)

¹⁴ **John Ryland** foi um pregador batista do século 18; foi pastor na Inglaterra, com interesses missionários e pastorais (<http://www.johnryland.co.uk/>)

Jeová. Porém, não podemos morrer no Santo dos Santos agora, posto que Jesus morrer por nós. A morte de Jesus é a garantia de vida eterna de todos aqueles pelos que morreu. Temos liberdade para entrar, pois não pereceremos.

Nossa liberdade deriva da *perfeição de Seu sacrifício*. Leiam o versículo 14: *“fez perfeitos para sempre aos santificados.”* Nós confiamos no sacrifício de Cristo, crendo que Ele foi nosso substituto tão perfeito, que não é possível que morramos depois que nosso substituto morreu; e devemos ser aceitos, porque Ele é aceito. cremos que o sangue precioso tirou nosso pecado tão eficaz e eternamente que já não somos mais detestáveis para a ira de Deus. Podemos estar com segurança onde o pecado deve ser golpeado, se houvesse algum pecado em nós; pois estamos tão lavados, tão limpos, e tão plenamente justificados que somos aceitos no Amado. O pecado é tão completamente tirado de nós pelo sacrifício vicário de Cristo, que temos liberdade para entrar onde o próprio Senhor habita.

Mais ainda, temos isso por certo, que como um sacerdote tinha um direito de morar perto de Deus, nós também possuímos esse privilégio; pois Jesus nos fez reis e sacerdotes para Deus, e todos os privilégios do ofício nos são outorgados conjuntamente com o próprio ofício. Temos uma missão dentro do Lugar Santo; somos chamados para entrar ali por um negócio divino, e por isso não temos o temor de ser intrusos. Um ladrão pode entrar em uma casa, porém não entra com liberdade; sempre tem medo de ser surpreendido. Vocês poderiam entrar na casa de um estranho, sem ser convidados, mas não sentiriam nenhuma liberdade ai.

Nós não entramos no Santo dos Santos como ladrões que violam uma casa, nem como estranhos; viemos obedecendo a um chamado, para cumprir um ofício. Uma vez que aceitamos o sacrifício de Cristo, estamos em casa com Deus. Onde um filho será livre, senão na casa de seu pai? Onde o sacerdote estará senão no templo de seu Deus, para cujo serviço foi apartado? Onde viverá o pecador lavado com o sangue, a não ser com seu Deus, com Quem foi reconciliado?

Sentir essa liberdade constitui um gozo celestial! Temos agora tal amor por Deus, e tal gozo Nele, que jamais cruza nossas mentes que

somos transgressores quando nos aproximamos Ele. Nunca dizemos: “Deus, meu temor,” antes, “Deus de minha alegria e meu gozo”. Seu nome é a música a que nossas vidas estão conectadas: ainda que Deus seja um fogo consumidor, o amamos como tal, pois Ele consumirá nossa escória, e nós queremos nos desfazer dela. Deus não é enfadoso para nós sob nenhum aspecto, Nos deleitamos Nele, seja o que seja. Então podem ver, amados, que temos uma boa base de liberdade, quando entramos no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus.

Não posso deixar esse ponto até não ter-lhes lembrado que *podemos ter essa liberdade de entrar em qualquer momento*, porque o véu está sempre rasgado, e jamais é restaurado a seu antigo lugar. “E Jeová disse a Moisés: Diz a Arão seu irmão, que não em todo tempo entre no santuário detrás do véu, diante do propiciatório que está sobre a arca, para que não morra”; porem, o Senhor não nos diz assim para nós. Amado filho de Deus, você pode ter em todo momento “liberdade para entrar.” O véu está rasgado tanto de dia como de noite. Sim, deixame dizê-lo, ainda quando seu olho de fé está diminuto, de todas as maneiras, entra; quando as evidências sejam obscuras, ainda assim você tem “liberdade para entrar”; e ainda se pecaste infelizmente, recorde que o acesso está aberto a tua oração penitente. Atravessa o véu rasgado, pecador como és. Que importa que tenhas recaído no pecado, que importa que estejas afligido pelo sentido de teus desvios, vem ainda assim! “Se ouvires hoje sua voz, não endureçais vossos corações”, mas sim que entre de imediato; pois o véu já não está ali para excluir-te, ainda que a dúvida e a incredulidade te façam pensar o contrário. O véu não pode estar ai, pois foi rasgado em dois de cima abaixo.

III. Meu tempo escapuliu, e não terei espaço para fala como teria desejado fazê-lo sobre o último ponto: COMO EXERCER ESSA GRAÇA. Permitam-me dar-lhes as notas do que teria dito.

Entremos agora no Lugar Santíssimo. Olhem o caminho! Vamos *pela via da expiação!* “Assim que, irmãos, tendo liberdade para entrar no Lugar Santíssimo *pelo sangue de Jesus Cristo.*” Me fizeram sentir muito mal ultimamente, as palavras ferinas e blasfemas que certos cavaleiros da escola moderna usaram concernentes ao sangue precioso. Não sujarei meus lábios repetindo as coisas três vezes

malditas que se atreveram em expressar enquanto pisoteiam o sangue de Jesus. Em todas as partes, ao longo desse Livro divino, pode encontrar-se com o sangue precioso. Como pode chamar-se a si mesmo cristão, alguém que com uma linguagem profana e impertinente, fala do sangue da expiação?

Meus irmãos, não há um caminho ao Lugar Santíssimo, ainda que o véu esteja rasgado, *sem* sangue. Vocês poderiam supor que o sumo sacerdote antigamente levava sangue porque o véu estava ali; porem, *você* tem que trazê-lo contigo ainda que o véu não esteja mais agora. O caminho está aberto, e você tem liberdade para entrar, porem, não sem o sangue de Jesus. Seria uma liberdade ímpia se pensasse em aproximar-se a Deus sem o sangue do grandioso Sacrifício. Sempre devemos usar o argumento da expiação. Posto que sem derramamento de sangue não há remissão de pecado, da mesma maneira, sem esse sangue, não há acesso a Deus.

Continuando, o caminho pelo que vamos é um caminho infalível. Por favor, notem essa palavra: “Pelo caminho *novo*”; isso quer dizer por um caminho que sempre é fresco. O grego original sugere a ideia de “sacrificado recentemente.” Jesus morreu faz muito tempo, porem Sua morte é a mesma agora como no momento de sua ocorrência. Nós vamos a Deus, queridos amigos, por um caminho que sempre é eficaz com Deus. Não perde nunca, jamais, nem um ápice de seu poder e frescor –

***“Amado Cordeiro agonizante, Teu sangue precioso
Não perderá jamais seu poder.”***

O caminho não está gasto pelo tráfego pesado: sempre é um caminho novo. Se Jesus Cristo tivesse morrido ontem, não sente que poderia argumentar Seu mérito hoje? Muito bem, podes argumentar esse mérito depois desses dezenove séculos, com a mesma confiança com que faria naquela primeira hora. O caminho a Deus é aberto sempre de novo. De fato, as feridas de Jesus sangram incessantemente nossa expiação. A cruz é tão gloriosa como se Ele estivesse ainda nela. No relativo a frescura, vigor, e força da morte expiatória, vamos por um novo caminho. Que sempre seja novo para nossos corações. Que a doutrina da expiação não se volte

jamais rançosa, mas sim que tenha orvalho sobre ela para nossas almas.

Logo, o apóstolo agrega, que é um “*caminho vivo.*” Uma palavra maravilhosa! O caminho que o sumo sacerdote seguia até o lugar santo, era naturalmente um caminho material, portanto, um caminho morto. Nós vamos por um caminho espiritual, adequado para nossos espíritos. O caminho não podia ajudar ao sumo sacerdote, porém nosso caminho nos ajuda abundantemente. Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” Quando vamos a Deus por esse caminho, o próprio caminho guia, conduz, suporta e protege. Esse caminho nos dá a vida com a que podemos vir.

É um *caminho dedicado*: “Que Ele nos abriu.” Quando um novo caminho é aberto, é separado e dedicado para uso público. Algumas vezes um edifício público é inaugurado por um rei ou um príncipe, e assim é dedicado para seu propósito. Amados, o caminho a Deus por meio de Jesus Cristo é dedicado por Cristo, e ordenado por Cristo para uso dos pobres pecadores crentes, tais como nós. Ele consagrou o caminho para Deus, e o dedicou para nós, para que possamos usá-lo livremente. Certamente, se um caminho foi apartado para mim, posso usá-lo nem nenhum temor; e o caminho a Deus e ao céu por meio de Jesus Cristo está dedicado pelo Salvador para os pecadores; é o caminho real do Rei para os viajantes que vão destino à Cidade de Deus; portanto, usem-no. “Que ele nos abriu!” Benditas palavras!

Por último, é um *caminho pleno de Cristo*; pois quando vamos a Deus, vamos por meio de Sua carne. Não podemos ir a Jeová, exceto pelo Deus encarnado. Deus em carne humana é nosso caminho a Deus; a morte substitutiva do Verbo feito carne é assim mesmo o caminho ao Pai. Não podemos ir a Deus, exceto por representação. Jesus nos representa diante de Deus, e vamos a Deus por meio Dele, quem é nossa cabeça do pacto, nosso representante e precursor diante o trono do Altíssimo. Não intentemos jamais orar sem Cristo; não tentemos jamais cantar sem Cristo; não intentemos jamais pregar sem Cristo. Não realizemos nenhuma função santa, nem pretendamos ter comunhão com Deus de nenhum tipo, exceto através desse rasgão que Ele fez no véu com Sua carne, santificado por nós, e oferecido sobre a cruz a nosso favor.

Amado, terei terminado quando tenha ressaltado dois versículos, que são necessários para completar o sentido, porém que me vi obrigado a omitir hoje, pois não haveria tempo para considerá-los. Somos chamados para tomar santas liberdades com Deus. *“Aproximemo-nos”, de imediato, “com coração sincero, em plena certeza de fé.”* Façamo-lo livremente, pois temos um grandioso Sumo Sacerdote. O versículo 21 nos recorda isso. Jesus é o grande Sacerdote, e nós somos sub-sacerdotes abaixo Dele, e posto que Ele nos ordena que nos acerquemos a Deus, e Ele mesmo nos ensina o caminho, sigamos-lhe ao recôndito do santuário. Porque Ele vive, nós também viveremos. Não morreremos no Santo dos Santos, a menos que Ele morra. Deus não nos golpeará a menos que golpeie a Cristo. Assim, *“tendo um grande sacerdote sobre à casa de Deus, nos aproximemos com coração sincero e plena certeza de fé.”*

E logo o apóstolo nos disse que não somente podemos vir com liberdade, porque nosso Sumo Sacerdote vai adiante no caminho, mas sim porque nós mesmo estamos preparados para entrar. O sumo sacerdote tinha que fazer duas coisas antes que pudesse entrar: uma era ser aspergido com sangue, e isso o temos; pois temos *“purificados os corações de má consciência.”*

O outro requisito para os sacerdotes era que tivessem *“lavados os corpos com água pura.”* Isso temos recebido de maneira simbólica em nosso batismo, e em realidade, no lavamento espiritual da regeneração. Para nós se cumpriu a oração –

*“Que a água e o sangue
Que brotaram do lado ferido
Sejam do pecado a dupla cura
E me limpem de sua culpa e poder.”*

Temos conhecido o lavamento da água pela Palavra, e temos sido santificados pelo Espírito de Sua graça; portanto, entremos no Lugar Santíssimo. Por que devemos permanecer afastados? Corações aspergidos com sangue, corpos lavados com água pura: esses são os preparativos ordenados para uma entrada aceitável. Aproximem-se, amados! Que o Espírito Santo seja o espírito de acesso para vocês agora. Venham a seu Deus, e logo habitem com Ele. Ele é seu Pai,

seu tudo em tudo. Sentem-se e alegrem-se Nele; tomem sua porção de amor e não permitam que sua comunhão seja interrompida daqui ao céu. Por que haveria de ser interrompida? Por que não começar hoje essa doce alegria de reconciliação perfeita e deleite em Deus, que irá aumentando em intensidade até que possam ver ao Senhor em visão aberta, e já seja que não saia mais dali? O céu trará uma grande mudança de condição, mas não em nossa posição, se ainda agora mesmo já estamos por detrás do véu. Será somente uma mudança como a que existe entre o dia perfeito e a aurora; pois temos o sol mesmo, e a luz mesma provenientes do sol, e o mesmo privilégio de caminha a plena luz. *“Até que aponte o dia, e as sombras fujam, volte-se, amado meu, se semelhante ao corço, ou como o cervo sobre os montes da Divisão.”* Amém e Amém.

Porção da Escritura lida antes do Sermão: Hebreus 10

Os Milagres Posteriores a Morte de Jesus

No. 2059

Sermão pregado a noite Domingo de 1º de abril de 1888.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras; E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos..”(Mateus 27:50-53)

A morte de nosso Senhor é um prodígio ocorrido em um entorno de maravilhas. Traz-nos a memória ao diamante Koh-í-noor ¹⁵ rodeado de um círculo de pedras preciosas. Assim como o sol em meio dos planetas que o rodeiam, ofusca a todos com seu brilho, assim a morte de Cristo é mais prodigiosa que os portentos que ocorreram nesse momento. No entanto, depois de ter visto ao sol, nos agrada estudar os planetas; da mesma forma, depois de crer na morte única de Cristo, e de colocar nossa confiança Nele como o Crucificado, consideramos um grande prazer examinar em detalhes quatro maravilhas planetárias mencionadas no texto, que circundam o grandioso sol da morte de nosso Senhor.

Os prodígios são esses: *o véu do templo se rasgou em dois; a terra tremeu; as rochas se partiram; os sepulcros se abriram.*

¹⁵ **Koh-í-noor** (nome que significa Montanha de Luz) é um dos diamantes mais famosos do mundo. Em 1850, quando a Grã-Bretanha anexou a Índia ao Império, e depois a Rainha Vitória foi declarada Imperatriz da Índia, ela recebeu o Koh-í-noor das mãos de Lorde Dalhousie. Atualmente essa célebre pedra preciosa pesa 108,8 quilates, pertence à Coroa britânica e desde 1937 ornamenta uma coroa especialmente feita para a rainha-mãe, para o dia da coroação do seu esposo, o rei Jorge VI (Wikipédia)

I. Vamos nos referir ao primeiro desses milagres. Essa noite, não posso estender-me muito. Não tenho forças. Quero simplesmente sugerir alguns pensamentos.

Considerem O VÉU RASGADO, ou os *mistérios revelados*. Pela morte de Cristo o véu do templo se rasgou em dois, de cima abaixo, e os mistérios que tinham estado ocultos no Santo dos Santos, ao longo de muitas gerações, foram expostos ao olhar de todos os crentes. Começando, por assim dizer, no superior, na Divindade de Cristo, e seguindo até a parte inferior da humanidade de Cristo, o véu se rasgou, e tudo foi descoberto aos olhos espirituais.

1. *Esse foi o primeiro milagre de Cristo depois de morto*. O primeiro milagre de Cristo em vida foi significativo, e nos ensinou muito. Ele converteu água em vinho, como para mostrar que elevava toda a vida comum a um grau superior, e colocou em toda a verdade um poder e uma doçura que não poderiam ter estado ali, a não ser por Ele. Porém, esse primeiro milagre depois de morto, está acima do primeiro milagre de Sua vida, porque vocês recordarão que esse primeiro milagre foi feito em Sua presença. Ele estava ali, e converteu a água em vinho.

Porém, Jesus, como homem, não estava no templo. Esse milagre foi feito em Sua ausência, e isso acrescenta sua maravilha. Ambos são igualmente prodigiosos, mas existe um toque mais surpreendente no segundo milagre, e é que Jesus não se achava ali presente para falar e ordenar que o véu se rasgasse em dois. A alma havia se separado de Seu corpo, e nem Seu corpo nem Sua alma estavam nesse lugar secreto dos tabernáculos do Altíssimo; no entanto, sem importar a distância, Sua vontade foi suficiente para rasgar esse grosso véu de linho torcido e de obra primorosa.

O milagre de converter água em vinho foi realizado em uma casa particular, em meio da família e daqueles discípulos que eram amigos dessa família; porém, esse prodígio foi realizado no Templo de Deus. Existe uma singular condição sagrada sobre isso, porque foi um feito milagroso obrado nesse recinto misterioso e tremendo, que era o centro da adoração consagrada, e a morada de Deus. Vejam! Ele morre, e a própria porta do eminente santuário de Deus, rasga o véu de cima abaixo em dois. Existe uma solenidade ligada a

esse milagre, como realizado pelo SENHOR, que dificilmente posso comunicar com palavras, porem que vocês sentirão em sua própria alma.

Tampouco esqueçam que *foi realizado pelo Salvador depois de Sua morte*, e isso coloca o milagre sobre uma luz extraordinária. Ele rasga o véu no próprio momento da morte. Jesus entregou o espírito, e eis aqui, o véu do Templo se rasgou em dois. Pareceria que Ele se preparou durante trinta anos para o primeiro milagre de Sua vida, e realiza Seu primeiro trabalho depois de morto ao momento de expirar. No instante em que Sua alma se separava de Seu corpo, nesse preciso momento, nosso bendito Senhor tomou o grandioso véu da casa simbólica de Seu Pai, e o rasgou em dois.

2. Esse primeiro milagre depois de morto ocupa tal lugar, que não podemos contemplá-lo sem considerá-lo seriamente. *Foi muito significativo, colocando-se por cabeça do que eu poderia chamar uma nova dispensação.* O milagre de converter água em vinho abre Sua vida pública, e estabelece a chave dela. Esse outro, começa Sua obra depois de Sua morte, e marca seu tom. O que significa?

Por acaso não significa que a morte de Cristo *é a revelação e a explicação dos segredos?* Dissipa todos os tipos e sombras da lei cerimonial; os dissipa porque se cumprem e se explicam na morte de Cristo. A morte do Senhor Jesus é a chave de toda filosofia verdadeira: Deus encarnado, morrendo pelo homem: se isso não explica um mistério, então não poderá ser explicado. Se com essa corda em sua mão, não podes seguir o labirinto dos assuntos humanos, nem podes aprender o grandioso propósito de Deus, então não podes segui-lo de todo. A morte de Cristo é a grande rasgadura do véu, a grande reveladora de segredos.

É também a *grandiosa desbravadora de caminhos.* Não havia um caminho para o lugar Santo até que Jesus, ao morrer, rasga o véu; o caminho ao Santo dos Santos não foi manifestado até que Ele morreu. Se desejás aproximar-se a Deus, a morte de Cristo é o caminho para Ele. Se quer o acesso mais próximo e a comunhão mais íntima que uma criatura possa ter com seu Deus, eis aqui, o sacrifício de Cristo revela o caminho. Jesus não diz unicamente: *“Eu sou o caminho”*, mas sim que ao rasgar o véu, abre esse caminho. O

véu de Sua carne, ao ser rasgado, o caminho até Deus é definido com clareza para cada alma crente.

E mais, a *cruz elimina todos os obstáculos*. Cristo, ao morrer, rasgou o véu. Então, entre Seu povo e o céu já não resta nenhuma obstrução, ou se há alguma, se os temores das pessoas inventam um obstáculo, o Cristo que rasgou o véu, continua rasgando-o, todavia. Ele rompe as portas de bronze, e parte em duas as barras de ferro. Olhem, em Sua morte, “*Subirá o que abre caminhos diante deles... e a cabeça deles o SENHOR.*” Ele abriu e aclarou o caminho, e todo Seu povo escolhido pode segui-lo ao glorioso trono de Deus.

Isso é representativo do espírito da dispensação sob a qual vivemos agora. Os obstáculos são eliminados; as dificuldades são resolvidas; o céu é aberto a todos os crentes.

3. Foi um milagre digno de Cristo. Detenham-se um minuto e adorem a seu agonizante Senhor. Por acaso Ele não singulariza Sua morte com um milagre assim? Por acaso não comprova Sua *imortalidade*? É certo que ele inclinou Sua cabeça à morte. Obediente à vontade de Seu Pai, quando se dá conta que chegou para Ele a hora de morrer, inclina Sua cabeça em um consentimento voluntário; mas nesse instante, quando o declaram morto, Ele rasga o véu do Templo. Por acaso não há imortalidade Nele, ainda que tenha morrido?

E vejam *o poder* que possuía. Suas mãos estão cravadas; Seu lado está a ponto de ser traspassado. Cravado ali, Ele não pode proteger-se dos insultos da tropa romana, porém em Sua debilidade suprema é tão forte que rasga o pesado véu do Templo de cima abaixo.

Observem Sua *sabedoria*, pois nesse momento, vendo o feito espiritualmente, Ele abre para nós toda sabedoria, e revela os segredos de Deus. O véu que Moisés colocou sobre seu rosto, é tirado por Cristo ao momento de Sua morte. A verdadeira Sabedoria, ao morrer, prega Seu mais grandioso sermão, rasgando o que se escondia do olhar dos olhos crentes: a suprema verdade.

Amados, se Jesus faz isso por nós em Sua morte, certamente seremos salvos por Sua vida. Jesus que morreu, agora vive, e nós confiamos que Ele nos conduzirá ao “*santuário não feito por mãos.*”

Antes de passar ao segundo milagre, eu convido a cada um de meus leitores que ainda não conhecem ao Salvador, a pensar seriamente nos prodígios que ocorreram em Sua morte, e julguem que classe de homem era Aquele que ofereceu Sua vida por nossos pecados. Seu Pai não permitiu que Ele morrera sem acompanhamentos milagrosos, para mostrar que Ele tinha aberto um caminho para que os pecadores pudessem se aproximar a Deus.

II. Passamos agora ao segundo milagre: “A TERRA TREMEU.”

O inamovível foi sacudido pela morte de Cristo. Cristo não tocou a terra: Ele foi elevado sobre a terra no madeiro. Ele morria, porem, ao deixar de lado Seu poder, no ato de Sua morte, Ele fez que a terra sob Seus pés, que nós chamamos de “o sólido globo”, tremesse. Qual foi o ensino disso?

Não significou, em primeiro lugar, que *o universo físico pressentiu a última sacudida terrível que lhe espera?* O dia chegará quando o Cristo apareça sobre a terra, e a seu tempo, todas as coisas que são, serão enroladas e desprezadas, como roupas velhas. Uma vez mais Ele falará, e sacudirá não somente a terra, mas também o céu. As coisas que não podem ser sacudidas permanecerão, porem essa terra não é uma dessas coisas: ela será deslocada. *“a terra, e as obras que nela há, se queimarão”* (2 Pedro 3:10) Nada permanecerá ante Ele. Somente Ele é. Essas outras coisas só parecem ser; e ante o terror causado por Seu rosto, todos os homens tremerão, e o céu e a terra sairão fugindo. Assim, quando Ele morreu, a terra parecia antecipar seu destino, e tremeu em Sua presença. Como irá tremer quando Aquele que vive de novo venha com toda a glória de Deus! Como tremeria, querido leitor, se você despertasse no mundo vindouro sem um Salvador! Como irá tremer naquele dia quando Ele venha para julgar ao mundo com justiça, e você tenha que comparecer diante do Salvador a quem desprezou! Pense nisso, eu lhe rogo.

Por acaso esse milagre também não significou o seguinte, *que o mundo espiritual será movido pela cruz de Cristo?* Ele morre na cruz e sacode ao mundo material, como uma predição que essa Sua morte sacudiria ao mundo submergido na perversão, e convulsionaria ao reino moral. Irmãos, pensem nisso. Nós dizemos: “Como

moveremos alguma vez ao mundo?” Os apóstolos não se faziam essa pergunta. Eles tinham confiança no Evangelho que pregavam. Os que os escutavam viam essa confiança; e quando eles abriam suas bocas, os demais afirmavam, “*Esses que transtornaram o mundo inteiro também vieram até aqui.*” Os apóstolos criam que transtornariam ao mundo com a simples pregação do Evangelho.

Eu lhes rogo que vocês creiam no mesmo. Essa é uma cidade muito grande, essa cidade de Londres. Como poderemos comovê-la alguma vez? China, Hindustão, África: essas são imensas regiões. A cruz de Cristo será revelada a elas? Sim, meus irmãos, pois já sacudiu a terra, e ainda sacudirá às grandes massas da humanidade. Se só tivéssemos fé nela e perseverança para continuar com a pregação da Palavra, é só assunto de tempo para que o nome de Jesus seja conhecido por todos os homens, e todo joelho de dobre perante Ele, e toda língua confesse que Ele é o Cristo, para glória de Deus Pai. A terra certamente tremeu sob a cruz, e tremerá outra vez. O Senhor Deus seja louvado por isso.

Esse velho mundo: quantos anos já tinha existido, não posso dizê-lo. Não estamos com capacidade de calcular a idade do mundo, desde esse principio que é mencionado no primeiro versículo do Livro de Gênesis. Independentemente de quão velho tenha sido, tinha que tremer quando o Redentor morreu. Isso nos transporta para outra de nossas dificuldades. O sistema do mal com o que devemos de nos enfrentar tem estado estabelecido durante tanto tempo, e é tão antigo e reverente à antiguidade, que nos convencemos que: “não podemos fazer muito contra os velhos prejuízos.” Porém, foi a velha, velha terra que se estremeceu e tremeu sob o Cristo agonizante, e o fará outra vez.

Sistemas magníficos sustentados pela filosofia e a poesia, ainda se renderão diante do que se chama comparativamente *a nova doutrina da cruz*. Certamente não é nova, e sim mais antiga que a própria terra. É o próprio Evangelho de Deus, perpétuo e eterno. Abalará o antigo e venerável, tão certamente como o Senhor vive; e eu vejo a profecia disso no tremor da terra sob a cruz.

Parece impossível que a simples pregação de Cristo possa fazer isso, não é certo? E devido a tal, certos homens buscam proporcionar à

pregação de Cristo todas as ajudas possíveis de música, de arquitetura e ao sei quantas outras coisas mais, até que a cruz de Cristo fica coberta com uma capa de invenções humanas, aplacada e enterrada pela sabedoria do homem.

Porem, o que foi que fez com que a terra tremesse? Foi simplesmente a morte de nosso Senhor, sem nenhuma adição de sabedoria ou poder humanos. Pareceria uma causa insignificante para que produzisse um resultado tão grande; mas foi suficiente, já que o *“insensato de Deus é mais sábio que os homens, e o frágil de Deus é mais forte que os homens”*; e Cristo, com Sua morte, é suficiente para fazer que a terra trema sob a cruz.

Vamos, aceitemos não usar nenhuma outra arma na batalha em que estamos empenhados, que não seja o Evangelho; nenhuma lança de combate que não seja a cruz. Somos capazes de crer que a velha, velha história, é a única história que deve se contar para reconciliar ao homem com Deus? Jesus morreu em lugar do pecador, o justo pelo injusto, um magnífico desenrolar da graça e da justiça de Deus em um só ato. Se pudéssemos nos apegar só a isso, veríamos rapidamente a vitória do lado de nosso conquistador Senhor.

Deixo esse segundo milagre, no que podem ver que o inamovível é sacudido, quando a terra tremeu.

III. Só uma ou duas sugestões sobre o terceiro milagre: AS ROCHAS SE PARTIRAM.

É-me informado que, ainda no presente, existem em Jerusalém certas evidências de rochas partidas do tipo mais inusitado. Os viajantes afirmam que não são do tipo que são produzidas por terremotos ou por qualquer outra causa conhecida. Sobre isso direi muito pouco; mas é algo maravilhoso que, quando Cristo morreu, quando Sua alma foi arrancada de Seu corpo, quando o véu do Templo se partiu em dois, assim a terra, sua parte rochosa, a estrutura mais sólida de todas, foi rasgada em abismos e precipícios em um só instante. Que outra coisa nos mostra esse milagre senão isso: que o *insensível se sobressaltou*? Como! Acaso as rochas podem sentir? Pois, se partiram ao presenciar a morte de Cristo. Os corações dos homens não responderam aos clamores agonizantes do

Redentor moribundo, mas as rochas sim responderam: se partiram. Ele não morreu pelas rochas; contudo, as rochas foram mais sensíveis que os corações dos homens, pelos quais Ele derramou Seu sangue –

*“Todas as coisas mostram algum sinal de razão,
Exceto esse meu insensível coração.”*

Isso afirmou um poeta; e disse a verdade. As rochas podem se partir, mas os corações de alguns homens não se partem diante da visão da cruz. No entanto, amados, aqui está o ponto que pareço enxergar: essa obstinação e essa *dureza de coração* serão conquistadas pela morte de Cristo. Você pode pregar para alguém sobre a morte, e pode ser que ela não trema diante de sua certeza ou sua solenidade; contudo, lhe fale disso. Você pode pregar a alguém sobre o inferno, porém, ele endurecerá seu coração, como Faraó, contra o juízo do Senhor; no entanto, lhe fale disso. Devem usar todos os meios que possam comover um homem. Mas o que pode afetar grandemente ao coração mais obstinado e duro é o grandioso amor de Deus, visto tão surpreendentemente na morte do Senhor Jesus Cristo. Não me deterei para mostrar-lhes como é, porém, só lhes recordarei que é assim. No caso de muitos de nós, foi isso o que fez brotar de nossos olhos lágrimas de arrependimento, e nos conduziu a submetermos à vontade de Deus.

Eu sei que isso foi o que aconteceu comigo. Olhei milhares de coisas, porém não me abrandei. Mas quando:

*“Vi a Um pendurado de um madeiro
Em meio de agonias e sangue,”*

E morrendo ali por mim, então me dei golpes nos peitos, e senti amargura por Ele, como alguém que sente amargura por seu primogênito. Eu estou certo que seus próprios corações confessam que o grandioso quebrantador de rochas é o Salvador agonizante.

Agora bem, da mesma maneira que ocorre com vocês, assim encontrarão que acontece com outras pessoas. Quando tenham realizado seu melhor esforço sem alcançar êxito, utilizem esse último martelo: A cruz de Cristo. Muitas vezes vi gravada em latim,

em peças de canhões, essa inscrição: “o último argumento dos reis.” Quer dizer, os canhões constituem o argumento final dos reis. Porém, a cruz é o argumento final de Deus. Se um Salvador moribundo não lhe converte, que coisa mais poderá fazê-lo? Se Suas feridas sanguinolentas não o conduzem a Deus, o que poderá fazê-lo? Se Jesus carrega com nossos pecados em Seu próprio corpo no madeiro, e quita o pecado, e se isso não te leva a Deus, com a confissão de teu pecado e o ódio até esse pecado, então já não lhe resta mais nada para você. “Como escaparemos, se descuidamos de tão grande salvação?” A cruz parte as pedras. Irmãos e irmãs, continuem ensinando sobre o amor do moribundo Filho de Deus. Continuem pregando a Cristo. Com isso, vocês abrirão túneis nos Alpes da soberba e nas colinas de granito do prejuízo. Encontrarão uma estrada para Cristo na intimidade dos corações dos homens, ainda que sejam duros e obstinados; e isso ocorrerá pela pregação da cruz no poder do Espírito.

IV. E agora concluo com o último milagre. Essas maravilhas se acumulam e dependem uma da outra. O tremor da terra produziu, sem dúvida, que as rochas se partiram; e as rochas partidas ajudaram ao quarto milagre. “OS SEPULCROS SE ABRIRAM.” As tumbas se abriram, e *os mortos se levantaram*. Esse é nosso quarto tópico.

É a grande consequência da morte de Cristo. Os sepulcros se abriram. O homem é o único animal que dá importância a uma sepultura. Algumas pessoas se preocupam pela forma em que serão enterradas. Essa é a última preocupação que jamais cruzaria minha mente. Eu estou persuadido que as pessoas me enterrarão por ódio, ou por amor, mas especialmente por amor a elas mesmas. Isso não deve nos preocupar. Porém, o homem frequentemente tem mostrado sua soberba por meio de sua tumba. Isso é algo estranho. Colocar grinaldas à força é uma novidade, creio, que ainda não se perpetrou; mas amontoar mármore e impressionantes estátuas sobre uma tumba: que é isso senão adornar o patíbulo, ou mostrar a magnífica grandeza do homem quando unicamente sua nulidade é manifesta? Pó, cinzas, podridão, putrefação, e logo uma estátua, e todo tipo de coisas bonitas, para fazer-lhe crer que a criatura que retorna ao pó, depois de tudo, é alguém grande. Agora, quando

Jesus morreu, os sepulcros foram abertos, e os mortos foram expostos: o que isso significa?

Eu creio que temos nesse último milagre “a história de um homem.” Ali jaz morto: decomposto, morto em delitos e pecados. Porém, em que belo sepulcro jaze! Assiste à igreja; é um dissidente, não conformista, qualquer das duas coisas que vocês preferam; é uma pessoa muito moral, um cavalheiro, é um cidadão, é dono de sua companhia; será prefeito da cidade algum dia; é tão bom, oh, é TÃO bom! No entanto, não possui a graça em seu coração, não há Cristo em sua fé, não tem amor a Deus. Vocês vêm em que sepulcro está enterrado: uma alma morta em uma tumba dourada. Mediante Sua cruz nosso Senhor parte esse sepulcro e o destrói.

Quando valem nossos méritos na presença da cruz? A morte de Cristo é a morte da justiça própria. A morte de Jesus é uma superfluidade se nós pudéssemos nos salvar a nós mesmos. Se somos tão bons que não necessitamos ao Salvador, então, por que Jesus morreu sangrando-se sobre o madeiro? A cruz parte os sepulcros da hipocrisia, do formalismo, e da justiça própria nos quais estão escondidas as pessoas que estão espiritualmente mortas.

O que segue em continuação? *Abre os sepulcros.* A terra trinca. Ali jaz o morto, porém agora é revelado a plena luz. A cruz de Cristo provoca isso! O homem ainda não foi revivido pela graça, mas é conduzido a descobrir-se a si mesmo. Ele sabe que jaz no sepulcro do pecado. Recebeu o suficiente poder da parte de Deus para que esteja ali, já não como um cadáver tapado com mármore, senão como um cadáver do que o coveiro tirou os acúmulos de terra, e o deixou desnudo à luz do dia. Oh, é algo grandioso quando a cruz abre dessa maneira os sepulcros!

Você não pode convencer aos homens de pecado, exceto pela pregação de um Salvador crucificado. A lança com a que alcançamos os corações dos homens, é a mesma lança que traspassou o coração do Salvador. Temos que usar a cruz como o recurso para crucificar a justiça própria, e para fazer que o homem confesse que está morto em pecados.

Depois de que os sepulcros tinham sido abertos, e as tumbas se tinham rachado, que aconteceu em seguida? *Se impartiu a vida. "Muitos corpos de santos que tinham dormido, se levantaram."* Eles tinham regressado ao pó; mas quando têm um milagre, este pode ser igualmente algo grandioso. Surpreende-me que tenha pessoas que possam crer sem dificuldade em um tipo de milagre, mas não aceitem outros. Uma vez que se tenha em conta a Onipotência, todas as dificuldades cessam.

Assim sucedeu com esse milagre. Os corpos se reintegraram subitamente, e ali estavam, completos e prontos para se levantarem. Que coisa tão maravilhosa é a implantação da vida! Não falarei dela em um *homem* morto, mas sim quero falar dela em um *coração* morto. Oh Deus, envia Tua vida a algum coração morto nesse momento, enquanto eu prego! Isso que dá vida as almas mortas é a morte de Jesus. Enquanto avistamos a expiação e vemos a nosso Senhor sangrando em nosso lugar, o Espírito Divino trabalha no homem, e o alento de vida é soprado nele. Ele tira o coração de pedra, e coloca um coração de carne que palpita com uma nova vida.

Essa é a maravilhosa obra da cruz: é pela morte de nosso Senhor que a regeneração vem ao homem. Não haveria novos nascimentos se não fosse por essa morte em especial. Se Jesus não tivesse morto, nós teríamos ficado mortos. Se Ele não tivesse inclinado Sua cabeça, nenhum de nós teria podido levantar a cabeça. Se Ele não tivesse ido de entre os vivos, na cruz, nós teríamos permanecido entre os mortos eternamente e para sempre.

Agora prossigamos, e vocês verão que essas pessoas que receberam a vida, a seu devido tempo *saíram dos sepulcros*. Está escrito que abandonaram suas tumbas. É claro que o fizeram. Quem entre os viventes desejariam permanecer em uma tumba? E vocês, queridos leitores, se o Senhor lhes dá vida, não permanecerão em suas tumbas. Se vocês estiveram acostumados a serem fortes beberrões, ou submetidos a qualquer outro pecado que os persegue, vocês o deixarão; não sentirão nenhum apego a seu sepulcro. Se viveram em companhia de ímpios, e encontravam a diversão em lugares questionáveis, não se deterão em suas tumbas. Não teremos necessidade de ir por vocês para afastá-los de suas antigas associações. Vocês mesmos estarão ansiosos de se afastarem delas.

Se alguém fosse enterrado vivo, e se desse conta que está dentro de um ataúde antes de exalar seu último suspiro, estou seguro que se os palmos de terra fossem tirados, e a tampa fosse quitada, ele não precisaria que lhe suplicássemos para que saísse de sua tumba; mas sim todo o contrário. A vida não ama a prisão da morte. Então que Deus conceda que o Salvador moribundo estenda Sua mão e os tirem das tumbas nas que ainda moram; e se agora lhes dá a vida, estou certo que a morte de nosso Senhor lhes fará entender que se um morreu por todos, então todos morreram, e que Ele morreu por todos, para que aqueles que vivem já não vivam mais para si, mas sim para Quem morreu e ressuscitou por eles.

Qual caminho essas pessoas seguiram uma vez que saíram da suas tumbas? É-nos dito que *“vieram à cidade santa.”* Exatamente isso. E todo aquele que tenha sentido o poder da cruz deveria se esforçar ao máximo em seu caminho à santidade. Anelarão unirem-se ao povo de Deus; desejará ir à casa de Deus, e ter comunhão com o três vezes santo Deus. Eu não esperaria que os que foram revividos quisessem ir para outra parte. Cada criatura busca sua própria companhia: as bestas buscam sua guarida, e os pássaros seus ninhos; e o homem restaurado e regenerado caminha até a cidade santa.

Por acaso a cruz não nos atrai para igreja de Deus? Eu não desejaria que alguém se unisse a igreja por qualquer outro motivo que não estivesse tomado das cinco feridas e do lado sangrante de Jesus. Nós nos damos primeiro a Cristo, e logo a Seu povo por Sua amada causa. É a cruz que realiza isso –

*“Jesus morto no madeiro
Alcança essa maravilhosa vitória.”*

É-nos informado, e com isso encerro essa maravilhosa história, que eles foram para a Cidade Santa “e apareceram a muitos.” Isso é, alguns deles que tinham sido levantados dos mortos, não o duvido, apareceram para suas esposas. Que espanto experimentaríamos quando vissem de novo a seus amados esposos! Pode ser que alguns deles apareceram a seu pai e mãe; e tampouco duvido que muitos pais e mães que ressuscitaram, apareceram primeiro a seus filhos.

O que isso nos ensina, senão que se a graça do Senhor nos levanta dos mortos, devemos ser diligentes em mostrar esse feito? Apareçamos a muitos. Que a vida que Deus nos deu seja manifesta. Não a escondamos, mas sim que vamos com nossos antigos amigos e façamos nossas epifâneas como Cristo fez a Sua. Para Sua glória, nos manifestemos e apareçamos para outros. Glória ao Salvador moribundo! Todo louvor seja dado ao grandioso Sacrifício!

Oh, que essas minhas pobres palavras débeis motivem algum interesse em vocês acerca de nosso Senhor agonizante! Estejam prontos a morrer por Ele. E vocês que ainda não o conhecem, pensem nesse grandioso mistério: que Deus tomou a natureza de vocês e se fez homem e morreu, para que vocês não morram; ele carregou com seu pecado para que vocês fossem liberados dele. Venham e confiam em meu Senhor hoje, os suplico. Enquanto o povo de Deus se reúne à mesa para partir o pão, que seus espíritos se dirijam com prontidão, não a mesa nem ao sacramento, mas sim ao próprio Cristo e a Seu sacrifício. Amém.

Porção da Escritura lida antes do Sermão: Mateus 27:35-54

Os Ossos e o Lado Traspassado de Jesus

No. 1956

Sermão pregado ao Domingo de 3 de abril de 1887.

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. Foram, pois, os soldados, e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro que como ele fora crucificado; Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas. Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. E aquele que o viu testemunhou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais. Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura: Verão aquele que traspassaram.” (João 19: 31-37).

Os criminosos crucificados pelos romanos permaneciam na cruz até que apodreciam. Dificilmente essa cruel nação pode ser condenada mais severamente que nossa própria gente, que até pouco tempo exibia os cadáveres dos condenados a morte em lugares muito visíveis, atados com cadeias ao patíbulo. Essa horrível prática foi abandonada, mas se manteve até tempos recentes. Pergunto-me se algumas das pessoas de idade avançada aqui presentes recordam desse horrendo espetáculo.

Entre os romanos era algo muito normal, pois existem alusões clássicas a esse horror, mostrando que os cadáveres das pessoas crucificadas, eram comumente abandonados para que fossem devorados pelas aves de rapina. Provavelmente por deferência aos costumes dos judeus, as autoridades da Palestina, cedo ou tarde permitiram o enterro do crucificado; porem de nenhuma maneira se

apressaram em fazê-lo, pois não sentiam tanta repugnância a esse espetáculo como o israelita sentia.

A lei mosaica, que podem achar no Livro de Deuteronômio, diz assim: “Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e for morto, e o pendurares num madeiro, O seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia;” (Deuteronômio 21: 22-23) Esse mandato conduzia aos judeus a desejar o enterro do executado; porém, havia outra razão. Para que a terra não fosse contaminada no sábado santo da Páscoa, os principais sacerdotes insistiram que os corpos dos crucificados fossem enterrados, e, por conseguinte que suas mortes foram aceleradas quebrando suas pernas. Suas consciências não se acharam sobressaltadas pelo assassinato de Jesus, porém estavam grandemente comovidas pelo temor da contaminação cerimonial. Os escrúpulos religiosos podem viver em uma consciência morta. Ai! Essa não é a única prova desse fato: poderíamos encontrar muitas evidências em nossos dias.

Os judeus correram a Pilatos e lhe pediram como um favor, um *acto in-misericorde* de quebrar as pernas do Crucificado com uma barra de ferro. Às vezes esse ato era infringido ao condenado como um castigo adicional, porém, nesse caso, tinha a intenção que fosse um golpe de misericórdia, acelerando a morte devido à dor terrível que causaria, e a comoção que ocasionaria. O ódio feroz que sentiam contra nosso Senhor, fazia que seus inimigos esquecessem-se de qualquer ingrediente de humanidade: sem dúvida, quanto mais dor e vergonha pudessem lhe causar, eles se sentiam mais satisfeitos. Eles rogaram “a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados”, porém, nesse caso particular, não o faziam por crueldade, mas somente por acatamento aos ritos externos de sua religião.

Já lhes disse que esse rompimento dos ossos do crucificado era um costume romano; e disso temos evidências, pois existe uma palavra em latim, *crucifragium*, que expressa esse ato bárbaro. Pilatos não duvidou em conceder o desejo dos judeus: que importância tinha o cadáver, se já havia entregado a vida do homem?

Os soldados vão imediatamente cumprir a horrenda operação, e começam com os malfeitores. É um feito chamativo que o ladrão

penitente, ainda que devesse estar no Paraíso com seu Senhor, esse mesmo dia, não foi por isso livrado da agudíssima agonia causada pelo rompimento de suas pernas. Nós somos salvos da miséria eterna, não da dor temporal. Nosso Salvador não nos dá uma promessa que seremos guardados do sofrimento nessa vida por causa de nossa salvação. É verdade, como o afirma o provérbio, que: *“Tudo acontece da mesma maneira a todos; um mesmo sucesso ocorre ao justo e ao ímpio e ao bom, ao limpo e ao sujo.”* Os acidentes e as enfermidades afligem tanto ao piedoso como ao ímpio. Penitente ou impenitente, compartilhamos a sorte comum dos homens, e estamos destinados a ter problemas, assim como as fagulhas sobem invariavelmente disparadas para cima.

Vocês não devem esperar que escaparão da tribulação porque foram perdoados, ainda se tivessem a garantia disso recebida dos lábios do próprio Cristo; não, mas sim que de Sua boca cheia de graça vem a advertência e a certeza que lhes sobrevirão provas; pois Jesus disse: *“Essas coisas os falei para que em mim tenhais paz. No mundo tereis aflição.”* O sofrimento não é evitado, porém é convertido em uma bênção. O ladrão penitente entrou ao Paraíso nesse mesmo dia, mas não sem sofrimento; digamos, melhor, que o terrível golpe foi o meio real para o pronto cumprimento da promessa de seu Senhor. Por esse golpe ele morreu naquele dia; do contrário teria podido aguentar mais. Quanto alguém possa receber pela via do sofrimento, é difícil dizê-lo: talvez, a promessa que estaremos com nosso Senhor no Paraíso, será cumprida dessa forma.

Nesse momento, parecia mais que provável que nosso bendito Senhor devia sofrer o rompimento de Seus ossos: porém, *“viram que já era morto.”* Lhe agradou, na infinita entrega com a que aceitou Seu sacrifício, dar Sua vida, e por isso já havia entregado Seu espírito. No entanto, era de se temer que os rudes soldados cumprissem suas ordens ao pé da letra. Porém, vejam! Não o fazem! Tinha sentido muito espanto por Aquele em cujo redor se tinham realizado tais prodígios? Ou, como seu centurião, estavam cheios de temor por causa dessa notável personagem? De qualquer maneira, percebendo que já estava morto, não usaram seus martelos. A nós nos consola comprovar que não se entregaram a essa aborrecível brutalidade.

Porem, não podemos estar *muito* contentes, pois outra ultraje tomará seu lugar! Para se assegurarem de que Ele já estava morto, um dos quatro soldados lhe abriu o lado com uma lança, provavelmente atravessando com essa lança Seu coração. Com isso comprovamos como nosso Deus de graça ordenou, em Sua Providência, que houvesse uma evidência certa que Jesus estava morto e que, portanto, o Sacrifício tinha sido imolado.

Paulo declara que isso é o Evangelho, que o Senhor Jesus morreu segundo as Escrituras. É estranho dizê-lo, porem há existido hereges que se aventuraram em afirmar que Jesus não morreu realmente. A lança utilizada para transpassá-lo os refuta plenamente. Se nosso Senhor não morreu, então nenhum sacrifício foi apresentado, a ressurreição não é um feito real, e não existe fundamento de esperança para os homens. Nosso Senhor morreu com absoluta certeza, e foi enterrado: os soldados romanos eram juizes estritos nesses assuntos, e eles "*viram que já estava morto*", e além, suas lanças não eram usadas em vão quando tinham a intenção que a morte fosse uma certeza.

Quando o lado de Cristo foi aberto, no mesmo instante saiu sangue e água, sobre quais se comentou muito por parte dos que consideram apropriado refletir sobre esses delicados temas. Algumas pessoas supunham que à hora da morte, o sangue era dividido, e os coágulos se separavam da água na que flutuavam, e isso ocorria de uma maneira perfeitamente natural. Porem, não é certo que o sangue ia fluir de um cadáver se o abriam. Somente sob certas condições muito especiais o sangue emanaria. A saída desse sangue do lado de nosso Senhor, não pode se considerar uma ocorrência comum: foi um feito inteiramente único. Nesse caso não podemos nos apoiar em nenhum caso semelhante, pois nesse nos encontramos uma região desconhecida. Concedemos que esse sangue não fluiria de um cadáver ordinário; porem, recordemos que o corpo de nosso Senhor era singular, pois que não viu corrupção.

Qualquer mudança que possa sobrevir a um corpo sujeito à corrupção, não é atribuível diretamente a sua constituição; e, portanto, não existem argumentos a partir dessas mudanças experimentadas pelos cadáveres comuns, para concluir algo contundente em relação ao corpo de nosso bendito Senhor. Se em

Seu caso, o sangue e a água manaram de Seu santo e incorruptível corpo naturalmente, ou se foi por um milagre, de todas formas foi um sucesso muito notável e admirável, e João, como testemunha ocular, estava evidentemente muito surpreso por isso, tão surpreso que registrou uma afirmação solene para que nós não duvidemos de seu testemunho. Ele estava certo do que viu, e cuidou de reportá-lo em uma nota especial, para que crêssemos, como se sentisse que se esse fato fosse crido realmente, teria um poder de convencimento que induziria a muitos a crerem em nosso Senhor Jesus como o Salvador estabelecido.

Poderia entrar em muitos detalhes, porem prefiro cobrir com um véu esse terno mistério. É muito pouco reverente dar conferências de anatomia quando é o corpo de nosso adorável Senhor o que está a nossa frente. Fechamos nossos olhos em adoração em vez de abri-los com irreverente curiosidade.

A grande tarefa diante de mim no dia de hoje, e extrair verdade desse poço cheio de maravilhas. Lhes pedirei que olhem esses eventos que estão diante de vocês, sob três aspectos: primeiro, vejamos aqui o *cumprimento da Escritura*, em segundo, a *identificação de nosso Senhor como o Messias*, e em terceiro lugar, a *instrução que Ele quer nos dar*.

I. Peço-lhes que comprovem O CUMPRIMENTO DA ESCRITURA.

Duas coisas são profetizadas: *nem um só de Seus ossos deve ser quebrado, e Ele deve ser traspassado*. Essas eram as Escrituras que estavam por se cumprir. O domingo passado todos nós nos confortávamos ao ver o cumprimento da Escritura na captura de nosso Senhor, quando se recusou a liberar-se de Seus inimigos. É importante seguir considerando o tema do cumprimento da Escritura em uma época em que a Santa Escritura é tratada com tanto descuido, e se fala dela como se não tivesse nenhuma inspiração, ou, ao menos, como se não possuísse nenhuma autoridade divina que garanta sua infabilidade.¹⁶

¹⁶ É de notar que esse sermão foi pregado justamente no começo da *Controvérsia do Declínio*, em que Spurgeon por meio de sua revista “*A espada e a colheita*”, publicou e escreveu artigos onde declaravam que muitos não criam nas Escrituras como inspiradas por Deus e os líderes das igrejas eram culpados de

Vocês e eu não apoiamos tal erro; pelo contrário, o consideramos malicioso em grande escala. “*Se os fundamentos forem destruídos, que há de fazer o justo?*” Nos agrada observar como o Senhor Jesus Cristo e os que escreveram sobre Ele, tratavam as Escrituras Sagradas com um respeito intensamente reverente. As profecias ditas antes de Cristo deviam se cumprir, e as almas santas encontravam grande deleite em refletir no fato de que iam se cumprir.

Quero que observem em relação a esse caso, que era singularmente complicado. Tinha um elemento negativo e um positivo: os ossos do Salvador não deviam ser quebrados, e Ele devia ser traspassado. No tipo do cordeiro da Páscoa se estabelecia expressamente que nenhum osso devia ser quebrado; portanto nenhum osso de Jesus devia ser quebrado. Ao mesmo tempo, de acordo com Zacarias 12:10, o Senhor devia ser traspassado. Não só devia ser furado com cravos, e assim dar cumprimento à profecia: “*Furaram minhas mãos e meus pés;*” porem Ele devia ser visivelmente traspassado, para que pudesse ser considerado enfaticamente como o *Traspassado*.

Como essas profecias iam se cumprir, e uma multidão de profecias mais? Somente o próprio Deus pode ter feito que se cumprissem profecias que eram de todo tipo, que se mostravam confusas e ainda em contradição uma com as outras. Seria uma tarefa impossível para o intelecto humano construir tantas profecias, tipo, sombras, e logo imaginar uma pessoa em quem estivessem englobados todos eles. Porem o que seria impossível para os homens, foi realizado literalmente no caso de nosso Senhor. Existem profecias sobre Ele e sobre tudo relacionado com Ele, desde Seu cabelo até Suas vestes, desde Seu nascimento até Sua tumba, e, no entanto, todas elas se cumpriram ao pé da letra.

O caso que temos diretamente em nossa frente era muito complicado; pois se a reverência ao Salvador ia livrar Seus ossos, não haveria de livrar também Sua carne? Se uma crua brutalidade abriu Seu lado, por que não quebrou Suas pernas. Como os homens puderam se absterem de um ato violento, sendo um ato aprovado

tolerarem pessoas que descreiam tanto da Infabilidade quanto do Calvinismo ortodoxo (nota do Tradutor)

pela autoridade, e como puderam perpetrar outra violência que não se lhes tinha requerido? Porém, independentemente do complicado que pode ter sido esse caso, a sabedoria infinita soube como completá-lo em todos os pontos; e assim o fez. O Cristo é o cumprimento exato dos anúncios das profecias messiânicas.

Ademais, podemos afirmar sobre o cumprimento dessas duas profecias que era *especialmente improvável*. Parecia completamente impossível que quando se deu a ordem para que quebrassem as pernas do Crucificado, os soldados romanos se abstiveram de fazê-lo. Como poderia o corpo de Cristo ser preservado depois que se deu essa ordem? Esses quatro soldados têm evidentemente a determinação de cumprir as ordens do governador. Já começaram sua horripilante tarefa e quebraram as pernas de dois dos três executados. As cruzes estavam arranjadas de tal forma que Jesus estava pendurado no centro. Ele é o segundo dos três. Nós supomos naturalmente que eles haviam procedido em ordem, da primeira cruz para a segunda. Mas dá a impressão que pulam a segunda cruz e vão da primeira para a terceira. Qual foi a razão desse procedimento tão singular? A suposição é (e eu penso que é algo muito provável), que a cruz do centro estava colocada um pouco mais atrás e que assim, os dois ladrões formavam uma espécie de primeira fila. Jesus estaria dessa forma mais enfaticamente “no meio”.

Se Ele estava colocado um pouco para trás, certamente teria sido mais fácil que o ladrão penitente lerá a inscrição colocada sobre Sua cabeça e visse a nosso Senhor e teve uma conversa com Ele. Se estivessem estados colocados na mesma fila, isso não teria podido ser tão natural. Mas, a posição sugerida parece se adequar as circunstâncias. Se esse fosse o caso, eu posso entender como os soldados estariam tomando as cruzes em ordem quando cumpriram seu horrível ofício nos dois malfeitores e vieram ao fim a Jesus, que estava no meio. Em todo caso, essa foi a ordem que seguiram. A maravilha é que não procederam, a seu devido tempo, em dar o terrível golpe no caso de nosso Senhor! Os soldados romanos estavam treinados para cumprir suas missões literalmente. Não estavam com frequência desejosos de evitar barbaridades. Vocês podem vê-los decididos a cumprir com seus encargos? Inclusive, não estão dispostos a mutilar esse corpo sagrado?

Não me critiquem por minha dureza para com o soldado romano ordinário: estava tão acostumado às matanças, tão acostumados a um império que tinha sido estabelecido com ferro e sangue, que a ideia de piedade nunca vinha a sua alma, exceto para ser desdenhada como um sentimento feminino indigno de um homem valoroso. No entanto, vejam e se assombrem! Dá-se a ordem que quebrem suas pernas: dois de três a sofreram, e, no entanto, nenhum soldado pode triturar nem um osso desse sagrado corpo. Quando vêem que já está morto, não quebram Suas pernas.

Até o momento, unicamente viram o cumprimento de uma das profecias. Ele deve ser traspassado também. E, que foi isso que veio à mente do soldado romano quando, em um momento de impaciência, decidiu assegurar-se que a aparente morte de Jesus era real? Por que abriu esse sagrado lado com sua lança? Ele não sabia nada sobre a profecia; não tinha a menor ideia de Eva tomada de uma costela do homem, nem da Igreja tomada do lado de Jesus. Jamais havia ouvido essa noção antiga que o lado de Jesus era semelhante à porta da Arca, através da qual se abre uma entrada para salvação. Por que, então, cumpre a predição do profeta? Aqui não houve nem acidente nem casualidade. Onde estão tais coisas? A mão do Senhor é evidente nesse ponto, e nós desejamos louvar e bendizer essa Providência onisciente e onipotente que cumpriu assim a palavra da revelação. Deus tem respeito para Sua própria Palavra, e enquanto se cuida que nenhum osso de Seu filho seja quebrado, também se assegura que nenhum texto da Santa Escritura seja quebrantado.

Que os ossos de nosso Senhor permanecessem intactos, no entanto Seu lado fosse traspassado, parecia algo muito improvável, porem, assim sucedeu. Quando no futuro vocês encontrarem com uma promessa inverossímil, creiam nela firmemente. Quando vejam coisas que trabalham contra a verdade de Deus, creiam a Deus, e não creiam em nenhuma outra coisa, Seja deus verdadeiro, e todo homem mentiroso. Ainda que os homens e os diabos digam que Deus mente, apeguem-se ao que Deus há dito; o céu e a terra passarão, porem nenhum jota nem til de Sua palavra cairão em terra.

Observem, ademais, queridos amigos, no tocante ao cumprimento da Escritura, que era *inteiramente indispensável*. Se tivessem quebrado os ossos de Cristo, então a palavra de João Batista: “*Eis o Cordeiro de Deus,*” teria tido um estigma. Os homens teriam objetado: “porem, os ossos do Cordeiro de Deus foram quebrados.” Em duas ocasiões foi especialmente ordenado, não somente no primeiro mandamento da Páscoa no Egito, mas também na permissão de uma segunda Páscoa para os que estavam imundos durante o tempo da primeira Páscoa. Em Números, igual que em Êxodo, lemos que nenhum osso do cordeiro devia ser quebrado. Se os ossos de nosso Senhor tivessem sido quebrados, como, então, teríamos podido dizer: “*nossa páscoa, que é Cristo, já foi sacrificada por nós,*” existindo essa falha fatal? Jesus Cristo deve permanecer intacto sobre a cruz, e também deve ser traspassado; pois do contrário, essa famosa passagem de Zacarias, ao que se alude aqui, “*Olharão a mim, a quem traspassaram,*” não poderia ser certa no referente a Ele. Ambas as profecias deviam se cumprir, e se cumprirem de maneira notória.

Mas, por que necessito dizer que esse cumprimento era indispensável? Amados, é indispensável que Deus mantenha cada uma de Suas palavras. É indispensável para a verdade de Deus que Ele seja sempre verdadeiro; pois, se uma de Suas palavras pode cair em terra, então todas podem fazê-lo também, e Sua veracidade desaparece. Se, todavia, pode-se demonstrar que uma profecia foi um erro, então todas as demais profecias podem ser erros. Se uma parte da Escritura é falsa, todas as demais podem ser falsas, e não podemos pisar em terra firme. A fé não ama lugares movediços; a fé busca a palavra segura da profecia, e coloca seu pé com firmeza sobre certezas. A menos que toda a Palavra de Deus seja segura e pura “*como prata refinada em forno de terra, sete vezes purificada,*” então não temos nada em que nos apoiar, e ficamos virtualmente sem uma revelação de Deus.

Se eu tomo a Bíblia dizendo: “algumas parte são verdadeiras, e outras são questionáveis,” não estaria melhor que se não tivesse uma Bíblia. Um homem que se acha em alto mar com um mapa que somente mostra precisão em algumas zonas estaria na mesma condição que se não contasse com um mapa. Não vejo onde está a segurança de “*se não os converteis e se fazeis como meninos*” se não existe um mestre infalível ao qual seguir. Amados, é indispensável

para a honra de Deus e para nossa confiança em Sua Palavra, que cada linha da Santa Escritura seja verdadeira. Era evidentemente indispensável no caso que estamos considerando, e isso é só um exemplo de uma regra que não admite exceções.

Porem, agora, permitam-me recordar-lhes que ainda que o problema era complicado, e sua realização era improvável, no entanto, *foi resolvido da maneira mais natural*. Nada pode evitar-se menos que a ação dos soldados; eles quebraram as pernas de dois, porem o outro está morto, e não quebram suas pernas; no entanto, para se certificarem que não terão problemas ao evitar-se o golpe, traspassam Seu lado. Não houve nenhuma compulsão neles; o fizeram porque se lhe veio a cabeça a ideia. Nenhum anjo desceu do céu para estar com suas amplas asas diante da cruz, como para proteger ao Salvador; nenhuma terrível proteção de mistério pendia sobre o sagrado corpo do Senhor para afastar aos intrusos repletos de medo. Não, o grupo de quatro soldados fez o que quis. Atuaram seguindo o próprio critério, no entanto, ao mesmo tempo, cumpriram o eterno conselho de Deus.

Seremos sempre incapazes de fazer entender aos homens a verdade que a predestinação e a liberdade de ação são uma realidade? Os homens pecam tão livremente como os pássaros voam pelos céus, porem são inteiramente responsáveis de seu pecado; e, contudo, tudo é ordenado e previsto por Deus. A predestinação de Deus não interfere de maneira alguma com a responsabilidade do homem. Algumas pessoas me pediram muitas vezes que reconcilie essas duas verdades. Minha única resposta é: não necessitam de reconciliação, pois nunca estão brigadas uma com a outra. Por que haveria de reconciliar a dois amigos? Demonstrem-me que as duas verdades não estão de acordo. Nessa solicitação os estou pondo uma tarefa tão difícil como a que vocês me propõem. Esses dois fatos são linhas paralelas; não posso fazer que se juntem, porem vocês tampouco podem conseguir que se cruzem.

Permitam-me agregar também que faz muito tempo abandonei a ideia de estruturar minhas crenças em um sistema. Creio, porem não posso explicá-lo. Inclino-me diante da majestade da revelação e adoro ao infinito Senhor. Eu não entendo tudo o que Deus revela, porem, o creio. Como posso esperar entender todos os mistérios da

revelação, quando simplesmente a aritmética da Escritura ultrapassa minha compreensão, posto que se me ensina que na Divindade, os Três são Um, ainda que o indivisível Um veio de maneira muito manifesta em Três? Necessito medir o mar? Por acaso não basta que seja agitado pelas ondas? Dou graças a Deus por águas o suficientemente profundas para que minha fé possa nadar: entender me forçaria a me manter em águas pouco profundas, porem a fé me conduz à mar aberto.

Eu creio que é maior benefício para minha alma crer que compreender, pois a fé me leva mais perto de Deus do que a razão pode fazer. A fé que está limitada por nossas estreitas faculdades é uma fé indigna de um filho de Deus; pois como filhos de Deus devemos começar a tratar com sublimidades infinitas, como essas que rodeiam a nosso grandioso Pai; Estas só podem ser entendidas pela fé.

Para regressar a meu tema: ainda que o assunto deve ser como a Escritura o havia previsto, no entanto, nenhuma indução nem força foram exercidos; porem, como agentes livres, os soldados concluíram exatamente as coisas que haviam sido escritas nos livros dos profetas relativas a Cristo.

Queridos amigos, aguentem-me em mais uma observação sobre esse cumprimento da Escritura: *foi maravilhosamente concluído*. Observem que nessas transações se colocou um selo de aprovação sobre essa parte da Escritura que esteve mais exposta ao escárnio cético: pois se colocou um selo sobre os tipos. Os irreverentes leitores da Escritura recusaram aceitar os tipos: eles dizem: “Como você sabe que a Páscoa foi um tipo de Cristo?” Em outros casos, pessoas mais sérias objetam as detalhadas interpretações, e rejeitam ver um significado nos mínimos detalhes. Tais pessoas não querem aceitar a importância espiritual da lei: “*Não será quebrado osso*”; mas sim que a desprezam como um regulamento insignificante de um rito religioso obsoleto.

Porem, observem, amados, que o Espírito Santo não faz nada semelhante; pois Ele se foca em uma característica menor da figura e declara que deve ser cumprida. E mais, a Providência de Deus intervém, de tal forma que deve se cumprir. Por isso, não temam o

estudo dos tipos e figuras, diante do ridículo que os sábios segundo o mundo façam deles. Existe uma timidez geral que cobre as mentes de muitos sobre a Santa Escritura, uma timidez que, graças a Deus, me é totalmente estranha. Seria uma situação feliz se a reverência como a de uma criança que os pais da antiguidade possuíam, pudesse ser restaurada à igreja, e o presente criticismo irreverente poderia ser objeto de arrependimento e lançado longe.

Podemos nos deleitar nos tipos como um verdadeiro Paraíso de revelação. Aqui vemos as mais destacadas belezas de nosso Amado, refletidas de dez maneiras deleitáveis. Existe todo um mundo de santo ensino nos livros do Antigo Testamento, e em seus tipos e símbolos. Abandonar esse patrimônio dos santos, e em seu lugar aceitar suas críticas, seria como vender o direito da primogenitura por um prato do guisado das lentinhas. Eu vejo nos ossos intactos de nosso Senhor uma marca do selo de aprovação de Deus sobre os tipos da Escritura.

Prossigamos. Vejo, ainda, o selo de aprovação de Deus impresso sobre a profecia que não se cumpriu; pois, a passagem de Zacarias todavia não se cumpriu plenamente. Diz assim: *“Olharão para mim, a quem traspassaram”*. O SENHOR é quem fala, e Ele fala da *“casa de Davi, e sobre os moradores de Jerusalém.”* Eles devem olhar ao Senhor a quem traspassaram, e chorarão por Ele. Ainda que essa profecia não se cumpriu ainda em seu alcance mais amplo, está certificada no presente; pois Jesus foi traspassado; o resto dela, portanto, permanece firme, e Israel chorará um dia por causa de seu Rei insultado.

A profecia foi cumprida em parte quando Pedro se levantou e pregou aos onze, quando um grande grupo de sacerdotes creu, e quando multidões da semente de Abraão se converteram em pregadores de Cristo crucificado. Todavia, espera um cumprimento maior, e podemos estar completamente seguros que o dia virá quando todo Israel será salvo. Como o feito que seu Senhor foi traspassado é verdade, assim será verdade que seus corações serão traspassados, e eles chorarão e sangrarão internamente com amargor por Ele, a quem desprezaram e aborreceram. O ponto a assinalar aqui é que, nesse caso, um selo foi posto em uma profecia que ainda espera seu cumprimento mais amplo; pelo que podemos considerar

isso como uma antecipação, e podemos colocar ênfase na profecia, e desfrutarmos nela, e recebê-la sem duvidar, venha o que venha.

Disse tudo isso sobre o cumprimento da Palavra relativa a nosso Senhor; aprendamos disso uma lição de reverência e confiança em referência a Sagrada Escritura.

II. Porem, agora, em segundo lugar, e brevemente, A IDENTIFICAÇÃO DE NOSSO SENHOR COMO O MESSIAS foi grandemente fortalecida, por isso que sucedeu a Seu corpo depois de morto. Era necessário que se demonstrasse de maneira conclusiva que era o Cristo de quem se falava no Antigo Testamento. Certas provas e sinais são fornecidas, e essas marcas e sinais se encontram Nele: dessa forma foram encontradas.

A primeira prova é essa: *o Cordeiro de Deus deve ter uma medida de preservação*. Se Cristo é o que Ele professa ser, Ele é o *Cordeiro de Deus*. Agora, o Cordeiro de Deus pode ser tratado somente à maneira de Deus. Sim, há um cordeiro; matá-lo, borrija ele com sangue, assa-lhe ao fogo, porem, não quebre os ossos. É o Cordeiro de Deus e não o seu cordeiro, portanto até aqui chegarás, e não passará mais além do limite. Nenhum osso dele será quebrado. O Senhor o reclama como próprio, e é Sua reserva. Assim, de fato, o Senhor diz em relação ao Senhor Jesus: “Eis aqui meu Filho; o prendam, açoitem-no, o cusпам, o crucifiquem; porem Ele é o Cordeiro de minha Páscoa, e não devem quebrar nenhum de Seus ossos.” O direito do Senhor sobre Ele é declarado pela salvaguarda que faz concernente a Seus ossos. Acaso não vem aqui como Ele é identificado como “*o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*”? É um sinal de identidade sobre a que a fé fixa seu olhar, e estuda esse sinal até que vê nele muito mais do que poderíamos comentar no dia de hoje, pois temos que considerar outras coisas.

O seguinte sinal de identidade deve ser, que *Jeová nosso Senhor deve ser traspassado por Israel*. Assim Zacarias o disse, e, portanto deve se cumprir. Não somente Seus pés e Suas mãos devem ser cravadas, mas sim que Ele deve ser muito notoriamente traspassado. “olharão para mim, a quem traspassaram, e chorarão... afligindo-se por ele.” Ele deve ser traspassado. Suas feridas são sinais e evidências de que Ele é realmente Cristo. Quando vejam o sinal do Filho do Homem

nos últimos dias, então todas as tribos da terra chorarão; por acaso esse sinal não será que Ele que se aparecerá como o Cordeiro que foi imolado?

A ferida em Seu lado era uma marca certa de Sua identidade para Seus próprios discípulos; pois Ele disse para Tomé: *“aproxima sua mão, e mete em meu lado; e não seja incrédulo, mas crente.”* Será o sinal convincente para todo Israel: *“e olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito.”* Para nós o caminho aberto a Seu coração, está manifesto nesse sinal em Sua carne, mostrando que esse é o Deus de amor encarnado, cujo coração pode ser alcançado por todos aqueles que buscam Sua graça.

Porem, não terminei essa identificação; pois observem que quando esse lado foi aberto, *“na hora saiu sangue e água.”* Vocês que trazem suas Bíblias já as terão aberto em Zacarias 12. Peço-lhes amavelmente que continuem lendo até chegar ao primeiro versículo do capítulo 13, que não devia ter sido separado do capítulo 12. O que encontram lá? *“NAQUELE dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi, e para os habitantes de Jerusalém, para purificação do pecado e da imundícia.”* Eles o abriram e nesse mesmo dia começaram a chorar por Ele; porem, ademais, nesse dia se abriu uma fonte. E essa fonte não era outra coisa senão esse borbulhar de água e de sangue que brotou do lado aberto de nosso Senhor redentor.

As profecias se sucedem rapidamente umas as outras; se relacionam com a mesma pessoa e com o mesmo dia; e nos agrada ver que os fatos também se seguem rapidamente uns aos outros; pois quando o soldado abriu o lado de Jesus com uma lança, *“e logo saiu sangue e água”* Jeová foi traspassado, e os homens se arrependeram, e contemplaram a fonte purificadora por um breve espaço de tempo. Os homens que viram aberta a fonte sagrada, se alegraram de ver nela a comprovação do sacrifício consumado, e o sinal de seu efeito purificador.

A identificação é mais completa se acrescentamos um comentário mais. Tomem todos os tipos do Antigo Testamento conjuntamente, e encontrarão que *a purificação do pecado foi tipicamente proclamada com*

sangue e água. O sangue sempre foi visível. Não há remissão do pecado sem ele: porém, a água era também sumamente promnente. Prévio aos sacrifícios, os sacerdotes deviam se lavar, e a própria vítima devia ser lavada com água. As coisas impuras deviam ser lavadas com água corrente. Vejam como nosso Senhor Jesus veio mediante água e sangue; não mediante água somente, mas sim mediante água e sangue. João, que viu a maravilhosa torrente, jamais esqueceu esse espetáculo; pois ainda que escreveu suas Epístolas, eu suponho, já em idade muito avançada, a lembrança dessa cena poderosa estava fresca nele. Eu suponho que ele escreveu seu Evangelho já bastante avançado em anos. No entanto, quando chegou a essa passagem, se impressionou como se fosse a primeira vez, e expressou afirmações que não tinham o costume de usar sempre: *“E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz”*. Assim, de maneira solene, por assim dizer, deu sua declaração certificada diante do povo de Deus, que ele realmente presenciou esse espetáculo extraordinário.

Em Jesus vemos a Um que veio a expiar e a santificar. Ele é esse Sumo Sacerdote que limpa a lepra do pecado mediante sangue e água. Essa é uma parte da segura identificação do grandioso Purificador do povo de Deus, que veio mediante água e sangue, e derramou ambas de seu lado aberto. Deixo-lhes essas identificações. São surpreendentes para minha mente, porém são somente uma parte do maravilhoso sistema de sinais e figuras por meios dos quais é comprovado que Deus atesta que o homem Cristo Jesus é com toda certeza o verdadeiro Messias.

III. Devo chegar a uma conclusão observando, em terceiro lugar, A INSTRUÇÃO QUE NOS É DADA em todas essas coisas.

A primeira instrução que devemos receber pode ser unicamente insinuada, como todas as demais. Vejam o que Cristo é para nós. Ele é o Cordeiro Pascoal, e nenhum de seus ossos foi quebrado. Vocês o crêem. Adiante, então, e atuem segundo essa fé, alimentando-se de Cristo; façam uma festa em suas próprias almas no dia de hoje. Seu sangue aspergido trouxe salvação: o Anjo Exterminador não pode tocá-los nem a vocês nem a sua casa. O próprio Cordeiro se converteu em seu alimento; se alimentem Dele; aplaquem sua fome

espiritual ao receber a Jesus em seus corações. Se um homem como desse alimento viverá para sempre.

Estejam cheios da plenitude de Deus, ao receber agora ao Senhor Jesus como Deus e como homem. “*Vós estais completos Nele*” Vocês são “*perfeitos em Cristo Jesus.*” Podem dizer Dele: “*é toda minha salvação e meu desejo?*” “*Cristo é o tudo, e em todos*” Não aprendam essa lição simplesmente como doutrina, mas desfrutem-na como uma experiência pessoal. Jesus é nossa Páscoa imolada, então deve ser comida. Tenhamos um festim com Ele, e logo estejamos prontos a peregrinar através do deserto, fortalecidos com Sua carne, até que cheguemos ao descanso prometido.

Que outra coisa aprendemos dessa lição? Isso: *vejam o tratamento do homem para com Cristo.* O cuspiram, gritaram: “*Crucifica-o, crucifica-o!*” O cravaram na cruz, zombaram de Suas agonias, e está morto; porem, a malícia do homem ainda não está saciada. O último ato do homem para Cristo deve ser traspassá-lo de lado a lado. Essa cruel ferida era a concentração do maltrato para Jesus. Sua experiência nas mãos de nossa raça se resume no fato de que eles traspassaram Seu coração. Isso é o que os homens fizeram a Cristo: desprezaram-lhe e rejeitaram de tal forma que Ele morre com Seu coração traspassado.

Oh, a depravação de nossa natureza! Alguns duvidam que seja uma depravação total. Merece um pior adjetivo que esse. Não há palavra na linguagem humana que possa expressar o veneno da inimizade do homem para seu Deus e Salvador: o feriria mortalmente se pudera. Não esperam que os homens amem a Cristo, nem a vocês tampouco, se são semelhantes a Ele. Não esperem que Jesus encontre habitação Ele na pousada, nem muito menos que seja colocado no trono por homens culpados, não regenerados. Oh, não! Ainda estando morto eles tem que insultar Seu cadáver atravessando-lhe uma lança. Um soldado o fez, porem estava expressando o sentimento da época. Isso é o que o mundo de pecadores fez com Aquele que veio ao mundo para salva-lo.

Agora, continuando, aprendemos, o que Jesus fez pelos homens. Amados, esse hino que acabamos de escutar, contém uma doce expressão –

***“Ainda depois de morto Seu coração
Derramou Seu tributo por nós.”***

Em Sua vida, Ele sangrou por nós: gota a gota o suor sanguinolento caiu na terra. Logo, os cruéis flagelos fizeram brotar abundantes gotas de cor púrpura; porem, como um pouco de sangue de vida permanece próximo de Seu coração, o derramou todo antes de partir. É uma expressão materialista, mas existe algo mais nela que um simples sentimento: digo que permanece entre a substância desse globo uma sagrada relíquia do Senhor Jesus em forma de sangue e água. Posto que nenhum átomo de matéria jamais perece, a matéria permanece na terra ainda agora. Seu corpo se foi para glória, porem o sangue e a água ficaram aqui. Vejo muito mais nesse fato do que intentarei dizer.

Oh mundo, o Cristo o marcou com Seu sangue e tem a intenção de possuir-te! Sangue e água do coração do próprio Filho de Deus se derramaram sobre esse planeta escuro e manchado, e assim Jesus o selou como algo próprio, e como tal, deve ser transformado em um novo céu e uma nova terra, nos que habita a justiça.

Nosso amado Senhor, depois que nos foi dado tudo o que tinha, renunciando Sua vida por nós, se desfez na torrente inapreciável que brotou da fonte de Seu coração: *“e logo saiu sangue e água.”* Oh, a bondade do coração de Cristo, que não só devolveu um beijo por um golpe, mas sim entregou torrentes de vida e salvação pela ferida da lança!

Mas devo me apressar. Posso ver também nessa passagem *a segurança dos santos*. É maravilhoso ver que repletas de olhos estão as coisas de Jesus; pois Seus ossos intactos olham para trás, para o Cordeiro Pascoal, mas também olham para diante, através de toda a história da Igreja, até aquele dia quando Ele reúna a todos Seus santos em um corpo, e nenhum faltará. Nenhum osso de Seu corpo místico será quebrado.

Existe um texto nos Salmos que diz acerca do justo, (e todos os justos são conformados à imagem de Cristo): *“ele guarda todos seus ossos; nem um deles será quebrado.”* Eu me regozijo pela segurança dos

eleitos de Cristo; Ele não permitirá que nenhum osso de Seu corpo redimido seja quebrado -

*“Pois toda a semente eleita
Reunir-se-á ao redor do trono,
Bendirá a conduta de Sua graça
E dará a conhecer Suas glórias.”*

No dia de Sua aparição haverá um Cristo perfeito, quando todos os membros de Seu corpo se juntem a sua gloriosa Cabeça, que será coroada para sempre. Nenhum membro vivente de Cristo estará ausente; “nenhum osso será quebrado.” Não haverá nenhum Cristo lesionado, mutilado; não haverá uma redenção a medias - mas sim que o propósito que Ele veio cumprir será alcançado à perfeição, para glória de Seu nome.

Ainda não terminei, pois devo acrescentar outra lição. Vemos aqui *a salvação dos pecadores*. O lado de Cristo é atravessado para dar aos pecadores a dupla cura do pecado, quitando sua culpa e seu poder; mas, melhor que isso, os pecadores devem *quebrantar seu coração pela contemplação do Crucificado*. Por esse meio devem também obter a fé. “Olharão para mim, a quem traspassaram, e chorarão como se chora por um filho primogênito.”

Amados, nosso Senhor Jesus não veio unicamente para salvar pecadores, mas sim para buscá-los: Sua morte não só salva aos que têm fé, mas sim que cria fé nos que não a possuem. A cruz produz fé e o arrependimento que exige. Não podem vir a Cristo *com* fé e arrependimento. Venham a Cristo *por* fé e *por* arrependimento, pois Ele pode outorgá-los. Ele foi traspassado a propósito para que vocês possam compungidos até o coração. Seu sangue, que flui livremente, é derramado por muitos para remissão dos pecados. Tudo o que precisam fazer é olhar, e enquanto estejam olhando, esses benditos sentimentos que são os sinais da conversão e da regeneração, serão trabalhados em vocês por um olhar a Ele.

Oh bendita lição! Coloque-na em prática essa manhã. Oh, que nessa grande casa muitos se esqueçam do eu e olhem ao Salvador crucificado, e encontrem vida eterna Nele! Pois esse é o principal objetivo que João teve ao escrever essa história, e esse é o desígnio

mais importante de que a preguemos: ansiamos que vocês creiam. Venham, vocês que são culpados, venham e confiem no Filho de Deus que morreu por vocês. Venham, vocês que são imundos e estão contaminados, venham e lavem-se nessa sagrada torrente que é derramada por vocês. Há vida em um olhar ao Crucificado. Há vida nesse instante para todo aquele que O olhe. Que Deus lhes conceda que possam olhar e viver, por Jesus Cristo nosso Senhor! Amém.

Porção da Escritura lida antes do Sermão: João 19: 13-42

A Pedra Removida

No. 863

Sermão pregado na manhã de Domingo de 28 de março de 1869

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

“E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra da porta, e sentou-se sobre ela.” (Mateus 28:2)

Quando as santas mulheres de dirigiam ao sepulcro na penumbra da manhã, desejosas de embalsamar o corpo de Jesus, recordaram que havia um imensa pedra colocada na entrada da tumba que lhes impediria entrar, e se perguntavam entre elas: *“Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?”* (Marcos 16:3) Essa pergunta encerra em si a fúnebre interrogação do universo inteiro: *“Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?”* Existe uma imensa rocha colocada na trilha de felicidade do homem que bloqueia o caminho por completo. Quem, entre os valentes, tirará a barreira? A filosofia tentou essa tarefa, mas fracassou miseravelmente. A pedra da dúvida, da incerteza e a incredulidade, detiveram todo o progresso na subida à imortalidade. Quem poderá alçar essa terrível mola e sacar a vida e a imortalidade à luz?

Os seres humanos - uma geração trás outra - enterraram a seus semelhantes; o sepulcro que a tudo devora tragou a suas miríades de mortos. Quem poderia deter a matança diária, ou quem poderia dar uma esperança mais além da tumba? Houve um sussurro sobre a ressurreição, mas os homens não podiam crer nela. Alguns sonharam em um estado futuro, e falaram dele em misteriosa poesia, como se só tratasse da imaginação e nada mais. Em escuridão e penumbra, com muitos temores e escassas conjecturas sobre a verdade, os homens seguiriam perguntando-se: *“Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?”*

Os seres humanos tinham o confuso sentimento de que esse mundo não pode ser tudo, que tem que existir outra vida, que nem todas as criaturas inteligentes vieram para esse mundo para perecer; se esperava, de qualquer modo, que houvesse algo do outro lado do rio fatal. Não podia ser que ninguém regressasse do Averno¹⁷: tinha que haver, em verdade, uma via de saída do sepulcro. Por difícil que fosse a trilha, os homens esperavam que seguramente deveria existir algum retorno da terra da sombra da morte; e a pergunta estava sempre importunando ao coração, se é que não aos lábios: “Onde está o homem que vem? Onde está o libertador predestinado? Onde está, e quem é o que nos removerá a pedra?”

As mulheres se enfrentavam com três dificuldades. A pedra em si mesma era gigantesca; estava selada com o selo da lei e era custodiada pelos representantes da autoridade. Diante da humanidade se apresentavam as mesmas três dificuldades. A morte mesma era uma pedra gigantesca que não podia ser removida por nenhuma força conhecida para os mortais: a morte era evidentemente enviada por Deus como um castigo pelas ofensas contra Sua lei. Portanto, como poderia ser apartada, como poderia ser removida? O selo vermelho da vingança de Deus estava posto à entrada do sepulcro. Como o selo poderia ser anulado? Quem poderia rodar a pedra?

Ademais, as forças do demônio e os poderes do inferno guardavam o sepulcro para impedir qualquer fuga; quem poderia enfrentar-se com elas e levar as almas dos mortos, arrancadas como uma presa de entre a boca do leão? Tratava-se de uma agonizante pergunta: “Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro? Viverão esses ossos secos? Nos serão restaurados nossos seres queridos que partiram? As multidões de nossa raça que desceram ao Hades, poderão regressar alguma vez da terra da meia noite e confusão?”

Assim que, todo o paganismo perguntava: “Quem?”, e o eco respondia: “Quem?” Nenhuma resposta foi dada a sábios nem reis, mas as mulheres que amavam ao Salvador receberam a resposta. Chegaram ao sepulcro de Cristo, mas esse estava vazio, pois Jesus

¹⁷ **Averno**: em linguagem poética, lugar dos condenados pela justiça divina. Na antiguidade se lhe considerava a entrada dos infernos. (nota do original em espanhol)

havia ressuscitado. Aqui está a resposta à pergunta do mundo: há outra vida; os corpos viverão outra vez, pois Jesus vive. Oh Raquel, tu que se lamentas e recusas ser consolada, *“Reprime a tua voz de choro, e as lágrimas de teus olhos; porque há galardão para o teu trabalho, diz o SENHOR, pois eles voltarão da terra do inimigo.”* (Jeremias 31:16).

Não se afligem mais os que estão de luto em torno do sepulcro, como os que estão sem esperança; pois como Jesus Cristo ressuscitou, os mortos em Cristo ressuscitarão também. Enxuguem essas lágrimas, pois a tumba do crente já não é mais um lugar para lamentações, mas sim a passagem à imortalidade; não é mais que um armário no que o espírito pendurará suas roupas, cansado depois de sua viagem terrena, para vesti-las de novo em uma manhã mais resplandecente, quando serão brancas e formosas como nenhum lavador teria podido branquear.

Essa manhã, tenho o propósito de falar um pouco em relação à ressurreição de nosso exaltado Senhor Jesus; e para que o tema seja de maior interesse para vocês, antes que nada irei *pedir a essa pedra que foi removida, que pregue a vocês*; e logo, lhes convidarei a que *ouçam a homilia do anjo pronunciada desde seu púlpito de pedra*.

I. Primeiro, DEIXEMOS QUE A PEDRA PREGUE. Não é algo incomum na Escritura pedras que receberam a ordem de falar. Imensas pedras foram removidas como testemunhas contra o povo; as pedras e as vigas que sobressaem de uma parede foram chamadas a testificar contra o pecado. Chamarei a essa pedra como testemunho em favor das valiosas verdades das que era um símbolo. A corrente de nosso pensamento se divide em seis torrentes.

1. Primeiro, a pedra rodada deve ser considerada, de maneira muito evidente, *como a porta do sepulcro retirada*. A morada da morte estava firmemente assegurada por uma gigantesca pedra; o anjo a retirou, e o Cristo vivente saiu. A imensa porta, vocês observarão, foi removida do sepulcro. Não foi meramente aberta, mas desencaixada, arrastada a um lado, removida, e a partir de então, a antiga prisão da morte ficou desprovida de uma porta. Os santos entram, mas não ficam presos. Ficam ali como em uma caverna

aberta, porem não há nada que lhes impeça sair dela a seu devido tempo.

Como Sansão, quando dormiu em Gaza e foi rodeado pelos inimigos, se levantou de manhã e carregou sobre seus ombros as portas de Gaza - pilares, ferrolhos e tudo - e levou tudo, e deixou aberta e exposta a praça forte dos filisteus, assim nosso Senhor fez com o sepulcro, pois, tendo dormido nele três dias com suas noites, conforme o decreto divino, ressuscitou na grandeza de Seu poder, e arrancou as portas de ferro do sepulcro, arrancando cada uma de suas vigas de seu lugar.

A remoção da pedra opressora era o tipo externo que sinalava que o Senhor havia arrancado as portas do sepulcro: pilares, ferrolhos e todo; e que havia exposto essa velha fortaleza da morte e do inferno, deixando-a como uma cidade tomada por assalto e, a partir desse momento, desprovida de poder.

Lembrem que nosso Senhor foi depositado no sepulcro como um refém. *“morreu por nossos pecados.”* Lhe foram imputados como uma dívida. Ele saldou no madeiro a dívida que tínhamos pendente para com Deus; sofreu até o limite e de maneira substitutiva o que correspondia a nosso sofrimento, e logo foi confinado na tumba, como um refém, até que Sua obra fosse plenamente aceita. Essa aceitação seria notificada a Sua saída do vil cativo; e essa saída se converteria em nossa justificação: *“Foi ressuscitado para nossa justificação.”* Se Ele não tivesse pagado a totalidade da dívida, teria tido que permanecer no sepulcro. Se Jesus não tivesse feito uma expiação eficaz, total e final, teria tido que continuar sendo um cativo. Porem, tinha feito tudo. O *“Está consumado,”* que brotou de Seus próprios lábios, foi estabelecido pelo veredito do SENHOR e Jesus saiu livre.

Observem-No quando ressuscita: não escapa da prisão como um criminoso que escapa da justiça; mas sim sai com tranquilidade como alguém que cumpriu sua sentença em prisão; ressuscitou, é verdade, por Seu próprio poder, mas não deixou a tumba sem uma permissão sagrada: o oficial celeste da corte do céu é delegado para abrir-lhe a porta, removendo a pedra, e Jesus Cristo, completamente justificado, ressuscita, para demonstrar que todo Seu povo é

completamente justificado Nele, e a obra de salvação é perfeita para sempre. A pedra é removida da porta do sepulcro, como para mostrar que Jesus fez tão eficazmente a obra, que nada pode nos reter no sepulcro outra vez. O sepulcro mudou seu caráter; foi completamente aniquilado, e eliminado como cárcere, de tal forma que a morte, para os santos, já não é mais um castigo pelo pecado, mas sim uma entrada para o descanso.

Vamos, irmãos, nos alegremos por isso. Na tumba vazia de Cristo vemos que o pecado foi removido para sempre: vemos, portanto, que a morte foi destruída eficientemente. Nossos pecados eram a grande pedra que fechava a boca do sepulcro, e nos retinham cativos na morte, na escuridão e na desesperação. Nossos pecados são agora tirados para sempre, e a morte já não é mais um lúgubre e funesto calabouço, a ante-sala do inferno, mas sim é agora uma perfumada alcova, um gabinete, o vestíbulo do céu. Pois, tão certamente como Jesus ressuscitou, Seu povo tem que abandonar os mortos; não existe nada que impeça a ressurreição dos santos. A pedra que podia nos reter em prisão foi removida. Quem poderia prender-nos quando a própria porta desapareceu? Quem poderia nos confinar quando toda a barricada foi suprimida? -

*“Quem reconstruirá a prisão do tirano?
O cetro que caiu de suas mãos está quebrado;
A pedra foi removida, o Senhor ressuscitou;
Os indefesos logo serão libertados de suas ataduras.”*

2. Em segundo lugar, considerem a pedra *como um troféu erigido*.

Como os homens de tempos antigos erigiam pedras memoriais, e como erigimos colunas nesses dias para comemorar grandes proezas, assim essa pedra foi removida, por assim dizer, diante dos olhos de nossa fé, e foi consagrada naquele dia como um memorial da vitória eterna de Cristo sobre os poderes da morte e do inferno. Pensarão que lhe haviam vencido; consideraram que o Crucificado estava derrotado. Sorriam espantosamente, em verdade, quando viram Seu corpo inerte envolto em um lençol e depositado em um sepulcro novo de José; porem, sua alegria foi passageira; suas jactâncias não foram senão breves, pois no momento designado, Aquele, que não devia ver a corrupção, ressuscitou e saiu do

domínio da morte. Seu calcanhar foi ferido pela antiga serpente, porem na manhã da ressurreição, Ele esmagou a cabeça do dragão –

*“Vãs as pedras, a vigilância, o selo,
Cristo destroçou as portas do inferno;
A morte em vão impede Sua ressurreição
Cristo abriu o Paraíso
Nosso Glorioso Rei vive de novo!
Onde está, oh morte, teu aguilhão?
Ele morreu uma vez para salvar nossas almas;
Onde, ó tumba jactanciosa, tua vitória?”*

Amados irmãos em Cristo, ao olhar aquela pedra, com o anjo sentado sobre ela, se levanta diante de nós como um monumento à vitória de Cristo sobre a morte e o inferno, e é conveniente que recordemos que Sua vitória foi obtida em nosso favor, e seus frutos são todos nossos. Nós temos que combater com o pecado, mas Cristo o venceu. Nós somos tentados por Satanás: Cristo propiciou a derrota de Satanás. Pronto deixaremos esse corpo; a menos que o Senhor venha muito logo, podemos esperar que haveremos de encolher nossos pés na cama como nossos pais, e irmos nos encontrar com nosso Deus; porem, a morte é vencida em nosso nome por Cristo, e não temos nenhuma razão para ter medo.

Ânimo, soldados cristãos, vocês estão enfrentando um inimigo vencido; relembrem que a vitória do Senhor é uma garantia para vocês. Se a Cabeça vence, os membros não serão derrotados. Não permitam que a aflição ofusque seus olhos; não deixem que os temores perturbem seus espíritos; precisam vencer, pois Cristo venceu. Coloquem todos seus poderes para o conflito, e revigorem-se com a esperança da vitória. Se houvessem visto a seu Senhor derrotado, então poderiam esperar que vocês mesmos fossem soprados como palha no vento; porem, Ele lhes proporciona o poder com o que venceu. O Espírito Santo está em vocês; o próprio Jesus prometeu estar sempre com vocês, até o fim do mundo, e o Deus poderoso é seu refúgio. Vocês vencerão certamente por meio do sangue do Cordeiro. Coloquem essa pedra diante do olho de sua fé essa manhã, e digam: “Aqui meu Senhor venceu ao inferno e à morte, e em Seu nome e por Sua força, eu serei coroado também, quando o ultimo inimigo seja destruído.”

3. Para um terceiro uso dessa pedra, observem que aqui existe *posto um cimento*. Essa pedra removida do sepulcro, que tipifica e certifica a ressurreição de Jesus Cristo, é a pedra do cimento da fé cristã. O fato da ressurreição é a pedra do cimento do cristianismo. Se desmentirmos a ressurreição de nosso Senhor, nossa santa fé se converte em uma mera fábula; não existe nada no que a fé possa se apoiar, se Aquele que morreu no madeiro não ressuscitou também da tumba; então, *“vossa fé é vã”*: o apóstolo disse: *“ainda estais em vossos pecados”* então *“também os que dormiram em Cristo pereceram.”* Todas as grandiosas doutrinas de nossa divina revelação se desmoronam como as pedras de um arco quando se tira a pedra fundamental, e são derrotadas em uma comum ruína, pois toda nossa esperança gira sobre esse grandioso ato. Se Jesus ressuscitou, então esse Evangelho é o que professa ser; se não ressuscitou dos mortos, então tudo é engano e falácia.

Porem, irmãos, a ressurreição de Jesus dos mortos é um fato melhor estabelecido que qualquer outro fato da história. Abundaram as testemunhas: os havia de todas as classes e condições. Nenhuma delas jamais confessou que estava enganada ou equivocada. Estavam tão persuadidas desse fato, que a maioria delas sofreu a morte por testemunhá-lo. Não tinham nada que ganhar por dar esse testemunho; não ganharam maior poder, nem honra, ou riquezas; eram homens verazes e de mente simples, que testificavam do que tinham visto, e davam testemunho do que haviam contemplado.

A ressurreição é um feito melhor atestado que qualquer outro evento registrado na história, antiga ou moderna. Aqui está a confiança dos santos: nosso Senhor Jesus Cristo, que deu testemunho da boa profissão diante de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, ressuscitou outra vez dos mortos, e depois de quarenta dias ascendeu ao trono de Deus. Nós confiamos Nele; cremos Nele. Se não houvesse ressuscitado, seríamos os mais dignos de comiseração de todos os homens por termos sido Seus seguidores. Se não houvesse ressuscitado, Seu sangue não haveria resultado ser eficaz para nós para tirar o pecado; porem como Ele ressuscitou, edificamos sobre essa verdade; toda nossa confiança se apóia nisso, e estamos persuadidos que –

***“Ressuscitado dentre os mortos, Ele vai adiante;
Ele abre a porta eterna do céu;
Para dar a Seus santos uma mansão bem aventurada
Próxima de seu Redentor e seu Deus.”***

Meus queridos ouvintes, estão baseando suas esperanças eternas na ressurreição de Jesus Cristo dos mortos? Confiam Nele, crendo que morreu e ressuscitou outra vez por vocês? Colocam toda sua dependência sobre o mérito de Seu sangue, certificado pelo fato de Sua ressurreição: Se é assim, possuem um fundamento de fato e de verdade, um fundamento contra o qual as portas do inferno não prevalecerão; porém, se vocês estão edificando sobre qualquer coisa que tivessem feito, ou sobre qualquer coisas que as mãos sacerdotais poderia fazer por vocês, estariam construindo sobre as areias que serão levadas pela corrente que tudo o devora e, tanto vocês como suas esperanças, descenderão ao poço do abismo, envoltos nas trevas do desespero. Oh, edifiquem sobre a pedra viva de Cristo Jesus! Oh, confiem Nele, que é a principal pedra de esquina, escolhida, preciosa! Isso é edificar de maneira segura, eterna e bem-aventurada.

4. Uma quarta voz da pedra é essa: aqui existe *provisão de descanso*. O anjo parece que nos ensina isso quando se sentou sobre a pedra. Quão sossegadamente foi efetuada toda a ressurreição! Quão silenciosamente, também! Que ausência de pompa e de ostentação! O anjo descendeu e tirou a pedra, Cristo ressuscitou, e então o anjo se sentou sobre a pedra. Sentou-se ali silenciosa e airosamente, com ar de desafio aos judeus e ao selo que tinham posto, e aos legionários romanos e suas lanças, à morte, à terra e ao inferno. Foi como se dissesse: “Venham, e voltem a colocar essa pedra, inimigos do Ressuscitado. Todos vocês, poderes infernais, que pretenderam prevalecer contra nosso Príncipe eterno, coloquem outra vez essa pedra, se atreveram ou se podem!” O anjo não disse isso com palavras, porém sua posição, sentado majestosa e tranquilamente sobre a pedra, queria dizer tudo isso e mais. A obra do Senhor está consumada, e consumada para sempre, e essa pedra, que não havia de ser usada mais, está porta desencaixada, que não haveria de ser empregada mais para tapar o ossário, é a figura do “*está consumado*”, consumado de tal maneira que não pode se reverter, consumado para durar eternamente. Aquele anjo que descansa sobre a pedra

nos sussurra suavemente: “Venham aqui, e descansem também.” Não há descanso mais pleno, certo e seguro para a alma, que no fato de que o Salvador, em quem confiamos, ressuscitou dos mortos.

Vocês hoje guardam luto por amigos que partiram? Oh, vem e sente-se sobre essa pedra, que lhe diz que eles ressuscitarão outra vez. Esperam morrer logo? O verme está na raiz do arbusto? Tem o vermelho da tuberculose em suas faces? Oh, vem e sente-se sobre essa pedra, e considera que a morte perdeu agora seu terror, pois Jesus ressuscitou do sepulcro.

Venham vocês também, vocês, pessoas frágeis e trêmulas, e desafiem à morte e o inferno. O anjo deixará livre seu assento para que se sentem diante do olhar do inimigo. Ainda que seja só uma humilde mulher, ou um homem quebrantado, pálido e abatido, oprimido pelos largos anos de persistente enfermidade, você bem pode desafiar todas as hostes do inferno, enquanto descansa sobre essa preciosa verdade: *“Não está aqui, mas sim ressuscitou: deixou os mortos, para não morrer mais.”*

Enquanto refletia sobre essa passagem de meu discurso, me lembrei daquele tempo quando Jacó se dirigia a casa de Labão. Diz-se que chegou a um lugar onde havia um poço, e uma grande pedra estava posta sobre o abertura, e os rebanhos e os gados eram reunidos em torno a ele, mas não tinham água até que alguém chegasse e removia a grande pedra da boca do poço, e então davam água ao gado.

De igual maneira, o sepulcro de Jesus é como um grande poço que mana com o refrigério mais puro e divino, mas enquanto essa pedra não fora rodada, ninguém pertencente aos rebanhos redimidos com sangue podia tomar águas ali; mas agora, cada dia de domingo, o primeiro da semana, nos reunimos em torno do sepulcro aberto de nosso Senhor, e extraímos águas vivas desse poço sagrado. Oh, vocês, abatidas ovelhas do rebanho, oh, vocês, que estão desfalecidas e a ponto de morrer, venham aqui; aqui existe um doce refrigério; Jesus Cristo ressuscitou: que seus consolos se vejam multiplicados –

“Cada nota ressoa com poderes:

*O pecado é vencido, cativo é o inferno;
Onde está o que foi o rei temido do inferno?
Onde está, oh morte, teu agulhão mortal?
Aleluia”*

5. Em quinto lugar, a pedra é *um limite estabelecido*. Não o vêem? Contemple-o então, ali está, e o anjo está sobre ele. O que vêem daquele lado? Os guardas estão aterrorizados, rígidos de medo, e estão como mortos. Desse lado, o que vêem? As tímidas e trêmulas mulheres, as quais o anjo fala com doçura: “*Vós não temais; porque eu sei que buscam a Jesus.*”

Podem ver, então, que essa pedra se converteu na fronteira entre os vivos e os mortos, entre os buscadores e os aborrecedores, entre os amigos e os inimigos de Cristo. Para Seus inimigos, Sua ressurreição é “*Pedra de tropeço, e rocha que faz cair*”: como outrora, na Colina de Marte¹⁸, quando os sábios escutaram sobre a ressurreição, zombaram. Porém para Seu próprio povo, a ressurreição é a pedra angular. A ressurreição de nosso Senhor é nosso triunfo e deleite. A ressurreição atua de maneira muito parecida com a coluna de fogo que o SENHOR colocou entre Israel e Egito: era trevas para Egito, mas dava luz a Israel. Tudo estava escuro em meio das hostes do Egito, mas tudo era brilho e consolo entre as tribos de Israel.

Assim, a ressurreição é uma doutrina cheia de horror para os que não conhecem a Cristo, e não confiam Nele. Quem eles têm que ganhar com a ressurreição? Felizes eram os que podiam dormir na aniquilação eterna. Que ganharam com a ressurreição de Cristo? Virá Aquele que depreciaram? Vive Aquele a quem odiaram e aborreceram? Ordenará-lhes que se levantem e terão que se encontrar com Ele como um Juiz sentado no trono? O simples pensamento disso basta para ferir os lombos dos reis hoje; mas, quão será o caso quando o som da trombeta sobressalte e levante de seus leitos do pó a todos os filhos de Adão! Oh, os horrores dessa tremenda manhã, quando cada pecador se levante, e o Salvador ressuscitado venha nas nuvens do céu, e todos os santos anjos com

¹⁸ **Colina de Marte:** Colina localizada em Atenas a noroeste e abaixo da Acrópole, conhecida como Areópago, onde se reuniam os concílios e o tribunal. Paulo pregou ali uma mensagem registrada em Atos 17 (nota do original em espanhol)

Ele! Em verdade, não há senão consternação para os que estão do lado do mal dessa pedra da ressurreição. Porém, quão grande é o gozo que a ressurreição traz aos que estão no lado do bem dessa pedra! Como esperam Sua aparição com um êxtase crescente a cada dia! Como edificam sobre a doce verdade de que ressuscitarão e verão com esses olhos a seu Salvador!

Eu queria que se perguntassem, essa manhã, de que lado estão dessa pedra fronteira agora. Possuem vida em Cristo? Ressuscitam com Cristo? Confiam unicamente Naquele que ressuscitou dos mortos? Se for assim, não tenham temor: o anjo lhes consola, e Jesus lhes dá ânimos; porém, oh, se não possuem vida em Cristo, se estão mortos enquanto vivem, o mesmo pensamento de que Jesus ressuscitou há de sobrecarregá-los de medo, e fará vocês tremerem, pois bem haveriam em tremer diante daquilo que lhes espera.

6. Em sexto lugar, eu concebo que essa pedra pode ser usada, e muito adequadamente, *como prefiguração de ruína*. Nosso Senhor veio a esse mundo para destruir todas as obras do demônio. Contemplem diante de vocês as obras do demônio, elaboradas como um cruel e horrível castelo sólido e terrível, coberto de musgo dos séculos, colossal, estupendo, cimentado com o sangue de homens, amuralhado com a maldade e a astúcia, rodeado de profundos fossos, e guarnecido com demônios. Uma estrutura o suficientemente terrível para causar desesperação aos que a rodeiam para contar suas torres e observar seus baluartes. No cumprimento do tempo, nosso Paladino veio ao mundo para destruir as obras do demônio. Durante Sua vida soou o alarme no grande castelo, e tirou uma pedra daqui e outra dali, pois os enfermos foram sarados, os mortos foram ressuscitados, e o Evangelho foi pregado aos pobres.

Porém, na manhã da ressurreição, a gigantesca fortaleza tremeu de cima abaixo; enormes rachaduras sulcavam suas paredes; e todos seus baluartes trambaleavam. Alguém mais forte que o Senhor dessa cidadela havia entrado evidentemente, e estava começando a destruir, e destruir, e destruir, desde o pináculo até os sótãos. Uma pedra gigantesca da que o prédio dependia substancialmente, uma pedra angular que tecia toda a estrutura, foi alçada corporalmente de seu leito e lançada em terra. Jesus arrancou a gigantesca pedra de granito da morte de sua posição, e assim deu um sinal seguro de

que todas as demais incorreriam na mesma sorte. Quando essa pedra foi removida do sepulcro de Jesus, foi uma profecia de que cada pedra do edifício de Satanás viria ao chão, e nem uma só de todas as pedras que os poderes das trevas haviam empilhado descansaria sobre outra pedra, desde os dias de sua primeira apostasia até o fim.

Irmãos, essa pedra removida da porta do sepulcro me dá uma gloriosa esperança. O mal é ainda poderoso, mas o mal será demolido. A perversidade espiritual reina nos lugares altos; a multidão clama ainda atrás do mal; as nações estão imersas ainda em densa escuridão; muitos adoram a mulher de Babilônia vestida de escarlate, outros se inclinam diante da meia lua de Maomé, e milhões se prostram diante de blocos de madeira e pedra; os lugares escuros e as habitações da terra estão ainda cheios de crueldade; porem, Cristo provocou tal abalo ao conjunto inteiro do mal que, podem estar seguros disso, cada pedra cairá com certeza. Só temos que continuar trabalhando, usando o aríete do Evangelho, guardando cada um de nossos seu lugar, e como os exércitos ao redor de Jericó, temos que soar ainda a trombeta, e virá o dia em que todo mal, toda superstição colossal, serão abatidos e nivelados ao solo, e se cumprirá a profecia: “*Ao revés, ao revés, ao revés porei aquela coroa, e ela não mais será, até que venha aquele a quem pertence de direito; a ele a darei* (Ezequiel 21:27)” Essa pedra separada sobre a que se senta o anjo, é o prognóstico seguro da condenação vindoura de tudo que é vil e ruim. Alegrem-se vocês, filhos de Deus, pois a queda da Babilônia se aproxima. Cantem, oh céus, e alegre-se, o terra, pois nenhum mal será passado por alto. Em verdade lhes digo que não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.

Assim a pedra pregou para nós. Faremos uma momentânea pausa e ouviremos o que o anjo tem a nos dizer.

II. O ANJO PREGOU de duas maneiras: pregou *em símbolos*, e pregou *em palavras*.

Pregar em símbolos é muito popular em certos grupos em nossos dias. O evangelho deve ser visto pelo olho, e as pessoas devem aprender em diversas estações por meio da mudança de cores, tal como o azul, e o verde, o violeta, mostrados nas vestimentas dos sacerdotes

e sobre o altar, e por meio de cintos e candelabros, por pendões, por jarras, e conchas cheias de água; as pessoas devem ser, inclusive, ensinadas e guiadas pelo nariz, pelo que é regalada com fumaça e incenso; e é atraída por meio dos ouvidos, já que devem escutar as odiosas entoações dos refinados cânticos.

Agora, observem que o anjo era um pregador simbólico, com seu semblante de relâmpago e suas vestes de neve; porem, por favor, notem para quem estavam reservados os símbolos. Ele não disse nem uma só palavra aos guardas: nem uma palavra. Ele lhes deu um evangelho simbólico, quer dizer, os olhou, e seu olhar era um raio; ele se revelou a eles em suas roupas brancas como a neve, e nada mais. Observem como estremeciam e tremiam! Esse é o evangelho de símbolos; e onde quer que chega, condena. Não pode fazer outra coisa. Vamos, a antiga lei mosaica de símbolos, onde terminou? Quão poucos alcançaram jamais sua significação íntima! A grande massa de Israel caiu na idolatria, e o sistema simbólico se voltou algo morto para eles.

Vocês que se deleitam em símbolos, vocês que pensam que é cristão converte a todo o ano em um tipo de farsa prática sobre a vida de Cristo, vocês que pensam que todo o cristianismo há de ser ensinado mediante dramas, como aqueles que os homens atuam nos teatros e nos espetáculos de marionetes, sigam seu caminho, pois não encontrarão nenhum céu nesse caminho, nenhum Cristo, nenhuma vida. Encontrar-se-ão com os sacerdotes, e os formalistas, e os hipócritas, e nos densos bosques e entre as negras montanhas da destruição, tropeçarão até sua completa ruína.

A mensagem evangélica é “*Ouvi e viverás*”; “*Inclina teus ouvidos, e vem e Mim.*” Essa é a mensagem doadora de vida: “*Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo*”. Porem, oh geração perversa, se buscam símbolos e sinais, serão enganados com o evangelho do demônio, e cairão presas do destruidor.

Agora escutemos o sermão do anjo *em palavras*. Unicamente assim o verdadeiro Evangelho é pregado. Cristo é a Palavra, e o Evangelho é um evangelho de palavras e pensamentos. Não se dirige ao olho; se dirige ao ouvido, ao intelecto e ao coração. É algo espiritual, e só

pode ser captado por aqueles cujos espíritos são despertados para compreenderem uma verdade espiritual.

O primeiro que o anjo disse foi: *“Não vos assusteis”* Oh, esse é o próprio espírito do Evangelho de nosso Senhor ressuscitado: *“Não temais.”* Vocês, que querem ser salvos, vocês, que querem seguir a Cristo, não devem temer. Tremeu a terra? Vocês, não tremam: Deus pode preservá-los ainda que a terra arda com fogo. O anjo desceu em terrores? Não temais: não há terrores no céu para o filho de Deus que se aproxima à cruz de Jesus, e confia sua alma Àquele que ali sangrou.

Temerosas mulheres, acaso a escuridão é o que as alarma? Não temais: Deus enxerga no escuro e as ama lá, e não existe nada na escuridão ou na luz que esteja mais além de Seu controle. Têm medo de ir a uma tumba? O sepulcro as alarma? Não temais: vocês não podem morrer. Posto que Cristo ressuscitou, ainda que houvessem estado mortas, viverão. Oh, o consolo do Evangelho! Permitam-me dizer-lhes que não há nada na Bíblia que um homem que coloca sua confiança em Jesus temer. Eu disse que não existe nada na Bíblia? Digo que não existe nada no céu, nada na terra, e nada no inferno, que conduza a fazer temer aos que confiam em Jesus. *“Não vos assusteis”*. Não devem temer o passado, pois lhes é perdoado; não temerão o presente, pois está devidamente providenciado; o futuro também está assegurado pelo poder vivente de Jesus. *“Porque que vivo”* -Ele diz - *“vós também vivereis.”* Temer! Vamos, isso teria sido apropriado quando Cristo estava morto, mas agora que vive, não resta espaço para isso. Temes a seus pecados? Todos seus pecados foram apagados, pois Cristo não teria ressuscitado se não o tivesse quitado todos. Qual é seu medo? Se o anjo o ordena: *“Não se assuste”* porque haveria de temer? Se cada ferida do Salvador ressuscitado, e cada ato de seu Senhor reinante o consolam, por que desfalece ainda? Duvidar, temer e tremer agora que Jesus ressuscitou, é algo inconsistente em qualquer crente. Jesus pode socorrer-lhe em todas suas tentações; vendo que Ele vive para sempre para interceder por você, Ele pode também salvar-lhe perpetuamente: portanto, não se assuste.

Notem as palavras que seguem: *“Não tenham medo, pois eu sei que .. (Mateus 28:5)* Que? Um anjo conhece os corações das mulheres? O

anjo conhecia quais eram as preocupações de Madalena? Por acaso os espíritos lêem nossos espíritos? Está bem. Porem, oh, é melhor lembrar que nosso Pai celestial conhece nosso coração. Não temam, pois Deus sabe o que há em seu coração. Nunca confessou sua ansiedade sobre sua alma, pois é muito tímido para isso; nem sequer chegou tão longe para atrever-se a dizer que espera amar a Jesus; porem, Deus conhece seus desejos.

Pobre coração, você sente como se não pudesse confiar, como se não pudesse fazer nada que seja bom; porem, ao menos o deseja, ao menos o busca. Tudo isso Deus o sabe; com prazer espia seus desejos. Por acaso isso não lhe consola: esse fato grandioso do conhecimento de Deus? Eu não poderia ler o que existe em seu espírito e, talvez, nem você mesmo poderia dizer-me o que existe aí. Se fosse tentado, dir-se-ia depois de tê-lo feito: “bem, não lhe disse exatamente o que sentia, perdi o consolo que pude ter recebido, pois não pude explicar meu caso.”

Porem, existe Alguém que trata contigo, e sabe exatamente onde radica sua dificuldade, e qual é a causa de sua presente aflição. “Não tenha medo”, pois seu Pai celestial conhece sua dificuldade. Fique tranquilo, pobre paciente, pois o cirurgião sabe onde está a ferida, e o que o está afetando. Silêncio, meu filho, fique quieto apoiado sobre o peito do grandioso Pai, pois Ele sabe tudo; e, acaso isso não deveria lhe contentar, já que Seu cuidado é tão infinito como Seus conhecimentos?

Logo, o anjo seguiu dizendo: “*Não tenham medo, pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado;*” Existia espaço aqui para o consolo. Estavam buscando a Jesus, ainda que o mundo havia lhe crucificado. Ainda que muitos tivessem lhe deixado de lado e o abandonado, as mulheres estavam se apegando a Ele com amorosa lealdade.

Agora, queria saber se existe alguém aqui que poderia dizer: “ainda que sou indigno de ser um seguidor de Cristo, com frequência penso que Ele me rejeitaria, existe algo do que estou certo: não teria medo do temor do homem por Sua causa. Meus pecados me fazem temer, porem nenhum homem poderia me fazer temer. Eu estaria a Seu lado ainda que todo o mundo estivesse contra Dele.

Consideraria minha maior honra que o Crucificado pelo mundo fosse o Adorado de meu coração. Não importa que todo o mundo o lance fora, se Ele me recebera, ainda que sou um pobre verme indigno, jamais estaria envergonhado de reconhecer Seu nome bendito e cheio de graça.” Ah, então, não tenha medo, pois se é assim como sente a respeito de Cristo, Ele te reconhecerá no último grande dia. Se está disposto a reconhecê-lo agora, “não tenha medo”.

Eu estou seguro de que às vezes sinto, quando olho a meu próprio coração, como se não tivesse parte nem porção no assunto, e como se não pudera reclamar interesse algum no Amado, em absoluto; porém, então, sei efetivamente isso: que não me envergonho de ser exposto a vergonha por Ele; e se fosse acusado de ser um fanático e um entusiasta de Sua causa, consideraria a mais elevada honra reconhecer-me culpado de uma imputação tão bem aventurada por Sua amada causa. Se esse fora, em verdade, a linguagem de nossos corações, podemos recobrar ânimo. *“Não tenham medo, pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado”*

Logo acrescenta: *“Ele não está aqui, porque já ressuscitou”* (Mateus 28:6). Essa é a instrução que o anjo dá. Depois de dar consolo, dá a instrução. A firme base e a razão de consolação que lhe proporciona, buscador, é que não buscas a um Cristo morto, e não pedes a um Salvador enterrado; Ele está realmente vivo. Ele é tão capaz de lhe aliviar hoje, se vai a seu aposento e o pedes em oração, como o era para ajudar ao pobre cego quando Ele estava na terra. Ele está tão disposto hoje a aceitar-lhe e receber-lhe, como o estava para abençoar o leproso, ou sara o paralisado. Acuda a Ele de imediato, pobre buscador; acusa a Ele com santa confiança, pois Ele não está aqui; estaria morto se estivesse: Ele ressuscitou, e vive e reina para responder sua petição.

O anjo pediu as santas mulheres que revisaram a tumba vazia, porém, quase imediatamente depois, lhes deu uma comissão para que a cumprissem em nome do Senhor. Agora, se algum buscador foi consolado pelo pensamento de que Cristo vive para salvar, que faça como o anjo disse, que vá e conte a outros as boas novas que você escutou. Esse é o grandioso meio de propagar nossa santa fé: que todos aqueles que se inteiraram dela, a ensinem. Nós não temos

alguns ministros que foram apartados, para os quais está reservado o único direito de ensinar na igreja cristã; nós não cremos em um clero e um laicato.

Crentes, todos vocês são clero de Deus: todos vocês. Todos os que crêem em Cristo são o clero de Deus, e estão obrigados a servir-lhe de acordo com suas habilidades. No corpo existem muitos membros, porem cada membro tem seu ofício; e não existe nenhum membro no corpo de Cristo que deve de estar ocioso, porque, em verdade, não pode fazer o que a Cabeça pode fazer. O pé tem seu lugar, e a mão tem seu dever, assim como também a língua e o olho. Oh, vocês, que se inteiraram sobre Jesus, não guardem o bendito segredo para vocês mesmos. Hoje, de uma maneira ou outra, lhes rogo que dêem a conhecer que Jesus ressuscitou. Passem o slogan a seu redor, como os antigos cristãos faziam. No primeiro dia da semana diziam uns aos outros: *“O Senhor há ressuscitado verdadeiramente.”* Se alguém lhes perguntasse o que queriam dizer com isso, seriam então capazes de dizer-lhes todo o Evangelho, pois essa é a essência do Evangelho, que Jesus Cristo morreu por nossos pecados, e ressuscitou outra vez no terceiro dia, de acordo as Escrituras; morreu como substituto nosso, criminosos, e ressuscitou como representante nosso, pecadores perdoados; morreu para que nossos pecados pudessem morrer, e vive de novo para que nossas almas possam viver. Invitem diligentemente a outros a virem a Jesus e a confiar Nele. Digam-lhes que há vida para os mortos em um olhar a Jesus crucificado; digam-lhes que esse olhar é um assunto da alma, é uma confiança simples; digam-lhes que ninguém jamais confiou em Cristo porem foi rejeitado; digam-lhes o que sentiram como resultado de sua confiança em Jesus, e que sabemos, muitos discípulos poderiam ser agregados a Sua igreja, um Salvador ressuscitado será glorificado, e vocês serão consolados pelo que terão visto! Que o Senhor reparta Sua própria benção a essas débeis palavras, por Seu Filho Jesus Cristo. Amém.

Porção da Escritura lida antes do sermão: Mateus 28

Uma Visita ao Sepulcro

No. 1081

Sermão pregado

Por Charles Haddon Spurgeon.

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

Sem data especifica

“Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia.”(Mateus 28:6)

As santas mulheres, Maria Madalena e a outra Maria, foram ao sepulcro, esperando encontrar lá o corpo de seu Senhor com o propósito de embalsamá-lo. Suas intenções eram boas; sua vontade foi aceita diante de Deus; mas, apesar de tudo isso, o desejo delas não foi concedido pela simples razão de que era contrário ao desígnio de Deus: inclusive diferia com aquilo que Cristo lhes tinha predito e declarado claramente: *“Não está aqui, pois ressuscitou, como disse.”* Eu deduzo disso que, como crentes, poderíamos abrigar alguns bons desejos em nossos corações e tratar sinceramente de colocá-los em prática, e contudo, não alcançar jamais o êxito nesse esforço, devido que graças, a nossa ignorância, não entendemos, ou graças a nosso esquecimento, temos deixado de prestar atenção a certas palavras de Cristo que se interpõem em nosso caminho.

Soube que isso nos aconteceu com a oração. Temos orado, e não temos recebido porque não tínhamos um sustento na Palavra de Deus para pedir o que solicitávamos. Existia alguma proibição na Escritura que deveria ter-nos refreado de elevar essa petição. Pesamos em nossa vida diária, em meio das ocupações do trabalho, que se pudéssemos alcançar tal e tal posição, então honraríamos a Deus; no entanto, ainda que temos buscado vigorosamente, e oramos insistentemente a respeito, jamais conseguimos nosso alvo. Deus nunca teve o propósito de que o conseguíssemos; e, se tivéssemos tido êxito em alcançar nosso projeto, possivelmente poderia ter sido mais danoso que vantajoso, um legado de problemas em vez de uma herança de alegria. Estávamos buscando

grandes coisas para nós, mas esquecemos aquela recriminação do Senhor: *“E tu buscas para ti grandezas? Não as busques.”* Portanto, não esperem realizar aqueles desejos que considerem puros e apropriados. Poderia ser que haja uma palavra do Senhor que não permita que os vejam realizados.

Essas boas mulheres descobriram que tinham perdido a presença Daquele que era o maior deleite delas. O *“não está aqui,”* deve ter-lhes soado como um dobrar de sinos pelos defuntos. Elas esperavam encontrá-lo, porém Ele já tinha partido. Mas a aflição desapareceu de seus corações quando o anjo agregou: *“Porque já ressuscitou.”* Eu deduzo disso que se Deus me tira qualquer coisa boa, certamente se justificará por tê-lo feito, e que, frequentemente, magnificará Sua graça, concedendo-me algo infinitamente melhor.

Maria pensou que seria algo bom encontrar o cadáver de seu Senhor? Talvez lhe tivesse proporcionado algum tipo de satisfação nostálgica. Assim pensava segundo seu próprio juízo. O Senhor tirou esse consolo dela. Porém, Cristo tinha ressuscitado, e ter notícias Suas, e posteriormente, vê-Lo, porventura não foi algo infinitamente melhor?

Você ultimamente perdeu algo em torno do qual seu coração tinha entrelaçado todos seus tentáculos? Descobrirá que existe uma boa razão para essa privação. O Senhor nos tira sempre alguma benção de prata, com a intenção de dar-nos um benefício de ouro. Podem estar certos de que Ele lhes dará ferro em vez de madeira, e substituirá o ferro com bronze, e em vez de bronze, prata, e em lugar de prata, lhes proporcionará ouro. Tudo o que o Senhor tira não é senão algo preliminar para uma dádiva maior. Você perdeu seu filho? Que isso importaria se descobre que seu Senhor é mais amoroso que nunca? Um sorriso de seu Senhor será melhor para você que todas as alegres brincadeiras de seu filho. Não é melhor Ele para você que dez filhos? Ou, perdeu seu familiar e companheiro que o alegrava ao longo do vale da vida? Graças a essa perda, você será agora conduzido a estar mais próximo de seu Salvador. Suas promessas serão mais doces para você, e o Bendito Espírito lhe revelará Sua verdade com maior claridade. Por fim sairá ganhando com sua perda.

É o caso de muitíssimas plantas que foram protegidas por alguma grande árvore cujas ramas frondosas as cobriam da chuva acoitadora e do granizo destruidor. Subitamente a árvore foi cortada pelo marchado cruel do lenhador. Quando a árvore cai, a plantinha estava a ponto de gritar de medo. A partir desse momento permanecerá desprotegida. Mas não lhe acontece nada: esses tristes prognósticos se desvanecem prontamente, pois agora o sol banha a débil planta como jamais fez antes. E o orvalho cai em maior abundância, e a chuva penetra até suas raízes; e a terna plantinha cresce até alcançar uma estatura que jamais conhecido de outra forma, já que o consolo do que desfrutava lhe impedia o crescimento. Você se dará conta que muitos dos consolos que lhe foram retirados eram obstáculos para seu apropriado cultivo e, na ausência desses consolos, obterá uma abundante compensação, uma benção dez vezes maior.

“Não está aqui” é muito triste. Porém, *“á ressuscitou”* é muito alegre. A Cristo, o que morreu, As Marias não podem ver. Não podem embalsamar esse bendito corpo. Mas você vera a Cristo, o que vive, e poderá prostrar-se a Seus pés, e ouvirás de Seus lábios as jubilosas palavras: *“Ide pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dentre os mortos.”* (Mateus 28:7) Vale a pena que lembrem dessa lição. Se Deus a aplica a sua alma, poderia produzir-lhe um reconfortante consolo. Se o Senhor retira alguma alegria, lhe dará outra melhor. *“Porque não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens”* (Lamentações 3:33). Estou certo de que vocês jamais negam a seus filhos nenhuma complacência, sem ter em mente algum bem real. Quando pedem a seus filhos algum pequeno sacrifício, quantos de vocês não têm uma maneira de compensar-lhes para que não saiam perdendo pela experiência em questão. E seu Pai celestial tratará assim dessa forma terna e delicada com vocês, que são Seus filhos.

Com esses dois comentários preliminares, procederemos a considerar o texto em si. E seria conveniente dizer que alguns de nós assistimos essa tarde ao funeral de um querido amigo e diácono dessa igreja; e, por tal motivo, os pensamentos que se agitam em nosso peito, e as palavras que brotarão de nossos lábios essa noite, seriam mais apropriados se o sepulcro aberto estivesse a nossa frente. Coloquemos-nos lá em nossa imaginação, e concebamos que

aquele sino – ainda que frequentemente obstaculiza nossas devoções a ponto de que me pergunto por que a pessoa cristão precisa fatigar a outros cristãos com um sino – produz um repique de mortos para nós. Essa badalada deve nos ajudar a sermos conduzidos à tumba sobre as asas do som, para que adotemos a melhor posição em que essas meditações sejam congruentes para a ocasião.

O texto contém, em primeiro lugar, *uma certeza*; e, em segundo lugar, *um convite*. Primeiro, a certeza: “*Não está aqui, pois há ressuscitado*”; e em segundo lugar, um convite “*Vinde, vê o lugar onde o Senhor foi posto.*”

I. A certeza: “*Não está aqui, pois há ressuscitado*”.

Jesus Cristo realmente RESSUSCITOU DENTRE OS MORTOS. O que importa que os falsos eruditos e os sabichões tenham tentado demonstrar que esse fato, tão bem comprovado, não é senão um mito fabuloso? Não existe uma só doutrina das Santas Escrituras que não se tenha desejado exterminar. A princípio, negavam descaradamente que tais coisas tivessem sucedido, e diziam que era pura invenção. Mas depois, quando se proporcionou abundante evidência para demonstrar a ressurreição, essa vil incredulidade deu lugar a um ceticismo mais refinado. No entanto, pode se demonstrar mais além de toda dúvida, que há tanta evidência da ressurreição de Cristo como de qualquer outro feito comprovado da história. Provavelmente não haja nenhum outro feito da história que esteja tão plenamente demonstrado e corroborado, como o fato de que Jesus de Nazaré, que foi cravado na cruz, que morreu, e foi sepultado, ressuscitou verdadeiramente.

Tal como cremos nas histórias de Julio César – tal como aceitamos as declarações de Tácito – sobre essa mesma base de documentos históricos, estamos obrigados a aceitar o testemunho de Mateus, Marcos, Lucas e João, do mesmo modo que os testemunhos daquelas pessoas que foram testemunhas oculares de Sua morte, e que lhe viram depois que ressuscitou dos mortos.

Que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos não é uma alegoria nem um símbolo, mas sim uma realidade de fato. Ali Ele permaneceu morto, para que esse fato fosse corroborado tanto pelos amigos como pelos

inimigos; era um cadáver que devia ser depositado na tumba. Toquem-no e vejam-lhe. É o mesmo Cristo que vocês conheceram em vida. É exatamente o mesmo. Houve alguma vez tais olhos em qualquer outra forma humana? Contemple-o! Vocês podem ver a impressão de aflição em Seu rosto. Houve alguma vez semblante tão desfigurado como o seu, alguma aflição tão real em seus efeitos? Esse é o Imperador do Abatimento, o Príncipe de Todos os Dolorosos, o Rei da Aflição! Ali jaz, sendo inconfundivelmente, ele mesmo. Agora, observem os sinais dos cravos. Vejam, ali o ferro traspassou essas benditas mãos; e ali foram Seus pés foram perfurados; e lá esta a incisão que chegou ao pericárdio, e dividiu o coração, e fez brotar sangue e água maravilhosas de Seu lado. É Ele, o mesmo Cristo! E as santas mulheres levantam cada um dos membros do Seu corpo e o envolveram em linho, e colocam especiarias em Seu redor, que tinham trago em sua pressa, e lhe colocaram nesse lugar, nesse sepulcro novo.

Agora, deve ser conhecido e entendido que nossa fé é que esses mesmos membros que permaneciam inertes e frios na morte se tornaram túbios com vida outra vez; esse mesmo corpo, com seus ossos e carne, que jaziam ali, se tornaram animados com vida novamente e regressaram à uma gloriosa existência. Essas mãos romperam o pedaço de pão e o pescado na presença dos discípulos; e esses lábios os comeram; e Ele mostrou essa ferida e disse: *“Põe aqui teu dedo, e mete-lhe no lugar dos cravos”* e desnudou Seu lado, o mesmo lado perfurado, e disse: *“Aproxima sua mão, e coloque ela em meu lado; não sejas incrédulos, mas crente.”* Não era um fantasma nem um espectro. Como Ele mesmo disse: *“Um espírito não tem carne nem ossos, como vêem que eu tenho.”* Ele era um homem real, tão real depois da ressurreição como o tinha sido antes; e Ele é um homem real na glória agora, tal como foi quando estava aqui abaixo. Ele ascendeu ao alto: a nuvem o cobriu de nossa vista. O mesmo Cristo que perguntou a Pedro: *“me amas?”*, o mesmo Jesus que disse a todos Seus discípulos: *“Vinde, come”* um homem real ressuscitou de uma morte real a uma vida real. Agora, sempre precisamos que essa doutrina nos seja declarada muito claramente, pois ainda que cremos nela, nem sempre temos plena consciência dela; e ainda se a compreendemos, é bom ouvi-la de novo, para que nossas mentes sejam confirmadas quanto a ela. A ressurreição é um fato tão literal

como qualquer outro feito registrado na história, e assim temos de crer nela. *“Não está aqui, pois já ressuscitou.”*

Sigam a narração, amados, e verão que quando nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou naquela ocasião, sendo revivido dos sonhos da morte, não somente foi verdade que realmente se levantou do sepulcro, mas sim que ressuscitou para ser levantado em Sua ascensão à glória que agora possui a destra do Pai. Quando as cadeias de ferro da tumba foram rompidas, os discípulos receberam esse consolo: que agora *Ele está mais além do alcance de Seus inimigos*. Durante os escassos dias que nosso Senhor permaneceu na terra, nenhum de Seus inimigos tentou fazer-lhe dano. Nem sequer os cães se atreviam em mover a língua contra Ele. Dificilmente poderíamos dizer a razão, mas assim foi. Parecia que havia uma notável conformidade nas mentes de todos Seus inimigos durante o tempo que residiu em meio de Seu povo aqui embaixo. Ele estava fora do alcance de Seus inimigos. Não lhe podiam fazer já nenhum dano. E é o mesmo agora. Ele não está aqui, em outro sentido; e agora está fora do alcance de todos Seus malignos adversários.

Isso não o alegra? A mim sim. Nenhum Judas pode trair agora o Mestre para que seja aprisionado pelos soldados romanos. Nenhum Pilatos pode tomar-lhe agora e corromper a justiça e entregar-lhe a crucificação sabendo que é inocente. Nenhum Herodes pode agora zombar Dele na companhia de homens de guerra: nenhuma tropa pode agora cuspir em Sua amada face. Ninguém pode esbofeteá-lo agora, ou vendar Seus olhos, nem dizer-lhe: *“Profetiza, quem é que te golpeou?”* A cabeça, a amada cabeça majestosa de Jesus, não pode jamais ser coroada de espinhos outra vez, e os incansáveis pés que caminhavam em missões de misericórdia, não podem ser mais ser perfurados pelos cravos. Os homens não o deixarão nu mais, nem ficarão exultando em Suas agonias. Ele se acha mais além de seu alcance. Agora podem falar mal Dele, e podem buscar depreciá-lo através de Seu povo, que são os membros de Seu corpo. Agora podem se enraivarem, mas Deus colocou Cristo a Sua própria destra, e é inacessível a sua malícia. Consola-me, tal como penso que consolaria o soldado no dia da batalha quando via que a batalha se tornava muito difícil, comprovar que o comandante a quem amava estava fora do alcance das balas. *“Vamos,”* -diria - *“você podem nos ferir como queiram. As balas poderiam chover uma morte*

vermelha sobre nossas filhas, mas nosso comandante em chefe, de quem depende todo o conflito, está à salvo.”

Oh, essas palavras são benditas, e bendita foi a pluma que as escreveu e bendito é o Espírito que as ditou: *“Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.”* (Filipenses 2:9-11) Não importa, amados irmãos, o que nos possa acontecer a nós, pobres soldados comuns. Sentimos que se fossemos caluniados, desonrados, perseguidos, ou se fossemos condenados a morte, seria algo sem importância à luz dos temas transcendentais: sim, a cabeça que uma vez foi coroada de espinhos está agora coroada com glória, e quem esteve no tribunal de Pilatos para ser condenado, se senta agora no trono de Seu Pai, em espera de vir julgar aos príncipes e reis da terra.

Em relação a que nosso Senhor não está aqui, mas que ressuscitou, deveria nos consolar pensar que agora está mais além de toda dor, assim como também mais além de todo ataque pessoal. Eu me consolei refletindo dessa forma enquanto a nosso amigo falecido recentemente. Ele foi atacado subitamente pela paralisia, como muitos de vocês sabem, e esteve em cama seis semanas. Se tivesse agradado a Deus, teria podido estar em cama seis ou dezesseis anos, e teria sido algo muito doloroso ver-lhe com sua vida ainda no corpo, mas com uma mente densamente entenebrecida. Estamos agradecidos – eu me sinto pessoalmente agradecido por Deus – já que nosso amigo ficou dormindo e escapou das misérias da presente vida malvada. Porém, quanto mais agradecidos deveríamos estar em relação a nosso amado Senhor a Quem nossa alma ama! Oh, podem suportar pensar Nele, que não tinha onde repousar Sua cabeça? Quem entre nós não teria renunciado a sua cama para dar-lhe descanso de uma noite? Ai, e renunciar à cama para sempre, se tivéssemos podido dar-lhe um brando repouso. Nós teríamos ido para a encosta do monte e teríamos passado lá a noite toda, até que nossa cabeça tivesse estado empapada de orvalho, se pudéssemos tido oportunidade de dar-lhe um descanso? Ele vale mais que dez mil de nós; e, não pareceria como se era para Ele demasiado ter que sofrer o estar sem lar nem teto? Tinha fome, irmãos; estava sedento;

estava cansado, estava desfalecido. Ele sofreu nossas enfermidades: é-nos informado que as carregou. Frequente lhe doía coração. Ele sabia o que “os frios montes e o ar da meia noite” podiam fazer para esfriar o corpo; e Ele sabia o que a assoladora atmosfera e a amarga privação podiam fazer para congelar a alma. Ele experimentou inumeráveis aflições e dores. Desde o primeiro derramamento de sangue em Seu nascimento, até o último derramar de sangue em Sua morte, parecia como se a aflição o tivera marcado como seu filho peculiar. Sempre era hostilizado, tentado, contrariado, assediado, atacado e molestado, por Satanás, pelos homens malvados, e pelos males que estão no lado de fora! Agora já não há nada disso para Ele; e nos alegra que não esteja aqui por essa razão. Agora não é nenhum filho da pobreza; agora não há uma oficina de carpinteiro para Ele, nem a veste do campesino, tecida de cima abaixo: não há agora ladeiras de montes nem brejos para Seu lugar de descanso; não existem agora turbas escarnecedoras em torno Dele; não há agora quem recolha pedras para apedrejar-lhe; já não se senta junto ao poço, cansado e dizendo: “*Dá-me de beber*”; não precisa que se lhe dêem alimento quando está faminto. Agora já não pode mais ter açoites e flagelos. Não dará mais “*Seu corpo aos agressores, nem Suas faces aos que lhe puxavam a barba.*” Ninguém perfurará Suas mãos e Seus pés, não sentirá uma sede ardente no sangrento madeiro; não clamará “*Eloi Eloi, Lama Sabactani?*” As ondas e as olas de Deus passaram sobre Ele, porem já não podem assediá-lo mais. Ele foi levado ao pó da morte, e Sua alma esteve muito triste uma vez. Ele está mais além de tudo isso. O mar ficou para trás, e chegou a Bons Portos, onde nenhuma tormenta pode açoitar-lhe. Ele alcançou Seu gozo; Ele entrou em Seu repouso e recebeu Sua recompensa.

Irmãos e irmãs, devemos nos alegrar por esse motivo. Entremos no repouso de nosso Senhor. Alegremo-nos porque Ele está alegre; sejamos felizes porque Ele está feliz. Oh, que pudéssemos sentir que nossos corações saltam dentro de nós, ainda que por um breve tempo mais nos vejamos no campo de batalha, porque Ele se foi daí, e agora é reconhecido e adorado como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O fato de que nosso Senhor ressuscitou contêm, não somente esses consoladores elementos em referência a Ele, mas sim que temos de recordar que é *uma garantia de nossa própria ressurreição, para cada um*

dos que cremos Nele. Na primeira epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo faz que todo o argumento a favor da ressurreição do corpo esteja baseado nessa única pergunta: Cristo ressuscitou dos mortos? Se ressuscitou, então todo Seu povo há de ressuscitar com Ele. Ele era um representante, e como Senhor Salvador ressuscitou, todos Seus seguidores haverão de fazê-lo. Se resolvem a pergunta de se Cristo ressuscitou, terão resolvido a pergunta de se todos que estão Nele, e foram conformados a Sua imagem, também devem ressuscitar.

Quanto a nós, é verdade que os que somos crentes em Jesus, se morremos e somos depositados na tumba, seremos comidos pelos vermes: regressaremos à mãe terra e nos converteremos em pó. Por minha parte, eu jamais envolveria o corpo em chumbo, nem faria nada que impedisse que se desfizesse rapidamente no pó do qual veio. Parece que é sumamente apropriado e santo deixar que se desfaça e volte a ser o pó original. Mas aqui está o tema designado. Não importa o que aconteça com esse pó, nem através de quais transições ele passe. É verdade que as raízes das árvores poderiam sugar dessa mistura; é verdade que se pode converter em pasto e em flores para alimentar aos animais: os ventos poderiam transportá-los a milhares de quilômetros de distância, separando assim todos seus átomos: um osso poderia ser separado dos demais; mas, tão certo como o Senhor ressuscitou, nós ressuscitaremos também. Não dizemos que cada partícula real dessa carne ressuscitará: não é necessário para a identidade do corpo que deva ser assim; mas o corpo será idêntico, e o mesmíssimo corpo que é semeado na terra ressuscitará novamente da terra, e com uma beleza e glória da que pouco sabemos todavia, podem estar seguros disso.

O corpo do amado filho de Deus, que despediste faz alguns anos, ressuscitará outra vez. Esses olhos que você fechou – esses mesmíssimos olhos – verão ao Rei em Sua formosura na terra distante. Esses ouvidos que não podiam lhe ouvir quando sussurrava as últimas carinhosas palavras, esses ouvidos ouvirão as eternas melodias. Esse coração que ficou tão frio e inerte como a pedra, quando a morte colocou sua gelada mão sobre ele, baterá de novo com novidade de vida, e saltará de alegria em meio das festividades da entrada ao lar, quando Cristo, o Esposo, se despoje com sua Igreja, a esposa. Esse mesmíssimo corpo! Não era o templo

do Espírito Santo? Não foi redimido com sangue? Certamente ressuscitará quando as trombetas do arcanjo e a voz de Deus soem! Pode estar certo disso; pode estar seguro disso, quanto a seu amigo e a você mesmo. E não tenha medo à morte. Que é a morte? A tumba não é mais que um banho no que nosso corpo, como Ester, se imerge em especiarias para ficar doce e fresco para o abraço do glorioso Rei na imortalidade. Não é senão o armário onde guardou seu vestido durante um tempo. Sairá limpo e purificado, com muitas lantejoulas de ouro nele, que não estavam ali antes. Era um vestido de trabalho quando nos desvestimos; será um vestido de domingo quando o colocemos, e será apropriado para vesti-lo no domingo. Inclusive poderíamos anelar a noite para nos trocarmos, e assim poder despertar para vestir essas roupas na presença do Rei.

Ademais – para não demorarmos muito em um só pensamento – devemos lembrar que o fato de que nosso Senhor não está aqui, mas que ressuscitou, *contêm um pensamento consolador*: que se foi para onde pode proteger melhor a nossos interesses. Ele é nosso advogado. Onde haveria de estar o advogado senão na corte do Rei? Ele está preparando-nos um lugar. Onde deveria estar Aquele que nos prepara um lugar, senão lá: preparando-lhe? Nós temos um adversário muito ativo, que está ocupado em nos acusar. Não é bom que contemos com Alguém que pode enfrentar-lhe cara a cara, e silenciar o acusador dos irmãos? Sou do parecer que se Cristo estivesse aqui, nesse preciso momento, em pessoa, estaríamos inclinados e dizer-lhe: “Bom Senhor, tu pode servir-nos bem aqui. Tuas andanças para sarar aos enfermos e ensinar aos ignorantes, são muito benditas; e nos encanta vê-lo; a visão de Teu rosto converte a terra em céu; no entanto, nossos grandes interesses demandam Tua ausência; pois, bom Senhor, nossas orações requerem de alguém as apresente diante o trono. Conforme uma por uma de nossas orações se elevam ao céu, não queríamos que estivesse aqui enquanto as enviamos a um lugar no que não estás. Ademais, quiséramos que estes ali onde o inimigo se apresenta para nos acusar, para que nos defendas; e como nossa melhor herança está no alto, necessitamos de um tutor que a preserve para nós. Bom Senhor, é conveniente que Tu te vás”.

Não temos que dizer-lhe isso, pois se foi; e se alguma vez o Cristo foi de duplo valor, se alguma vez a vantagem de Sua posição

acrescentou o valor de Seus serviços, é agora em que está no céu. Ele seria precioso aqui, mas é mais precioso lá. Está fazendo mais por nós no céu, do que lhe seria possível fazer por nós aqui abaixo, até onde nossa inteligência finita pode julgar, e tão certamente como Sua infinita sabedoria pronuncia. Enquanto tanto Sua ausência é bem compensada pela presença de Seu próprio Espírito; e Sua presença lá está bem consagrada por Sua administração pessoal do serviço sagrado em nosso favor. Tudo está bem no céu, pois Jesus está lá. A coroa está assegurada, e a harpa também, e a herança bendita de cada tribo de Israel está toda assegurada, pois Cristo está guardando tudo. Ele é, para glória de Deus, o representante e preservador de Seus santos.

E, por acaso essa verdade: que Cristo não está aqui, mas sim que se foi, não cai em nossos ouvidos como uma doce força na medida que nos constrange a sentir que essa é a razão de por que nosso coração não deve estar aqui? *“Não está aqui”*: então nosso coração não deve estar aqui. Quando o texto *“não está aqui”* foi dito pela primeira vez, queria dizer que não estava no sepulcro. Ele estava então em algum lugar da terra. Porém, agora não está aqui de todo.

Suponha que você é muito rico, e que Satanás lhe sussurra: *“Esses são jardins deleitáveis; essa é uma nobre mansão; desfruta-lhes”*: responda a ele: *“Porém Ele não está aqui; Ele não está aqui, ressuscitou, portanto, não me atrevo por meu coração onde meu Senhor não está.”*

Ou suponha que sua família o faz muito feliz, e quando seus pequeninos se aglomeram a seu redor, e se sentam em torno de sua lareira, seu coração está muito feliz; e ainda que não possui muitos bens desse mundo, no entanto, tem o suficiente, e sua mente está satisfeita. Bem, se Satanás lhe dissesse: *“Deves estar muito satisfeito, e encontrar seu repouso aqui,”* diga ao Demônio: *“Não, Ele não está aqui; e não posso sentir que esse seja o lugar de minha habitação. Meu Espírito pode descansar unicamente ali onde Jesus está.”*

E, você está apenas começando sua vida? Acaba de passar o dia de seu casamento? Está começando apenas agora os jubilosos dias da juventude, o doce encanto do mais puro gozo dessa vida? Bem, deleite-se nisso, mas ainda assim se recorde que Ele não está aqui,

portanto, você não tem o direito de dizer “*Alma, repouse!*” Cristo não está em nenhum lado da terra, portanto, nosso coração não pode construir um ninho em nenhum lado da terra. Não está em nenhuma parte, não, nem nos lugares altos, nem nos tranquilos lugares de repouso; não está no jardim das nogueiras, nem nas eiras das especiarias, não está nas tendas de Cedar, nem entre as cortinas de Salomão; nem sequer em Sua mesa sacramental, nem entre os meios de graça, está Cristo corporalmente, realmente presente. Assim que tomaremos a doçura de tudo, e o bem espiritual que poderia ter em todos os meios externos; porém, ainda assim, todos nos sinalizarão até o alto, todos eles nos afastarão. Assim como o sol evapora o orvalho, e o atrai para acima, até o céu, assim Cristo nos atrairá e trará nossos corações e nossos pensamentos até o alto, e nossos desejos, e todos nossos espíritos, até cima, até Ele mesmo! “*Não está mais aqui*”; então, por que eu deveria estar aqui? Oh, eleve-se, alma minha; eleve-se, e que todo o doce incenso se eleve até Aquele que “*Não está aqui, pois ressuscitou*”!

II. Devo abandonar esse ponto, e passar a falar em poucas palavras sobre o segundo ponto, que consiste em UM CONVITE. “*Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia.*”

Amados, não se trata de que irei levar-lhes ao sepulcro de José de Arimatéia. Não falarei muito sobre isso. Penso que bastará qualquer tumba para identificar o mesmo ensino sagrado. Essa tarde, quando estava junto ao sepulcro aberto no cemitério de Norwood¹⁹, senti como se tivesse ouvido uma voz: “*Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia*”. Não nos deve importar muito qual é o lugar preciso. Ele jazia no sepulcro: esse é um feito proeminente que nos prega um sermão cheio de substância. Qualquer tumba pode servir a nosso propósito.

No pequeno povoado de Campodolcino²⁰, me dei conta da tumba de Cristo da maneira mais vívida, em um sítio que tinha sido construído para peregrinos católicos. Eu estava no alto de um

¹⁹ *West Norwood Cemetery* é um cemitério em West Norwood em Londres, Inglaterra. Foi também conhecido como o Metropolitan South Cemetery. Notáveis estão enterrados aí, como Paul Julius Baron von Reuter, fundador da agência Reuters de notícias, bem como o próprio Spurgeon.

²⁰ **Campodolcino** é uma comunidade italiana da região da Lombardia, província de Sondrio, próxima a Suíça; com cerca de 1.078 habitantes. Estende-se por uma área de 48 km²

monte, e vi escritas sobre uma parede essas palavras: “*Havia um jardim*”. Estavam escritas em Latim, Abri a porta desse jardim. Era como qualquer jardim; mas no momento de entrar vi uma mão, que tinha escritas essas palavras: “*e num jardim um sepulcro novo.*” Logo vi uma tumba que estava recém pintada, e quando me aproximei ela, li essa inscrição: “*Um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido colocado.*” Então cheguei para olhar dentro do sepulcro, e li outra inscrição escrita em latim: “*Baixando-se a olhar, viu... mas não entrou.*” E essas palavras estavam escritas: “*Vinde, vede o lugar onde jazia o Senhor.*” Entrei e vi, esculpido sobre a pedra, o sudário e os lenços colocados ali. Estava completamente só, e li as palavras: “*Não está aqui, pois já ressuscitou,*” esculpidas no fundo do sepulcro. Ainda que temia qualquer coisas cênica, dramática e papal, no entanto, certamente, percebi em grande medida da realidade da cena, e essa tarde a vivi de novo, quando estava diante do sepulcro aberto. Eu senti que Jesus Cristo foi realmente enterrado, que foi realmente depositado na terra, e que saiu realmente dali, e que é bom que nós vamos e vejamos o lugar no que Jesus foi posto.

Por quer deveríamos vê-lo? Bem, primeiro, para que possamos ver *que condescendente Ele foi para jazer numa tumba.* Ele, que fez os céus e a terra, jazia em uma tumba. Ele, que deu a luz aos olhos dos anjos, esteve jazendo nas trevas durante três dias. Ali Ele dormiu na escuridão. Ele, sem quem nada do que se fez foi feito, foi entregue à morte, e foi uma vítima da morte. Oh, portento de portentos! Maravilha de maravilhas! Ele, que tinha a imortalidade, e a vida dentro de si mesmo, se entrega ao lugar da morte!

“*Vinde, vede ao lugar onde o Senhor foi posto*”, continuando, para ver *como devemos chorar pelo pecado que o colocou lá.* Eu quem fui o causador de que o Salvador jazesse no sepulcro? Era necessário que antes que meu pecado pudesse ser quitado, meu doce Príncipe, cuja formosura encanta todo o céu, deveria estar frio e gélido na morte, e realmente ser depositado em um sepulcro? Devia ser assim? Oh, vocês, pecados assassinos! Pecados assassinos! Malditos e cruéis pecados! Vocês mataram ao Salvador? Prenderam esse terno coração? É possível que jamais estivessem contentes até o conduzi-lo a Sua morte, e colocar-lhe no sepulcro? Oh, venham e chorem, ao ver o lugar onde colocaram o Senhor.

“Vinde, vede o lugar onde o Senhor foi posto,” para que vejam onde vocês terão que ser postos, a menos que o Senhor venha repentinamente. Vocês podem tomar as medidas dessa tumba, pois ali é onde terão que repousar. Faria-nos bem recordar – se contamos com grandes propriedades – que dois metros de terra são tudo o que será nosso feudo permanente. Teremos que ir para ele, esse montículo solitário, com a longitude de duas passadas de terreno aplanado –

*“Príncipes, essa argila há de ser seu leito,
Apesar de todas suas torres;
A enaltecida e sábia cabeça reverente
Deve jazer tão baixo como a nossa.”*

Não há licença nessa guerra. Nós devemos retornar ao pó. Então, *“vinde, vede ao lugar onde o Senhor jazia”*, para que veja que boa companhia terá ali. Lá é onde Jesus esteve: isso não o consola? –

*“Por que haveria de o cristão temer o dia
Que o enterra na tumba?
Ali jazeu o amado corpo de Jesus,
E deixou um perfume duradouro.”*

Que habitação poderia ser mais apropriada para que o filho de um príncipe vá dormir, que a própria tumba do príncipe? Ali Emanuel dormiu. Ali, meu corpo estará muito satisfeito de dormir também! Que leito mais real poderia desejar que o seio dessa mesma mãe terra, em que o Salvador foi colocado para descansar por um tempo?

Pensa, amado irmão, em dez mil santos que foram dessa maneira ao céu. Quem haveria de temer ir por onde todo o rebanho foi? Você, uma pobre ovelha tímida, se só você tivera que atravessar esse escuro vale, tudo bem se estivera com medo; mas, oh, em adição a seu Pastor, que marcha à frente de todo o rebanho, escuta as pisadas das inumeráveis ovelhas que lhe seguiram. E algumas dessas ovelhas foram muito queridas para você, e se alimentaram nos mesmos pastos que você. Acaso teme ir por onde elas foram? Não, olhe o lugar onde colocaram Jesus, para ver que boa companhia haverá de ter, ainda que pareceria estar em uma câmara escura.

“Vinde, vede o lugar onde o Senhor foi posto”, para ver que você não pode estar ali por muito tempo. Não é o lugar onde Jesus está. Ele se foi, e você estará com Ele onde está agora. Vem e olhe a tumba. Não tem nenhuma porta. Teve uma porta; era uma imensa rocha, uma pedra monstruosa, e ninguém podia movê-la. Estava selada. Não vê como o Sinédrio colocou o selo, e o selo da lei, para assegurá-la, e que ninguém a moveria? Mas agora, se quer ir ao lugar onde colocaram Jesus, o selo está rompido, os guardas fugiram e a pedra já não está no lugar. Assim será sua tumba, irmão. É verdade que o cobrirão, e jazerá em meio de palmos de terra gramada. Se você for sábio, preferiria essas coisas às pesadas lousas de pedra que colocam algumas vezes sobre os mortos. Esse doce montão, com alguma margarida aqui e ali por cima, é como o olho da terra olhando o céu e pedindo misericórdia, ou sorrindo com o gozo da expectativa: ali, ali dormirá; porem, tal como na manhã, tão logo como abre seus olhos e abre as cortinas, e sai para cumprir seu trabalho do dia, e ninguém se coloca entre seu caminho, assim, quando soe a trombeta da ressurreição, se levantará de seu leito em perfeita liberdade, sem que ninguém o impeça, para ver a luz do dia que não acabará jamais. Não tem ninguém que te prenda. Não há cadeias nem barras: não há guardas nem vigilantes; não há pedras nem selos. *“Vinde, vede o lugar onde Jesus foi posto.”* Eu não gostaria de ir para cama em uma prisão, onde houvesse um carcereiro com sua chave de ferro para prender-me. Porem, não tenho medo de dormir em uma habitação da que posso sair ao chamado matutino como um homem perfeitamente livre! E o mesmo sucede contigo, amado, se é um crente. Você vem a ficar num lugar que está aberto e livre; um lugar apropriado para que os homens livres do Senhor cochilem.

“Vinde, vede o lugar onde Jesus foi posto.” Para celebrar o triunfo sobre a morte. Se Miriã cantou no Mar Vermelho, nós também podemos cantar na tumba de Jesus. Se ela disse: *“Cantai ao SENHOR, porque em extremo se engrandeceu,”* nós não diremos o mesmo? Se todos os exércitos de Israel se uniram a ela no cântico, as mulheres com danças e os homens valentes com suas vozes, assim, que todo Israel saia nesses dias e bendiga e louve ao Senhor, dizendo: *“Onde está, oh morte, teu aguilhão? Onde está, ó sepulcro, tua vitória?”*. O lugar o onde Jesus foi colocado nos disse isso -

“Vá é a vigilância, a pedra, o selo!”

Cristo despedaçou as portas do inferno."

Agora, cantemos-lhe e demos-lhe toda a glória.

Estava pensando dizer-lhes, amados, que vamos e vejamos o lugar onde Jesus foi posto, para que ali choremos por nossos pecados; vamos e vejamos o lugar onde Jesus esteve, para ai morrer por nossos pecados: vamos e vejamos onde colocam Jesus, para ser enterrado com Ele; vamos e vejamos o lugar onde colocar Jesus, para ressuscitar desse lugar para uma nova vida, e achar nosso caminho através da vida de ressurreição, à vida de ascensão, na que nos sentamos nos lugares celestiais, e olharemos abaixo, às coisas da terra, com jubiloso desprezo, sabendo que Ele nos levantou muito por acima de tudo isso, e que nos fez participantes de uma bem aventurança mais resplandecente da que essa terra pode conhecer alguma vez. Mas me absterei de fazê-lo.

Terminei. Queira Deus que todos os aqui presentes tiveram uma parte nisso. Todos vocês tem uma participação na morte. Existe uma árvore que está crescendo, da que farão seu caixão; ou, talvez, já foi cortada e está sendo trabalhada para protegê-la do clima, e se converterá em um caixão de maneira: o último caixão que precisarão. Existe um ponto na terra que há de ser escavado para que vocês sejam colocados ali, para encher o espaço vazio. E sua alma viverá; sua alma jamais haverá de morrer. Não creiam em nenhum momento aos que lhes falam da aniquilação. A alma deve existir. Pergunte-se se será com o verme que nunca morre e o fogo que nunca haverá de se apagar, ou com Cristo, que vive em Sua glória, e quem virá uma segunda vez para dar glória a Seu povo e ressuscitar seus corpos de igual maneira que o Seu.

Oh, tudo dependerá disso: *"você crê em Jesus?"* Se crê Nele, pode dar-lhe boas vindas à vida e dar boas vindas à morte, e dar as boas vindas à ressurreição, e dar boas vindas à imortalidade. Mas se não crê, então um turbilhão de assolou, e para você é terrível morrer. É terrível inclusive viver, mas é mais terrível morrer; será terrível ressuscitar de novo, será terrível ser condenado, ser condenado para sempre! Que Deus o livre disso, por Cristo nosso Senhor! Amém.

FONTE:

A Agonia do Getsêmani

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon1199.html>

Barrabás

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon595.html>

A Coroa de Espinhos

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon1168.html>

As Três horas de Trevas

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon1896.html>

"Está consumado!"

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon421.html>

O Ladrão que Creu

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon2078.html>

O Véu Rasgado

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon2015.html>

Milagres Posteriores a Morte de Nosso Senhor

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon2059.html>

Os Ossos e o lado Traspassado de Jesus

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon1956.html>

A Pedra Removida

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon863.pdf>

Uma Visita ao Sepulcro

<http://www.spurgeon.com.mx/sermon1081.pdf>

Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado